

NEW YORK TIMES BESTSELLING AUTHOR
of *Archangel's Shadows*

NALINI SINGH

A
Guild
Hunter
Novel

NEVER
BEFORE
PUBLISHED

ARCHANGEL'S
ENIGMA

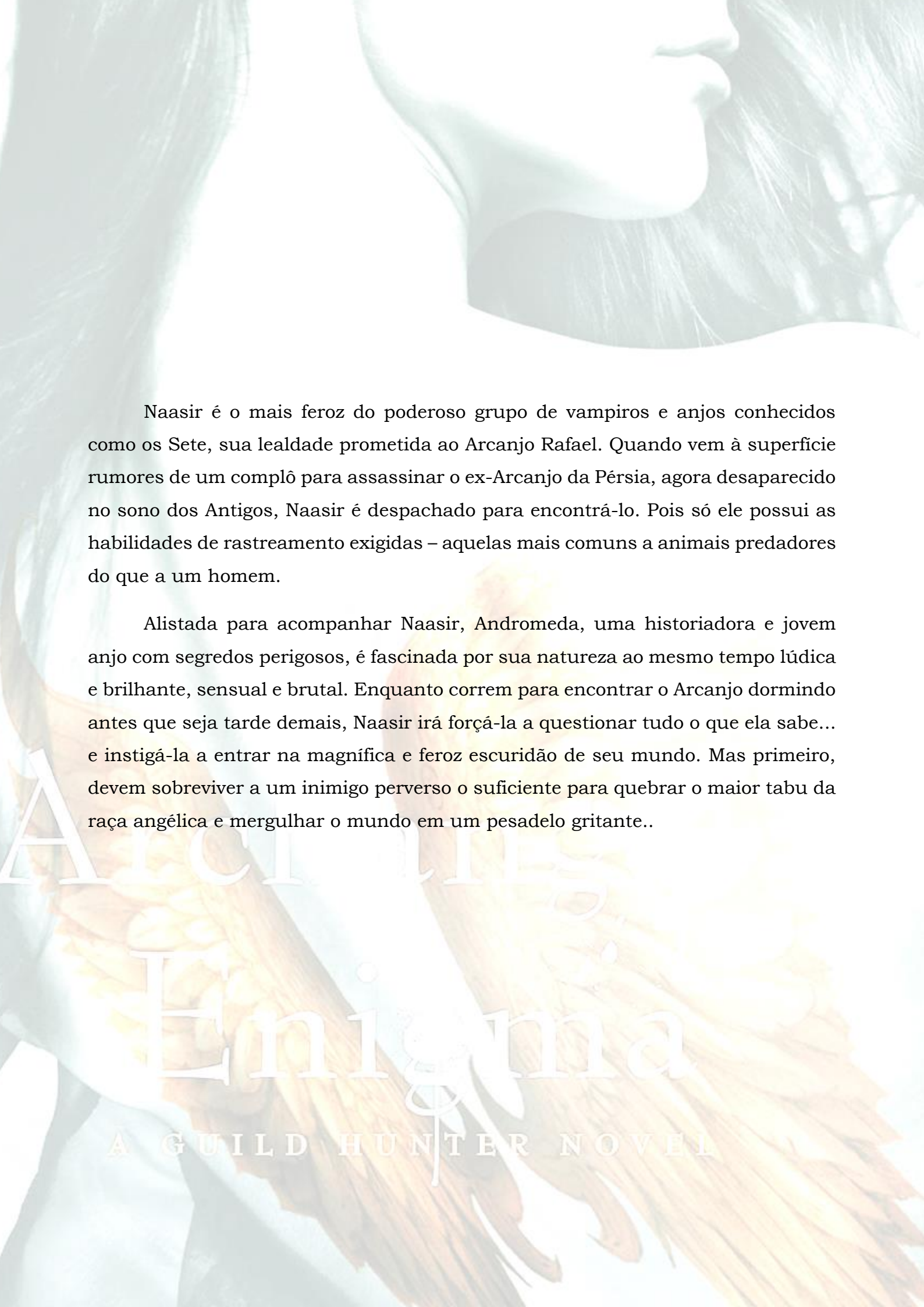


Archangel's Enigma

A GUILD HUNTER NOVEL

NALINI SINGH





Naasir é o mais feroz do poderoso grupo de vampiros e anjos conhecidos como os Sete, sua lealdade prometida ao Arcanjo Rafael. Quando vem à superfície rumores de um complô para assassinar o ex-Arcanjo da Pérsia, agora desaparecido no sono dos Antigos, Naasir é despachado para encontrá-lo. Pois só ele possui as habilidades de rastreamento exigidas – aquelas mais comuns a animais predadores do que a um homem.

Alistada para acompanhar Naasir, Andromeda, uma historiadora e jovem anjo com segredos perigosos, é fascinada por sua natureza ao mesmo tempo lúdica e brilhante, sensual e brutal. Enquanto correm para encontrar o Arcanjo dormindo antes que seja tarde demais, Naasir irá forçá-la a questionar tudo o que ela sabe... e instigá-la a entrar na magnífica e feroz escuridão de seu mundo. Mas primeiro, devem sobreviver a um inimigo perverso o suficiente para quebrar o maior tabu da raça angélica e mergulhar o mundo em um pesadelo gritante..

Arcanjos: Enigma

A GUILD HUNTER NOVEL

. Tradução e Revisão



AFTER DARK

ANJOS
CAÍDOS

Profecia

Zhou Lijuan encarou o grande disco metálico que pendia sobre a parede oposta ao seu trono. Era uma peça de arte dada a ela por um admirador há muito, muito tempo. O admirador estava perdido nas brumas da sua memória milenar, mas ela mantivera o presente – havia algo no brilho elegante do disco, a forma como os entalhes nas bordas foram feitos com tanta delicadeza, que mexia com ela.

Mesmo depois de milhares de anos tendo isso na sala do trono de sua fortaleza mais íntima, ela achava fascinante. Talvez porque aquele disco a refletia tão claramente quanto qualquer espelho, e ainda não era frágil. O disco metálico pode entortar, mas nunca quebraria. Tinha refletido a força e ambição dela como uma Arcanjo jovem, sabedoria e poder conforme ela envelhecia. Hoje, mostrava a ela os estragos da guerra.

Muitas pessoas no mundo ainda acreditavam que ela estava morta e lhe convinha permitir que acreditassem nisso, desde que mantivessem as mãos fora do seu território. Seus generais estavam cuidando da segurança, embora não achasse que mesmo Michaela fosse arrogante o suficiente para tentar uma incursão. Todos a temiam.

Bom.

Mas para o medo permanecer, eles não podiam ver a mulher do espelho metálico. Ainda não. Aquela mulher tinha o cabelo de um familiar branco glacial;

Zhou Lijuan nasceu com o cabelo negro como a noite, mas a cor desapareceu com o crescimento de seu poder, como se sua força tivesse filtrado todo o resto. No momento em que ela tinha mil anos de idade, o cabelo dela era "branco como neve".

Sua mãe dera isso a ela, e se ela tentasse bastante, Lijuan poderia, por vezes, lembrar o rosto da mulher que lhe dera à luz. Principalmente, porque ela legara a Lijuan seus finos ossos faciais. O reflexo no metal tinha as maçãs do rosto afiadas que empurravam contra uma pele translúcida tão fina, que parecia poder rasgar com um toque. Finas veias azuis pulsavam abaixo, mas eram os vasos sanguíneos vermelhos ao redor da sombra perolada de suas íris que chamavam a atenção.

Era como se suas íris estivessem nadando em sangue.

E elas estavam – Raphael a machucara. A raiva dela ante aquele conhecimento era um frio profundamente violento dentro de seu corpo. *Ninguém* machucava Zhou Lijuan. Ela aniquilaria o arrogante Arcanjo de Nova York pelo insulto, mas, primeiro, ela o faria assistir enquanto escravizava sua consorte mortal. E para isso, ela precisava ter paciência, precisava terminar a cura, precisava terminar de *tornar-se*.

Porque nem tudo dela se regenerara igual à antes de Raphael tentar extinguir a sua existência.

Erguendo a mão com os músculos que estavam fracos e tremendo, ela examinou as unhas. Elas cresceram de volta em um brilhante vermelho rubi e curvaram sobre a ponta dos dedos, como as garras de uma grande ave rapina. Os incisivos em sua boca, também não eram os mesmos. Seus outros dentes eram brancos puros, os incisivos escarlates escuros.

Era estranhamente belo. Como convinha a uma deusa.

Esses incisivos não estavam funcionando ainda, no entanto. Ela tentara se alimentar da força vital brilhante de súditos leais que desejavam sacrificar-se para que sua deusa pudesse curar-se mais rapidamente e com menos dor, mas enquanto os incisivos dela pareciam fortes, eles não estavam maduros. Ela não

podia penetrar a pele, e mesmo quando usou uma faca para fazer o corte, ela conseguiu chupar apenas um pouco de sangue inútil, não a força vital do sacrifício.

Agonia queimava suas terminações nervosas a cada instante de cada dia.

Seus ossos doíam.

Suas asas não podiam segurá-la no alto.

Apenas sua mente estava inteira.

Abaixando a mão direita totalmente regenerada no braço do trono de jade, esculpido com pesadelos e sonhos, e considerado um tesouro entre os anjos por aqueles que o viram, ela se concentrou na forma do anjo ajoelhado abaixo do estrado. Ele tinha a testa no chão, as asas seguras graciosamente em suas costas. Ela não conseguia se lembrar de quanto tempo ele estivera sentado ali, e não conseguia distinguir sua forma com clareza.

Seus olhos sangrentos nem sempre funcionavam como deveriam.

— Fale, — ela disse, e a palavra saiu através de uma garganta arruinada, o som de um sussurro rouco que, todavia, uivava como gritos.

Erguendo a cabeça do chão, o homem... ah, era o Escriba. Sim, ela reconhecia aquele cabelo amarelo até os ombros. O Escriba colocou as mãos sobre as coxas e manteve a cabeça respeitosamente curvada enquanto começava a falar.

— Terminei o meu trabalho sobre a profecia, senhora.

O sangue dela pulsou, seus sentidos se aguçando. Ela lembrou de atribuir a ele esta tarefa nos meses anteriores à batalha com Raphael, lembrou-se até mesmo de ler a profecia em um antigo pergaminho quando era um mero anjo. Naquele tempo, não significara nada e ela esquecera daquilo por uma eternidade. Então, chegou seu poder crescente e, com ele, um leve sussurro de memória que lhe disse que o pergaminho era importante.

Seus estudiosos e rastreadores levaram quase um ano para redescobrir o texto antigo, e desde o momento da redescoberta, as palavras se tornaram um eco na parte de trás da sua cabeça, uma batida que não podia esquecer.

Arcanjo da Morte. Deusa do Pesadelo. Fantasma sem sombra.

Suba, suba, suba para seu Reino da Morte.

Porque o seu fim virá.

O seu fim virá.

Nas mãos do novo e do velho.

Um Arcanjo beijado pela mortalidade.

Um Adormecido com asas prateadas que acorda antes que seu Sono esteja completo.

O sonho quebrado com olhos de fogo.

Destruído. Destruído. Destruído.

— Diga-me, — ela ordenou ao Escriba.

A voz do Escriba estava cristalina quando disse,

— Eu tracei as origens da profecia a Arcanjo Cassandra.

A mão de Lijuan enrolou sobre o braço do trono jade, as esculturas cortando em sua carne enquanto os cabelos minúsculos de sua nuca arrepiavam-se em uma resposta primitiva.

— Você tem certeza? — Cassandra Adormecera a tanto tempo, que ela era mais mito, do que memória, uma Antiga entre os Antigos. Mas uma coisa sobre sua lenda nunca mudou: de que em sua ascensão, ela ganhara o grande e terrível dom de ver o futuro.

A lenda afirmava que ela escolhera Adormecer logo após arranhar seus próprios olhos em uma vã tentativa de parar as visões. Os olhos dela cresceram de volta no mesmo dia, e uma hora mais tarde, em seu vestido ainda sangrento, ela desaparecera. A maioria de suas profecias foi perdida no tempo, e as que permaneceram eram frequentemente ignoradas como rabiscos de algum fantasista desconhecido.

— Raphael é aquele beijado pela mortalidade. — Lijuan não entendia como tal Arcanjo enfraquecido quase foi capaz de derrubá-la, mas não cometeria o erro de subestimá-lo novamente.

— Não tenho respostas para este último mencionado, o sonho quebrado com olhos de fogo, — respondeu o Escriba. — Mas o Adormecido com asas prateadas pode ser apenas um.

O aperto de Lijuan no braço aumentou perversamente enquanto suas costas se contraíam. Suas asas cresceram novamente depois de seu cérebro e coluna vertebral, de acordo com a hierarquia angélica do que era importante, mas elas estavam fracas e mais propensas a provocar espasmos em seu torso, agravando seus ferimentos restantes.

Respirando através das sensações horríveis, ela olhou fixamente o disco metálico que agia como seu espelho e falou o nome do Adormecido que precisava morrer.

— Alexander.

01

Por sete *meses* Naasir esteve caçando. Sete meses desde que dissera a Ashwini que estava pronto para encontrar uma companheira. Sete meses e sua companheira ainda não se mostrara para ele. Ela não *sabia* que ele estava procurando por ela?

Agachado à beira sem grade de uma varanda alta da Torre, ele rosnou.

Um lutador da Legião que acabara de passar voando virou para dar um olhar avaliador a ele. Naasir estalou os dentes para o macho com asas de morcego e ficou satisfeito quando o lutador mudou de direção para se dirigir à nova casa da Legião. Naasir gostava daquela casa, ainda que tivesse paredes. Era um arranha-céu que foi transformado em uma estufa gigante, janelas tiradas para formar varandas, paredes substituídas com finas placas de vidro, e um túnel de voo criado no núcleo central, um túnel grande o suficiente para acomodar asas.

Com o outono agora uma chama de vermelho, laranja e amarelo através do Central Park, os engenheiros também acrescentaram transparentes “cortinas” inteligentes; Illium disse a Naasir que era um material de alta tecnologia que permitia que a Legião voasse para dentro e para fora à vontade, mas que mantinha uma temperatura gradualmente quente no interior. Cada vez que um lutador passava, as cortinas caíam automaticamente de volta no lugar, prendendo o calor no interior.

Naasir entrara sorrateiramente no prédio logo após retornar à Nova York duas semanas antes. O interior era estruturado de modo que as partes restantes dos pisos internos e tetos projetavam-se em ângulos incomuns; a distância entre um e o seguinte era frequentemente vasta. Apreciando a vegetação luxuriante no interior, as trepadeiras subindo pelas paredes já começando a se aderir fortemente e pequenas árvores aprofundando suas raízes conforme as flores floresciam, Naasir fizera o seu caminho para o topo indiferente – sem alertar a Legião de que ele estava em seu território.

Ele achava que o Primary não ficara satisfeito quando Naasir apareceu no vidro do telhado, mas o líder da Legião era leal a Raphael, e Naasir era um dos Sete de Raphael, de modo que eles existiam em uma trégua cautelosa. Apenas pensar sobre a Legião fazia a pele de Naasir se arrepiar e seus músculos tensionar.

Eles eram tão antigos e tão *outro* que, muitas vezes, ele precisava lutar com a compulsão de mordê-los.

Apesar disso, ou talvez por causa disso, às vezes sentia que os estranhos combatentes, que voavam em asas desprovidas de penas, eram mais parecidos com ele do que qualquer outra pessoa no mundo todo. Naasir podia não ter asas, mas ele era como *outro*. Exceto que, onde havia setecentos e setenta e sete na Legião, ele era apenas um.

Você está com raiva de nós porque somos muitos, mas você sabe, lá no fundo, que é um de nós. Uma criança da terra. Amargamente jovem em comparação com a nossa existência de eras de duração, mas com uma conexão com a vida que é primitiva.

O líder da Legião havia dito aquilo a Naasir com uma cara séria. O outro homem – embora homem não parecesse a descrição certa – verdadeiramente acreditava em suas palavras. Ele não entendia que Naasir não era nada natural. Ele não nasceu da terra; ele foi criado por um monstro.

Um monstro cujo fígado e coração Naasir arrancou e comeu.

Dentes à mostra, ele olhou para a varanda à sua esquerda e dois andares abaixo, lembrando que era uma das raras com uma grade. Dmitri dissera que ele

não podia pular para as ruas da cidade porque acabaria achatado como uma panqueca, mas este salto não era grande, e o vento, enquanto ativo, não o empurraria à borda. Músculos ajuntando-se uma fração de segundo após seu olho cair sobre a outra varanda, ele pulou.

O ar frio passou correndo por sua face, colando sua camiseta ao corpo e causando ardor nos olhos, e, em seguida, os pés descalços bateram na superfície dura da varanda. Absorvendo o impacto através de todo o seu corpo, tendo propositadamente terminado em um agachar felino, ele descobriu que o vento lhe empurrara mais longe do que esperara – outro par de centímetros e ele teria atingido o topo da grade, teria tido que agarrar-se para evitar cair no ar livre.

Ele estava sorrindo ante a proximidade do perigo quando se tornou consciente de alguém correndo para a varanda. Ele não tinha necessidade de olhar para trás para saber quem era; o cheiro de Honor era tão familiar para ele quanto o dele. Levantando em toda sua estatura enquanto se virava, ele viu que o rosto dela estava pálido embaixo da pele dourada, os olhos verdes enormes.

— Naasir! — Ela correu para ele, freneticamente passando as mãos sobre seus ombros e braços. — Você se machucou?

Naasir de repente percebeu que poderia estar em apuros.

— Não, — ele a tranquilizou. — Foi apenas um salto curto.

— Um *salto curto*? — Honor pressionou uma mão sobre o coração dela, a outra mão segurando apertado no braço dele, como se estivesse com medo de que ele caísse da varanda. — Você me assustou até a morte!

Movendo-se lentamente para não assustá-la mais, ele a envolveu em seus braços e acariciou a bochecha contra o cabelo dela.

— Não conte a Dmitri, — ele sussurrou.

— *Você é uma pessoa.* — O vampiro mortal que era o companheiro de Honor havia dito aquilo para Naasir quando ele era apenas uma criança feroz. — *Você é Naasir. Eu vou perder um pedaço de mim se você morrer, e é uma parte que eu nunca vou recuperar.*

Até aquele momento, para sempre gravado na sua memória, Naasir não havia realmente entendido que alguém o considerava uma pessoa real, uma pessoa da qual sentiriam saudades se ele fosse embora, e que tinha direito ao amor de outras pessoas, afeição e cuidado. Naquele dia, nos olhos escuros de Dmitri, ele vira dor ante a ideia de um mundo sem Naasir, bem como raiva crua com o fato de que Naasir mais uma vez se colocara em perigo, e aquilo mudara para sempre o menino que ele tinha sido.

De muitas maneiras, aquele momento marcou o seu verdadeiro nascimento. O nascimento de Naasir, a pessoa.

Ainda hoje, embora fosse adulto, Naasir não gostava de deixar Dmitri assustado por ele, ou zangado com ele – e sentia o mesmo a respeito de Honor. Ela era a companheira de Dmitri e parte da família de Naasir agora. Ela o tratava como se ele fosse dela para cuidar, para mimar, e para tocar como família tocava. Isso deveria ter sido estranho, mas não era. Ele não tinha dificuldade em seguir as ordens de Honor, não importando que ele fosse o predador muito mais perigoso.

Talvez porque ela pertencesse a Dmitri... e talvez porque ela o fazia se sentir seguro e protegido. Não fazia nenhum sentido, mas quando ele estava com Honor, o aroma suave dela em cada respiração dele, ele se sentia, como achava que um filhote devia sentir ao lado do calor reconfortante de sua mãe. Ela *cuidava* dele, e não o fazia de uma forma que o irritasse.

Rindo um pouco asperamente agora, ela passou as mãos pelas costas dele.

— Não vou te dedurar, — ela prometeu, — mas você não pode sair por aí fazendo coisas assim. — Ela se inclinou para trás para que pudesse segurar o olhar dele brilhando como joias com o seu próprio. — O que eu faria se você se machucasse?

Ele abaixou a cabeça, olhando para ela através de seus cílios. Como o corte de cabelo irregular que deslizava ao redor do seu rosto, eles eram de um prata metálico desumano, que o marcava como diferente.

— Sinto muito. Às vezes, eu me esqueço de pensar como um humano.

Balançando a cabeça, Honor segurou o rosto dele com as mãos.

— Você é perfeito exatamente como é, — ela sussurrou com tanto amor que ele sentiu como se estivesse sendo abraçado. — Apenas não quero que você se machuque.

Ele sorriu ante a última frase, sabendo que ele fora perdoado por tê-la assustado. A levantando em seus braços, ele apertou com força. Ela riu, sua silhueta desenhada contra um céu sem nuvens de azul cromo e, quando a colocou de volta no chão, ela disse,

— Venha a tempo para o jantar. Pedi para Montgomery a receita da carne temperada que você gosta.

Prometendo ir, Naasir a encaminhou de volta para a Torre e percebeu que saltara para a varanda diretamente a frente da sala de estudo dela. Ele estava pensando em se enrolar em uma poltrona quente no canto e tirar um cochilo quando sentiu o bater de ondas, o toque fresco de água, que era a voz de seu Arcanjo em sua cabeça.

Naasir, eu preciso falar com você.

Estou a caminho, Sire. Deixando Honor com um carinho de sua bochecha contra a dela, o que ela permitiu com um sorriso, ele fez seu caminho para o quarto na Torre, do qual Raphael comandava seu território. Como um arpão atravessando o céu de Manhattan, a Torre do Arcanjo da cidade contava com inúmeros quartos, todos com um propósito. Acima deste piso estavam as suítes privadas.

Naasir tinha uma, mas preferia ficar com Honor e Dmitri.

Por que iria querer ficar sozinho quando poderia estar com a família?

Entrando no escritório de Raphael, ele ficou desapontado ao descobrir que Elena não estava lá. Ele gostava de treinar com a consorte de seu Sire, e eles fizeram isso várias vezes desde que Naasir foi, finalmente, liberado do serviço em Amanat, a cidade controlada pela mãe de Raphael, Caliane.

As forças de Caliane ficaram mais e mais fortes; aqueles que se lembravam do reinado dela, retornavam para ela e juravam fidelidade mais uma vez. Já não era necessário que Raphael deixasse um dos Sete em Amanat, embora Naasir soubesse que o Sire continuaria a ajudar sua mãe enquanto ela se adaptava ao mundo moderno.

— Sire.

As asas de Rafael estavam iluminadas pelo sol, de onde ele estava atrás de sua mesa, as penas faiscando um ouro branco tão metálico quanto o cabelo de Naasir, e ao olhar dele em uma variedade de lâminas, se espalhando sobre a pedra vulcânica polida de sua mesa. Mesmo depois de todos esses séculos sendo um dos homens de confiança de Raphael, parte de Naasir sempre sentia um soco de admiração ante o poder violento consubstanciado no Arcanjo em sua frente. Aquele soco vinha do núcleo primitivo de sua natureza, a parte que não foi feita para estar dentro de tal proximidade de um Arcanjo.

— Você está descansado? — Olhando para cima, Raphael sustentou o olhar dele com olhos de um azul tão puro que, quando criança, Naasir pensou que deviam ser feitos de pedras preciosas de verdade.

Fascinado, ele costumava se aproximar de Raphael e tentar tocá-los. Raphael merecia o crédito por dissuadir os persistentes esforços de Naasir sem nunca aterrorizá-lo ou feri-lo. Apenas como um adulto Naasir compreendera quão tolerante e leniente Raphael foi com ele.

Mesmo antes de se tornar um Arcanjo, o Sire tinha sido um *poder*.

— Sim, — ele disse em resposta à pergunta de Raphael. — Estou feliz por estar aqui. — Ele não se importava em trabalhar em Amanat – ele gostava e respeitava seu parceiro na tarefa, e foi divertido se esgueirar sobre o território de Lijuan para verificar o pulso emocional dele. Mas o posto era distante de toda a sua família.

Se Venom, Raphael, Janvier, e Ashwini não tivessem visitado Amanat durante os seis meses desde que ele saíra de Nova York, Naasir poderia ter retornado às suas raízes selvagens. Da maneira que foi, ele fez Janvier e Ash

ficarem uma semana a mais do que pretendiam, encantado por ter companheiros que compreendiam o modo como sua mente trabalhava.

— Eu não quero partir, — disse ao Arcanjo a quem ele dera a sua lealdade no dia em que Raphael lhe encontrara.

Naasir era um menino minúsculo então, e naquele instante ele estava se alimentando da cavidade torácica aberta por garras do anjo Ancião que o fizera. Ele devia parecer um pequeno monstro coberto de sangue, mas em vez de matá-lo, Raphael levantou seu rugido, feroz com o corpo em seus braços e disse,

— Quietos. Você não quer comer essa carne.

Naasir não tinha certeza do que essas palavras realmente significavam, uma vez que o seu Criador não falava com ele como um ser humano, mas o tom conseguiu alcançá-lo. Ele se acalmou e permitiu que Raphael o levasse para as nuvens e para a casa dele no reduto angelical do Refúgio. Nem uma única vez desde aquele dia, Naasir sentira o desejo de desafiar o macho que lhe retirara do gelo e da maldade.

Raphael era o alfa de sua família e Dmitri era o segundo do alfa.

Naasir era um filhote, mas não era mais.

Contornando a mesa, as asas seguras acima do chão com a força inconsciente e a disciplina de um guerreiro, Raphael o encontrou no centro da sala.

— Eu sei que você quer ficar em Nova York, — ele disse, o aflitivo azul dos seus olhos continuando a manter o olhar de Naasir. — Mas você não foi feito para este ambiente – você começará a resistir à pele civilizada que precisa vestir na cidade.

Naasir sentiu as mãos se apertarem enquanto um grunhido crescia dentro do peito dele. Ele queria mentir, dizer a Raphael que poderia ficar sempre na cidade, mas a mentira não viria. Sua natureza já começava a se rebelar, a sofrer por espaços abertos onde poderia correr, subir e explorar.

— Minha família está aqui, — ele disse, ao invés. — Não quero uma tarefa sozinho.

— Você também tem família no Refúgio.

Interesse suscitou no sangue dele.

— Eu vou para lá? — Honor não estaria lá, mas Jessamy estaria – o relacionamento dele com ela era diferente do que ele tinha com Honor, mas amava a Historiadora e Professora angelical da mesma forma que amava Honor. Venom e Galen também estavam alocados atualmente nas montanhas do Refúgio.

— Sua tarefa começará lá, — disse Raphael, — e, embora, você terá que deixar o Refúgio e sua família por um tempo, a tarefa é uma que eu acho que você vai gostar.

Desde que Raphael o entendia também, Naasir esperou.

— Quero que você descubra onde Alexander Dorme.

Naasir ficou imóvel. O lugar de Sono de um anjo ou Arcanjo era um tabu. Mesmo Naasir, que não tinha muito respeito por regras, não quebrara essa.

— Você quer matá-lo? — Se Raphael precisava matar Alexander, Naasir iria ajudá-lo. Porque Raphael não cheirava, nunca havia cheirado, a carne ruim. Uma vez, antes de Elena, ele começara a cheirar perturbadoramente como frio e gelo, mas aquilo se foi, também.

Agora ele tinha cheiro dele mesmo e de toques de Elena.

Naasir queria cheirar como sua companheira, ele pensou com um rosnado interior. Por que ela estava se *escondendo* dele?

— Não, eu não tenho vontade de matar Alexander. — O tom de Raphael esfriou. — Jason tem estado dentro e fora do território de Lijuan neste mês passado.

Naasir assobiou ante o som do nome de Lijuan. Aquela era completamente carne ruim. Quando criança, ele pensara uma vez que queria matá-la e comê-la,

mas agora sabia que não a tocaria, mesmo que estivesse morrendo de fome. Ele ainda a queria morta, no entanto.

— Ela está viva, não é?

— Jason não foi capaz de vislumbrá-la, mas todos os sinais apontam para isso. — Com feições sombrias, Raphael estendeu as asas antes de aconchegá-las novamente em seu corpo, o fogo branco que lambia sobre suas penas parecendo uma ilusão criada pela luz solar.

Naasir era fascinado com asas angelicais desde a infância. No início, quando Raphael o encontrou, ele agarrou nas penas com força, arrancando uma branca grande com filamentos de ouro que ele tinha segurado possessivamente em seu punho. Ele não sabia que não deveria tocar asas angelicais, que era uma intimidade permitida apenas para amigos e amantes, e embora não tivesse essa desculpa agora, ele ainda queria tocar sem perguntar, às vezes.

No entanto, só as de seus amigos e familiares. Somente as pessoas que não olhariam para ele como se tivesse feito uma coisa terrível. Ontem, ele se deitara na grama com Elena depois de uma sessão de treinos, e ela colocou a asa dela no peito dele para que ele pudesse acariciar a beleza elegante daquilo tanto quanto quisesse. Negro, índigo e azul meia-noite e madrugada e branco ouro – Elena tinha penas tão fascinantes que ele ficou tentado a roubar uma de cada tom, sem contar que as cores se misturavam com perfeição uma com a outra.

Então, ela adormecera na grama ao lado dele.

Pensou em lembrá-la que ele era perigoso, mas desde que nunca iria machucá-la, ele a deixara dormir e brincara com as suas penas, ao invés disso. Ele estava tão fascinado quanto pelas asas de Raphael, mas resistiu à tentação de agarrá-las quando Raphael se virou para se dirigir para a varanda. Ele não tinha certeza se o fogo branco imprevisível não queimaria.

Naasir seguiu o Sire, indo agachar-se na borda em sua posição favorita. Ele podia ver uma corrente de pequenos táxis amarelos dali, fluindo ao longo da fita em linha reta da estrada. Os aromas a esta altura eram fracos, mas ele pegou uma pitada do rio e do verde, as coisas crescendo na casa da Legião. Os cheiros verdes

o faziam querer se libertar, esticar-se de uma forma que não podia, mesmo no Central Park.

— Lijuan está procurando Alexander?

— Jason não tem certeza, mas ele tem visto grupos de caça sendo enviados da cidadela de Lijuan. Um membro bebeu um pouco demais quando eles pararam para a noite, e Jason o ouviu se vangloriando de como planejavam encontrar Alexander.

— Ele não é como Lijuan, é? — Naasir tinha apenas dois séculos quando Alexander foi Dormir, não se lembrava de muito sobre o anjo de asas prata com cabelo dourado. Ele tinha, no entanto, uma memória desbotada de um ser poderoso se agachando na frente dele quando ainda era um menino, e olhos prateados que se pareciam com os olhos de Naasir, como ele nunca viu. — Acho que ele me deu uma de suas penas uma vez. Eu a queria porque era como meu cabelo.

Na época, ele era muito jovem para entender o *porquê* atrás do eco incomum.

— Posso muito bem imaginá-lo fazendo isso. — O tom de Raphael era difícil de julgar. — Ele nunca foi cruel ou insensível, certamente nunca com crianças. E em você, ele manteve um olho até que você estivesse maduro.

Franzindo a testa, Naasir tentou trazer a lembrança de seu encontro com o Antigo a mente, mas ele era muito jovem.

— Ele era um bom líder?

— Ele era excelente, — Raphael disse em voz baixa, tantas camadas em sua voz que Naasir não poderia desvendar todas. — Ele também era um poderoso Arcanjo perverso que preferia as maneiras antigas às novas, e que achava que eu era pretensioso. Como resultado, ele quase começou uma guerra comigo, mas no final ele escolheu Dormir em vez de se deliciar com a violência.

Asas sussurrando conforme suas penas deslizavam umas contra as outras, Raphael veio ficar ao lado de Naasir. Seu poder queimava contra a pele de Naasir, mas a pressão era familiar depois de tantos séculos ao lado dele.

— É possível que Lijuan acredite que ele possa ser um aliado por causa de sua agressividade no passado em relação a mim, — continuou Raphael, — mas dado seus delírios de divindade, é muito mais provável que ela queira matar todo mundo que possa ter o poder de se opor ao dela.

Os instintos de caça de Naasir subiram à tona.

— Alexander é poderoso o suficiente para fazer isso? — Se ele fosse, talvez desta vez, Lijuan ficasse morta.

— Imprevisível. Ele era mais forte do que ela quando foi Dormir mais ou menos quatrocentos anos atrás, mas o poder de Lijuan tem crescido exponencialmente no mesmo período, enquanto ele esteve estático.

Naasir sabia que quando anjos Dormiam, eles não mudavam, mas aquela não era sua preocupação no momento.

— Eu preciso de um odor para rastrear e Alexander tem estado muito tempo longe do mundo. — Até mesmo Naasir não poderia rastrear um fantasma.

Isso o aborrecia; ele não gostava de não ser capaz de encontrar sua presa.

Tal como sua companheira. Que estava se *escondendo* dele.

— Você terá ajuda, — Raphael respondeu, então fez uma pausa para assistir um solitário combatente do esquadrão fazer uma série de movimentos de voo intrincados enquanto praticava com uma besta. — Jessamy tem uma historiadora aprendendo com ela, que tem se especializado em Arcanjos Adormecidos. Sua tarefa é mantê-la segura e explorar as localizações que ela sugerir.

Naasir franziu a testa.

— A especialização dela é conhecida por outros?

— Sim. — A voz de Raphael era fria o suficiente para gelar o ar. — É improvável que mesmo Lijuan ordenaria o sequestro de um anjo do Refúgio, mas dado o histórico dela em quebrar tabus angelicais, eu tenho Galen e Venom mantendo um olho em Andromeda de qualquer forma.

— Eu cuidarei dela. — Naasir poderia ser um bom cão de guarda quando necessário.

— Você também terá que vigiá-la, — disse Raphael. — Ela é a neta de Charisemnon.

Naasir mostrou os dentes ao ouvir o nome do Arcanjo que havia causado a Queda, o terrível evento que machucou ou matou muitos anjos. Charisemnon também era responsável por uma doença vampira mortal.

— Por que estamos trabalhando com ela?

— Jessamy me garante que Andromeda é uma historiadora até o osso, que cortou todos os laços com sua família quando chegou ao Refúgio, e que está horrorizada com a ideia do assassinato de um Adormecido. Galen confirma o julgamento de Jessamy.

Naasir assentiu.

— Galen tem bons instintos. — Jessamy era inteligente, mas com um coração muito suave. — Eu serei capaz de dizer se a historiadora mentir. — Imortal ou mortal, mentirosos tinham um inconfundível cheiro azedo. — Mas, uma vez que as pessoas de Lijuan estão procurando sem sucesso, Galen e Jessamy parecem estar certos sobre a lealdade dela.

— Sim, próxima como Lijuan é de Charisemnon, ele teria compartilhado a informação se a tivesse. Vamos dar a esta jovem estudante o benefício da dúvida e uma chance para provar a si mesma.

— Quem cuidará dela quando eu precisar explorar os locais que ela sugerir como o lugar do Sono de Alexander?

— Você a levará junto.

Naasir olhou para Raphael.

Piscou.

Em seguida, rosnou.

— Não posso ficar me arrastando ao redor de uma historiadora. Elas *quebram*. — Quando menino, ele uma vez quebrara o braço de Jessamy ao pular sobre ela de uma prateleira alta, ele estava tão animado por vê-la. Ela dissera a ele para não se preocupar, que sabia que ele não fez aquilo de propósito e que se curaria rapidamente, mas ele nunca esquecera seu grito de choque e dor – ou o horrível som de trituração que o braço dela fizera quando quebrou.

— É sua tarefa garantir que ela não quebre, Naasir. — O cabelo da cor da meia-noite de Raphael virou sobre seu rosto quando o vento se levantou em uma súbita rajada. — Andromeda é nossa maior chance de alcançar Alexander primeiro – não podemos esquecer a idade de Lijuan ou a idade dos estudiosos em sua corte. Ela pode ter acesso à informação que lhe dará uma vantagem.

Voltando sua atenção para o metal, vidro e a brilhante água da cidade, Naasir tentou soar humano enquanto falava. Ele não foi inteiramente bem-sucedido, suas palavras guturais.

— Como encontrarei minha companheira se estiver me arrastando ao redor de outra mulher?

— Você sobreviveu seiscentos anos sem uma companheira. — Um toque de diversão na voz de Raphael. — Por que está tão impaciente agora?

— Porque está na hora. — Naasir vivia de acordo com o ritmo de seu sangue e de sua alma, e aquele ritmo agora tocava uma única batida. — Esta historiadora é selvagem e interessante? — Ele perguntou esperançosamente, porque como seu senhor, ele não julgava uma pessoa por sua linhagem, apenas por suas ações.

— Não de acordo com a sua definição. Parece que Andromeda fez um voto de celibato.

Naasir gemeu.

— Acho que eu deveria pular no tráfego. Seria menos doloroso do que tal tortura.

Naasir gostava de sexo, gostava de tocar os macios e quentes corpos das mulheres, gostava de dirigir seu pênis em seus revestimentos apertados e molhados enquanto elas gritavam seu nome. Ele não fez isso desde a noite em que decidira ir à caça de sua companheira, então ele não estava frustrado pelo voto de celibato porque planejava seduzir a historiadora – não, ele estava frustrado porque esse voto confirmava que ela não era dele, e agora ele estaria preso com ela por quem sabe quanto tempo.

Nenhuma companheira sua jamais seria tão ridícula para fazer um voto de *celibato*.

— Que tipo de pessoa estranha faz um voto assim? — A raça angélica não era exatamente conhecida por sua falta de excesso.

Raphael riu, o grande e evidente som que Naasir não ouviu por um longo tempo antes de Elena entrar na vida de seu Sire. Isso era o que Naasir queria – uma companheira que brincasse com ele, que o fizesse rir, que o desafiasse. E que fizesse sexo com ele. De novo e de novo. Sem um autorizado voto idiota de celibato.

— Há uns poucos estranhos, — disse Raphael após sua risada enfraquecer. — Eruditos acreditam que, por vezes, cortar as distrações físicas eleva a mente.

— Nesse caso, eu prefiro ficar ignorante. — Levantando-se, Naasir sustentou o olhar de Raphael. — Eu irei, Sire. — Ele perderia o jantar com Honor e Dmitri, mas eles entenderiam – e quando voltasse, ele seria bem-vindo na mesa deles.

Raphael balançou a cabeça, os fios escuros de seu cabelo atravessando o aflitivo azul de seus olhos conforme a ventania retornava.

— Não esta noite, Naasir. Hoje à noite, você passará com a família em Nova York.

02

Naasir odiava viajar na caçamba metálica de um jato, mas era a maneira mais rápida para um viajante não-alado chegar o mais próximo do Refúgio. Ele andava na cabine o tempo todo e estava fora da porta quase antes desta estar totalmente aberta, uma vez que eles aterrissavam. O sol em seu rosto, o beijo do vento, era puro prazer.

Respirando profundamente pela primeira vez em horas, ele se sacudiu para conseguir sua pele de volta no lugar adequado e, então agarrou sua mochila quando o piloto a jogou para fora. Ele sorriu e saudou um dos dois homens – o outro sendo o copiloto – a quem ele havia enlouquecido durante o voo. O outro vampiro estava acostumado com ele e piscou as presas para Naasir antes de desaparecer novamente lá dentro.

Naasir riu e, pendurando a mochila no ombro, trotou para a garagem privada que abrigava sua motocicleta. Ele podia ver as montanhas ao longe, nuvens as tocando, mas elas não eram do Refúgio. Ele ainda estava longe, uma vez que os anjos não tinham nada da civilização perto deles.

Qualquer vampiro não autorizado, ou mortal que acidentalmente adentrava no território do Refúgio, logo se esquecia disso, a memória tomada silenciosamente. A paisagem em si era tão proibitiva que mantinha a maioria longe, e os anjos

poderosos que viviam permanentemente no Refúgio eram capazes de fazer algo que envolvia os que se aproximavam do paraíso angelical em uma névoa pesada.

Os alpinistas teimosos que insistiam em se aventurar mais longe se encontravam em uma região inóspita e gelada, que produzia membros quebrados cem por cento do tempo. Qualquer um que voltasse para uma segunda vez não saía vivo: a raça angélica não brincava quando se tratava de proteger o lugar que abrigava suas crianças.

Acenando para o mecânico de plantão, Naasir foi direto para sua motocicleta.

— Ela está pronta para ir, — disse o mecânico vampiro na língua local, aproximando-se para acariciar os painéis laterais em azul-elétrico. — Eu invejo seu passeio. O tempo está perfeito para isso.

Naasir aprendeu a conduzir motocicletas com Janvier, depois que as máquinas se tornaram rápidas e emocionantes. Ambos caíram mais de uma vez. Nunca durante esse tempo ou depois disso, Naasir usara um capacete. Ele pegou um hoje, porém – da última vez que Ashwini o viu andando sem capacete, ela ficou tão irritada que ele se desculpara e, em seguida, saiu com ela e comprou um capacete.

A companheira caçadora de Janvier perdeu seu irmão e irmã menos de um ano antes; ela estivera tão triste por tanto tempo que machucara Naasir vê-la assim. Ele não seria responsável por deixá-la triste novamente, caso ficasse tão machucado que até mesmo sua imortalidade não pudesse salvá-lo – porque, ao contrário do que os mortais acreditavam, Naasir sabia que ninguém era *totalmente* imortal.

Então, havia Lijuan.

A Arcanjo da China tinha um péssimo hábito de voltar de dentre os mortos.

Considerando, mais uma vez, o que poderia mantê-la morta, ele colocou o capacete, e deu partida na moto. Ela ligou com um rugido de seda. Engrenagem preparada, ele deu ao mecânico um sinal de ok e saiu. Ele se alimentara com

sangue engarrafado e carne no jato, e isso o sustentaria durante a próxima fase da jornada. A moto também precisaria de combustível mais tarde, mas ele, Janvier, e alguns outros que usavam este método de transporte esconderam provisões em vários locais discretos.

Por enquanto, ele podia apenas passar pelos caminhos montanhosos e exultar no vento pressionando contra ele. Ameaçando empurrá-lo para fora de sua moto para um desfiladeiro enorme no meio do caminho. Dentes à mostra ante o desafio, ele se inclinou mais baixo ao longo do corpo da moto e continuou. Em certo ponto, depois de reduzir para admirar um rio espumante, ele viu uma placa que alertava a presença de tigres na área.

Isso o lembrou das tentativas de Elena de encontrar suas origens.

Rindo tanto que quase caiu da motocicleta, ele acelerou o motor e decolou novamente. Não parou quando a dura e clara luz solar se transformou em sombras, então a meia-noite, sua visão noturna tão boa quanto a comum. Utilizando um combustível escondido quando necessário, ele continuou. Ele teve que parar e caçar algumas horas mais tarde, mas mesmo que não tivesse encontrado a presa, ele não estava em perigo de morrer de fome, velho o suficiente para que seu corpo não queimasse tanto combustível quanto um vampiro mais jovem.

Não que fosse exatamente um vampiro, mas era a palavra que a maioria das pessoas usava para descrevê-lo. Elena o chamava de "criatura tigre" e não tinha ideia de quão perto da verdade ela inadvertidamente chegara. Ele gostava de provocá-la, a fazendo adivinhar, mas o que o intrigava mais era que Raphael entrava no jogo, também. O Sire se recusou a contar para Elena, também.

Naasir nunca viu Raphael jogar. Não dessa forma.

Regras secretas entre companheiros.

Como os segredos que ele teria com sua própria companheira uma vez que a tivesse caçado e rosnado para ela por ter se escondido dele. Ou talvez ele não fosse rosnar. Só iria mordê-la, ao invés disso.

Pensando em sua esquiva companheira, ele dirigiu através da noite e no dia seguinte, descansando apenas quando o sol estava quente e desconfortável. Durante esse tempo, ele encontrou uma árvore, acomodou-se em um galho e ficou imóvel. Dmitri, uma vez, lhe descobriu na mesma posição quando criança, e gritou para perguntar a Naasir o que ele estava fazendo.

— *Eu estava dormindo!* — Naasir fez uma careta por ser despertado de sua sesta.

Vestido com calças de um material preto resistente, botas, e com a parte superior do corpo suada de uma sessão de luta contra Raphael, Dmitri levantara uma sobrancelha.

— *Você não tem medo de cair?*

— *Não. É por isso que eu durmo assim.* — Ele acenou incisivamente para seus braços e pernas que montavam o ramo, o qual sustentava seu corpo de bruços.

— *Nesse caso, descanse bem.* — Naasir descansou bem hoje também, e quando acordou, encontrou um pouco de água e bebeu. Não era tão bom quanto sangue, mas estava bem por agora. Dirigindo pela tarde, ele finalmente parou a moto em outra garagem. Esta era construída ao lado de uma montanha e escondida tão bem que ninguém que não soubesse que estava lá iria vê-la.

A abrindo usando a impressão da palma, ele rolou a moto no silêncio e estacionou ao lado de uma série de robustos veículos para montanhas e motos familiares. Atrás dele, a montanha se fechou novamente, encerrando a garagem na escuridão total, uma vez que não ativou as luzes quando entrou. Ele tirou o capacete e o pendurou cuidadosamente no guidão de sua motocicleta para que outros soubessem que ela era dele, então agarrou sua bolsa e, passando a mão pelo cabelo, começou a caminhar para a parte de trás do espaço cavernoso.

Ele odiava a parte do túnel na viagem, mas pelo menos era um túnel largo.

Dentes cerrados, ele começou a correr para percorrer mais rapidamente a passagem subterrânea. Era pouco mais de um quilômetro e meio, de acordo com

os registros que Jessamy uma vez olhara para ele. Nada realmente, não para Naasir, exceto que ele odiava estar fechado ali dentro.

Ele esticou-se uma vez que estava finalmente fora, então começou a trotar ao longo da paisagem, seus pulmões expandindo para lidar com o ar mais rarefeito. Tendo uma forte aversão ao frio, ele franziu os lábios diante do gelo e da neve que cobria as proximidades do Refúgio – embora o próprio Refúgio fosse, geralmente, mantido limpo de neve por meios que ninguém compreendia totalmente.

Uma vez, quando Naasir era muito jovem, Raphael havia respondido às suas perguntas curiosas, contando-lhe uma história dos Antepassados que Dormiam abaixo do Refúgio.

— Os primeiros de nossa espécie, — ele disse, seus braços musculosos em ambos os lados do corpo de Naasir enquanto o ensinava como usar uma besta. — Os de antes da história registrada, antes de todos os conhecidos Antigos, tão antigos que são quase outra espécie. A lenda dizia que era a influência dos Antepassados Adormecidos que mantinha o clima do Refúgio leve, mas em irregulares temporadas de neve e gelo. — Quando chega o inverno, — Raphael murmurou, — é porque um Antepassado está distraído por um sonho. Ou essa é a história que minha mãe me contou quando eu era um bebê.

Ninguém sabia se havia alguma verdade na lenda, mas *algo* era diferente sobre a física do Refúgio. Nada naquela alta altitude devia ser livre do gelado chicote de temperaturas abaixo de zero.

O ninho secreto de Naasir estava fora da propriedade do Refúgio, mas Aodhan colocara aquecimento para ele, incluindo aquecimento no chão, que se mantinha na temperatura que ele gostava. Tudo isso era alimentado por discretos painéis solares colocados a alguma distância do ninho real, para que ninguém o descobrisse por acidente.

Hoje, ele evitou ir até as altitudes mais frias por tanto tempo quanto possível.

Quando já não era evitável, ele se lavou em um córrego alimentado pela geleira que o fez sibilar uma respiração, então se secou e trocou para roupas

frescas. Por cima, ele usava o suéter de cashmere preto que comprou em Nova York, por baixo daquilo uma camisa cinza escuro com botões prata que Honor comprou para ele. Deixando a barra da camisa pendurada sobre sua calça jeans, ele colocou a jaqueta de couro surrada que Janvier lhe presenteou uma década antes.

Meias grossas, suas botas gastas e usadas com as solas especiais para gelo, e ele estava pronto.

Não era que ele realmente *precisasse* de tudo aquilo. Ele não congelaria, seu sangue era muito quente. Mas quem disse que não congelar era a única preocupação? Ele malditamente odiava estar frio. Ele esperava que sua companheira não fosse alguém que gostava do frio e quisesse viver na neve sem calor para compensar a temperatura natural. Isso seria terrível. Ele teria que convencê-la a mudar-se para um clima intermediário, que fosse frio, mas não abaixo de zero, mas se ela não quisesse ir, ele ficaria. É claro que ele ficaria.

Se ele alguma vez a *encontrasse*.

Enfiando as roupas sujas na mochila, ele viu um brilho dentro. Quando puxou o brilho, descobriu que era uma grossa pulseira de identificação em metal escovado. Admirando a forma como o seu nome rolava pela barra, ele arrancou o pequeno cartão anexado.

Tenha cuidado e não se esqueça de usar o seu cachecol. Também troquei suas meias por outras melhores e coloquei luvas no bolso da frente. ~ bjo Honor

Ele sorriu e colocou a pulseira antes de guardar o cartão com cuidado em um bolso interno. Um puxão, dois, e as luvas de couro pretas estavam postas. Flexionando os dedos dentro das meias, ele envolveu o cachecol de lã verde escuro em torno de seu pescoço e na parte inferior do rosto, em seguida, pendurou a mochila sobre o ombro novamente.

— Eu terei cuidado, — prometeu. — Minha companheira está a minha espera.

Ele quase podia ouvir a risada de Honor. A última vez que dissera aquilo para ela, ela lhe fizera uma pergunta.

— *E se ela estiver irritada com você porque a fez esperar todo esse tempo? E então?*

Naasir havia ficado perplexo por um tempo – ele nunca pensara realmente sobre o fato de que talvez sua companheira tivesse vivido mais tempo que ele, estivesse esperando por *ele* estar pronto. Coisas assim aconteciam. Honor era mais nova do que Dmitri, mas Jessamy era mais velha do que Galen.

— *Vou cortejá-la, — ele disse após uma cuidadosa reflexão. — Vou convencê-la de que a espera valeu a pena.*

Isso em mente, ele encheu as horas restantes de sua viagem para o Refúgio com os planos de corte. Quase o fez esquecer o irritadiço frio e o enorme perigo do gelo, as pedras irregulares em torno dele não parecendo ameaças, mas adversários familiares. Ao contrário dos alpinistas infelizes que entre elas quebraram inúmeros membros antes mesmo de chegar tão longe, Naasir sabia como navegar pelas pedras naturais afiadas que guardavam o reduto angelical. Ele não precisava andar. Ele podia correr, os pés calçados com botas seguros sobre as geleiras e lençóis de gelo que ele preferia à neve profunda, e seus olhos vendo cada risco.

Quando a sombra de grandes asas varreu sobre ele enquanto o sol estava prestes a afundar abaixo do horizonte, ele olhou para cima. Cabelo vermelho vívido iluminado pelo brilho escarlate produzido pelos raios finais do sol e as asas cinzentas escuras listradas de branco, Galen mergulhou suas asas para reconhecer o aceno de Naasir, em seguida, circulou ao redor para aterrissar não muito longe.

— Você estava me procurando? — Naasir perguntou ao alcançar o macho de ombros largos.

— Eu esperava ter que ir até os pés da montanha. — O mestre de armas agarrou Naasir em um abraço com tapas nas costas que quase o tirou de seus pés; Galen era tão forte. — Você deve ter cortado pelo menos duas horas de seu tempo anterior.

— Estou mais rápido. — Ele crescia de maneiras que nem mesmo Keir entendia, e o curador compreendia muitas coisas; tudo que alguém sabia era que, embora Naasir fosse um adulto crescido, sus habilidades e dons ainda não haviam se estabelecido em sua forma final.

Você é o único de seu tipo a sobreviver à idade adulta. Não existe um modelo para o seu desenvolvimento, não há uma forma de prever a sua força máxima.

— Quando tiver tempo, nós teremos que testar quão mais rápido. — A voz de Galen invadiu o eco das palavras de Keir. — Você planeja correr por todo o caminho?

— Sim. — Naasir tinha sido carregado pelos anjos quando criança e gostara daquilo. Não mais. Agora, ele queria o chão sob seus pés – ele nem sequer gostava de andar nas cestas que os esquadrões utilizavam para transportar os hóspedes não-alados. — Diga a Jessamy que estou chegando para o jantar.

Seu sorriso atingindo o verde pálido de seus olhos, Galen abriu as asas.

— Ela espera por você desde o amanhecer.

Aquilo encantou Naasir. Esperando até que Galen tivesse decolado em um poderoso bater de asas que atraiu uma enxurrada de neve no ar acima, Naasir intensificou seu ritmo ainda mais, até que para qualquer um assistindo, ele teria sido um borrão. Mais asas passaram acima uma hora mais tarde, o tráfego aéreo aumentando progressivamente até que ele começou a ouvir o barulho das aterrissagens, a batida das decolagens, o riso e conversa de pessoas continuando suas vidas.

O céu era de um preto macio quebrado apenas por várias estrelas prematuras, quando a neve de repente terminou, o ar mais quente veio de encontro ao seu rosto gelado.

Ele foi direto para a casa de Jessamy e Galen no penhasco.

— Naasir! — Um vampiro, seus olhos verde-veneno em fendas como as de uma víbora e seu cabelo castanho escuro tendo crescido para tocar o colarinho da camisa, o pegou em um abraço no pátio pavimentado do lado de fora da casa.

Dando tapas nas costas de Venom, Naasir deixou cair sua mochila nas pedras da pavimentação, o pequeno quintal decorado com potes estourando com flores.

— Eu vejo que Galen não te quebrou ainda. — Ele analisou as calças de brim do homem mais jovem e camiseta preta simples. — Sem mais ternos? — Venom era bem conhecido por sua aparência perigosamente elegante, sua graça tão líquida como era letal.

— Quem se importa com ternos quando estou recebendo minha bunda entregue para mim¹ no ringue de treinamento todos os dias. — Venom estremeceu e apontou para uma contusão preto-azulada no queixo, as cores vivas contra o marrom quente de sua pele. — Às vezes, eu não tenho certeza se Galen está me ensinando ou tentando me matar.

Naasir mostrou os dentes.

— Se Galen estivesse tentando te matar, você saberia. — O mestre de armas não lutava como Naasir ou Venom, seu estilo mais pesado e mais estável, mas ele era uma força brutal e mortal. — Ele vai te endurecer. — Venom era um filhote perigoso que tinha o dom do veneno mortal em seu sangue, mas com pouco mais de trezentos e cinquenta anos, era o mais jovem dos Sete.

Ele precisava de um pouco mais de revenimento².

— Aí está você! — Jessamy correu para fora da casa de campo, o amarelo enevoado de seu vestido até os tornozelos balançando em torno de suas pernas e as ondas castanhas de seu cabelo tecidas em uma trança solta. Seus olhos castanhos exuberantes brilhavam com boas-vindas contra o creme de sua pele, seu sorriso luminoso.

Agarrando sua figura alta e delicadamente esguia em seus braços, sua pele escovando o interior das asas dela, Naasir a girou e girou até que ela protestou.

¹ Apanhar

² Revenido ou Revenimento é um tratamento térmico utilizado no aço para corrigir inconvenientes decorrentes da têmpera, sendo, portanto, e sempre aplicado posteriormente a ela.

— Oh, eu *senti* sua falta, — disse ela com água brilhando em seus olhos antes de cobrir o rosto dele e beijá-lo nas duas faces. — Entre. Tenho uma bebida esperando por você.

O estômago dele roncou ante a sugestão, mas ele não esqueceu sua missão.

— A historiadora, ela está segura?

— Sim, ela está trabalhando na Biblioteca. Pensei que você poderia descansar e fazer um lanche antes de apresentar vocês dois – estou pensando em convidá-la para jantar conosco.

Caminhando com Jessamy e Venom para o chalé logo que Galen pousou atrás deles, Naasir soltou uma respiração tranquila. Era bom estar com a família novamente.



Andromeda tentou se concentrar no manuscrito iluminado que ela colocou em uma bancada na parte de trás da Biblioteca, mas tudo o que podia ver eram as palavras da carta que veio para ela uma hora mais cedo.

Em vinte e dois dias você completará quatrocentos anos. Você teve muitos anos de indulgência. Nós permitimos tudo isso a você – mesmo quando escolheu abandonar sua linhagem.

Agora é hora de voltar para casa e assumir sua obrigação para com sua família e seu Arcanjo. Nós devemos esperá-la para o início das celebrações cerimoniais seis dias antes de seu dia de nascimento, ao que, a seguir, você irá para a corte do seu avô para assumir a sua posição ao lado dele.

Ele tem pouca utilidade para eruditos, mas você é a única neta dele, e como tal, ele está disposto a ignorar suas falhas, desde que você se conduza como uma princesa da corte durante o seu tempo de serviço. Não o desaponte, Andromeda. A misericórdia de seu avô não é infinita.

Ela agarrou os lados da bancada, as bordas de madeira cavando em suas palmas. De "indulgência" sua mãe chamava os séculos de aprendizagem de Andromeda, aprendizagem que a viu ofertar ajuda para inúmeras imortais que vinham à Biblioteca procurando por assistência. Ela era uma guardiã de histórias angelicais e uma professora para seus filhotes. No entanto, após um período de trezentos e vinte e cinco anos, mais ou menos, ela era uma mera aprendiz. Havia tanto mais que ela precisava aprender.

E as jornadas que ela tomou... o mundo estava sempre mudando e ela queria continuar a beber em todas as partes dele. Mas o tempo acabou. Ela sempre soubera que acabaria, sempre soubera que um dia, não importava qualquer outra escolha que tivesse feito, ela teria quatrocentos anos de idade e esperava-se que ela retornasse à corte do Arcanjo Charisemnon – para cumprir os termos de um voto de sangue familiar que seus pais fizeram em seu nome quando era um bebê recém-nascida.

Jessamy perguntara se ela estava obrigada por qualquer voto quando Andromeda viera pela primeira vez ao Refúgio. Com medo de não ser aceita como aprendiz caso dissesse a verdade, admitisse que teria que parar seus estudos aos quatrocentos anos, Andromeda mentira e dissera que Charisemnon perdoara seu voto desde que era tão claramente inadaptada à vida na corte. Conforme os anos passavam, a mentira tornou-se mais e mais difícil de corrigir.

Nada disso importava agora. Deixando um dia para a viagem, ela tinha mais quinze dias de liberdade antes que tivesse que voltar para a terra atordoante e devastadora que deixara quando uma menina, ainda não uma adulta. Qualquer outra ação seria considerada alta traição, tendo a morte como pena.

Ninguém, inimigo ou amigo, iria oferecer porto seguro a ela. "Roubar" crianças da família de sangue de outro Arcanjo era considerado um ato de violência silenciosa que poderia repercutir em guerra. Pensara em pedir a Raphael ou Titus por refúgio, uma vez que eles já estavam em guerra com seu avô, mas sabia que, mesmo se eles dessem atenção à petição de uma humilde aprendiz, os dois Arcanjos não poderiam dar a ela o que queria.

Fazer isso seria chocar e perturbar os Arcanjos mais tradicionais que eram aliados de Raphael e Titus contra a morte e doença que seu avô e seu próprio pesadelo de aliada espalharam por todo o mundo. E, independentemente, ela seria caçada até o fim de sua existência caso fugisse. Muito melhor servir os quinhentos anos exigidos dela e esperar que a sua alma estivesse intacta no final disso.

Como uma princesa da corte, seria esperado que ela fosse uma arma implacável e perversa de Charisemnon. Seu avô poderia não a matar na primeira vez que recusasse cumprir uma ordem de tortura ou para humilhar, mas ele faria tudo em seu poder para quebrá-la, fazê-la sua marionete. Charisemnon não suportava desafios.

Mais quinze dias.

Tomando uma respiração profunda e estremecida, ela tentava se focar no manuscrito novamente em um esforço para encontrar estabilidade, quando os cabelos se arrepiaram na parte de trás de seu pescoço. De repente, desejava não ter o cabelo em uma trança, que sua nuca não estivesse tão aberta, tão vulnerável.

Garganta seca, ela se virou em cautelosa tranquilidade, alcançando ao mesmo tempo a lâmina afiada amarrada a sua coxa e acessível através de um buraco no bolso de seu leve vestido da cor framboesa. Quando viu que era apenas Jessamy indo em sua direção, ela começou a sorrir... em seguida, percebeu que sua mentora não estava sozinha.

Havia uma sombra ao lado dela.

Uma sombra com olhos de prata que assistiam Andromeda sem pestanejar.

Cada cabelo no corpo dela arrepiou-se desta vez, ou isso é o que parecia. Ela sabia quem ele era – todo mundo conhecia Naasir, embora, como ela, a maioria não tivesse ideia de sua origem ou natureza. Ele era o único de uma espécie. Pele de um marrom quente e profundo que continha tons dourados que convidavam a um carinhoso toque, olhos de prata e cabelo do mesmo tom. *Prata*, não cinza. Era como se o cabelo e olhos dele tivessem sido formados a partir do metal e polidos a um alto brilho.

Ele se destacava, fazia você se lembrar dele.

Claro, ela nunca antes estivera tão perto dele. Naasir havia passado, muitas vezes, pelo Refúgio nos três séculos e um quarto que ela vivera aqui, mas Andromeda se assegurara de que eles nunca se encontrassem. No início, ela era muito jovem e muito determinada a ter sucesso em seus estudos para se preocupar com alguém do sexo masculino. Mas depois... Naasir incitara coisas dentro dela que não estavam bem para uma mulher que fizera um voto de celibato, faziam o interno animal fora-de-controle querer sair.

Isso não significava que ela não o observara de longe.

Ele movia-se como um gato selvagem, alimentava-se com sangue e ainda comia carne, tinha olhos que viam através da escuridão, e seduzia mortais e imortais com facilidade. Andromeda podia nunca ter se rendido aos mesmos instintos mais primitivos, mas entendia que ele era único na sua capacidade de extasiar a tantos. Adicione sua beleza selvagem, tão atraente e hipnótica, bem como a profundidade potente do seu poder, e ele era uma ameaça em muitos níveis.

— Andromeda. — Jessamy inclinou a cabeça um pouco para o lado. — Está tudo bem?

Percebendo que ela estava de pé congelada no lugar enquanto observava o vampiro que não era um vampiro caminhar em sua direção, ela forçou seus músculos rígidos a se moverem.

— Sim, claro, — ela conseguiu dizer. — Apenas perdida em pensamentos.

Jessamy tomou suas palavras ao pé da letra, sua preocupação dando lugar a um sorriso carinhoso enquanto tocava o braço de Naasir.

— Eu queria te apresentar Naasir antes do jantar. Você vai comer conosco?

Coração batendo como se tivesse feito uma dura corrida física, Andromeda ia dizer que preferia ficar sozinha para que pudesse terminar sua pesquisa de última hora quando Naasir se *moveu*. Ele estava a menos de dois centímetros dela antes que ela soubesse o que estava acontecendo. Narinas dilatadas e aquele

impossível cabelo prata deslizando para frente sobre sua pele luxuriosa, ele abaixou a face na garganta dela.

O sangue dela rugiu ao ponto de pulso, mesmo enquanto sua mão fechava-se sobre o punho da lâmina.

03

Naasir respirou longa e profundamente e sentiu sua boca encher de água. Ela cheirava *certo*, cheirava como sua companheira deveria cheirar. Ainda não tinha certeza de que ela era sua companheira, especialmente porque ela era tão pequena e tinha esses grandes olhos assustados, mas ele sabia que queria lambê-la, saboreá-la, mordê-la.

Prestes a acariciá-la, ele ouviu a voz de Jessamy.

— *Naasir.*

Percebendo que fez algo incivilizado em sua excitação, ele obrigou-se a recuar, mas não conseguia parar de olhar para a anjo com cheiro delicioso. Ela tinha pele como mel. Ele gostava de mel. Tinha a sensação de que gostaria de lamber a pele dela tanto quanto. Os olhos dela eram de um marrom translúcido, com linhas douradas brilhantes ao redor da pupila.

Bonita.

As asas, a partir do que podia ver delas, eram uma rica tonalidade parecida com o chocolate escuro que Honor gostava de comer.

E o cabelo dela era um marrom dourado sedoso de aparência espessa. Estava em uma trança agora, mas ele podia dizer que seria cacheado se estivesse

solto; ele já tinha planos para desfazer a trança para que pudesse brincar com ele. Claro, primeiro ele teria que convencê-la que não planejava comê-la.

— Olá, — disse ele, em seu melhor comportamento agora. — Eu só queria sentir seu cheiro.

— Oh. — Linhas surgiram entre as sobrancelhas, o tom de sua voz o fazendo querer fechar os olhos e apenas ouvir. — Você cheira todos que conhece?

Sorrindo por dentro ante a curiosidade que ela não conseguia esconder, ele disse,

— Não. — Ele aspirou o cheiro dela novamente, com cuidado para fazer parecer que estava simplesmente respirando. — Só as mulheres.

— Por quê?

— Estou caçando minha companheira.

Um deslumbrante sorriso repentino, todo o seu medo apagado em um único piscar de olhos.

— Suponho que isso faz sentido. — Então ela se virou para Jessamy, como se tudo estivesse explicado. Enquanto as duas mulheres conversavam, ele ficou parado lá, confuso. Nada estava explicado. Ela cheirava certo, cheirava deliciosamente. Ele queria saboreá-la.

Por que ela não o considerava mais uma ameaça?

Voto de celibato.

Ele fez uma careta ante o lembrete. Só porque ela fez um voto não significava que ele não era uma ameaça. Somente... ele reprimiu um sorriso satisfeito. O anjo com cheiro delicioso pensava que estava segura, então provavelmente deixaria que ele ficasse perto dela, perto o suficiente para que pudesse determinar se ela era ou não a sua companheira.

Na verdade, embora ela fosse atraente, ele não podia ver como ela poderia ser sua – ela parecia muito frágil e suave, mas não estava prestes a desistir sem

determinar a verdade. Talvez estivesse destinado a ter uma companheira frágil, embora isso parecesse ridículo para ele.

Ou talvez, ela estivesse escondendo seu verdadeiro eu.

A ideia de que sua possível companheira pudesse ter um lado secreto o fascinava.



Andromeda tinha a intenção de dizer não ao convite para jantar de Jessamy. Não porque não gostasse de comer com sua mentora e o mestre de armas – eles eram duas de suas pessoas favoritas no mundo inteiro e a aceitaram por quem ela era, vendo a mulher que ela havia se tornado e não a linhagem que a marcava.

Quanto a Venom, o vampiro se tornara uma visão familiar na mesa de jantar de Jessamy desde a sua transferência para o Refúgio; ele tinha um senso de humor mordaz e uma inteligência fria que Andromeda apreciava.

Não era nem mesmo porque Naasir a inquietava.

Era porque ela sabia que Jessamy estivera ansiosa pela chegada de Naasir, bem como Galen e Venom. Os quatro eram velhos amigos, e sendo os três homens aliados ao mesmo Arcanjo, ela não queria se intrometer.

No entanto, quando abriu a boca para dizer não, Naasir a cheirou novamente, o calor masculino de seu corpo pressionando contra ela, e as palavras a abandonaram.

— Você não pode fazer isso, — ela disse quando pode falar de novo — e nessa altura Jessamy tomou seu silêncio por um sim, e os três estavam a meio caminho para a casa de Jessamy e Galen.

Olhos selvagens olharam para ela com inocência absoluta.

— O quê?

— Farejar pessoas.

Naasir deu de ombros... e a farejou, pesados cordões de prata do cabelo dele roçando a pele dela.

— Desculpe.

Estreitando os olhos, ela franziu os lábios.

— Você não está nem um pouco arrependido.

O riso suave de Jessamy encheu o ar.

— Não deixe que ele te provoque, Andromeda. Ele é um especialista nisso.

Andromeda decidiu ignorar o vampiro, que não era um vampiro, que a rondava. Exceto que era quase impossível ignorar Naasir, especialmente quando ele estava determinado a não ser ignorado. Ele pegou a trança dela e puxou. Quando a puxou para longe dele, ele pinçou o tecido leve de seu vestido entre as pontas dos dedos e esfregou.

Afastar-se dele não o impediu. Ele apenas foi atrás dela.

Pelo momento em que Jessamy passou à frente, acenando para Galen e Venom – que esperavam no pátio – Andromeda queria rosnar. Puxando para longe sua trança mais uma vez, ela virou para encarar a ameaça de olhos prata.

— Você não pode agir civilizadamente por um minuto?

Ele ficou estranhamente imóvel, alterando sua expressão de uma maneira que ela não poderia descrever, exceto para dizer que o homem que havia estado a provocando e irritando de repente não era o mesmo.

— É claro, — ele disse, sua profunda voz ressonante e culta. — Peço desculpas se eu lhe causei qualquer sofrimento ou ofensa.

Andromeda sentiu um nó no estômago, uma súbita sensação de mal-estar dentro dela, mas eles chegaram ao pátio agora iluminado pelo fulgor delicado das lanternas penduradas nas árvores.

— Pensei que pudéssemos comer aqui fora, — disse Jessamy e ganhou uma rodada de assentimentos.

Arrastando Jessamy para perto com uma grande mão em sua nuca, Galen plantou um beijo na boca dela que a deixou sem fôlego, corada e sorrindo. Um brilho satisfeito no olhar, o mestre de armas disse,

— Vamos trazer a mesa para fora.

Andromeda ficou assustada quando descobriu que sua mentora sábia, educada e tranquilamente elegante era loucamente apaixonada pelo bárbaro homem, que era mestre de armas para o Arcanjo Raphael. Não poderia imaginar duas pessoas mais díspares. Então, ela viu a ternura na expressão de Galen quando ele olhava para Jessamy e testemunhou como os olhos de Jessamy se iluminavam ao som das asas poderosas dele.

O coração dela doeu ante a beleza do vínculo deles.

— Venom, Naasir, — Galen disse e os três homens caminharam para pegar a mesa de um pequeno prédio que Andromeda sabia que Galen usava como uma oficina quando não queria trabalhar na arena de armas.

Essa mesa estava marcada pelas incontáveis armas que foram colocadas sobre ela, mas limpa. Tendo ido dentro da casa para pegar uma toalha de mesa, Andromeda a colocou sobre a superfície de madeira, superconsciente de Naasir parado do outro lado antes que ele desaparecesse para trazer para fora um dos dois bancos grandes. Minutos depois, a comida estava fora, tudo pronto.

Desde que ela sabia que Galen e Jessamy gostavam de se sentar ao lado um do outro, ela foi para o banco do lado oposto. Três conjuntos de asas competindo pelo mesmo espaço poderiam ficar desajeitados. Venom deslizou de um lado dela, Naasir de outro. Ambos homens tiveram o cuidado de não tocar suas asas.

— Em primeiro lugar, um brinde, — disse Galen, espirrando champanhe nos copos. — Por ter Naasir em casa com a gente.

O rosto de Jessamy estava radiante à luz do lampião.

— Você fez muita falta, — ela disse, erguendo seu copo. — Da próxima vez, não fique longe por tanto tempo.

Naasir inclinou a cabeça ligeiramente em aquiescência, sua expressão difícil de ler do que Andromeda podia ver de seu perfil, mas o que quer que fosse Jessamy viu, fazendo o sorriso dela se aprofundar conforme eles brindaram e beberam o champanhe. As bolhas espumaram na língua de Andromeda, o gosto do champanhe como luz do sol em uma garrafa.

A sua terra natal não produzia o líquido dourado, mas tinha uma beleza selvagem e devastadora que ela sentia falta desesperadamente desde sua falsa deserção. Pelo menos quando voltasse para seus quinhentos anos de serviço, seria capaz de respirar o quente ar africano novamente, olhar para o azul nebuloso de um céu diferente de qualquer outro na terra.

Isso seria sua recompensa por cada dia de horror na corte de seu avô.

— Você gostaria de um pouco de pão?

Não foram as palavras que a assustaram. Foi o quão intensamente educadas elas eram, dada a identidade do falante. Pegando a cesta de pães de Naasir, ela olhou para o rosto dele e não viu nada além de interesse cortês. Nenhum brilho feroz como vira anteriormente, certamente nenhuma tentativa de irritá-la.

Os cabelos em sua nuca subiram novamente.

Perturbada pela súbita polidez de Naasir de uma maneira que não podia articular, ela colocou um pedaço de pão grosso e quente em seu prato e entregou a cesta de tecido para Venom. O vampiro com olhos semicerrados como de uma serpente letal e uma sensualidade escura que atraía inúmeras mulheres para sua cama, olhou dela para Naasir, mas não disse nada, exceto,

— Obrigado.

— Aqui. — Jessamy passou uma tigela pequena para Naasir. — Eu fiz seu favorito. Honor me enviou a receita de Montgomery.

Naasir pegou a tigela do que parecia ser carne mal passada – ou estaria crua? – carne de algum tipo, seu sorriso aberto tirando o fôlego de Andromeda. No entanto, a máscara da civilização estava firmemente de volta em seu rosto quando ele olhou para ela de lado através da refeição.

— Você necessita de alguma coisa deste lado da mesa?

Balançando a cabeça, ela deu uma mordida da comida em seu prato enquanto Venom e Naasir bebiam sangue de pequenos cálices. Venom mordiscou algo aqui e ali, mas ao contrário de Naasir, ele não comeu realmente qualquer dos alimentos sólidos.

Isso só destacou o fato de que Naasir não era um vampiro comum.

Ela comeu devagar, escutou os outros falarem... e sentiu sua pele arrepiar-se cada vez que Naasir dizia algo educado a ela. Apanhando a carranca de Jessamy a certa altura, ela percebeu que estava certa de sentir estranheza. Lógica dizia-lhe que aquilo não fazia sentido. As pessoas eram normalmente educadas com estranhos... exceto que Naasir era diferente de qualquer outra pessoa que ela já conheceria.

E ele não foi educado com ela antes que ela o criticasse.

— Então, você deve encontrar Alexander, — Galen disse próximo ao final da refeição. — Onde você começará?

Os olhos prateados de Naasir pousaram em Andromeda.

— Me disseram que você tem possibilidades para nós explorarmos.

— Em certo sentido, — ela disse, sua pele apertada com uma espécie de medo gélido que não tinha nada a ver com o comportamento perturbador de Naasir e tudo a ver com o fato de que, sem o conhecimento de ninguém nesta mesa, ela logo seria forçada a ter lealdade ao inimigo, forçada a ser uma subordinada ligada a Charisemnon.

Não por mais quinze dias, ela se lembrou. O suficiente para tentar salvar a vida de um Antigo.

— Nunca estudei Alexander com a intenção de encontrar o seu lugar de Sono. — Ele a fascinara porque era ao mesmo tempo um grande estadista, e um guerreiro que liderou suas tropas no fronte até o dia em que escolheu Dormir. — Minhas sugestões são apenas palpites educados. Eu não presumo conhecer a mente de um Antigo.

— Uma caça no escuro, — Venom meditou. — Com o pessoal de Lijuan em seu encalço.

A expressão de Galen ficou tensa enquanto ao lado de Andromeda, os dedos de Naasir apertaram-se em sua taça.

— Quando ela vai morrer? Venho tentando conseguir isso desde que eu era uma criança.

Andromeda sentiu seus olhos se arregalarem.

— A história é verdadeira? — Ela perguntou impulsivamente. — Que você uma vez entrou na fortaleza de Lijuan no Refúgio e fingiu comer o gato de estimação dela?

Um olhar de lado, o qual foi tão frio que ela quase sentiu gelo surgir sobre sua pele.

— Sim, — ele disse e voltou para sua conversa com os outros. — Também precisamos descobrir por que ela repentinamente decidiu assassinar Alexander. — Um gole de sangue. — Porque eu concordo com o senhor que é muito mais provável que isso seja sobre eliminar a concorrência do que acordar um possível aliado.

Jessamy balançou a cabeça, com uma expressão perturbada.

— Tenho visto Lijuan caminhando cada vez mais perto da escuridão, mas essa eu não esperava. Matar um Antigo em seu Sono? É um horror muito grande para ser suportado.

Andromeda não poderia acrescentar nada para aquela feia verdade.



Duas horas após o jantar, Naasir empurrou-se para fora da cama. Ele deveria descansar, para que ele e Andromeda pudessem começar a caça no dia seguinte, mas ele estava muito tenso. Ela disse a ele para ser *civilizado*. Claramente, ela não era sua companheira, mesmo que cheirasse tão deliciosamente que ele poderia senti-la apesar dos muros que os separavam. Não importava se ela fazia a boca dele salivar; sua companheira não iria dizer-lhe para ser o que ele não era.

Uma mulher que me conhece, compreende o que eu sou, e que quer ter regras secretas comigo.

Isso é o que ele disse a Ashwini que queria em uma companheira e não mudou de ideia. Sua companheira não iria pedir-lhe para vestir uma pele diferente, não esperaria que ele fosse "normal". Ele não era normal, não por qualquer medida, mas era uma pessoa e as pessoas eram autorizadas a ter companheiros. *Ele* tinha permissão para ter uma companheira.

Rangendo os dentes contra o desejo de seguir o sedutor perfume da mulher que claramente *não* era sua companheira, ele puxou seus jeans e se dirigiu para a pequena arena de treinamento atrás da fortaleza. Não era o ringue principal de formação, em vez disso era um pátio murado na borda de um penhasco, onde aqueles que precisavam trabalhar no interior da fortaleza poderiam ir para treinar ou esticar seus músculos.

Ele pularia em cima do muro, desceria pelo precipício, e faria o seu caminho até o fundo do desfiladeiro que dividia o Refúgio, em seguida, faria o caminho de volta. A viagem era difícil o suficiente para que o deixasse exausto.

Ele rosnou dentro de seu peito conforme o cheiro *dela* cresceu em profundidade e intensidade quanto mais ele se aproximava do pátio. Não havia quartos de dormir neste lado da fortaleza. O que o perfume dela estava fazendo aqui?

Não que ele se importasse.

Ele iria ignorá-lo.

Músculos ajuntando-se, ele saiu para a noite, franziu a testa para a luz difusa de duas lâmpadas que alguém acendera em uma intensidade baixa. Seus olhos se adaptaram rápido o suficiente, mas ele preferia completa escuridão à noite. A mulher que fazia algum tipo de exercício no centro da arena de formação, no entanto, claramente não podia ver no escuro.

Ela já não estava vestida com o leve vestido da cor de framboesas maduras no qual ele a vira antes, mas de calças pretas que abraçavam sua forma curvilínea. Seu top era da mesma cor e quase uma camiseta. As fendas para asa estavam fechadas com botões discretos, o tecido macio abraçando a parte superior do corpo dela, enquanto deixava a maior parte de seus braços nus.

Luz brilhou sobre os fios de ouro no cabelo dela, sua pele cor de mel afogueada.

Quando ela se moveu, suas asas sussurravam, mas as manteve escrupulosamente fora do chão. Galen devia tê-la ensinado – o mestre de armas era feroz sobre ensinar seus alunos a manter a disciplina da asa. Asas arrastando poderiam não só ser danificadas, o hábito criava músculos fracos. Os músculos das asas de Andromeda eram fortes, seus movimentos graciosos.

Aquelas asas se alargaram quando ela fez uma curva controlada e ele sentiu um aperto em seu intestino. As asas dela não eram apenas da cor de chocolate escuro, apesar de que aquilo teria sido mais do que suficiente atraente. Elas tinham padrões de gradações intrincadas de cor até um marrom dourado pálido, mas o segredo só era visível quando ela abria suas asas.

Elas fecharam-se um segundo mais tarde, quando ela se virou para outro movimento.

Ele viu pessoas praticando algo parecido com isto na terra de Lijuan. Era chamado de tai chi. Ele preferia muito mais as artes marciais mais rígidas e mais

rápidas, como karatê e tae kwon do. Ele poderia tomar aqueles movimentos e torná-los seus. Este tipo de paciência o deixaria louco.

Assistir Andromeda fazê-lo, no entanto...

— Oh. — Ela parou assustada depois que seu próximo movimento à esquerda a deixou de frente para ele – e seus olhos brilhantes.

Naasir poderia fazê-los não refletirem, também podia protegê-los com seus cílios quando não queria ser visto, mas não estava de bom humor no momento. Assustá-la com seus olhos predadores o fez se sentir momentaneamente melhor.

Prestes a pular até o topo da parede para que pudesse começar sua escalada para baixo, ele foi parado por uma ridícula pergunta feminina.

— Você está procurando por um parceiro de treino?

Ele a encarou.

— Você quer morrer? — Naasir era muito, muito, *muito* bom, e a menos que contivesse seu lado letal, ele poderia facilmente matar alguém da natureza suave dela.

— Não, — ela disse, fazendo outro alongamento na frente dele.

O movimento puxou o tecido da parte superior esticado sobre os seios dela e mostrou uma fina tira de seu abdômen, e ele se perguntou se ela estava zombando dele. Seu sangue esquentou, seus instintos predatórios rosnando.

— Você vai morrer se treinar comigo, — ele disse em advertência, querendo mordê-la para que ela soubesse exatamente quem estava provocando.

— Seu Sire ficaria decepcionado com você se matasse sua parceira.

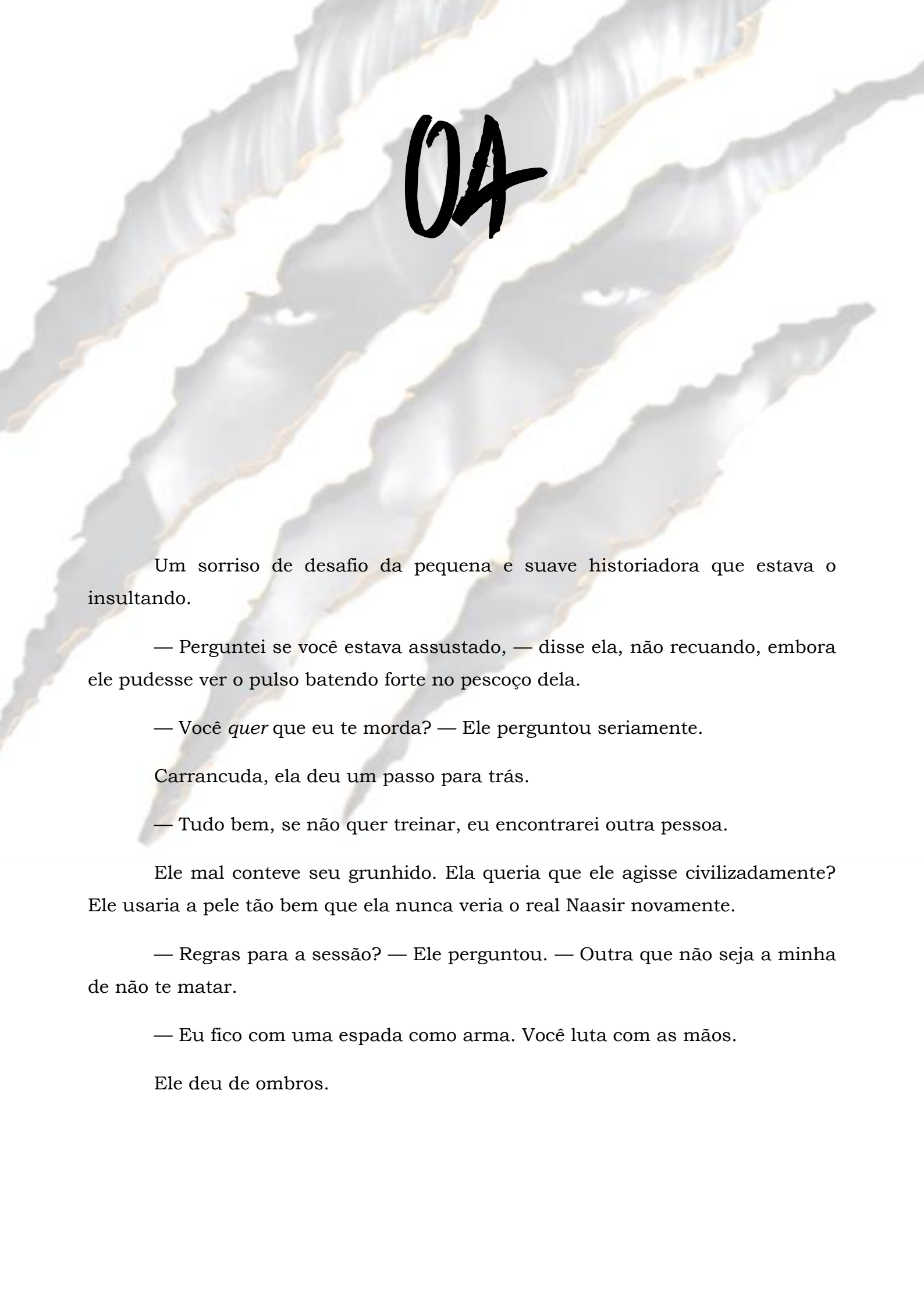
Ela não era a parceira dele. Ela era apenas alguém com quem ele precisava trabalhar, mas ela estava certa: Raphael não ficaria feliz se ele matasse sua especialista.

— Mais uma razão para nós não treinarmos. — Ele moveu novamente para a parede que pretendia escalar.

— Assustado?

Naasir congelou, pura incredulidade o segurando no lugar. Quando se virou, foi para rondar até ela, até que ficassem com os dedos tocando, ambos com os pés descalços.

— O que você disse?



04

Um sorriso de desafio da pequena e suave historiadora que estava o insultando.

— Perguntei se você estava assustado, — disse ela, não recuando, embora ele pudesse ver o pulso batendo forte no pescoço dela.

— Você *quer* que eu te morda? — Ele perguntou seriamente.

Carrancuda, ela deu um passo para trás.

— Tudo bem, se não quer treinar, eu encontrarei outra pessoa.

Ele mal conteve seu grunhido. Ela queria que ele agisse civilizadamente? Ele usaria a pele tão bem que ela nunca veria o real Naasir novamente.

— Regras para a sessão? — Ele perguntou. — Outra que não seja a minha de não te matar.

— Eu fico com uma espada como arma. Você luta com as mãos.

Ele deu de ombros.

— Isso é justo. — O que era, era um suicídio por parte dela. Ela poderia ter dez espadas e ele ainda estaria dentro da guarda dela em um piscar de olhos. — É a sua espada no canto?

— Como você vê isso? — Ela perguntou. — Está nas sombras.

Ele não disse nada, só a observou até que ela desviou os olhos e caminhou para pegar a espada que havia apoiado nitidamente contra uma parede. Estava em sua bainha e quando a tirou, ele viu que brilhava. Ou Galen insistiu para que ela limpasse suas armas, ou aquela arma nunca foi efetivamente utilizada em qualquer tipo de combate sério. Provavelmente, ela apenas a utilizava como parte de sua rotina com os movimentos fluídos e pacientes.

Ele bufou baixinho.

— Pronto? — Ela perguntou, tomando uma postura com as pernas abertas na frente dele, distância o suficiente entre eles que ela provavelmente se achava segura.

— Sim.

— Neste caso, três, dois, um!

Naasir pulou, não restando sua velocidade e agilidade. Tudo o que ele tinha que fazer era colocá-la no chão, e este exercício ridículo estaria acabado, e poderia ir embora, e sua boca pararia de se encher de água ao sentir o cheiro inebriante dela. O ar assobiou ante os olhos dele, o mundo tão lento em comparação com sua velocidade, as estrelas borrando-se juntas.

— *Grr!*

Ele rosnou conforme caiu em seus pés, olhando em descrença para parte superior do braço. Havia uma linha fina de vermelho em seu bíceps. Balançando a cabeça, ele olhou novamente, mas ainda estava lá. Curvou-se diante de seus olhos, a ferida superficial, mas o sangue permaneceu para marcar o local.

— Você me *cortou*, — ele disse para Andromeda.



O coração batendo loucamente e a respiração vindo forte e rápida, Andromeda se perguntou se sabia o que diabos estava fazendo. Ela não tivera a intenção de desafiá-lo, mas ele foi tão horivelmente e enervantemente educado que a boca dela se abriu e as palavras caíram fora. Ele claramente decidiu que não gostava dela e, por algum motivo, aquilo a enfurecera.

Agora ele olhava para ela com os olhos prata brilhante semicerrados, seu cabelo caindo sobre seu rosto antes que ele o empurrasse.

— Como você me cortou? — Uma demanda.

Foi ela quem encolheu os ombros desta vez.

— Eu trapaceei.

Um piscar longo e lento.

— Trapacear não é permitido.

— Sim, é. Você é maior, mais rápido e muito melhor treinado do que eu. Se eu não trapacear, não teremos nenhum divertimento.

Outra piscada lenta... e ela percebeu que ele estava se movendo, e ela estava se movendo, instintivamente, em resposta, os dois circulando um ao outro. Indo para aquele espaço dentro da sua cabeça onde ela e a lâmina eram uma só, ela reagiu por instinto novamente quando ele se moveu, e o acertou nos cumes duros do abdômen. Só que ele não parou surpreendido desta vez, mas continuou se movendo.

Ela nunca trabalhou tão duro com a lâmina em sua vida.

Ele ainda a prensou no chão em menos de três minutos, o corpo dele quente na sua frente, uma intimidade gritante. Joelhos em ambos os lados dos quadris dela e as mãos segurando os pulsos acima de sua cabeça, largando a espada inútil, ele inclinou-se até que a respiração dele beijou a dela e ela podia olhar para aqueles surpreendentes olhos em uma proximidade que nunca esperou.

Eles eram claros, tão claros, e absolutamente lindos. A prata brilhava no meio da noite, as estrias dentro da íris um prata mais escuro.

— Você me cortou sete vezes e meia, — disse ele, sua voz segurando um tom enérgico e resmungão.

Peito arfante, ela tentou dar de ombros novamente, como se não estivesse presa sob um predador hostil.

— Muito bom para uma historiadora.

Ele moveu-se para ainda mais perto, até que seu nariz estava a um mero sussurro acima dela.

— Você tem segredos, — disse ele lentamente. — Você veste outra pele, também.

Andromeda ficou imóvel, o jogo de repente perigoso.

— Não, — ela disse através de uma garganta rouca. — Eu não tenho segredos. Sou exatamente o que pareço. — Pelo menos pelos seus últimos quinze dias de liberdade, quinze dias em que as pessoas que ela respeitava ainda acreditavam nela, ainda confiavam nela.

— Uma historiadora que empunha uma espada?

— Você nunca ouviu falar de um guerreiro-erudito?

Ele continuou a observá-la com aqueles olhos claros de prata que a fez imaginar que ela podia ver galáxias dentro.

— Você tem manchas em seu rosto.

— O quê? Deve ser sujeira de quando você me derrubou.

Segurando os pulsos dela com uma mão forte, ele tocou com o dedo áspero o nariz dela e as bochechas em cada lado. — Manchas.

Ela o encarou através do arrepio que queria ondular através dela.

— São sardas! — Uma pitada delas através do seu nariz e nos topos das bochechas que apenas se tornaram mais arraigadas com o tempo, até que ela desistiu de qualquer esperança de algum dia ostentar uma elegância suave.

A ignorando, o predador a mantendo cativa começou a contar suas "manchas".

— *Naasir*.

Ele olhou para cima, a expressão subitamente séria.

— Me cortar depois de me enganar com a sua pele exterior não foi legal. Não foi civilizado.

— Eu não prometi ser civilizada, — disse ela, em seguida quis manter a boca fechada. Ela passara a maior parte de sua vida imortal sendo civilizada e bem-comportada, e não uma viciada na sensação impulsionada por suas necessidades básicas.

Naasir estalou os dentes para ela.

Quando ela empurrou, ele riu e esticou-se em cima dela, uma mão ainda segurando seus pulsos, e seu cheiro quente e masculino em cada inspiração dela.

— Então eu não serei civilizado também.

Era estranho. Ela só o conhecera horas antes, e ainda assim as palavras dele fizeram algo nela desfazer um nó, destorcer-se. Como se tivesse perdido alguma coisa, mas conseguido ganhar de volta novamente.

— Eu apenas te pedi para se comportar *durante um minuto*, — ela encontrou-se dizendo, quando deveria dizer a ele para sair. — Você estava me perturbando.

Os dedos dele se flexionaram nos pulsos dela, mas ele não a soltou.

— Eu não estava te machucando, — disse ele com uma carranca.

— Não, — ela admitiu, as palavras da carta nitidamente na paisagem de sua mente. — Eu estava com raiva por outra coisa e gritei com você. Sinto muito.

Aqueles olhos surpreendentes prenderam os dela novamente enquanto ele fechava a distância entre eles.

— Eu quero lambar sua pele.

Aquela pele formigou com algo que não era nem um pouco medo, ela tentou afastá-lo. É claro que ela falhou. Ele era significativamente mais pesado.

— Eu não posso respirar.

— Você é uma imortal.

— Minhas asas estão esmagadas.

Ele levantou de cima dela.

— As espalhe.

Ela fez, aliviando a tensão, mas quando ela puxou os pulsos, ele segurou mais apertado e abaixou o corpo em cima dela novamente.

— Agora suas asas não estão mais achatadas e nós podemos conversar.

Dado que ela podia sentir a excitação dele, dura e grossa contra seu abdômen, Andromeda achava que não era falar o que ele tinha em mente. Pensou que se ela lhe desse apenas um pouquinho de encorajamento ela estaria nua com ele dentro dela em uma questão de segundos.

— Não, — ela sussurrou, e pela primeira vez em sua existência, ela sentiu arrependimento pela escolha que fez.

Ele inclinou a cabeça para o lado.

— Não?

— Eu jurei um voto de celibato. Não foi feito por capricho, ou sem pensamento. — Foi há cem anos. — O voto é parte da minha honra, parte do que faz de mim Andromeda. — Não neta de Charisemnon. Não filha de Lailah. Não apenas outra princesa enfadada da corte. *Andromeda*. Historiadora e guerreira.

Um som baixo e retumbante no peito de Naasir, olhos de prata queimando acima dela.

— Ficar no cio não é desonroso.

As bochechas dela queimaram por dentro.

— É, para uma mulher que prometeu não ceder a isso.

Ele se mexeu para esfregar contra a união das coxas dela. Ela conteve o fôlego, seus músculos internos em vazios espasmos doloridos conforme o lugar entre as coxas ficava úmido. Narinas dilatadas, Naasir inclinou-se perto o suficiente para acariciar a garganta dela.

— Você me quer. — Foi um som de ronronar satisfeito.

A garganta dela estava tão seca que ela levou várias tentativas para conseguir dizer as palavras.

— Isso não muda a minha escolha.

Espremendo seus pulsos, mas não forte o suficiente para machucar, ele estalou os dentes para ela novamente.

— O que vai mudar?

As palavras simplesmente saíram dos lábios dela, como elas tinham uma maneira de fazer perto de Naasir.

— Encontrar a Estrela Grimório. — Isso era a cláusula de fuga – ela seria liberada de seu voto se Grimório retornasse ao mundo.

— O que é uma Estrela Grimório.

— Um livro. — Um livro perdido nos mistérios do tempo, a razão pela qual ela escolheu aquilo como a chave que abriria seu voto. — Um antigo livro que ninguém viu durante milhares de anos. Um tesouro angelical.

Naasir ficou em silêncio por um longo tempo.

— Se eu encontrar este estúpido Grimório, você ficará no cio comigo?

As bochechas dela esquentaram enquanto seus mamilos endureceram o suficiente para pulsar.

— Você não pode encontrar o Grimório.

— Se eu fizer?

— Se fizer isso, você pode fazer o que quiser comigo, — ela disse imprudentemente.

O sorriso dele foi puro pecado, suas presas brilhando na luz discreta um branco reluzente. Saindo de cima dela, ele estendeu uma mão e, quando ela a tomou, puxou para seus pés.

— Quem ensinou você a usar a lâmina? Seu estilo não é o de Galen.

— Meu outro mentor. — Ela o viu olhando com admiração para sua espada e a entregou para que ele pudesse examiná-la.

Pegando, Naasir se afastou e cortou o ar com a espada em um ritmo rápido, perigoso.

— Alguém da fortaleza de Refúgio de Charisemnon?

— Não. Eu não tenho nada a ver com o pessoal do meu avô. — Ainda não. Não por mais quinze dias. — Foi Dahariel.

Um som de corte gelado quando ele parou sua esgrima.

— Dahariel é o segundo de Astaad.

— Professores e eruditos não estão vinculados a qualquer Arcanjo, a menos que eles jurem essa lealdade. — Supunha-se que Jessamy era mais leal a Raphael que a qualquer outro Arcanjo por causa de seu relacionamento com Galen, mas mesmo assim, os outros do Cadre ainda vinham a ela para obter informações.

Quanto à Andromeda, ela provou sua lealdade a imparcial bolsa de estudos ao longo de mais de três centenas de anos de duro trabalho e disciplina implacável. A maioria das pessoas esqueceu que ela era da linhagem de Charisemnon, a vendo como pertencente apenas aos Arquivos.

Naasir mostrou os dentes para ela.

— Você se reporta a ele?

— Não. Eu não me reporto a ninguém.

— Nesta tarefa? De encontrar Alexander?

— Ao aceitar a tarefa, eu concordei em manter a confiança de Raphael pelo tempo que esta durar. — *Ninguém* poderia obrigá-la a trair qualquer um dos segredos que aprendesse durante seus dias de liberdade restantes. E o instinto lhe dizia que até o dia de seu aniversário de quatrocentos anos, esta tarefa teria acabado, de uma forma ou outra. Os eventos estavam se movendo muito rápido para que fosse de outra maneira.

Naasir devolveu a espada.

— Dahariel não é um homem bom. — As palavras foram duras. — Ele machuca as pessoas. Às vezes, ele fere pessoas que não estão plenamente desenvolvidas.

Andromeda se encolheu.

— Ele pode fazer isso, — ela admitiu, — mas ele me salvou. — Ela foi uma criança que era uma possessão mantida zelosamente perto, mas raramente recebia qualquer atenção ou carinho. Só Dahariel a viu como uma pessoa; o anjo com cara de falcão havia colocado uma lâmina em sua mão e lhe ensinado o que ele sabia melhor.

A lâmina te dará uma maneira de ganhar o seu lugar no mundo.

Como eram as coisas, ela não teve de vender sua espada para encontrar a preciosa liberdade. Mas quando fugiu de seus pais, enquanto ainda tecnicamente uma criança, deu a ela a confiança para acreditar que podia se proteger nas estradas do céu. Sua espada e uma pequena mochila de pertences eram tudo que ela tinha quando chegou ao Refúgio e peticionou a Jessamy pelo aprendizado há tanto tempo negado a ela.

Charisemnon usava eruditos, mas não os respeitava. Ele respeitava somente força – e em sua corte, isso significava homens e mulheres cruéis e endurecidos que poderiam infligir dor, tortura e humilhação sem pestanejar, e que poderiam fazer um ser vivo implorar, rastejar e sangrar. Lailah aprendeu essa lição no colo de seu pai, e ela criou Andromeda em uma casa tão cheia de violência brutal... e tão impregnada com o cheiro de sexo.

Quanto mais desviante, melhor.

Os pais de Andromeda estavam além de enfadados neste ponto.

Eu prometo que vou aprender e vou tratar a Biblioteca e os Arquivos com respeito, ela dissera para Jessamy naquele dia, há muito tempo. *Não prejudicarei qualquer um dos volumes*. O último ela tivera que acrescentar porque nem todos os aspirantes a eruditos vinham de pais que foram banidos dos Arquivos. *Eu quero aprender*. Para ter uma chance de ser mais do que um fantoche impulsionado pela dor e obsessiva necessidade sexual. *Por favor, me ensine. Por favor*.

Pisando muito perto dela, a parte superior do corpo nua sendo uma tentação sensual que ela teve de cingir-se a resistir, Naasir disse,

— O que Dahariel pediu em troca?

O coração de Andromeda espremeu, a dor profunda e antiga. — Nada, — ela sussurrou, lembrando o que Dahariel disse à menina que ela tinha sido.

Talvez você seja minha única boa ação. Mas só há certa quantidade de bondade em mim e eu gastei tudo nisso – não espere nada mais.

— Deveríamos descansar um pouco, — ela disse para parar Naasir sem continuar em sua resposta. — Começamos a caça amanhã.

Naasir não saiu de seu caminho. Estendendo a mão, ele enrolou uma mecha solta do cabelo dela em torno de seus dedos.

— Diga-me sobre o Grimório.

Andromeda não recuou. Isso daria o sinal errado para este vampiro que não era um vampiro. Ele era um predador e ela não queria se tornar presa.

— É lenda que o Grimório era um registro de coisas, seres e tesouros secretos, todos os quais têm estado perdidos no tempo.

Naasir puxou a mecha que capturara.

— Você gosta de segredos?

— Gosto de caçá-los.

Um sorriso perverso e perigoso.

— Eu também.

De alguma forma, Andromeda achava que ele não falava do tipo de investigação metódica e lenta que era o seu método de caça preferido.



O amanhecer veio em suaves manchas de cores no horizonte. Após falar com os guardas de plantão na fortaleza de Raphael, onde ela atualmente estava hospedada, Andromeda deu uma caminhada ao longo do topo dos penhascos que davam para o desfiladeiro. Desde que não tinha intenção de ser sequestrada pelo pessoal de Lijuan, ela ficou dentro da vista da fortaleza e dos guardas.

Sim, ela poderia defender-se com as facas que usava amarradas a suas coxas sob o arejado vestido verde menta, mas não ganharia contra um esquadrão de guerreiros treinados. Melhor não correr o risco – e não era difícil manter sua caminhada matinal nessa parte do Refúgio. Era tranquilo, poucos anjos tendo deixado suas casas ou ninhos, enquanto nenhum dos vampiros no Refúgio parecia estar de pé.

Na calma, ela encontrou seu centro novamente.

Disciplina. Serenidade. Aprendizado.

As três fundações sobre as quais ela construiu sua vida escolhida.

Olhos de prata selvagens e uma dança com a espada que ainda a faziam perder o fôlego.

Andromeda balançou a cabeça, apertou as mãos em punhos, e fechou os olhos, respirando profundamente o ar fresco da aurora de montanha. Não havia espaço em sua vida para a marca selvagem de Naasir; ela só tinha duas preciosas semanas para construir escudos emocionais resistentes o suficiente para sobreviver a quinhentos anos no inferno. Esses escudos precisavam ser criados em absoluta disciplina e vontade de aço.

Sentindo a batida do vento contra sua bochecha que sinalizava a aterrissagem de um anjo nas proximidades, ela abriu os olhos. Ela estava determinada a ser educada, apesar da rudeza de um pouso tão perto, mas seu sorriso educado desapareceu no instante em que viu as afiadas maçãs do rosto e as asas cinza escuro listradas de vermelho do anjo de cabelos negros a poucos centímetros à frente dela.

Xi. Um dos generais de Lijuan.

Andromeda não hesitou; ela deu um passo para trás do penhasco e abriu suas asas... mas Xi não chegara sozinho. Pânico a atingiu quando suas asas foram pegadas em finos fios da rede que estivera esperando por ela. Não houve chance de se recuperar ou de pegar suas lâminas. Eles a amarraram fortemente dentro de segundos.

Em seguida, toda a equipe caiu para o fundo do penhasco em perigosa velocidade. Ela gritou o tempo todo, não por medo, mas em um esforço para dar aos guardas um som para seguir, embora seu lado pragmático dissesse a ela que tudo acontecera muito rápido. Os guardas provavelmente não nem chegaram ao topo do penhasco ainda. E havia pouca chance de qualquer outra pessoa ouvi-la – quase ninguém voava tão baixo no penhasco, tão baixo que ela podia sentir o spray de água do rio estrondando abaixo.

Os homens e mulheres de Xi tinham que ter estado a observando, deveriam ter aprendido seus hábitos.

Sua árdua disciplina e fidelidade à ordem e rotina foram usadas contra ela.

Com o rosto pressionado desconfortavelmente contra a rede, ela conseguiu insinuar a mão para baixo pelo lado de sua coxa e tirou uma de suas duas lâminas. Era cruelmente afiada, mas quando tentou cortar a rede, não fez nenhum progresso. Filamentos de metal, ela percebeu. Era por isso que os fios pareciam cortar sua pele. Ela não sairia dessa até que o pessoal de Lijuan a desamarrasse.

Ela trabalhou para esconder a faca novamente. Desde que nunca praticara nas áreas de treinamento públicas, Xi poderia não estar ciente de que ela não era um alvo fácil. Se eles não a revistassem na aterrissagem na fortaleza do Refúgio de Lijuan, ela poderia usar as lâminas para ajudar na sua fuga. Embora não tão confiante com elas quanto com uma espada, ela esteve praticando com Venom desde a chegada dele e ele lhe ensinou alguns truques sorrateiros.

No entanto, enquanto os minutos passavam e o terreno mudava abaixo dela, percebeu que eles estavam saindo do Refúgio. O coração dela ficou gelado ante a única explicação possível. Ela estava sendo levada diretamente à cidadela de Lijuan, um lugar onde não tinha nenhum amigo, nenhum aliado, e que era supostamente longe de toda a civilização.

Um lugar onde os vivos eram sacrificados, e os mortos caminhavam.

05

Naasir pegou o cheiro de Andromeda na brisa enquanto saía, estava prestes a segui-lo quando viu um pequeno corpo voando freneticamente não muito longe dele. Franzindo a testa, porque sabia que o filhote era jovem demais para estar acordado tão cedo e porque podia sentir o cheiro acre da mordida do medo, ele correu atrás da criança e pulou para pegar um pequeno tornozelo em seu aperto.

Sam gritou quando Naasir o puxou para baixo, mas, em seguida, jogou os braços ao redor do pescoço de Naasir, seus brilhantes cachos negros bagunçados e suas asas marrons com manchas pretas caídas sobre o braço de Naasir.

— Naasir, Naasir, eles levaram Andromeda!

Naasir ficou imóvel.

— Quem a levou? — Ele perguntou para o garoto.

Com peito arfante, Sam tentou fazer as palavras saírem. — Um anjo com asas cinzentas e vermelhas, — ele disse em uma arfada. — Pensei que era uma brincadeira, mas o anjo e os amigos dele amarraram Andromeda em uma rede e a levaram embora!

Naasir esteve se movendo em alta velocidade em direção a casa de Sam enquanto ainda ouvia o menino.

— Qual caminho eles tomaram? — Apenas um anjo tinha asas cinzas com listras vermelhas e aquele anjo era aliado a Lijuan.

Sam apontou, seus olhos castanhos enormes.

— Pude vê-los, embora percorressem todo o caminho até onde eu não posso ir. Juro que eu os vi.

— Eu acredito em você. — A direção tomada pelo esquadrão inimigo não levava à fortaleza do Refúgio de Lijuan. Levava completamente para fora do Refúgio.

Seu sangue quente com a necessidade de caçar, de rastrear, Naasir correu através da porta aberta da casa de Sam. A pequena mãe do filhote estava na cozinha e sua boca se abriu ao ver a minúscula carga de Naasir.

— *Sameon!* Pensei que você ainda estava na cama.

Sam mergulhou nos braços de sua mãe.

— Eu ia sentar no penhasco e assistir o esquadrão de Galen, mas então eu vi os anjos maus pegarem Andromeda. Eles foram maus com ela, Mamãe.

Abraçando seu filho tremendo e esfregando suas costas, a mãe de Sam encontrou os olhos de Naasir, seu próprio olhar escuro com preocupação.

— Vou encontrá-la. — Com essa promessa, Naasir correu para fora e seguiu o cheiro de Andromeda para um ponto sobre o penhasco onde desaparecia sem deixar rasto. Ou ela voou, em um esforço para fugir de Xi e seu esquadrão, ou foi empurrada.

Uns poucos passos para a esquerda e ele confirmou que foi Xi quem o pequeno Sam viu. O cheiro do general era familiar para Naasir após os anos que Naasir passara no Refúgio. O cheiro de Xi, também, desaparecia sem deixar rasto.

Consciente de que estava correndo contra o tempo, Naasir correu para a arena de armas onde Galen preparava seu esquadrão para um treinamento de

manhã cedo. O mestre de armas levou seus homens e mulheres imediatamente para o ar após ouvir o relatório de Naasir, direcionando-se na trajetória de voo que Sam indicara.

Naasir não parou. Ele caminhou para o território de Refúgio de Astaad e rapidamente localizou Dahariel. Para o cruel e perigoso anjo ter ensinado Andromeda a lutar sem nunca fazer quaisquer exigências sobre ela demonstrava uma conexão emocional mais profunda do que Andromeda percebia.

Dahariel não era conhecido por sua bondade.

O olhar do outro homem brilhou com gelo após ouvir o relatório do Naasir.

— Vou levar meu esquadrão para juntar-se ao de Galen, — ele disse, seu tom tão frio quanto. — Você tem certeza de que Sameon viu o que ele acredita que viu? Ele é apenas uma criança.

— Sim. — Sam não mentia e ele era inteligente. — Vou procurar pelo Refúgio em caso de Xi ter voltado atrás e a escondido aqui.

Um aceno de cabeça afiado e Dahariel decolou com asas poderosas modeladas como as de uma águia, em tons de marrom e preto. Era possível que a busca aérea alcançasse Xi e seus homens – se Illium estivesse ali, aquilo seria uma certeza. Mas o anjo de asas azuis estava em Nova York, sua velocidade indisponível. E Xi tinha uma boa dianteira. Tudo o que ele teria que fazer para evitar a detecção era tomar uma rota atípica ou instalar-se em uma área escondida até o anoitecer.

Com os dentes cerrados, Naasir entrou sorrateiramente no território do Refúgio de Lijuan. Não havia nenhum sinal de Andromeda. Nem havia qualquer sinal dela nos territórios do Refúgio de qualquer um dos outros Arcanjos. O perfume dela estava mais fresco no topo do penhasco e até mesmo aquele havia desaparecido no momento em que ele completou sua intensiva procura no chão.

Os esquadrões de Galen e Dahariel não retornaram até depois de o sol ter se posto e as estrelas brilharem.

Eles não traziam Andromeda.

Naasir sabia que ela tinha que estar a meio caminho da China a esta altura.
Para encontrá-la, ele teria que penetrar na toca do pesadelo.

06

Raphael estava banhado em suor após uma sessão de treinos com as lâminas duplas que ele gostava de usar em combate, quando Montgomery saiu para o quintal da casa de Raphael e Elena no Enclave. Situava-se acima do Hudson, e através dele via-se o aço e vidros de Manhattan. *Sim, Montgomery?* Ele disse, sem parar a fúria das lâminas.

Sua consorte ficaria amargamente desapontada ao voltar para casa de sua caça e descobrir que ele havia tirado tempo para uma sessão. Ela adorava assisti-lo; mas mesmo Elena, corajosa, ousada e magnífica, não arriscava juntar-se a ele. — *Eu mal posso distinguir seus movimentos, você é tão rápido quando faz isso,* — ela disse na última vez que o observou, seus olhos faiscando com apreço. — *E sou muito afeiçãoada à minha cabeça e gostaria de mantê-la ligada a meu corpo.*

— *Bem como eu,* — ele disse antes de levá-la para a grama para outro tipo de batalha suada e quente.

A verdade era que ninguém no território dele poderia fazer esse exercício em particular com ele. Nem mesmo seu mortal Segundo. Dos Arcanjos, só Neha tinha a habilidade, velocidade e força. Os outros preferiam armas diferentes, mas a Arcanjo da Índia e Raphael treinaram juntos com lâminas duplas uma vez, Neha

delgada e fluida em seus couros de combate enquanto ela atacava e defendia em medidas iguais.

Raphael não se arrependia de ter executado a filha de Neha por seus crimes, mas se arrependia por aquilo ter danificado tanto seu relacionamento com uma Arcanjo que, por todo seu rígido pensamento tradicional e crueldade ocasional, cuidava de seu povo e não hesitava em partilhar o seu conhecimento com jovens Arcanjos.

Sire, Montgomery respondeu enquanto aqueles pensamentos atravessavam a mente de Raphael em questão de frações de segundos. *Galen quer falar com você. Ele diz que é uma questão de urgência.*

Raphael já estava se movendo em direção ao seu escritório antes que Montgomery acrescentasse a última parte. Galen só fazia contato se tivesse algo a dizer. Ao entrar no escritório, ele viu o rosto de Galen na tela da parede.

— O que aconteceu? — Ele perguntou a seu mestre de armas.

— Xi levou Andrômeda, — disse Galen, e contou-lhe os detalhes.

Deixando suas lâminas na mesa enquanto ouvia, Raphael limpou o rosto com uma toalha que Montgomery trouxera. O copo gelado de água que o mordomo ofereceu também foi bem-vindo. O vampiro deixou o quarto imediatamente depois, mas mesmo que tivesse ficado, Raphael não teria sentido nenhuma preocupação.

A lealdade de Montgomery estava fora de dúvida.

— Naasir já está a caminho da China, — disse Galen, os ângulos duros do rosto dele definidos em linhas sombrias. — Ele pegou uma carona com o meu esquadrão para o aeroporto. O avião vai levá-lo até o Japão, depois do qual ele diz que tem seus próprios métodos de atravessar despercebido o território de Lijuan. — Galen passou uma mão em seu cabelo vermelho escuro. — Ele recusou ajuda, disse que qualquer um, além de Jason, os faria serem pegos.

— Espere, — Raphael disse e, dividindo a tela, contatou Jason. — Onde você está?

Descobriu que o mestre espião de Raphael estava no território de Neha, logo ao lado do de Lijuan.

— Mahiya ainda não está pronta para retornar à sua terra natal e falar com a mãe dela, — o anjo de asas pretas disse, falando de sua companheira. — Mas me pediu para checá-la.

— Eu preciso que você encontre Naasir.

Quando Raphael explicou o porquê, a pele de Jason esticou-se sobre os ossos da face, a intrincada tatuagem inspirada na Polinésia que cobria o lado esquerdo de seu rosto de repente gritante contra a sua pele marrom.

— Há uma razão pela qual eu sempre disse a Naasir para não tentar entrar na cidadela de Lijuan.

Galen, capaz de ouvir a conversa desde que Raphael lhe incluía nela, assentiu. — Ele é muito imprudente, sem nenhuma preocupação pela própria vida.

Isso não era totalmente verdade; Naasir se importava com sua vida. Ele simplesmente não tinha medo. Como resultado, ele assumia riscos demais para Raphael ter certeza de que ele não seria pego por Lijuan – e ao contrário de quando Naasir era uma criança, Lijuan não perdoaria a transgressão.

— Você esteve na cidadela, — ele disse para Jason. — Naasir pode entrar?

— Sim. — Não amarrados como de costume, hoje os fios do cabelo preto de Jason sopravam nas curvas e nos pontos finos da tatuagem que o marcava. — Ele também é furtivo o suficiente para conseguir sem ser pego, se não permitir que seus instintos mais primitivos tomem controle.

— Isso pode ser um problema, — Galen disse, as mãos nos quadris e o tom áspero com preocupação. — Ele estava inflexível sobre Andromeda ser sua responsabilidade.

Galen tinha um bom motivo para se preocupar. Uma vez que Naasir assumia tal tarefa, ele morreria antes de falhar.

— Vá, — Raphael ordenou para Jason. — Rastreie e o ajude a libertar a historiadora. — Ele sabia que a aprendiz de Jessamy não teria sido machucada ou não muito machucada em qualquer caso. Lijuan queria as informações que Andromeda tinha na cabeça.

E o sangue dela era o do aliado mais próximo de Lijuan.

— Sire. — Jason desligou.

— É provável que a historiadora coopere com Lijuan para salvar a própria pele? — Raphael perguntou a Galen.

— Não. — Uma resposta que não continha a menor hesitação ou dúvida. — Toda vez que eu falei com ela sobre o assunto de Alexander, ela foi inflexível em sua aversão pelo que todos nós acreditamos que Lijuan pretende fazer.

— A fortaleza de Lijuan no Refúgio?

— De pé, ela deixou um esquadrão completo lá e eles estão eriçados hoje.

Raphael havia acreditado que Lijuan entendera as linhas que ela cruzara quando provocou uma batalha no Refúgio, mas claramente a arrogância dela não deixava espaço para as regras que ligavam a raça deles.

— Quanto tempo Andromeda é capaz de sobreviver na cidadela de Lijuan?

— Muitos não sabem que ela é uma guerreira totalmente treinada e capaz, — seu mestre de armas disse a ele. — Então ela sobreviverá, mas não sei se sobreviverá inteira. Os métodos de persuasão de Lijuan podem ser horríveis.

Nos olhos verdes pálidos de Galen estava o conhecimento de que ninguém que experimentava a marca de "hospitalidade" de Lijuan saía o mesmo.

01

Andromeda se forçou a parar de lutar durante a jornada. A ação fútil só iria cansá-la e deixá-la indefesa quando chegassem ao seu destino.

Não seja estúpida. Essa é a primeira lição de batalha. Pense.

Repetindo as palavras de Dahariel silenciosamente em sua mente, ela se deitou dolorosamente em repouso.

Conforme iam, o esquadrão de Xi parou duas vezes. A primeira vez foi em uma caverna coberta de gelo há apenas cerca de uma hora do Refúgio. E embora tenham permanecido lá até que a luz do dia tinha desvanecido dos céus, Xi não soltou Andromeda, apesar dos seus repetidos pedidos. Ela finalmente entendeu que eles a queriam amarrada e pronta para ir se precisassem fazer uma saída rápida.

Dura e fria depois de tantas horas de tanto desconforto, ela estava quase agradecida quando eles finalmente decolaram novamente. Pelo menos desta maneira ela tinha ar fresco. A segunda parada veio tarde da noite, em uma pequena ilha que era um ponto no oceano. Ela poderia ter ficado tentada a voar e fugir, mas suas asas estavam severamente amassadas por serem esmagadas na rede, e sabia

que sua velocidade em voo não era nem perto da de Xi. Melhor controlar seu tempo, ser inteligente e esperar por uma oportunidade melhor.

— Eu posso voar, — ela disse após o curto período de repouso, quando deram a ela um pouco de água e pão para se reabastecer. — Não há nenhuma necessidade de me carregar como uma galinha.

Xi não respondeu, apenas jogou uma venda de olhos em sua direção.

— Ou posso cegá-la, — ele disse em tom de conversa, quando ela empacou. — Tendo em conta a sua idade e a complexidade dos olhos, eles provavelmente vão demorar três meses ou mais para voltar a crescer.

Uma gota de suor frio rolou por sua espinha.

— Tenho certeza que sua Arcanjo não ficaria contente com tal abuso. — Lijuan precisava dela.

— Você não precisa de olhos para dizer à minha senhora o que ela precisa saber. — O general a encarou, seus próprios olhos escuros e duros como ônix. — O que será?

Ela colocou a venda, perguntando-se mais uma vez porque o mal não era feio. Seu avô com sua pele profundamente dourada e cabelo do marrom mais rico, havia sido bonito antes dos estragos da doença, seria novamente quando seu corpo se curasse. Um poeta mortal já escreveu a respeito dele, dizendo:

O sangue de meu coração por nada além de um único instante

Minha alma pela glória agonizante de seu toque

Tal beleza não é feita para os olhos mortais

Enlouquece. Devasta. Assassina.

Xi, também era um anjo muito bonito, e ela sabia que ele não sofria com escassez de amantes. Muito tempo atrás, antes que percebesse o coração frio que batia no peito dele, ela admirara a forma dele em voo – ele era uma máquina elegante e bonita, suas asas únicas e absolutamente lindas.

No entanto, mesmo enquanto pensava na natureza dele, ela sabia que para seu esquadrão, ele não era mau. Para eles, ele era simplesmente um general leal servindo sua senhora. O fato de que sua senhora provara que tinha pouca consideração pelas vidas das pessoas que ela professava governar, e que Xi ainda a seguisse, isso era o que fazia dele mau.

— Como você pode justificar isso? — Ela disse para ele quando a puxou para colocá-la em pé.

Nenhuma resposta enquanto ele amarrava seus pulsos juntos.

Sua cegueira a tornou ousada.

— Dar a sua fidelidade a uma Arcanjo que transformou seu povo em mortos-vivos? — Os renascidos eram pesadelos que recebiam carne e eram postos em liberdade para se alimentar, infectar, assassinar. — Se isso por si só não é crime suficiente, ela se alimenta da força vital de seus súditos e os deixa como cascas secas.

Como uma historiadora e professora aprendiz que trabalhava com Jessamy, Andromeda tinha acesso a relatórios arquivados por ambos os lados da feroz batalha nos céus de Nova York. Cada um usou palavras diferentes, mas nenhum discordava sobre o básico: o lado de Raphael dizia que Lijuan se alimentara da força vital de seu povo até que estava saturada com o poder.

Andromeda ainda conseguia se lembrar da linha no relatório que fizera sua pele se arrepiar: *a boca dela estava rodeada com sangue após ela se levantar do pescoço de seu sacrifício.*

O lado de Lijuan afirmara que seus soldados se ofereceram em massa para que sua Arcanjo pudesse ganhar a glória. Nisto, os soldados haviam encontrado honra além do conhecimento mortal ou imortal, deixando um legado de orgulho para aqueles de sua linhagem.

Neste caso, Andromeda tinha a sensação de que ambos os relatórios eram igualmente verdadeiros.

Um lado viu horror, o outro lado, honra.

Ela não poderia culpar Xi pelos relatórios que ele apresentou pessoalmente: ele foi brutalmente honesto em termos de vitórias e perdas de batalha. Também não tentou fazer parecer como se Lijuan tivesse ganhado – embora tivesse suavizado sua queda, como faria qualquer general fiel, dizendo que sua senhora recuou do campo de batalha para que pudesse estar forte para a guerra por vir.

Sua interpretação era notavelmente diferente do relatório apresentado por Illium. O líder do comando aéreo de Raphael afirmou que Raphael, “Explodiu Lijuan em pedacinhos”, embora Illium também tivesse feito uma nota dizendo que Lijuan poderia ou não estar morta: *Zhou Lijuan é um Arcanjo e eles não morrem facilmente.*

— Tenho servido minha senhora pela maioria dos meus novecentos anos nesta terra, — disse Xi depois que outro membro de seu esquadrão amarrou os tornozelos dela juntos. — Você não sabe nada sobre ela. Sua tarefa é registrar, não julgar.

Andromeda inclinou a cabeça, porque nisto ele estava certo. — Mas, — ela acrescentou, — Alguns pequenos julgamentos são requeridos quando registramos as histórias. Muitas vezes temos que procurar a verdade em meio a alegações grandiosas, mentiras deslavadas, e tudo entre isso.

Isso, Jessamy lhe ensinara, era o porquê tantas vezes eles faziam relatos sobre as conflitantes histórias oficiais. Os relatórios de Xi e de Illium estavam anexados nas relacionadas à batalha em Nova York, juntamente com uma visão geral escrita por Jessamy após ela ler, assistir e ouvir a todos os registros da batalha. — Se nós registrássemos cegamente, seríamos pouco melhores do que máquinas.

— Como não fiz nenhuma reivindicação falsa nos meus relatórios, — Xi respondeu, — você não tem nada para me dizer sobre esse ponto. — Os dedos dele agarraram o seu queixo sem aviso, o agarre firme, mas não doloroso. — Eu vou te dar um conselho, historiadora.

Capaz de sentir o poder dele batendo contra ela, embora fosse mais suave do que anteriormente sentira perto de Xi – prova da declaração contida no relatório

de Illium que Lijuan se alimentara do poder de seus generais – Andromeda ficou imóvel.

— Faça o que te disserem, — disse Xi em seu tom gélido e refinado, — E você não será machucada. — Ele soltou o queixo dela. — Ao contrário de seu avô, minha senhora tem um fraco por eruditos.

— Eu aprecio o conselho. — Não era uma mentira. A declaração de Xi disse-lhe como poderia jogar isto até que a oportunidade se apresentasse para escapar, porque ela não tinha a mesma fé que Xi em Lijuan. Anjos gravemente feridos eram como qualquer outra criatura ferida em sua dor e frustração. Eles poderiam atacar sem aviso.

O fato de que Lijuan estivera instável antes de seus ferimentos apenas tornava a situação ainda mais volátil. Adicionando o fato de ser um Arcanjo... não, Andromeda nunca sobreviveria a um confronto se ela enfurecesse Lijuan. Não importava o que visse, ouvisse ou experimentasse, ela precisava agir como a historiadora dócil que estava longe de ser a sua personalidade.

Xi latiu uma ordem naquele instante e Andromeda viu-se levantada sem a menor cerimônia em um estilingue formado da rede. Eles deram-lhe a cortesia de permitir que se deitasse de lado neste momento, garantindo que suas asas não fossem esmagadas, mas a rede arranhava sua carne de qualquer forma. Conforme o vento salgado assobiava passando por ela na decolagem, ela se viu pensando na criatura selvagem com quem lutou sob a luz de lampiões.

Ela nunca lutou com alguém que se movia como Naasir. Ela queria fazê-lo novamente, queria ver os olhos dele piscarem na escuridão e aquele lento e perigoso sorriso coroadando seu rosto enquanto tinha visível prazer na dança. Havia algo fascinante no vampiro que não era um vampiro... fascinante e perigoso.

Andromeda queria fugir, por muitas razões, mas a maior entre elas era a compulsão a conduzindo para dançar com ele novamente, para voar tão perto da chama que, pela primeira vez em sua existência, fez com que ela questionasse o rígido controle e a disciplina sensual que a definia.

Um voto de celibato era fácil de manter quando não havia tentação.

08

Elena estremeceu enquanto continuava a manter-se flutuando acima do telhado da Torre, sua mente pairando sobre sua conversa anterior com um Raphael friamente furioso.

— Se Lijuan conseguir rastrear e matar Alexander, vai fraturar a comunidade angélica em seu âmago. Em todos os nossos milênios de existência, tal crime nunca foi cometido.

Elena não precisava que seu Arcanjo dissesse a ela que a fratura levaria ao caos e guerra total. Alguns seguiriam os passos distorcidos de Lijuan, enquanto outros lutariam contra isso. Centenas de milhares – de *milhões* – de mortais e imortais morreriam, o mundo para sempre marcado.

— Estúpida Cascade, — ela murmurou com ar raivoso, suor colando a camiseta em sua pele.

— Você disse algo, Ellie? — Aodhan perguntou do lado dela, seu cabelo como névoa pálida e brilhante diamante reluzindo como pedras preciosas lapidadas na luz solar da tarde, e seus extraordinários olhos azuis e verdes como cacos quebrados na pupila em chamas.

Próximo a ele, o cabelo quase branco de Elena não era nem um pouco fora do comum.

— Xingando a Cascade, — ela soltou, seus músculos se esticando. — Merda, eu acho que estou no meu limite. — Ela pousou na varanda mais próxima. — Como eu fui? — Perguntou quando Aodhan pousou ao lado dela.

As penas dele captavam a luz, emitindo faíscas brilhantes em todas as direções.

— Dois minutos a mais do que em nosso último teste. — Aodhan, seu corpo totalmente curado dos ferimentos graves da batalha, empurrou as mangas de sua camisa. — Você passou.

— Eu me sinto como no meu primeiro dia na Academia da Associação. — Esticando seus músculos rígidos, ela sentou na borda da varanda. — Preciso ficar mais forte. — Guerra fervia no horizonte – se não neste ano, então em breve, e ela precisava estar forte o suficiente para lutar ao lado de Raphael.

Aodhan se sentou ao lado dela, suas asas cuidadosamente dobradas para garantir que não tocariam as dela.

— Há algumas coisas que você não pode controlar. Como uma criança que cresce para sua força adulta, você tem que crescer em sua imortalidade.

Elena sabia disso. Isso a enfurecia. Pegando uma lâmina de arremesso que ela afiara em uma borda mortal, ela a jogou através de seus dedos em um esforço para canalizar a sua frustração, e olhou para a cidade que já não tinha nenhuma cicatriz da batalha. Foi um trabalho brutalmente duro para conseguir isso, mas como o centro do território de Raphael, Nova York precisava mostrar uma cara destemida para o mundo.

— Estou preocupada com Naasir. — Sozinho, ele era um fantasma que ninguém poderia pegar, mas se tudo corresse bem, ele não estaria sozinho em seu caminho. Ele estaria pastoreando uma historiadora. Não importava se a historiadora tinha treinamento de guerreiro - ninguém, e Elena incluía a si mesma nesse número, podia mover-se tão furtivamente como o talvez-vampiro de olhos

prateados que se recusava a dizer a ela as suas origens, e que cavou seu caminho para o coração dela.

— Aprendi a nunca subestimá-lo. — Aodhan se inclinou para frente, seus braços apoiados sobre suas coxas e seu olhar sobre as águas do East River, o Hudson não visível da posição atual deles. — Você já percebeu as mudanças em Illium?

— Difícil perder. — O poder do anjo de asas azuis aumentara nos meses após a batalha, até que ardia no dourado de seus olhos e pulsava em sua pele.

Ele ainda brincava com Aodhan tão perversamente quanto antes, insistindo em chamá-lo de Faísca, ainda fazia Elena rir com seu flerte aberto e impenitente, mas também caminhava para longe deles e machucava. Ela não podia suportar a ideia de uma Nova York sem Illium, porque enquanto ela respeitava todos os Sete, seu relacionamento com Illium era diferente.

Ele foi o primeiro que ela realmente viera a conhecer; seu humor e sagacidade crítica a ajudando a se ajustar a essa nova vida. Mesmo entre os Sete, ele parecia ter um lugar especial: ninguém jamais ficava com raiva de Bluebell. A ideia de que o poder pudesse mudá-lo, esfriar aquele coração alegre era ainda pior do que o pensamento de perdê-lo para isso.

— Ele é muito jovem. — A voz de Aodhan estava tranquila, a mão esquerda em punho na coxa. — Como você não pode fazer certas coisas, ele não é fisicamente velho o suficiente para controlar tanto poder.

Com seu estômago dando um nó, Elena virou para olhar para o perfil impecável de Aodhan, sua pele nem branca nem creme, mas alguma outra coisa, como alabastro beijado pelo sol.

— A Cascade?

Um assentir.

— O sire acredita que está acelerando o desenvolvimento natural de Illium – só que o corpo dele não está preparado.

Ela agarrou as bordas da varanda com tanta força que seus ossos ficaram brancos contra a escura pele dourada que herdara de sua avó marroquina.

— Existe alguma coisa que podemos fazer?

Aodhan balançou a cabeça, o movimento espalhando sombras de luz em uma chuva brilhante e inesperada.

— Ninguém pode parar o crescimento de um anjo.

Gelo rachando seu coração, Elena foi direto para os braços de Raphael quando ele voltou para casa de uma plataforma no mar.

— Por que você não me contou sobre Illium?

— Porque ele é o seu favorito e você se preocuparia quando não há nada a ser feito. — Asas de ouro branco lambiam com a chama fria que aparecia e desaparecia sem aviso, a envolvendo. — O desenvolvimento de seu Bluebell não pode ser interrompido.

— Ele poderia se tornar um Arcanjo?

— Um dia, num futuro distante, sim. Se ele ascendesse agora... ele não está pronto. — Raphael a segurou firmemente, a voz tensa com um duro fio de emoção aparente enquanto dizia, — O corpo de Illium se quebrará com a sobrecarga de energia e ele não é velho o suficiente para sobreviver a tal aniquilação total.

Elena queria espremer os olhos fechados e limpar a imagem horrível. E se ela se sentia assim, não podia imaginar a raiva sombria e a preocupação de seu Arcanjo. Ele conhecia Illium desde que esse era um menino, e a mãe de Illium, Sharine – conhecida entre o povo angélico como a colibri – ocupava um lugar especial em seu poderoso coração. Aquele coração sabia como amar, como ser leal.

— O que diabos está acontecendo, Raphael? — ela disse, o segurando tão firmemente quanto ele a segurava. — Um dos nossos amigos está indo direto para o coração do território daquela cadela louca, e outro está à beira de uma mudança catastrófica.

A voz de Raphael bateu na mente dela, o mar brilhante e o beijo frio disso intimamente familiar. *A Cascade não tem nenhuma lealdade e não escolhe lados. Ninguém está a salvo.*

09

Naasir cruzou a fronteira para o território de Lijuan pouco antes do amanhecer na manhã seguinte. Ele fizera isso muitas vezes. À época, sua tarefa era perceber as emoções daquela terra, discernir o humor de seu povo. Ele rondou nas sombras de aldeias e cidades e ouviu, e então, reportou.

Hoje, ele estava correndo contra o tempo através de uma paisagem pontuada com as cores brilhantes do outono. Se o esquadrão de Xi tivesse voado em linha reta do Refúgio para a cidadela, Andromeda já estaria nas garras de Lijuan por pelo menos doze horas.

Naasir não achava que ela sobreviveria muito mais tempo do que outras quarenta e oito horas, no máximo. Ela era uma guerreira e uma historiadora, mas não era sorrateira. Ok, talvez um pouco sorrateira, desde que ela o enganara com sua pele civilizada, mas não completamente sorrateira – Naasir não tinha certeza se ela seria capaz de enganar Lijuan tempo suficiente para que ele chegasse até ela.

Porque uma coisa ele sabia: Andromeda não trairia o que ela sabia sobre Alexander. Outros poderiam duvidar de sua fidelidade por causa de sua linhagem, mas ele vira a verdade nela quando a segurou presa a terra. A honra era uma parte

indelével dela, incorporada em sua verdadeira pele de um jeito que nada poderia apagar.

Tempestades de inverno e relâmpagos.

Ele mudou de direção ao sentir o cheiro no ar, correndo através das gramas altas sem se preocupar em abaixar o seu corpo. O sol ainda não tinha levantado, a luz obscurecida e cinza. Mesmo que fosse meio-dia, ninguém veria Naasir nas gramas quando ele não queria ser visto. Ele era uma sombra, uma miragem listrada. O anjo que esperava por ele sob os galhos extensos de uma grande árvore vestido com camadas de vermelho e dourado era outro tipo de sombra.

Asas pretas firmes nas costas e o corpo imóvel, Naasir não teria visto Jason se não tivesse pegado o cheiro dele. Ele aprovou. Para ele, o espião sempre fora um dos membros mais perigosos dos Sete. Não surpreendia Naasir que Jason o tivesse encontrado. Como Naasir podia rastrear pelo cheiro, Jason tinha seus próprios métodos.

— Você vai me ajudar a encontrar Andromeda? — Ele perguntou ao alcançar o anjo de asas negras, porque se Jason tinha outra tarefa, Naasir não poderia ajudar, não hoje.

Mas Jason assentiu, sua tatuagem à mostra pela maneira em que arrumara seu cabelo em uma trança em sua nuca. Naasir foi com Jason em um de seus passeios à casa do artista que fizera o trabalho, na ilha do Pacífico. Jason caminhou sozinho por um longo tempo, mas às vezes ele não parecia se importar com um curioso Naasir rondando.

Naasir sentia sobre a dor o mesmo que sentia sobre o frio: ele podia suportá-lo, mas não escolhia isso. No entanto, ele entendia a escolha de Jason em percorrer o cansativo processo que significava que a tatuagem iria "grudar" em sua pele imortal. A tatuagem era como as listras de Naasir – um reconhecimento da selvageria dentro de Jason.

Agora, Jason abriu suas asas como a meia-noite para esticá-las, em seguida as dobrou novamente, o movimento suave de uma onda de silenciosa escuridão. Ele era o único anjo que Naasir conhecia que poderia, quando quisesse, mover suas

asas sem nenhum som. Nenhum sussurro, nenhum ruído, nada além de puro silêncio.

— Já confirmei que a historiadora foi levada para a cidadela central de Lijuan.

Naasir reprimiu um som áspero e inumano ante as palavras de Jason. Ele não tinha nenhum argumento com a inteligência do espião mestre – Jason nunca estava errado sobre coisas como esta. Era a ideia de Andromeda calada com a feiura de Lijuan que fez suas garras emergirem, as lâminas curvadas brilhando mesmo à luz escura.

— Você pode tirá-la? — Ele perguntou, porque colocar Andromeda em segurança era a coisa mais importante, não quem faria isso, e a estrada no céu era mais rápida do que no chão.

Jason balançou a cabeça.

— Não sozinho. Além disso, o fato de que ela não me conhece poderia causar um atraso perigoso.

— Então nós entramos juntos e a tiramos de lá.

— Você precisará praticar sua paciência para isso, Naasir. — Jason fechou a curta distância entre eles. — Eu sei que você pode entrar, mas nós temos de entrar e sair com ela sem sermos vistos e sem alertar os guardas dela.

— Você é forte. Você pode matá-los. — Ele viu o fogo negro de Jason inflamar o céu. — Eu vou ajudá-lo. — Naasir poderia lutar com muitos homens de uma só vez.

— Nós não somos fortes o suficiente para derrotar o grande número de tropas estacionadas em torno da cidadela. — A voz de Jason era tranquila, mas dura, exigindo atenção. — Você deve usar a parte primitiva da sua natureza nisso. Você deve ser astuto, furtivo e invisível.

Naasir flexionou os dedos e pensou no que Jason disse.

— Posso matar alguns deles? — Eles levaram – e provavelmente assustaram, talvez machucaram – alguém sob seus cuidados; ele queria castigar.

— Só se isso não nos expor.

Forçando suas garras para dentro novamente, ele olhou para Jason.

— Tudo bem, — ele disse por fim, confiando no conselho de Jason porque Jason era de sua família e ficou com Naasir sempre que era necessário. — Eu posso entrar, mas se eu tiver que trazer Andromeda para fora sem as forças de Xi estarem cientes disto, você precisa me dizer o layout da cidadela.

Jason tirou um mapa do bolso e o desdobrou.

Pelos próximos dez minutos, Naasir conteve sua impaciência e ouviu e aprendeu. Ele era inteligente. Dmitri dissera a ele que, quando criança, quando se recusava a ir para a escola de Jessamy; o vampiro mais velho o encontrara sentado no topo de uma alta prateleira na biblioteca da fortaleza, de braços cruzados e cara fechada.

Ele fingia que era teimoso porque não queria ir, mas na verdade ele não sabia como ser como as outras crianças, como entender as palavras que viu Jessamy escrever no quadro quando escapava até lá para espreitar pelas janelas.

— *Você é inteligente, — Dmitri disse, se agachando na frente dele depois de ordenar que ele descesse. — Você é mais inteligente do que muitos adultos.*

— *Então, por que eu preciso estudar?*

— *Porque vai dar-lhe outra arma. — Os olhos escuros de Dmitri não se moveram dos dele, o fato de que ele era um predador muito mais perigoso era um calmante para Naasir. Ninguém poderia machucá-lo ou fazê-lo fazer coisas ruins enquanto estivesse em uma família com Raphael e Dmitri.*

— *Outra coisa, — Dmitri continuou, — outros serão capazes de fazer coisas pelas suas costas, ter segredos que você não pode desvendar.*

Naasir odiava a ideia de ser deixado de fora, de modo que ele foi para a escola. Era difícil para ele ficar parado por períodos muito longos, mas Jessamy

não o expulsou, mesmo quando ele escalava a parede para pendurar-se no teto. Ela sorriu em vez disso, continuou a ensinar e ele aprendeu suas palavras. Ele até aprendeu a somar. E em algum lugar ao longo do caminho, ele fez amigos que gostavam de fazer coisas selvagens e impertinentes com ele.

Uma mãe ficara tão irritada com um jogo que ele ensinara ao filho dela que marchou e exigiu que "o pirralho selvagem" fosse retirado da escola. Naasir ficou quieto naquele dia. Dmitri não estava lá para protegê-lo e o anjo que marchou para a escola era poderosa, muito mais poderosa que a suave e frágil Jessamy.

Ele estava pronto para agarrar a anjo poderosa se ela ousasse machucar sua professora gentil, mas para sua surpresa, ele viu Jessamy enfrentar a outra mulher sem levantar a voz uma única vez. Foi quando entendeu duas coisas fascinantes:

Primeira – Jessamy não apenas o tolerava, ela estava disposta a lutar por ele; ela *gostava* dele.

Segunda – às vezes, você pode ganhar uma luta sem garras.

Hoje, foi a última lição que ele manteve na linha de frente em sua mente.

— E se Andromeda estiver presa em um desses lugares? — Ele apontou para o que Jason disse ser a sala central do trono, bem como para várias outras áreas públicas.

— Você espera. — Jason guardou o mapa após confirmar que Naasir o memorizara. — Mesmo se ela estiver sendo ferida, mesmo se estiver gritando e implorando, você *espera*.

As garras de Naasir queriam se soltar novamente.

— Você esperaria se sua princesa estivesse sendo ferida? — Naasir ainda não conhecia a companheira de Jason bem, mas dançara com ela durante um jantar na casa de Elena e Raphael. Ela era jovem, doce, e nem um pouco perigosa. Porque ele respeitava Jason, Naasir foi muito cuidadoso para não assustá-la.

A expressão de Jason era ilegível, mas Naasir o conhecia há séculos e sentiu a tempestade crepitando no ar.

— Se eu soubesse que me apressar para entrar seria igual a mais tortura para ela, sim, — Jason disse, por fim. — Se você entrar, você morrerá ou será feito refém. Lijuan vai usá-lo para fazê-la falar, ou para se vingar de Raphael. De qualquer maneira, você será inútil para Andromeda. Então você espera. *Mesmo que ela sangre.*

Naasir flexionou as mãos, um grunhido subindo em seu peito.

— Eu quero te ferir agora.

— Você sabe que eu falo a verdade.

Ele obrigou-se a acenar com a cabeça.

— Eu vou esperar. — Porque Jason era inteligente, também. Muito, muito inteligente. Ele esteve dentro e fora da cidadela de Lijuan sem a Arcanjo nunca saber. — Onde você estará?

— Eu entrarei com você e farei o que for necessário para desviar a atenção de sua rota de fuga. Você tem um telefone? — Ante o assentir de Naasir, ele disse, — Me mande uma mensagem após descobrir a localização dela para que eu possa causar uma distração longe dali. E diga a Andromeda para não voar uma vez que vocês estiverem fora – o céu é muito fortemente guardado.

— Não o deixarei sozinho lá dentro. — Naasir não deixava sua família para trás.

— Eu estarei atrás de você, — Jason assegurou. — Se não puder enviar-me uma mensagem para informar a sua localização, basta continuar indo. Eu te encontrarei.

— Não demore muito ou eu voltarei por você.

Jason segurou seus olhos e então fez algo que não fazia havia muito tempo. Ele estendeu a mão para tocar Naasir, fechando a mão sobre o ombro de Naasir em um aperto firme.

— Eu sei, — ele disse. — Agora, vamos caçar.

Naasir mostrou os dentes novamente e virou para continuar a sua corrida pela grama enquanto Jason se preparava para decolar. Possivelmente, ele pensou, considerando o toque de Jason, havia mais benefícios no acasalamento do que percebera. Mesmo com uma companheira suave e frágil, Jason estava feliz agora. Jason não havia sido feliz por centenas de anos. Ele era escuro em seu interior.

Naasir não era escuro por dentro... mas ele era sozinho. O único de sua espécie em todo o mundo. Ele tinha amigos, uma família, mas não tinha ninguém que fosse como ele. Acasalamento não mudaria isso, mas lhe daria uma pessoa que pertenceria a ele, tanto quanto ele pertenceria a ela. E talvez um dia, eles teriam um filhote e haveria outro como ele no mundo.

Ele sorriu com o pensamento de um filhote desobediente pendurado de cabeça para baixo em um ramo de árvore. Ninguém sabia se ele poderia reproduzir, mas Keir dissera que não havia razão para que ele não pudesse ser capaz disso; ele não era como os vampiros Feitos que eram férteis por apenas cerca de dois séculos depois de serem Feitos. Ele nasceu, bem como foi Feito... e ele praticamente *não* era um vampiro.

O que até mesmo Keir não poderia dizer era se ele era biologicamente compatível com uma fêmea, mortal ou imortal, vampira ou anjo. Ele nunca tentara procriar um filhote com ninguém – ele sabia quando estava no cio, podia sentir, e nunca tinha amantes durante esse tempo.

Não queria que seu filhote tivesse uma mãe que pensasse que ele – ou ela – era um selvagem. Ele queria alguém em quem confiasse para amar o filho deles. E não tinha idade suficiente para ser um pai. Agora, ele tinha, e encontrara um anjo que usava sua própria pele de segredo, mas que mostrara seu verdadeiro eu para ele.

Ele queria brincar mais com ela, descobrir se ela poderia ser sua companheira. Para fazer isso, ele precisava resgatá-la do inferno primeiro.



Andromeda realmente caiu no sono durante a última parte da viagem a cidadela de Lijuan. Não foi por acaso. Dahariel lhe ensinara essa habilidade a mais de cem anos de treinamento. Um guerreiro que pudesse dormir onde ele ou ela tivesse a chance, era um guerreiro que duraria mais tempo nos campos de batalha – ou nas mãos dos inimigos. Embora como um anjo de quase quatrocentos não precisasse dormir todas as noites, ela não poderia durar dias ou mesmo semanas sem dormir.

O sono é uma arma. As feições aquilinas de Dahariel em sua visão. Ele rejuvenesce e cura. Use-o como qualquer outra arma à sua disposição.

Ela nunca apreciara o valor da sua formação e aconselhamento mais do que fez hoje.

Suas horas de sono significava que ela estava alerta quando chegaram à cidadela pouco antes do nascer do sol. Ordenando que suas amarras fossem cortadas assim que desembarcaram, Xi lhe permitiu tirar a venda.

— Tem alguma dor ou desconforto?

Ela não ficou surpresa com a civilidade da sua pergunta. Xi era um general até os ossos. Isso não queria dizer que ele não a executaria ou a torturaria se fosse necessário, mas até então, ele a trataria com cortesia impecável.

— Um pouco dura, — disse ela, estendendo as asas e se encolhendo mais do que o estritamente necessário. — Eu posso ser permitida fazer um voo baixo para aliviar meus músculos? — Isso lhe daria uma ideia da paisagem, pelo menos.

Infelizmente, Xi era inteligente demais para permitir tal deslizamento depois de mantê-la com os olhos vendados por tanto tempo.

— Não, — disse ele. — Mas você pode espalhar suas asas neste pátio antes de entrar.

Andromeda tomou seu tempo. Ela estava rígida e precisava mover-se suavemente se fosse aproveitar uma oportunidade de fuga, quando surgisse. Passando por alguns exercícios básicos ensinados para a maioria dos anjos na infância, ela não fez nada para trair a sua formação sob Dahariel ou o fato de que mantivera sua habilidade de treino com Dahariel e Galen atrás de muros que protegiam seu segredo.

Ambos os anjos concordaram com a sua escolha de manter uma habilidade escondida em seu arsenal. Galen ajudou porque ela era um dos aprendizes de Jessamy, mas os motivos de Dahariel eram... complicados. Andromeda não gostava de pensar muito nesses motivos, mas a sua formação significava que ela tinha algum tipo de chance neste ambiente hostil.

Você tem segredos.

A voz profunda de Naasir ecoou em sua cabeça e ela se perguntou o que ele fez após descobrir que ela havia desaparecido. Ele teria se juntado as buscas, mas mesmo um vampiro de olhos prateados que não era um vampiro não poderia se infiltrar nesta cidadela. Até onde ela estava consciente, ninguém além do povo de Lijuan sequer sabia sua localização exata.

Se fosse sobreviver a isto e escapar, ela precisa confiar em si mesma. Ironicamente, sua linhagem poderia influenciar Lijuan o suficiente para manter Andromeda viva, mas Andromeda não era hipócrita. Ela não tentaria usar o nome da família que ela escolheu renunciar e ser independente, dada a forma como foi raptada, Lijuan não estava preocupada com ofender Charisemnon.

— Obrigada, — ela disse a Xi depois de completar a rotina de alongamento.

Ela tivera a oportunidade de observar os guardas armados no topo das altas torres, bem como os esquadrões sobrevoando. Por alguma razão, e apesar de ter testemunhado a beleza e elegância majestosa da Cidade Proibida antes de sua destruição, ela esperava que a cidadela de Lijuan fosse uma monstruosidade cheia de desespero – em vez disso, era formada a partir de uma brilhante pedra cinza escuro que o nascente sol iluminava em uma incandescente vida.

Flores em tons sutis floresciam em grandes jardins situados ao redor do pátio, e ela podia ver não só os soldados de ambos os sexos que ali se deslocavam, mas também donzelas vestidas em cheongsams³ delicadas de seda e vestidos etéreos. Havia cortesãos muito masculinos, também, usando sedas bordadas e túnicas modernas.

A água brilhava através de uma passagem para fora do pátio, junto com flashes de verde. Uma lagoa, Andromeda concluiu. Talvez um jardim criado em torno dessa fonte de água. Devia ser o verdadeiro pátio onde Lijuan poderia caminhar entre seus cortesãos. Este era o mais prático, e foi até mesmo pavimentado com pedras que brilhavam com manchas de minerais brilhantes.

As partes do telhado que ela conseguiu ver daqui tinham dragões sinuosos ao longo das bordas enquanto pontes de pedra meticulosamente esculpidas ligavam uma seção da cidadela a outra. Essas pontes dotadas no edifício seguramente se estendiam uma aparência de fragilidade. Impressionante, uma vez que foi talhada em pedra e poderia, provavelmente, aguentar um cerco em longo prazo.

— É lindo, — ela murmurou. — Eu esperava uma estrutura mais militar.

— Esta é a casa da Nossa Senhora, — disse Xi, um toque de censura em seu tom, sua postura militar. — Ela sempre amou e alimentou artistas, embora nunca tenha ostentado isso como Michaela. Esta fortaleza foi projetada por um arquiteto talentoso há muito tempo.

— Ah. — Ela correu os dedos sobre a pedra, seus ossos doloridos do sentido da história incorporado na suavidade sedosa sob seu toque. Como se tantas mãos tivessem tocado esta pedra ao longo de tantos milênios, que desgastaram a sua essência mais pura. — Suyin? — Perguntou ela com admiração.

Uma pequena inclinação da cabeça de Xi.

— Ela nasceu da irmã da Senhora Lijuan.

3 Cheongsam é o vestido tradicional para as mulheres chinesas.

Andromeda sentiu seu coração suspirar. Por ser autorizada a ver e tocar uma das obras-primas perdidas de Suyin... isso quase fez esquecer suas circunstâncias. Esticando o pescoço, ela desejou poder ver a cidadela por cima, não para escapar desta vez, mas porque o seu coração de historiadora estava excitado com a ideia de explorar o que pode muito bem ser a maior estrutura que Suyin já projetou.

Xi deu-lhe tempo para admirar as peças que ela pudesse vislumbrar antes de acenar para ela andar com ele para a cidadela.

— O mundo perdeu uma grande artista com a morte de Suyin, — disse Andromeda, as mãos coçando por um bloco de notas e um lápis.

— Sim.

Mesmo enquanto continuava a glória na graça e esplendor que gritava o toque de Suyin – como incorporado no palácio que a arquiteta havia projetado para Alexander – ela recordava as circunstâncias tristes e misteriosas da morte da outra mulher.

— Desde que o corpo de Suyin nunca foi encontrado, eu sempre esperei que talvez sua nota de suicídio fosse um subterfúgio destinado a permitir que ela durma em seus próprios termos.

As asas de Xi roçaram as dela em um canto apertado.

— Minhas desculpas, — disse ele, imediatamente colocando uma polegada entre eles. — Eu não estava vivo no momento que Suyin criou esta cidadela, mas minha senhora pode ter novas perspectivas. Vamos vê-la agora.

O sangue de Andromeda gelou, maravilha apagada pelo gélido medo.

10

Engolindo para molhar a garganta seca, ela disse:

— É possível que eu me refresque antes de conhecer a Arcanjo? Ela não é conhecida por sua bondade para quem a ofende. — Uma verdade inegável. — Eu preferiria ir no meu melhor.

— Uma escolha sábia e inteligente. — Os olhos quase pretos de Xi deslizaram em sua forma empoeirada, mas não havia nada depreciativo no olhar.

Não, era mais como fazer um balanço geral de um de seus homens.

— Você tem quinze minutos, — disse ele. — Falarei com a minha senhora no ínterim e direi que lhe dei tempo para se recuperar. — Ele deu um pequeno e curto aceno, e um robusto vampiro chinês saiu da toca para se curvar profundamente em direção a ele.

O coração de Andromeda bateu com força contra sua caixa torácica. Ela não viu o vampiro vestido de preto, não tinha sequer suspeitado que ele estava pairando. Ela teria que ser muito mais alerta se pretendia fugir daqui. Seguindo o vampiro pelo corredor, depois outro e outro e outro, ela percebeu que ele deliberadamente a levava em um caminho tortuoso e confuso, ou esta cidadela era

um labirinto. Não importava, a mente da historiadora era a sua maior arma e Andromeda há muito tempo aprendera maneiras de memorizar e recuperar informações.

Se aproximando de um quarto, o vampiro acenou.

— Eu esperarei por você, convidada de honra, — disse ele em um dos principais dialetos falados no território de Lijuan, em seguida, começou quase imediatamente a repetir as palavras em francês.

Andromeda levantou uma mão.

— Eu entendo. — Como a maioria dos anjos, mesmo o mais jovem, ela falava várias línguas. No entanto, como uma historiadora que queria trabalhar ao lado de Jessamy, esperava-se que ela aprendesse cada um que possa ser usado por ambos, mortal e imortal, incluindo os idiomas que caíram lentamente em desuso.

Pois como pode um historiador manter um registro verdadeiro se não ouvisse e entendesse todas as vozes, mesmo as mais silenciosas?

Foram as palavras de Jessamy no dia em que explicou a importância dos estudos da linguagem a uma jovem Andromeda, a qual era uma novata, mas que queria desesperadamente aprender. A atual taxa de retenção de Andromeda era de cinquenta e oito por cento e incluiu todos os principais idiomas do mundo, bem como cerca de um terço dos menores.

Também permanecem em sua lista os subdialetos, bem como certas línguas faladas apenas em bolsões isolados do mundo, e as línguas "mortas". É claro que essa percentagem nunca atingiria cem, linguagem era um organismo vivo que mudava de dia para dia, ano após ano, século a século.

Até mesmo Jessamy se considerava apenas noventa e oito por cento proficiente em um determinado momento.

— Eu não demorarei muito, — disse ela ao vampiro e fechou a porta atrás de si.

O quarto que foi lhe dado era elegantemente decorado em cinza escuro com toques de safira, e para sua surpresa, tinha uma janela grande o suficiente para permitir que um anjo voasse para fora. Quando abriu a trava, a janela balançou para fora, deixando o ar fresco de fora se instalar como um bálsamo em sua pele tensa.

Diante dela estavam campos cheios de flores silvestres que pareciam não se intimidarem com a ausência do verão, além de árvores resplandecentes com folhas que brilhavam a luz suave da manhã. Enquanto Andromeda não tinha ideia de sua localização exata, o fato da paisagem montanhosa aparecer, quando adicionado ao frio perceptível no ar do amanhecer, sugerira que esta parte do território de Lijuan teria neve branca no inverno.

Seria muito mais difícil escapar na neve, gelo ou chuva torrencial.

As flores acenavam para ela dar um passo, voar livre.

A janela estava bem conveniente.

Era como se Xi *quisesse* que ela voasse para fora.

Inclinando-se para fora com as mãos segurando firmemente o parapeito da janela, ela deu um longo suspiro, se esforçando para fazer parecer que estava simplesmente apreciando a vista. Enquanto fazia, ela olhou tudo ao seu redor. Ainda assim, ela não teria percebido isso se não tivesse sido treinada por Dahariel, e depois, por Jessamy.

Dahariel ensinara como avaliar uma situação de ameaça.

A historiadora ensinara não só olhar, mas ver.

Andromeda viu que os campos poderiam estar vazios, mas o mesmo não poderia ser dito para o céu. Não era que ela visse nenhuma asa ou capturou o brilho de uma espada amarrada sobre um corpo alto. Não, o que ela viu foi uma única pena flutuar para baixo, para a terra sobre a grama não muito longe de sua janela. Essa pena era pequena, poderia ter sido de uma ave, exceto que era um amarelo pálido com listras azul.

Uma coloração muito distintiva e idêntica ao de Philomena, um dos generais de Lijuan.

Só um tolo poderia esperar superar Philomena e seu esquadrão em seu próprio terreno.

Afastando-se da janela, Andromeda foi até a cama para ver uma muda de roupa esperando por ela. Se tivesse pensado nisso antes, ela poderia ter esperado por peças de vestuário que seriam delicadas – e totalmente impraticáveis para fins de fuga – roupas de cortesão, mas a roupa era formada de túnica e calças, de um estilo que ela poderia ter escolhido. O design da túnica ecoava o de um cheongsam, o tecido exuberante de seda azul meia-noite com pequenas flores brancas impressas a mão. As calças eram soltas e brancas e presas nos tornozelos.

Ambos encantadores, e claramente sob medida para o seu corpo.

A roupa íntima colocada ao lado dele em um discreto saco de pano ainda estava em sua embalagem... e também do tamanho correto. Isso a fez querer saber exatamente quanto tempo as pessoas Xi estiveram a observando das sombras, aguardando a oportunidade de agarrá-la.

Sentindo-se dolorosamente vulnerável, ela se banhou rapidamente antes de entrar nas novas peças de vestuário. Um pouco de esperteza e algum uso criativo de tiras de tecido arrancadas de seu vestido sujo e já danificado e ela conseguiu esconder suas lâminas ao longo de ambos os lados de seus quadris, sob o cós das calças. Ela teve o cuidado de primeiro rasgar o vestido nos buracos criados pela rede quando foi sequestrada, então não havia nenhuma razão para levantar suspeitas.

Quanto a estas roupas, as calças eram leves o suficiente para não dificultar-lhe caso precisasse correr, embora ela teria preferido uma cor diferente do branco; sua melhor chance de escapar seria à noite, quando ninguém esperaria que uma historiadora se aventurasse no desconhecido.

Isso, no entanto, era um problema para mais tarde.

Por enquanto, ela precisava sobreviver a Lijuan.

Tendo lavado os cabelos, ela os domou em um nó arrumado em sua nuca enquanto ainda estava molhado e controlável, então deslizou os pés nos chinelos de seda branca antes de abrir a porta.

— Obrigada por esperar.

O vampiro se inclinou novamente e virou para levá-la para frente. Os corredores através dos quais eles caminharam estavam claros e, graças a uma infinidade de janelas, cheios de luz solar da manhã. Arte cobriam as paredes: desenhos a lápis e pinturas detalhadas de partes do território do Lijuan misturados com pequenas, mas intrincadas tapeçarias. Flores perfumadas e encantadoras em grandes vasos de porcelana quase tão alto quanto Andromeda.

— Oh. — Ela não se conteve quando viu um vaso particular. Tocando os dedos na obra-prima feita por um anjo perdido há muito tempo, ela sentiu o coração chorar. Lijuan viveu tanto tempo, viu tanta beleza, foi o patrono disso... como se tornou esse pesadelo retorcido?

— Convidada de honra.

Engolindo o repentino nó na garganta, Andromeda voltou a seguir sua escolta.

A atmosfera cheia de luz e graciosidade da cidadela começou a mudar em passos lentos quanto mais se aproximavam do centro. Escuridão lambia as bordas como um animal que rasteja, criando poças de sombra que as lâmpadas fixadas nas paredes pareciam incapazes de penetrar. Não havia mais nenhuma luz natural. E as flores... elas eram erradas.

O instinto lhe dizia que elas vinham do estoque idêntico às flores que viu antes, mas um poder escuro entortara estas flores depois de terem sido colhidas, a mesma energia maléfica que fez os cabelos subir nos braços de Andromeda e na sua nuca e provocou náusea em seu intestino.

Preparando seu estômago, ela tomou cuidado para que nenhuma parte sua tocasse as sombras... pelo menos até que elas ficaram tão espessas que nem mesmo uma criança poderia ter as evitado. Frio sussurrou sobre as suas penas e

sua pele onde as sombras encostavam, e era um frio que a fez pensar que não era do inverno, mas da sepultura e dos mortos, das coisas em decomposição.

Tentou dizer a si mesma que era apenas sua imaginação, mas os cortesãos mudos com quem cruzara nos corredores, seus rostos tensos e medo deslizando em seus olhos enquanto caminhavam rapidamente na direção oposta, argumentou o contrário.

— Estamos aqui, convidada de honra. — Seu acompanhante parou em frente a um conjunto de grandes portas que foram abertos para o exterior. Dois vampiros estavam de guarda, ambos vestidos de uniformes cinza escuro de combate embelezado com uma única faixa vermelha pelo lado esquerdo.

As mesmas cores como aquelas nas asas de Xi.

Como Lijuan usara essas cores desde a sua ascensão, isso fez Andromeda se perguntar se o Arcanjo dera ao jovem Xi alguma atenção especial por causa de sua coloração patriótica. Tinha o futuro de Xi sido escrito no instante em que suas asas se estabeleceram em sua coloração final?

Se sobrevivesse a esta reunião, talvez ela perguntasse a Xi.

Na frente dela, os guardas não fizeram mais do que parecer respirar. Um deles era um loiro de queixo quadrado e olhos azuis, o outro de olhos escuros e cabelos negros, as feições angulares, mas claramente temperados no mesmo cadinho implacável, seus olhos sem piedade.

Passando pelos dois e a deixando guiar, Andromeda encontrou-se em um espaço cavernoso que continha apenas uma única peça de mobiliário. Era um trono esculpido em jade, os tons de dentro abrangendo o espectro de branco cremoso a um verde tão escuro que era quase preto. Situado no topo de um estrado alcançado através de cinco passos largos, isso salientado pela suave luz dourada das lâmpadas fixadas atrás dele. A iluminação suave trouxe calor no jade fazendo as esculturas brilharem.

Atraída para o que era certamente um tesouro sem preço, ela olhou ao redor, mas não viu ninguém. Ela não podia resistir. Subindo os degraus, ela não

tocou, mas inclinou-se para examinar de perto as esculturas. Estranho, assombroso e perturbador em medidas iguais, eles fizeram seus dedos coçarem mais uma vez por um lápis e um papel para que pudesse registrar o que via.

— Espantoso, não é?

A voz espectral foi preenchida com milhares de ecos, com gritos intermináveis. Como se por trás daquela voz se levantasse inúmeras almas presas. Andromeda se moveu nos calcanhares para olhar ao redor, mas o disco metálico na parede oposta refletia apenas a sua própria imagem de volta para ela.

Isso não significava nada. Não quando se tratava do Arcanjo da China.

Músculos abdominais tensos, ela desceu os degraus e, tomou a decisão de encarar o trono, juntou as mãos na frente dela.

— Sim, minha senhora, — disse ela. — Peço desculpas se me excedi.

— É um crédito para uma historiadora ser curiosa. — Uma onda gelada do ar e, em seguida, Zhou Lijuan apareceu no trono em um sussurro de luz e sombra que a mente de Andromeda lutou para compreender.

As asas de Lijuan sempre foram de um cinza glorioso, belo e elegante. A cor tinha se adequado a sua idade e seu poder. Essas asas espalhadas atrás dela, tão elegante e tão impecável como sempre, e por um instante, Andromeda pensou que Lijuan estava de volta ao que ela era antes da batalha com Raphael.

Então ela viu os olhos nadando em sangue... e viu ausência.

Não havia nenhuma evidência das pernas sob o vestido de seda vermelha que fluía dos ombros dolorosamente finos de Lijuan. Não havia indicação de ossos empurrando contra a saia, nada, exceto vazio. Sua manga esquerda pendurada igualmente ao seu lado.

O estômago de Andromeda torceu.

Se as pernas e o braço de Lijuan, e possivelmente outras partes dela que Andromeda não podia ver, ainda não cresceram novamente, então Raphael havia feito um tipo de dano que ninguém poderia ter previsto quando se tratava de um

confronto entre um Arcanjo que ainda não atingira o seu segundo milênio, e uma quase Antiga. Significava também que Lijuan era muito mais perigosa do que até mesmo Andromeda previra.

Uma mulher que se acreditava uma deusa, não apreciaria o diário, e extremamente doloroso, lembrete da fraqueza.

Pelo menos, exceto pelos seus olhos e sua magreza, o rosto do Arcanjo parecia como sempre foi. As mesmas afiadas maçãs do rosto, os mesmos olhos perolizados, o mesmo cabelo branco-gelo. Sua pele parecia frágil, mas que...

Andromeda sufocou um grito.

O rosto de Lijuan se transformou em um crânio, seus olhos como buracos negros cheios de vermes que se mexiam. Durou uma fração de segundo antes de seu rosto estar normal novamente, mas Andromeda nunca iria esquecer o horror. A têmpera direita de Raphael tinha agora uma marca dinâmica e antiga em um selvagem azul iluminado com fogo branco, enquanto os mais novos relatórios do território de Titus disse que estava desenvolvendo uma impressionante marcação, tipo tatuagem, de um profundo dourado em todo o seu largo peito cor de mogno, mas nenhum dos Arcanjos desenvolveu algo tão macabro.

Claro, ninguém viu Charisemnon em meses. E Michaela... ela esteve ausente da vista do público, o que era altamente incomum para uma mulher conhecida por seu amor a câmera. Andromeda poderia ter perguntado a Dahariel, o qual tinha fama de ser amante de Michaela, mas a relação de Andromeda e Dahariel era uma pequena coisa bem definida. Ele ensinou-lhe a lutar e se pedisse, ele falava com ela sobre política angélica e como entender a complexidade do mesmo.

Isso era tudo. E era tudo que sempre seria.

O rosto de Lijuan mudou novamente, e desta vez Andromeda não conseguiu conter seu suspiro. Se a primeira mudança foi horrível, isso foi muito além de beleza, do tipo de trazer lágrimas aos olhos e fazer o coração doer. O Arcanjo da China brilhava de dentro, a luz de seu poder um branco ofuscante que a fez brilhar com uma sensação feroz, primitiva da vida, que lembrou Andromeda de Naasir. As

feições de Lijuan pareciam mais suave, seus olhos brilhando, os cílios mais longos e mais grossos.

Era como se Andromeda visse um vislumbre do anjo que Lijuan foi uma vez.

Por isso, talvez... talvez o outro fosse o que ela acabaria por se tornar.



Naasir se alimentou em vez de descansar. Ele não matou, não prejudicou. Ele só caminhou para os arredores de uma pequena aldeia isolada e sorriu para uma jovem em seus campos; ela sorriu para ele, os lábios meio abertos. Quando ele andou até ela, ela não correu, e ele podia ouvir o pulso batendo, o cheiro dela mudando à medida que seu corpo se preparava para ele.

— Eu estou com fome.

Tremendo com suas palavras, ela inclinou seu pescoço e ele bebeu, uma das mãos segurando a cabeça quando sua respiração veio em suspiros e seu corpo ansioso bombeava mais e mais de seu rico e quente sangue em sua boca.

Ele foi gentil, não devorou ou tomou mais do que ela podia se dar ao luxo de dar, e quando ele acabou, teve certeza de que ela não teria nenhuma marca. Ele sempre tratou sua comida bem, consciente de que, sem comida, ele morreria.

— Obrigado.

Ela agarrou o pulso dele, estrelas em seus olhos.

— Você vai voltar?

— Não — Mentir para sua comida não era um bom tratamento, por isso ele não fez isso. — Não espere por mim.

Duas grossas lágrimas escorriam pelo seu rosto. Deixando-a olhando para ele com olhos molhados, desapareceu novamente na floresta, rejuvenescido pelo seu dom de sangue. Ele tivera inúmeras conversas semelhantes em sua vida. Quando era criança, ele se alimentara de Dmitri, Rafael ou Keir. Na época, ele não entendera a profundidade da honra que era dada a ele. Ele acabara de conhecer esses três homens que definitivamente não eram comida, e permitiram que ele se alimentasse deles, como resultado, ele estivera em seu melhor comportamento.

Todos os três também eram tão poderosos que ele só precisava de um gole uma vez a cada dois dias, no máximo. Teria durado mais tempo ainda se ele fosse capaz de se alimentar mais profundamente, mas ele era pequeno, apenas capaz de lidar com uma pequena amostra desse sangue potente. Dmitri era para quem ia na maioria das vezes. O vampiro mais velho o disciplinara mais do que ninguém, mas Naasir gostava disso, gostava de saber que Dmitri se importava o suficiente para ensinar-lhe coisas. Quando precisava se alimentar, ele encontrava Dmitri e Dmitri estendia seu pulso.

Nem uma única vez ele recusou isso, nem mesmo quando Naasir estava em apuros.

Quando os três homens se foram do Refúgio, ele estava destinado a se alimentar de Jessamy, mas em sua mente infantil, ele decidiu que ela era muito fraca e poupou seu sangue, e assim se obrigou a beber o sangue engarrafado que Dmitri abasteceu para ele em caso de emergência.

Tudo isso mudou quando se transformou em um menino maior, e então em quase um homem. Ele descobriu que as meninas gostavam dele. E não apenas meninas. As mulheres também. Vampiros, anjos, mortais; quando ele se esgueirava pelo mundo, as mulheres de todas as idades e raças eram atraídas para ele. Seus aromas derretiam quando ele se aproximava.

De repente, ele tinha mais comida do que jamais poderia consumir, ainda que se empanturrasse.

Não que ele não tivesse tentado.



Após primeiro descobrir sua súbita irresistibilidade às mulheres, Naasir aproveitou. Então, pensando em todas as lições que tivera de Jessamy, e o que aprendeu de honra ao assistir Dmitri, ele foi para Dmitri e confessou que possivelmente ele inadvertidamente compeliu mulheres atraentes para ele. Ele era único – ainda que não conhecesse suas próprias capacidades.

Dmitri levou suas preocupações a sério. Restringindo-o a sangue engarrafado, Dmitri saiu e falou com mais de cinquenta mulheres, todas que alimentaram Naasir desde que ele começou a encontrar seu próprio alimento. No final de sua investigação, ele veio para Naasir com um sorriso letalmente divertido no rosto.

— *Você não está compelindo ninguém, Naasir. As mulheres estão todas com o juízo perfeito e recordam com prazer o encontro com você. — Levantou uma sobrancelha. — Se não estivessem com tanto medo de mim, eu acho que teria sido bombardeado com convites para que você voltasse a qualquer momento que sentisse fome.*

A risada de Dmitri mantinha uma veia de crueldade sensual que atraía inúmeras mulheres ao homem que era o pai de Naasir em todos os aspectos que importam.

— *Parece que você tem o mesmo efeito que um gato selvagem em certas mulheres, elas o acham bonito e querem domá-lo. Ter uma criatura selvagem em suas gargantas as excita.*

Desde que Naasir não podia ser domesticado, ele não ficou irritado com os pensamentos das mulheres. A resposta delas a ele *foi* ocasionalmente irritante, no entanto, isso fazia a caça muito fácil. Não apenas isso, ficou claro que elas reagiram a ele em um nível puramente físico, nunca sabendo nada sobre quem ele era como pessoa.

Andromeda não gostou dele ou se derreteu para ele. Ela lutou com ele.

Ele sorriu.

Ele *faria* com que ela gostasse dele depois que a tirasse da cidadela de Lijuan. E quando se alimentasse dela, ele a alimentaria por sua vez, então ela saberia que não era apenas comida para ele. Ele se perguntou o que ela gostava de comer. Teria de descobrir para que pudesse cortejá-la corretamente e confirmar que ela era sua companheira. Ele nunca cortejou ninguém antes, mas viu outras pessoas fazendo. Sabia que era suposto levar presentes, fazer coisas que a faria sorrir.

Para conseguir isso, ele teria que descobrir pequenos segredos de Andromeda. Tendo observado outros ganhando e perdendo pelo cortejo, ele sabia que os melhores presentes combinavam com a pessoa. Talvez ele encontrasse uma faca para ela. Elena gostou da faca que Raphael lhe dera, e Andromeda era uma guerreira também. Mas ele tem que encontrar a faca certa. Ou talvez leve outra coisa.

Dmitri deu joias para Honor, as quais ele manteve durante séculos, como se parte dele soubesse que estava esperando por sua companheira reclamá-las. Os olhos de Honor suavizavam cada vez que tocava em seus dedos, tocava naquelas joias. Naasir não viu Andromeda usar joias, mas não a conhecia por muito tempo. Talvez ela gostasse de coisas brilhantes. Naasir gostava deles às vezes. Ele tinha uma grande fortuna, a qual juntou ao longo dos anos. Não havia roubado a maioria deles, ele parou de roubar coisas de pessoas que não gostava há quatrocentos anos, depois que ele cresceu.

Levou mais tempo do que outros imortais porque ele era diferente.

Um grunhido não soou longe dele. Ele rosnou de volta e teve um companheiro de corrida por mais de uma hora antes do outro corredor rugir um adeus rosnando e voltar para o território dele. Continuando a correr no mesmo ritmo implacável, Naasir olhou para o céu e tentou encontrar Jason. Ele não podia. O espião era muito bom.

Quando viu um pequeno caminhão estacionado à frente na extremidade mais distante de um campo, como se o proprietário tivesse entrado na aldeia ao longe, ele entrou no caminhão. Fazendo ligação direta, ele dirigiu o caminhão até esgotar o combustível, correndo outra vez até encontrar outro carro. Ele se movia tão rápido quanto podia, sem causar estresse ao seu corpo, mas o território de Lijuan era vasto. Ele levaria pelo menos mais um dia inteiro para chegar a Andromeda. Mais 24 a 36 horas, as quais ela estaria sozinha com Zhou Lijuan.

Rosnando, lembrou-se que a mulher que cheirava a sua companheira não era uma presa. Ela era inteligente. Tinha segredos. Ela sobreviveria.



O suspiro de Andromeda ainda estava pendurado no ar quando Lijuan sorriu.

— Ah, você viu minhas muitas faces? — Ela continuou falando, sem esperar por uma resposta. — Eu continuo a evoluir. Em breve, serei mais poderosa do que até mesmo as lendas e histórias de dormir do Refúgio.

Andromeda não teve dúvidas que Lijuan estava mudando, mas não tinha certeza se diria que era evolução.

— Senhora, — disse ela em vez disso, seu tom respeitoso. — De acordo com os relatórios arquivados após a batalha, você pereceu nos combates. — Ela precisava manter Lijuan falando. Isso lhe daria um precioso tempo a mais para pensar em uma maneira de sair desta situação.

— Não sou tão fácil de matar. — A voz de Lijuan ecoou com gritos novamente nas duas últimas palavras, como se as almas que engoliu estivessem lutando para sair. — Eu decidi por uma retirada estratégica, decidi permitir que Raphael vivesse.

Andromeda permitiu que Lijuan reconfigurasse a história. Discrição era melhor do que bravura neste instante, e poderia ser sua única chance de sobrevivência.

— Você voltará a participar do Cadre?

— O Cadre é uma construção fraca. — Lijuan sacudiu a mão como se afastando a ideia. — É hora de uma nova ordem mundial. — Inclinando-se para trás no trono, ela sorriu, o rosto continuamente desvanecendo-se dentro e fora de suas diferentes formas. Era bizarro e estranhamente atraente ao mesmo tempo. — Eu criarei um mundo melhor.

Durante a hora seguinte, Andromeda ouviu Lijuan falar do mundo que planejava construir. As palavras da Arcanjo eram desconexas e fragmentadas e, às vezes, elas desapareciam completamente, o corpo de Lijuan piscando dentro e fora da realidade ao mesmo tempo. No entanto, Andromeda sabia que seria um erro fatal subestimá-la. Zhou Lijuan tinha pelo menos nove mil anos de vida e de experiência sobre ela, provavelmente mais.

— Você escuta bem, historiadora.

Andromeda inclinou a cabeça.

— É minha tarefa ouvir e gravar.

Lijuan sorriu justo quando seu rosto mudou para um avatar de crânio. Isso tornou o sorriso em uma careta grotesca preenchido com gritos agonizantes que fizeram Andromeda querer bater as palmas das mãos nas orelhas. Controlando sua respiração com esforço sombrio, ela apertou sua mão com mais força na frente dela.

— Então ouvi isso, — disse o Arcanjo em sua voz sepulcral. — Eu preciso falar com Alexander.

— O Antigo Dormindo. — A resposta de Andromeda seria o esperado, não deveria gerar tortura ou violência. Permanecia sendo um risco calculado, mesmo assim. — Ninguém está destinado a perturbar o Sono de um anjo. — Era um tabu pareado com a que proibia o abuso de crianças.

— Entendo suas dúvidas, mas o mundo está mudando e você deve mudar com ele. — Os olhos sangrentos de Lijuan seguraram os dela. — Xi me disse que você sabe onde Alexander Dorme.

— Não, senhora. Eu não sei, — Andromeda disse, embora a profundidade do poder de Lijuan ameaçasse sufocá-la. — Alexander era um excelente general para que seja assim. Só sei de um possível local onde ele poderia ter ido.

— Mentir para mim não seria uma boa ideia. — Um arrepio estranho se infiltrou no ar com as palavras de Lijuan.

— Eu não faria isso. — A respiração de Andromeda parecia como cacos de gelo em seus pulmões, apunhalando e dolorosa. — Alexander era um Antigo quando foi dormir. Ele deve ter tido o poder de esconder-se da mesma forma que Caliane. — A mãe de Raphael levava uma cidade inteira com ela no sono, e quando se levantou depois de mais de mil anos, foi em um local longe de suas origens. — Não podemos saber se ele enterrou-se na terra ou no subsolo marinho.

Lijuan assentiu, finalmente, o frio desumano recuando.

— Você fala a verdade. Não devemos esquecer que Alexander foi sempre um grande estrategista. Os contos de seus colegas já diziam que ele era um jovem lutador...

— Uma sacudida de sua cabeça, seu tom quase afetuoso quando acrescentou: — Ele nem confirmou nem negou a maioria das perguntas que fiz.

Ciente que o humor de Lijuan poderia se transformar em um piscar, Andromeda utilizou um foco sombrio para manter a voz firme, embora o medo fosse um intruso frio em seu intestino.

— Poderia esta historiadora importunar você com tais histórias que se perderam no tempo?

Lijuan riu e por um instante Andromeda podia ver a Arcanjo como foi uma vez. Aquela que era velha e arrogante, mas também, sábia e a cabeça fria do Cadre. A pessoa que encontrou diversão em um menino selvagem que fingiu comer seu gato.

— Tão jovem e curiosa. — Lijuan sacudiu a cabeça. — Sim, eu contarei histórias para você, historiadora, mas, primeiro, você dará a localização do possível lugar do sono de Alexander para Xi. — Era uma ordem. — Ele montará uma busca.

Espinha rígida pela disciplina implacável que exigia para se manter firme contra o poder de Lijuan, Andromeda não recuou.

— Senhora, como uma historiadora principiante, eu fiz certos juramentos invioláveis. Não posso revelar a possível localização de Alexander sem comprometer esses juramentos.

— Seus escrúpulos dão lhe crédito, mas como eu disse, o mundo mudou.

Embora sua carne estivesse gelada do frio renovado e seus ossos doessem, Andromeda lutou pela coragem, achando isso na memória repentina de uma dança de espada com um vampiro de olhos prateados que não era um vampiro. Naasir pensou que ela tinha uma pele secreta. Hoje, ela vestia a pele de uma jovem e perturbada aprendiz, e isso seria sua máscara e seu escudo.

— Posso ter uma noite para considerar a minha decisão? — Perguntou ela. — É uma tarefa difícil, por enquanto, meus juramentos são sagrados para mim, eu sei que a força de Alexander é necessária neste mundo.

O rosto de Lijuan desapareceu a quase nada sem aviso prévio, assim como seu corpo.

— Você é do sangue de um aliado, por isso darei esta oportunidade para você. — Um eco gritante, uma voz horrível. — Vá. Considere. — Um aceno de sua mão enquanto seu corpo tomava forma novamente.

Andromeda saiu antes da Arcanjo mudar de ideia. Seu acompanhante vampiro já não estava nas grandes portas, mas Xi estava em seu caminho.

— General, — ela disse calmamente, lutando contra o desejo de correr até que não tivesse mais fôlego e o sinuoso grito das sombras da sala do trono de Lijuan estivessem longe. — Estou proibida de explorar a cidadela? Estou curiosa para ver a criação de Suyin.

— Vá aonde você quiser, — Xi disse a ela. — Se precisar de ajuda para encontrar seu caminho, pergunte a qualquer uma das pessoas que encontrar. — Um breve aceno de cabeça. — Eu devo atender a minha Arcanjo.

Andromeda se forçou a se afastar em um ritmo moderado, com o coração batendo tão rapidamente que era tudo o que podia ouvir. A aquiescência de Xi confirmou as suspeitas de Andromeda que Lijuan não tinha a intenção que ela fosse embora. Nunca.

Embora a dura verdade se estabelecesse no estômago de Andromeda, ela não entrou em pânico. Isso não a levaria a lugar nenhum. Uma vez fora da parte central da cidadela, ela notou o número de guardas, tentou identificar possíveis

saídas que poderia usar, mas teve que admitir que o complexo era muito grande e vasto para acreditar que viu até mesmo um décimo dele em suas explorações.

Tentou imaginar o que Naasir, famoso por sua descrição, faria. Ele era incrivelmente bonito quando se movia, um predador que não temia nada e ninguém, e que tinha uma sombria graça mortal.

Você tem segredos. Você usa outra pele também.

Usando o punho da mão contra seu abdômen, Andromeda lutou contra uma súbita onda de emoção crua. Era bobo, tolo. Ela o conhecia por um lampejo de tempo. Não deveria importar que ela pudesse nunca mais vê-lo, nunca mais brincar com ele, o que ameaçaria desvendar sua árdua concha de disciplina civilizada.

Mas importava. Isso *importava*.

Horas depois desse instante de perda, o terror era um tranquilo batimento em sua cabeça. Porque esta cidadela era uma fortaleza. Ela cansou seus pés até uma dor latejante sem descobrir uma única via de escape. Engolindo o gosto amargo de medo e recusando-se a desistir, ela estava andando por um corredor silencioso quando ouviu: um zumbido baixo, lírico, que pegou em seu coração, era tão evocativo.

Ela seguiu o som requintado para um conjunto de portas abertas na extremidade do corredor e bateu suavemente.

— Olá?

O zumbido parou.

— Sim? — Uma voz suave.

Entrando, Andromeda encontrou-se em uma sala cheia de luz decorada com tecidos brancos e almofadas coloridas. O anjo que olhou para Andromeda do sofá em que se sentou, com um bloco de notas no colo e as pernas dobradas debaixo dela, tinha as maçãs do rosto acentuadas e cabelos branco-gelo em comparação a pele branca de Lijuan, embora seus olhos fossem de uma rica obsidiana. Pequenas sardas pontilhavam a delicada pele logo abaixo da borda mais distante do olho esquerdo.

Você tem manchas em seu rosto.

O eco mental da voz fascinada de Naasir a tirou de seu choque atordoado. Porque as características distintivas deste anjo, quando adicionadas às

asas brancas como a neve arqueadas com primárias de bronze, as quais Andromeda podia ver atrás dela, tornou sua identidade impossível de confundir.

— *Suyin*.

A sobrinha de Lijuan é um dos maiores arquitetos que o mundo já conheceu.

O anjo sorriu, e foi impressionante ver tal tipo de boas-vindas em um rosto que poderia ter sido uma duplicata de Lijuan, exceto pela cor dos olhos de Suyin e as sardinhas.

— E quem é você, filhote?

Andromeda supôs que ela *era* jovem em comparação a um anjo de muitos milhares de anos de idade.

— Andromeda, — disse ela. — Uma historiadora.

— Ah. — Voltando os olhos para o bloco de notas, Suyin fez sinal com a cabeça para o sofá oposto. — Sente-se, Andromeda, — disse ela no mesmo dialeto que usara antes. — Diga-me o que você faz aqui.

Andromeda não viu nenhuma razão para mentir.

Com o lápis imóvel em seu bloco de notas, Suyin olhou para ela com olhos tristes assim que ela acabou.

— Minha tia não permitirá que você saia.

— Eu sei. — Não era mais Lijuan que ela via quando olhava para Suyin. O próprio espírito da outra mulher era muito brilhante e muito gentil. — Você esteve presa aqui todo esse tempo? — Isso deveria ter se sentido como a morte em vida para um anjo que, de acordo com as histórias que Andromeda leu, havia amado voar pelo mundo.

— Foi-me dada a escolha de dormir ou morrer. E nesse sentido, eu tive... sorte; os outros que ajudaram a construir esta fortaleza e, portanto, sabiam seus segredos, foram todos executados. — Tristeza em cada parte dela enquanto virava uma página e começava a esboçar novamente. — Eu escolhi dormir, mas acordei a algumas centenas de anos para ver se esta prisão que construí havia caído e eu poderia voar para a liberdade. — O horror tranquilo de sua dor fez os olhos de Andromeda piscar. — No entanto, cada vez que eu acordava, minha tia estava mais poderosa, mais um pesadelo.

Andromeda queria confiar nessa mulher que parecia ser uma companheira de cativeiro, mas não podia. Não tão rapidamente. No entanto, ela se arriscou perguntando:

— Alguma vez você tentou escapar?

Deixando de lado o seu bloco de notas, Suyin levantou e virou. Andromeda gritou, uma mão trêmula subindo para a boca. Faltava a maior parte da metade inferior de uma das asas, o músculo exposto e a borda inferior quente e vermelha.

— Tentei escapar na primeira vez que acordei, — disse Suyin após se sentar novamente, a falta de ar em sua voz sendo a única indicação do que deve ser uma dor agonizante.

Ela acenou para as espadas cruzadas na parede atrás de Andromeda.

— As lâminas usadas para cortar minhas asas cada vez que eu acordava.

Andromeda não podia imaginar o horror sem fim.

— Como você está sã? — Ela sussurrou.

— Eu mesma não sei. — A mão de ossos finos de Suyin movia sobre o papel em pinceladas confiantes. — Talvez porque eu fosse velha o suficiente antes da minha prisão, eu entendo que o tempo passa como um rio inexorável, trazendo mudança com ele.

Sábios olhos tristes encontraram os de Andromeda mais uma vez, e por um instante sua pele se arrepiou com uma sensação vertiginosa de déjà vu. Como se estivesse enfrentando Lijuan novamente, só que esta Lijuan era quem o Arcanjo *deveria* ter se tornado.

— Ouvi rumores de uma mudança chamada de Cascade, — disse Suyin. — Isso é verdade?

Não havia nenhuma razão para esconder o conhecimento.

— É dito ser um momento em que os Arcanjos aumentam tão violentamente o poder que as consequências poderiam abalar as fundações do mundo.

E os Arcanjos não eram os que deveriam ser, e os corpos apodreciam nas ruas e sangue chovia do céu enquanto os impérios eram queimados.

Nada poderia amenizar o impacto desagradável dessas palavras, a primeira menção específica de um Cascade anterior que Jessamy descobriu nos arquivos.

— Um pequeno número de anjos comuns também é afetado.

Illium era o exemplo mais dramático. Todos os imortais mais velhos começaram a notar a aceleração violenta de desenvolvimento do anjo de asas azuis. Havia rumores de que ele poderia romper com os Sete de Raphael e procurar governar um território, mas aqueles que acreditavam nisso se esqueceram de Dmitri. O vampiro era um dos mais poderosos no mundo e escolheu ser o segundo de Rafael.

— Se o mundo está à beira de uma mudança catastrófica, — Suyin disse suavemente, — então, talvez na próxima vez que eu acordar eu serei livre... e o mundo estará uma ruína. Um pesadelo para outro.



Naasir correu sob a lua após seu último caminhão ficar sem combustível, com a pele coberta por uma fina camada de suor e esforçando seus músculos, mas ainda estava muito longe da cidadela de Lijuan. *Seja inteligente*, ele pensou para Andromeda. *Seja sorrateira. Estou chegando.*

Andromeda acordou sabendo que havia apenas um curso viável de ação.

Tomando banho, ela trançou seu cabelo enquanto ainda estava molhado. Era a única maneira de controlá-lo desde que não tinha acesso às ferramentas modernas que fizeram sua vida muito mais fácil nos últimos tempos. Antes disso, ela simplesmente tinha o hábito de usar o cabelo em um coque apertado. Jessamy comentara que o penteado não combinava com sua juventude, mas Andromeda deu de ombros e disse que era conveniente.

E era, mas não era por isso que ela fez isso.

Limpa e fresca, ela vestiu um roupão e comeu da bandeja que foi trazida logo depois que ela acordou, então vestiu as roupas que foram entregues com a comida: outra túnica de estilo cheongsam, esta em um profundo e intenso rosa com detalhes em preto e calças pretas que abraçava suas pernas. Adorável, mas o corte das peças tornou impossível para ela esconder suas lâminas em seu corpo.

Sentindo-se nua sem elas, mas consciente de que não podia arriscar traindo uma pequena vantagem, escondeu as lâminas sob o colchão, deslizou seus pés em chinelos de seda preta que vieram com a roupa, e abriu a porta do quarto. Sua escolta era uma vampira desta vez, a pele cremosa da outra mulher como leite fresco e as maçãs do rosto largas abaixo dos olhos de um escuro avelã, o familiar uniforme preto formal usado por assistentes domésticos da cidadela.

A viagem para a sala do trono passou em silêncio.

Na chegada, Andromeda encontrou Lijuan falando com Xi. Ela foi até a beira da escada e esperou educadamente que os dois terminassem. Com uma Arcanjo tão tradicional como Lijuan, boas maneiras simples poderiam ser suficiente para salvar a sua vida em algum ponto. Não há necessidade de desperdiçar essa chance quando não lhe custava nada.

Não foi até um minuto depois que Lijuan olhou para ela, com o rosto bastante normal para o momento, embora a raiva escurecesse sua expressão.

— Antes de me dizer sua decisão, eu tenho um pequeno problema com o qual tenho de lidar.

Aliviada com o indulto, Andromeda deu um passo para o lado e para longe do trono. Um sujo anjo com asas de creme foi arrastado para a sala logo depois. Vestido com as sedas coloridas dos cortesãos, seu largo rosto estava pálido, seus olhos castanhos suplicantes.

— Minha senhora. — Lágrimas corriam pelo seu rosto, sua respiração em soluços. — Eu não pretendia a traição.

— No entanto, você estava alimentando Michaela com informações sobre a minha corte. — Gelo em cada palavra.

O peito de Andromeda espremeu com o que certamente estava por vir.

Prostrando-se ao pé da escada, o anjo soluçou.

— Eu estava seduzido pela beleza dela, minha senhora. Fui fraco e ela levou vantagem.

— Você é um tolo. — Lijuan era pura deusa régia naquele momento. — Mas serei misericordiosa porque Michaela tem uma maneira de enfeitiçar os homens. Você terá permissão para viver.

O anjo começou a choramingar seus agradecimentos, mas Andromeda, seu intestino em uma torção, sabia que ele desapareceria muito em breve. Ela viu a moldura de madeira que foi tirada das sombras atrás dele. Dois minutos depois, o cortesão de olhos arregalados foi algemado a esse quadro, posicionado de forma que seus braços e pernas estivessem abertos. Ele ainda usava suas roupas, mas elas foram lentamente e metodicamente cortadas dele pelo loiro guarda até que ele estava totalmente nu.

Em seguida, o quadro foi virado horizontalmente por quatro guardas, um em cada canto, deixando o anjo encarando o chão como punição.

— Venha, — Xi disse a Andromeda quando os guardas começaram a levar a moldura para fora da sala do trono. — Minha senhora acredita que você pode achar isso edificante.

Bile queimou sua garganta, Andromeda saiu com o general favorito de Lijuan. Os guardas levaram o quadro para o pátio e o colocou em um lugar que parecia ter sido erguido no centro do espaço aberto exatamente para este fim. O anjo, agora encarando os paralelepípedos, mantinha-se erguido cerca de 30 centímetros a partir disso, seu corpo exposto ao ar e ao olhar de pena dos outros.

Caminhando até o anjo em soluços, um dos homens de Xi começou a cortá-lo, os cortes relativamente pequenos. O estômago de Andromeda parou de se contorcer quando tomou sua primeira respiração real desde que o anjo foi levado da sala do trono. Se esta era a punição dele por uma traição tão profunda, ele saíra com nada mais do que um raspão nas articulações em termos imortais. Esperava que ele entendesse a profundidade de sua sorte.

Talvez ele fosse um favorito de Lijuan.

Então, o guarda com a lâmina recuou, e Andrômeda ouviu o latido.

— Não, — ela sussurrou, dando um passo instintivamente para o anjo indefeso.

Xi segurou seu pulso em um aperto inquebrável, sem tirar os olhos da cena brutal a ponto de acontecer.

— Não interfira ou os cães vão rasgá-la em pedaços.

Dois segundos depois, o primeiro cão apareceu. Atraídos pelo sangue, o lustroso animal preto lambeu o anjo em soluços... e, em seguida, mordeu. O anjo gritou. Andromeda fechou os olhos, mas não podia fechar os ouvidos para os sons horríveis. Ela forçou a abrir os olhos um segundo depois. Ela *iria* escapar deste lugar e quando fizesse, ela recordaria este horror.

Claro, a grande maioria dos anjos não encontrariam nada de errado com a punição. Ser imortal não era sempre uma coisa boa. Significava que seriam aqueles a impor a sentença que tiveram séculos para pensar como punições adequadas... e que para se ajustar ao crime, às vezes, a punição era brutal. Não havia nenhum

ponto em chicotear um anjo mais velho quando as feridas se curariam dentro de dias.

Até mesmo Raphael, um Arcanjo que não é conhecido pela crueldade, uma vez quebrara todos os ossos do corpo de um vampiro traidor. O infeliz vampiro, seu corpo pendurado pelos tendões fibroso e osso quebrado que esfaqueavam para fora de sua pele, foi deixado em exposição na Times Square por três horas.

Trair um Arcanjo era cometer um erro que nunca poderia ser desfeito.

O anjo que cometeu esse erro na corte de Lijuan estava coberto de mordidas em poucos minutos, sua pele vermelho líquido. Ele também estava com pedaços faltando. O frenesi continuou até que seus gritos de terror e dor morreram e se transformaram em lamúrias, e então, em silêncio. Isso não significava que ele estava morto, Lijuan lhe tinha dado sua palavra de que ele viveria, e assim ele viveria.

Penas voaram no ar quando os cães começaram a rasgar as asas dele para o que parecia ser por diversão, tendo já festejado com a carne que foi seu primeiro alvo.

— Quanto tempo? — Ela perguntou, sua voz uma lima. — Quanto tempo durará a sua punição?

— Até minha deusa querer de outra forma. — Xi finalmente pegou seu pulso. — Você sabe que seu crime não merecia menos. Por que está chocada?

Andromeda engoliu.

— Passaram séculos desde que eu testemunhei tal punição. — Centenas de anos desde que ela correu da casa encharcada de terror onde nasceu.

— Sim, você é uma historiadora, — disse Xi, como se isso explicasse tudo. — Venha.

Quando eles se viraram para entrar na cidadela, Andromeda tentou moderar sua reação visceral ao que viu, mas sabia que estava pálida, a pele fria como gelo. Não que Lijuan poderia ser surpreendida por isso. Medo, simples e asfixiante, era a intenção da Arcanjo quando fez Andromeda testemunhar a punição. Um grito fino subiu no ar naquele instante, como se o anjo tivesse encontrado um restinho de força final.

As mãos de Andromeda cerraram.

— Ele ficará louco, — ela disse para Xi.

— Um efeito colateral inevitável. — O general parou sem aviso. Seus olhos estavam sem piscar quando encontraram os dela. — Qualquer um do Cadre teria dispensado um castigo tão severo para tal traição. Heng era um membro de confiança do átrio interior.

Pensando mais uma vez no vampiro na Times Square, Andromeda foi forçada a concordar. E Raphael não era o único outro Arcanjo que entregara à implacável justiça. Astaad certa vez estacou um anjo ambíguo em um poço cheio de besouros venenosos, cuja mordida causava necrose na carne, e deixou-o lá por um mês. Quanto à Michaela, ela ordenou que todas as partes de um anjo fosse esfolada peça por peça, incluindo as pálpebras...e com o tempo que a tarefa demorou para ser feita, o anjo começou regenerar o suficiente para que o ciclo pudesse continuar.

Um arrepio rastejou pela espinha de Andromeda.

— Entendo o seu ponto, — ela disse para Xi. — Nosso mundo é severo.

Xi começou a andar novamente.

— Imortalidade equivale à arrogância para muitos.

Andromeda imaginou que ele não via a ironia de sua própria declaração. Lijuan era sem dúvida a mais arrogante de todos os Arcanjos. Ela acreditava ser uma deusa, e talvez fosse: uma deusa deve ser capaz de dar a vida, e Lijuan criara uma entidade totalmente nova.

Simplesmente porque os renascidos eram feias zombarias da vida não mudava o fato de que Lijuan teve a capacidade de alterar a própria natureza dos mortais e imortais.

Desta vez, quando Andromeda entrou na sala do trono, os guardas fecharam as portas atrás dela, cortando todas as provas do mundo exterior. Assistindo Andromeda e Xi caminhar para ela, Lijuan olhou para Xi, falando claramente a ele como um Arcanjo podia com aqueles que ela escolhia.

Seja qual for o seu relatório, pareceu satisfazer o Arcanjo da China.

Andromeda se preparou para a atenção de Lijuan, mas o toque daqueles olhos sangrentos ainda levava ao seu primitivo lado do cérebro que ansiava a sobrevivência a tentar assumir.

— Agora, historiadora, — disse Lijuan. — Você teve uma noite para dormir para tomar sua decisão. Você irá compartilhar seu conhecimento de Alexander?

Não mencionada era a ameaça silenciosa que se não o fizesse ela sofreria um destino semelhante ao do infeliz anjo no pátio.

— Minha Senhora, — disse ela, — é difícil quebrar meus votos quando se trata daqueles que dormem, mas acredito que você está certa. O que está no Sono precisa acordar para ajudar a estabilizar o mundo.

— Conte-nos, — disse Lijuan.

Suor frio ameaçou surgir ao longo de sua pele, Andromeda baixou o olhar, como se em deferência.

— Toda a minha pesquisa sugere que ele confiaria seu sono à Titus. — A amizade entre o Antigo e um anjo que era uma criança na corte de Alexander era legendaria.

Os olhos de Lijuan cresceram afiados.

— *Sim.*

Andromeda continuou.

— A dificuldade está em identificar a localização exata. — Titus controlava a ampla paisagem da África Austral, a linha que separava suas terras de Charisemnon cortava o continente pela metade. — No entanto, após ler todos os registros conhecidos da amizade deles, eu acredito que ele deve estar abaixo ou dentro do Monte Kilimanjaro.

Lijuan sorriu quando o rosto assumiu aquela impossível beleza assombrosa. E por um momento, ela estava agudamente jovem.

— Lembro-me das histórias do que os dois fizeram nos picos do Kilimanjaro. — Sua risada era leve, despreocupada. — Um Titus jovem e obstinado uma vez desafiou Alexander para um concurso de escalada e o venceu. Nesse ponto, eles desafiavam um ao outro para descer no escuro.

Andromeda ficou espantada com o calor no tom de Lijuan. Era como se ela fosse uma mulher diferente. E a história que estava em sua memória... Andromeda não teria sido nenhum tipo de historiador se não fosse atraída por isso.

— Você conheceu Titus quando jovem, minha senhora?

— Sim. Sempre obstinado, mas com um coração enorme, de tal forma que ninguém poderia guardar rancor contra ele. — O sorriso desaparecendo, a juventude desvanecendo-se, Lijuan desvaneceu-se e voltou ao foco de uma maneira que parecia mais... borrada do que antes. — Posso ver Alexander escolhendo

dormir sob a montanha que ele bem amava, nas terras de um amigo em quem confiava.

— Alexander era conhecido por seu apego ao seu povo, — sussurrou Xi no silêncio que caíra. — E deixou para trás um filho que, mesmo agora, reside em seu palácio.

— Rohan era uma criança excessivamente confiante. — As características de Lijuan viraram esqueléticas, as larvas rastejando em suas órbitas faziam por sua vez, o estômago de Andromeda revirar. — Em vez de alertar o Cadre depois de Alexandre escolher dormir, ele tentou manter o território do pai, quase causando um banho de sangue de vampiro.

— Independentemente, — Xi disse, — ele era considerado profundamente de confiança por seu pai.

Lijuan deu um pequeno aceno de cabeça.

— Historiadora, o que você diz sobre isso?

Mordendo o lábio e esperando que sua voz não fosse quebrar e traí-la, Andromeda sacudiu a cabeça.

— Considero a fixação de Alexandre ao seu povo e ao seu filho, — ela disse, — mas como você mesmo observou, ele era um grande estrategista. Acho que ele não faria uma escolha tão óbvia.

— As emoções podem cegar, — disse Lijuan, antes de olhar para Xi. — No entanto, também poderia ser dito que Alexander não colocaria seu filho em perigo por ir dormir abaixo de seu palácio.

Xi inclinou a cabeça em aceitação do ponto antes de dizer:

— Também poderia ser um duplo-blefe. — Ele olhou para Andromeda. — Apenas amizade não é exatamente por que você acredita que é Kilimanjaro.

— Não. — Andromeda contou-lhes sobre os pergaminhos que leu, as histórias que encontrou nos arquivos, até mesmo solicitou um pedaço de papel e mapeou a possível localização de Alexander na montanha. — Um ano antes de seu desaparecimento, Alexander foi visto neste exato ponto por outro anjo, e ainda assim foi descoberto mais tarde que Titus não sabia nada sobre a visita. — Andromeda estivera tão animada quando descobriu parte do que havia sido um mistério intelectual.

— Eu estou a acompanhando, — disse Xi, examinando seu mapa desenhado à mão. — Nenhum Arcanjo atravessaria para o território de outro sem permissão, a menos que a necessidade fosse crítica. E não dizer ao seu amigo sugere uma tentativa de proteger Titus do peso do conhecimento.

O pulso de Andromeda bateu.

— Sim, exatamente.

— Vá para Kilimanjaro, — Lijuan ordenou para Xi. — Vou decidir o nosso próximo curso de ação uma vez que você encontrar Alexander ou desmarcar a região. — Os olhos encharcados de sangue encaravam Andromeda novamente. — Enquanto Xi estiver fora, você anotará todas as outras possibilidades, não importa quão pequena.

Apenas uma resposta era segura.

— Sim, Senhora Lijuan.

— Enviarei olheiros hoje para fazer os preparativos para sair na próxima madrugada. — As asas de Xi captaram a luz dourada da lâmpada quando ele as reassentou no que Andromeda sabia não ser um movimento inquieto, mas a de um guerreiro que queria garantir que suas asas não tivessem cãibras. — Devemos tomar extremo cuidado. Titus ampliou sua segurança com o aumento nas hostilidades com Charisemnon.

O general olhou para Andromeda, a intensidade de seu olhar uma lâmina preta brilhante.

— Você está certa que Kilimanjaro encabeça sua lista?

Você tem segredos. Você usa outra pele também.

Andromeda se agarrou à memória das palavras de Naasir, na pele de uma historiadora intimidada e com medo que era o seu escudo.

— Sim.

Lijuan se recostou em seu trono, seu corpo translúcido.

— Lembre-se disso, historiadora. — As palavras ecoando com muitos gritos, fazendo com que os tímpanos de Andromeda ameaçassem a sangrar. — Se eu descobrir que você mentiu para mim, a punição de Heng entre os cães parecerá como nada.

Andromeda abaixou a cabeça.

— Senhora, você deve entender que não posso oferecer nenhuma certeza.

— Ninguém podia. — Sou apenas uma aprendiz.

Nenhuma resposta, e quando olhou para cima, Lijuan tinha ido embora. Como se tivesse se transformado em sua forma não corpórea. Mesmo quando a respiração de Andromeda parou com a evidência da ‘Evoução’ de Lijuan, ela se perguntou se a escolha de se tornar sem corpo era consciente. Parecia-lhe que Lijuan estava simplesmente demasiadamente cansada para realizar uma manifestação física de sua forma.

— Eu espero pelo seu bem que você não minta. — A voz de Xi era como um bisturi.

— Eu seria uma tola se mentisse. — Ela estava orgulhosa por sua voz não tremer. — Não há nenhum lugar que eu possa ir para escapar da punição.

13

Naasir entrou no território da cidadela após o anoitecer.

Os espões de Jason nas aldeias que estavam diretamente abaixo das rotas de voo para a cidadela confirmaram que Xi e seu esquadrão voaram na madrugada do dia anterior. Eles transportavam uma carga desconhecida suspensa.

Andromeda.

Um grunhido se construiu em sua garganta com a ideia de Andromeda presa e tratada como presa.

Mas sua raiva se transformou em um sorriso no segundo seguinte. Porque Andromeda não era uma presa. No entanto, ela era inteligente o suficiente para enganar Xi e Lijuan para acreditar em tal, de modo que ela estaria sozinha para pensar em uma fuga. Rangendo os dentes ao perceber que ela poderia tentar isso antes que ele estivesse lá para ajudá-la se proteger, ele continuou a galopar através das florestas, à sombra das montanhas, apenas outra sombra entre as sombras.

O céu pairava baixo e mal-humorado acima dele.

Foi no último trecho de floresta antes das pastagens que Jason lhe havia dito que cercavam a fortaleza que ele pegou o feio cheiro podre que denotava a presença de um renascido. Ele assobiou uma respiração. O mundo acreditava que as criações infecciosas de Lijuan estavam apagadas da face da terra, mas claramente, ela conseguiu salvar este ninho. Para sobreviver, o renascido deve ter

sido autorizado a se alimentar da carne de um mortal ou imortal – ou foram alimentados.

Naasir queria matar todos e cada um, mas Andromeda estava esperando por ele.

Um som estrondoso de raiva vibrando em seu peito, ele evitou as criaturas, não sendo difícil dado ao mau cheiro em seu sensível sentido de olfato, e caminhou para as pastagens. Esses campos eram uma boa precaução dos generais de Lijuan, garantindo um campo de visão diretamente para as sentinelas.

Pena que deixaram a grama crescer até na altura do joelho. Isso foi o suficiente para esconder a forma de Naasir; essas gramas num ambiente que uma parte de sua natureza sabia como utilizar instintivamente. Ele atingiu a parede exterior da cidadela sem ser notado. A partir daí, não foi difícil evitar os guardas vampíricos, mas isso requereu um preciso timing para se certificar de que ele permanecia invisível para o esquadrão alado.

Ele podia cheirar a chuva sobre os ventos. Isso poderia ser um trunfo ou poderia ser uma ameaça. Dependeria das habilidades da mulher com segredos que cheirava a sua companheira. A cobertura de nuvens pesadas *era* um presente indiscutível, escondendo como fez a luz da lua. Naasir poderia usar a luz da lua a seu favor, o seu corpo ondulando como um fantasma, mas a pele lambível e cor de mel de Andromeda seria um refletor por como é.

Rondando ao longo das bordas da parede, ele viu os guardas, ouviu as suas conversas, e quando um deles saiu para atender o chamado da natureza, assim como a sentinela no céu se inclinava em outra direção, ele deslizou por cima do muro bem debaixo de seus narizes.

Astuto, furtivo e invisível.

Lembrando-se das palavras de Jason, ele não derramou nenhum sangue, nem deixou nenhum vestígio de sua presença quando passou por cima da segunda parede e saltou para dentro do pátio interior. Desembarcou em um agachar fácil sobre os paralelepípedos, os pés descalços absorvendo o impacto por todo o seu corpo sem lhe dar uma forte sacudida.

Carne um pouco estragada, sangue e um odor desagradável de medo.

Como um predador em seu habitat no meio da noite sem lua, ele caminhou em direção à carne estragada que deve ter sido deixado ao sol durante horas. Ele

estava vivo, ele percebeu quando chegou mais perto. Vivo e marcado pelos aromas de vários cães. Penas diziam-lhe que a carne era um anjo antes de ser alimento para os cães. Estava agora em pedaços, embora a cabeça permanecesse ligada reluzente, a medula espinhal exposta.

Ou esgotado ou simplesmente fraco, a carne estava imóvel, exceto por uma pálpebra fechada que tremia em um rápido padrão, como se o anjo estivesse sonhando. Sua outra cavidade ocular era um buraco coagulado com fluido viscoso que secou ao sol, ou era o resultado de seu corpo tentando se regenerar.

Brutalidade não interessava à Naasir; ele viu mais do que um impiedoso castigo ao longo dos séculos e não julgaria este sem ter os detalhes. O que lhe interessava era o perfume que persistia em torno do homem.

Andromeda.

Ela esteve aqui recentemente. Por quê?

Olhou para a carne novamente e teve o pensamento de que talvez a mulher que cheirava como sua companheira poderia ter um coração mole. A partir da posição do seu cheiro, ele poderia dizer que ela ficou em pé ou sentou perto da cabeça, possivelmente em um esforço para fornecer o conforto que podia.

Decidindo que ele gostou da ideia de uma companheira que tinha um coração mole, ele rastreou o cheiro dela na cidadela. Vendo um cortesão angelical à frente, ele pulou para o teto e manteve-se lá usando suas garras para segurar no detalhe estriado. Ele caiu assim que o cortesão estava fora do alcance da voz e continuou a acompanhar o delicioso e único aroma, o da sua guerreira-historiadora.

Havia muitas trilhas sobrepostas; Andromeda esteve claramente explorando a cidadela com objetivo de escapar. Mas os sentidos de Naasir eram agudos e não teve problemas para apontar qual perfume era o mais fresco.

Deslizando por trás de uma parede para evitar um guarda, encontrou-se preso entre dois indivíduos que se aproximavam de diferentes direções. Ele não perdeu tempo, subiu para o teto novamente. Ninguém nunca olhava para cima. Você acha que os anjos fariam, mas dentro de suas casas, eles nunca o fizeram. Era como se suas asas cegassem para o fato de que havia outras maneiras de ir para o alto do que apenas voar.

Movendo-se através do teto usando as mãos e os pés com garras para obter um agarre, ele foi cuidadoso para não apertar tão fundo que a sua passagem criasse poeira ou finos pedaços de seja o que for do qual o teto era feito. O divertia ir logo acima da cabeça vermelho-fogo de Philomena. Ele queria atacá-la e dizer “Boo!” Mas guardou isso para outro dia.

Hoje à noite, a sua prioridade era Andromeda.

Subindo a parte superior de uma parede e em uma esquina, ele congelou em uma piscina de sombras.

Xi.

De acordo com o que aprenderam durante a batalha acima e nas ruas de Nova York, Xi só era violentamente poderoso quando Lijuan o alimentava com poder, mas isso não mudava sua mente tática e treinamento militar. Ele era perigoso e Naasir o respeitava como outro predador. Se Xi não estivesse lutando para o outro lado, Naasir o teria convidado para uma bebida e conversado com ele sobre táticas.

Agora, ele permaneceu imóvel.

Xi fez uma pausa bem debaixo de onde Naasir estava colado à parede, a atenção do general capturada por um vampiro que surgiu de outro corredor.

— Sim?

O macho delgado curvou-se profundamente.

— A historiadora voltou para seu quarto. Ela sentou-se com Heng até perder a consciência novamente, e contou-lhe histórias de seres fantásticos.

Naasir sorriu. Ele estava certo; ela tinha um coração mole.

— Essa gentileza é de se esperar de uma historiadora, — Xi disse no mesmo instante. — Você tem mais alguma coisa para relatar?

— Pelos movimentos dela parece que está à procura de uma maneira de escapar da cidadela.

— Não surpreendente, — Xi respondeu, nenhuma irritação ou raiva em seu tom. — Mostre a ela a biblioteca amanhã. Isso vai distraí-la e dar-lhe outra saída para sua frustração. — Xi fez uma pausa. — Tenha cuidado com ela.

Naasir ouviu a mesma coisa que ouviu o vampiro curvando-se profundamente de novo: um leve fio de possessividade. Aparentemente Xi achou Andromeda atraente. Naasir queria rasgar a garganta do anjo por isso, precisou

cavar suas garras mais profundamente na parede para evitar agir com seus instintos. Se Xi pensava que poderia cortejar Andromeda, ele não sabia de nada.

O general era muito civilizado para ela. Xi não entendia de segredos, não entendia que a historiadora de Naasir era uma dançarina com as espadas que gostava de lutar e cujo sangue corria quente. Com essa verdade secreta em mente, ele manteve sua tensa posição durante um minuto, até que o vampiro e Xi desapareceram. Só então caiu silenciosamente no chão de pedra e espreitou ao longo do rastro de Andromeda.

Havia menos guardas nesta ala. Naasir entendia o porquê, situada em um dos cantos da cidadela, dava a ilusão de liberdade por causa do número de janelas e portas, mas o exterior era fortemente vigiado. Andromeda era inteligente para não ter tentado escapar desta direção. Se fosse pelo chão, ela teria sido executada pelos cães que Naasir sentia o perfume. Se tivesse subido, ela teria sido abatida pelos esquadrões acima.

Os cães poderiam ser um problema se a chuva não viesse. Naasir poderia lidar com eles, mas seria uma distração irritante, e havia o risco de que alguém prestando atenção visse os cães choramingando com o rabo entre as pernas para longe de certo ponto.

Alcançando a porta além da qual ele podia cheirar Andromeda, ele ouviu atentamente, não ouvindo nada. Ele sorriu e, em vez de virar a maçaneta, arranhou levemente o painel de madeira esculpido. Isso foi aberto de dentro em poucos batimentos cardíacos mais tarde. O puxando para dentro com um aperto em sua camiseta verde oliva, Andromeda fechou a porta com deliberada calma.

As bochechas dela estavam marcadas por manchas vermelhas quentes quando se virou para ele.

— O que você está *fazendo* aqui? — Ela disse, o pulso dela batendo no pescoço.

Ele queria beijá-la, mas se satisfez com o que foi deixado na bandeja de comida colocada sobre uma mesa lateral.

— Resgatando você.



A boca de Andromeda caiu aberta, seu cérebro lutando para compreender o que ouvia. Naasir viera atrás dela. Bem no coração do território mais perigoso do mundo.

— Raphael enviou-lhe?

Naasir comeu a carne que havia deixado em seu prato e empurrou para trás o cabelo prateado que caíra sobre seu rosto enquanto comia. — Eu não tinha necessidade de ser enviado, — disse ele, um rosnado baixo em seu tom. — Mas o senhor está me ajudando a salvá-la. Jason está aqui.

— O espião? — Com as pernas trêmulas, sentou na cama. — *Ambos* entraram? — Não podia imaginar como; ela teve uma dor de cabeça por tentar e falhar para elaborar uma rota de fuga bem-sucedida. — Ninguém nunca se infiltrou na cidadela. Como você fez isso?

Naasir se aproximou agachando na frente dela. Levantando, ele sacudiu seu nariz.

— Não seria um segredo se nós lhe dissermos e você escrevesse em seus livros de história. — Pondo-se de cócoras, ele se inclinou perto de seu rosto. — Não coloque isso em seus livros.

— Eu não vou, — ela sussurrou; fascinada por este selvagem, essa bela criatura que viera para *seu* resgate.

Ela não era uma mulher que tocava facilmente, tendo sido raramente tocada, mas se viu alcançando a bochecha dele com uma mão. Virando a cabeça, esfregou-se contra ela. A pele dele era lisa, sem pelo, e o contato enviou um arrepio sobre ela; quando os fios lustrosos do cabelo dele acariciaram as costas da sua mão, ela queria desesperadamente tecer os dedos na grossa seda.

— Mais tarde, — disse ele, com os olhos pesados. — Primeiro temos que escapar. — Ele levantou, estendeu a mão.

Segurando sem hesitação, ela permitiu que ele a colocasse de pé, esperança e emoção borbulhando dentro dela.

— Espere, — ela disse quando ele se dirigia até a porta. Recuperando suas facas, ela desenrolou um desenho da cidadela que Suyin fizera sorrateiramente

para ela, então disse a ele sobre um portão que a arquiteta disse que havia escondido na parede exterior. — Não acho que ela esteja mentindo.

Naasir dobrou o esboço e o colocou em um bolso das calças de carga de cor cáqui.

— Eu direi para Jason, mas vamos escapar de outra maneira. — Ele pegou a mão dela novamente depois que ela transferiu as duas facas para um lado.

Ela ficou teimosamente no lugar.

— E quanto a Suyin?

Naasir olhou para ela, seus olhos prateados brilhando.

— Será difícil o suficiente para tirá-la, não podemos levar outra pessoa.

— Ela é minha amiga. — Andromeda estava disposta a correr o risco de que a sobrinha de Lijuan não era um espião, mas outro prisioneiro. Se estivesse errada, ela viveria – ou morreria – com esse erro, mas não poderia ir embora; a memória da dor de Suyin a assombraria sempre. — Ela tem sido mantida prisioneira por milhares de anos.

Um som duramente primitivo retumbou do peito de Naasir.

— Onde? — Perguntou ele, a rouquidão em seu tom tornando-se um beijo erótico sobre sua pele.

Lutando contra um arrepio responsivo, ela descreveu a localização da suíte de Suyin.

— Vá para ela, — ele disse a ela depois que estava pronta. — Ande lá como se não conseguisse dormir e quisesse companhia. Espere por mim dentro dos aposentos dela.

Quase saindo, ela se virou para ele e alisou uma ruga que fizera na camiseta dele quando o puxou para dentro. No instante em que ouviu aquele arranhar, ela *sabia*.

— Obrigada por ter vindo por mim.

O sorriso de Naasir era selvagem.

— Eu encontrarei o Grimório para estar pronto para ficar no cio com você.

Tão rapidamente, seu medo com o que eles estavam prestes a fazer derreteu em um calor perturbado.

— Mantenha sua mente na fuga.

— Eu estou. Estou ansioso para a minha recompensa.

Vindo de outro homem, essas palavras poderiam ter a deixado desconfortável, como se ele estivesse tentando deixá-la em dívida. De Naasir, a declaração era tão honesta, tão aberta, que ela só estava lisonjeada, seu sangue quente.

— Eu te verei em breve.

— Vá.

Ela saiu do quarto e, deixando a porta aberta, começou a caminhar para a suíte de Suyin. Ela sabia que estava sendo vigiada, mas não olhou ao redor, concentrando sua atenção na obra de arte nas paredes.

Suyin estava acordada.

— Raramente durmo, — a outra mulher disse a ela de seu sofá favorito, um perfume estranho semelhante a carne queimada persistente no ar da sala.

Pele arrepiada ao perceber que algo terrível aconteceu desde que se falaram apenas três horas antes, Andromeda reparou as novas linhas ao redor da boca de Suyin. Ela se ajoelhou na frente de sua amiga, agarrando a mão ligeiramente úmida de Suyin.

— Você está com dor.

Um leve sorriso.

— Xi veio depois que você saiu. Ele acreditava que minha asa estava regenerando muito rápido, então ordenou que fosse extirpada até a curva interior.

Mãos em punhos e os dentes cerrados com tanta força que um músculo saltou em sua mandíbula, Andromeda verificou a ferida recém-cauterizada. A dor deveria ser excruciante. Sabendo que não havia nada que pudesse fazer sobre isso agora, ela engoliu sua raiva e pegou no vestido branco etérea de Suyin.

— Você tem uma túnica e calças como os meus?

A expressão entorpecida pela dor de Suyin aguçou.

— Sim, mas se planeja uma fuga, não tente me levar. Eu só vou te atrasar. — Seus olhos molhados. — Minha tia não me matará, sou da família depois de tudo.

Andromeda apertou a mão de Suyin, seus ossos tão finos, sua pele delicada.

— Eu não vou sem você. — Seu tom cortante. — Então, você precisa se trocar, porque se não fizer isso, o seu vestido dificultará seus movimentos.

Os lábios de Suyin tremeram, mas suas palavras mantinham uma força resoluta.

— Tenho apenas uma asa, filhote. — Ela deu um tapinha na bochecha de Andromeda com a mão livre. — Valorizo sua lealdade, mas não tirarei proveito dela. Eu não posso voar, vou ser nada mais que um fardo.

— Não voaremos, — Andromeda disse, pensando na criatura selvagem que deixou em seu quarto, o qual veio para um território inimigo por ela. Por *ela*. — Nós sairemos como os tigres fazem. — Era a primeira imagem que vinha à mente quando pensava em Naasir: um tigre, mortal e furtivo.

— Tigres?

— Você verá. Agora vá se trocar.

Suyin não discutiu mais, embora sua expressão deixasse claro que ela achava que isso era um risco tolo. Desaparecendo em outra parte de sua suíte, ela voltou vestindo leggings azuis escuros combinando com uma túnica em um tom ligeiramente mais pálida de azul. Tocou a mão no lenço marrom escuro com o qual cobriu o seu cabelo.

— Estou usando as coisas mais escuras que pude encontrar.

Trovões explodiram no céu naquele momento, bem antes da chuva começar a cair fortemente.

— Os cães não podem nos rastrear assim, — disse Andromeda com um amplo sorriso. — Nós claramente escaparemos esta noite.

As palavras mal deixaram sua boca quando Naasir entrou no quarto. Com os olhos arregalados, a mão de Suyin se levantou para a sua boca quando Naasir se virou e disse:

— Você tem uma asa. Isso afeta o seu equilíbrio?

A pergunta contundente fez Suyin piscar e deixar escapar uma resposta.

— Sim. Isso também me atrasará se eu precisar correr.

Os olhos de Naasir encontraram os de Andromeda e ela sentiu seu corpo inteiro tensionar. Olhando para Suyin, ela sabia que a solução silenciosa de Naasir era o caminho certo, mas brutalizaria a outra mulher quando ela merecia muito mais.

As palavras seguintes de Suyin provaram que também entendera o que precisava acontecer.

— Eu sangrarei muito ou já teria cortado minha asa restante e tentado escapar via o chão, — disse ela, sem qualquer indício de auto piedade. — A dor é intensa e provavelmente me fará perder a consciência por uma hora, pelo menos. A perda de sangue me deixará fraca por muito mais tempo.

A raiva era uma queimadura no sangue de Andromeda, mas obrigou-se a pensar.

— Podemos quebrar sua asa. — Isso também faria mal, mas não deve causar inconsciência ou o tipo de perda de sangue que vinha com a excisão.

Andromeda experimentara uma asa quebrada quando era um anjo muito mais jovem, após ser pega em uma repentina decida que a fez bater na parede do desfiladeiro, compreendia o nível resultante da dor, e do que viu, Suyin desenvolvera um limite de dor muito maior como resultado das repetidas excisões da asa.

— Uma vez que estiver quebrada, — Andromeda acrescentou, — nós podemos prendê-la apertadamente em suas costas. — Bem dobradas para que não se movimentassem com o ar

Suyin respirou fundo, assentiu.

— Ossos se curam.

Naasir fechou a distância entre eles como que em uma suave permissão. Pegando uma pequena almofada que estava em um dos sofás, ele deu a ela.

— Abafe a sua dor.

Enquanto Naasir fazia a horrível tarefa e Suyin suportou, Andromeda subiu em uma cadeira e tirou as espadas montadas na parede. Elas podiam ter tido a intenção de insultar e aterrorizar Suyin, mas tinham bordas afiadas e bem tratadas. Consciente que precisava de uma bainha se fosse transportar, ela relutantemente deixou uma atrás.

Quanto a suas facas, ela as entregou para Suyin; o outro anjo não tinha nenhum treinamento com a espada, a acharia pesada. Facas, no entanto, eram instintivas de usar.

Feito isso, ela levou a espada para os lençóis infelizmente brancos na cama de Suyin. No momento em que terminou de cortá-los, Naasir também havia terminado a sua tarefa desagradável. A asa de Suyin pendurada mole, e, embora o

rosto do anjo estivesse branco como o cabelo dela, ela segurou a consciência. Usando as longas tiras de pano, Andromeda e Naasir juntos amarraram a asa quebrada e dobraram ao corpo de Suyin.

— Estamos quase terminando, — ela tranquilizou Suyin quando o corpo da outra mulher estremeceu.

Envolvendo a faixa final do tecido em torno das costelas de Suyin, ela amarrou.

— Feito. — Ela não parou para pensar, fechou o anjo muito mais velho gentilmente nos braços e a segurou, balançando suavemente até Suyin respirar instável e se puxar para trás.

— Você foi forte, — disse Naasir, a aprovação em seu tom quando deslizou o que parecia ser um pequeno telefone. — Seu equilíbrio está melhor?

Pegando as facas que Andromeda entregou, Suyin andou, em seguida, correu calmamente em torno da suíte.

— Sim, mas não estou acostumada com exercício pesado.

— Nós não correremos muito. — Naasir veio para Andromeda e puxou sua trança. — Pronta?

Ela ergueu a espada. Sua borda mortal brilhou na luz.

Naasir sorriu enquanto Suyin sorria com irritada satisfação.

— Que bela ironia que o instrumento da minha tortura agora nos ajudará a escapar.

— Entrei em contato com Jason, — Naasir disse a ambas e, de repente, ele era o homem perigoso que fazia parte do círculo mais íntimo de um Arcanjo. — Em breve, ele causará uma perturbação em outra parte da cidadela —quando o fizer, vocês devem se tornar minhas sombras. — Uma ordem. — Eu sou o alfa. Vocês seguem. — Seus olhos extraordinários seguravam os de Andromeda. — Não para sempre. Por agora.

Andromeda estava estranhamente satisfeita por ele esclarecer sua declaração.

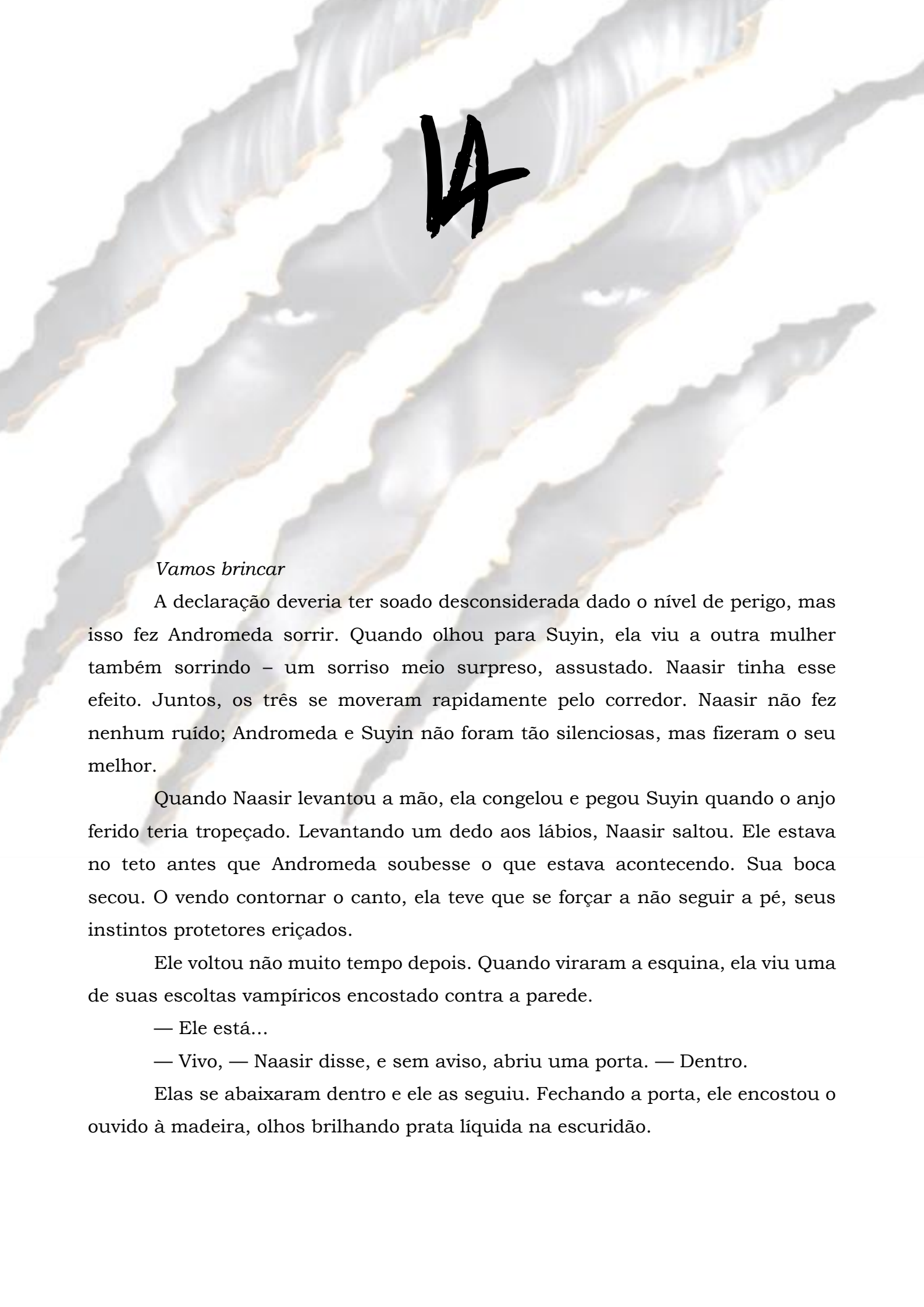
— Até fugirmos, — ela concordou.

Naasir ficou em silêncio, com a cabeça levemente dobrada. Então sorriu novamente, o branco de seus dentes brilhantes contra a escuridão exuberante de sua pele.

— Jason é muito inteligente.

Andromeda não sabia o que ele ouviu, mas o chão vibrou com o trovão que ocorreu poucos segundos mais tarde. Todos iam para o outro lado do composto. Gritos soavam logo depois.

— Renascidos, — Naasir disse com um sorriso selvagem. — Jason levou-os para casa. — Uma respiração profunda que fez seus olhos brilharem. — E está armando um incêndio. — Abrindo a porta, ele disse: — Não há ninguém aqui agora. Vamos brincar.



V

Vamos brincar

A declaração deveria ter soado desconsiderada dado o nível de perigo, mas isso fez Andromeda sorrir. Quando olhou para Suyin, ela viu a outra mulher também sorrindo – um sorriso meio surpreso, assustado. Naasir tinha esse efeito. Juntos, os três se moveram rapidamente pelo corredor. Naasir não fez nenhum ruído; Andromeda e Suyin não foram tão silenciosas, mas fizeram o seu melhor.

Quando Naasir levantou a mão, ela congelou e pegou Suyin quando o anjo ferido teria tropeçado. Levantando um dedo aos lábios, Naasir saltou. Ele estava no teto antes que Andromeda soubesse o que estava acontecendo. Sua boca secou. O vendo contornar o canto, ela teve que se forçar a não seguir a pé, seus instintos protetores erçados.

Ele voltou não muito tempo depois. Quando viraram a esquina, ela viu uma de suas escoltas vampíricos encostado contra a parede.

— Ele está...

— Vivo, — Naasir disse, e sem aviso, abriu uma porta. — Dentro.

Elas se abaixaram dentro e ele as seguiu. Fechando a porta, ele encostou o ouvido à madeira, olhos brilhando prata líquida na escuridão.

— Xi enviou pessoas para verificar Você e Suyin. — Abrindo a porta, ele saiu.

Desta vez, Andromeda seguiu.

Naasir já havia incapacitado um guarda, e enquanto observava, ele colocou seu braço ao redor do pescoço de outro e torceu. Limpo e eficiente, sem nenhum desejo de causar dor desnecessária, suas ações foram decentes, de uma maneira que falava com o guerreiro nela.

Voltando ao quarto, ela tirou Suyin, e os três se moveram o mais rápido possível pelo corredor. Eles tiveram que deslizar em outro quarto para escapar de uma patrulha, e enquanto lá, Suyin disse de repente,

— Conheço este cômodo. Construí uma entrada especial para o túnel aqui. Ambos olharam para ela.

— Que túnel? — Disse Andromeda, perguntando se seus instintos a levaram para uma decisão errada afinal. — Você disse que não havia outras rotas de fuga, exceto a porta secreta na parede.

O rosto delicado de Suyin estava tão envergonhado que não poderia ser duvidoso.

— Eu esqueço as coisas, — ela admitiu. — O sono tem esse efeito, já que nunca estou acordada tempo suficiente para me recuperar verdadeiramente. — Caminhando para um sofá elegante, com pernas de madeira, ela disse: — Acho que o alçapão se encontra abaixo.

Naasir moveu o sofá e empurrou o tapete de lado para expor um piso liso, sem falhas.

— Onde?

Enfiando as facas nas tiras de tecido que prendiam sua asa em seu corpo, Suyin se curvou. Andromeda pegou o braço dela.

— Cuidado, — ela sussurrou. — Não dobre suas costas; use seus joelhos.

Até mesmo isso fez as linhas de dor se alargarem nos cantos dos olhos de Suyin, mas seus dedos estavam diretamente sobre a madeira do piso quando começou a tocar o que parecia ser pontos de pressão. Andromeda aproveitou a oportunidade para bloquear a porta para esta sala, apoiando uma cadeira sob a alça. Atrás dela, o alçapão abriu em uma nuvem de poeira.

Acenando com a mão na frente do rosto após segurar um espirro que fez seus músculos contraírem e seus olhos lacrimejarem, Suyin olhou para baixo.

— O túnel vai para o lado de fora. Foi construído como uma rota de fuga de último recurso para o povo de Lijuan.

Naasir caiu dentro no buraco, em seguida, retrocedeu com uma força flexível que fez Andromeda querer simplesmente observá-lo.

— Nós não vamos por esse caminho, — disse ele definitivamente.

Desapontada, mas não surpresa, Andromeda disse:

— É uma armadilha?

— Sim. Fede a fezes frescas de renascidos. — Seus lábios se levantaram para revelar suas presas.

— Eu não sabia. — A garganta de Suyin se moveu, seus dedos tremendo enquanto esfregava suas coxas. — Por minha honra.

— Você não fede mentiras. — Naasir olhou para o túnel novamente. — É uma armadilha, mas podemos virar isso sobre aqueles que a montaram. — Abaixando o alçapão, levantou-se e olhou para o tapete e sofá que havia deixado de lado. — Agora vamos esconder.

Andromeda não tinha certeza de que era uma boa ideia, mas prometeu confiar em Naasir, então o seguiu até o closet de um lado da sala, e lá os três ficaram. Não tiveram de esperar muito tempo. Batidas na porta anunciavam tanto botas ou ombros que batiam, mas o resultado final foi a porta quebrar aberta e guardas derramando para dentro.

Berros se seguiram, em seguida, veio o som do alçapão sendo aberto.

Andromeda pegou a mão de Suyin quando sentiu a outra mulher começar a tremer. Suyin deveria estar com muito medo do que Lijuan faria com ela se fosse descoberta. Quando sentiu Naasir colocar o braço em torno do anjo ferido, ela não se surpreendeu. Naasir pode ser selvagem e incivilizado em sua verdadeira pele, mas ele era bom de uma maneira que Xi nunca seria.

A voz do general cortou o ar naquele instante.

— Vá atrás delas. *Agora*. Não permita que os renascidos alcancem a historiadora. — Xingando baixo sob sua respiração, ele deu novas ordens. — Certifique-se que o extremo oposto do túnel esteja vigiado, sobre a reduzida possibilidade de que elas consigam sair.

— Senhor.

Tudo ficou em silêncio logo depois disso.

Deslizando para fora apenas uma vez, Naasir confirmou que ninguém permaneceu na sala, os três dirigiram-se para uma saída. Desta vez, não encontraram ninguém nos corredores. Saindo para a noite chuvosa, Andromeda vislumbrou uma língua quente de chama amarela saindo de uma janela em uma parte distante da cidadela.

A chuva não poderia apagar um incêndio no interior. Sim, o espião foi inteligente.

Quando Naasir estendeu a mão para ela, ela aceitou imediatamente. Desde que a outra mão estava enrolada em torno do punho da espada, disse a Suyin para segurar a cintura da calça sob a túnica.

O mundo era uma escuridão opaca, mas Naasir a navegou como se ele tivesse nascido para isso.

Quando Suyin tropeçou, suas pernas ameaçando entrar em colapso, Naasir e Andromeda a colocaram entre eles e envolveram um braço em cada volta de sua cintura, com cuidado para não aplicar muita pressão. Enquanto a ajudavam alcançar uma porta na parede interna, Andromeda viu um lampejo de movimento à sua direita. Ela agiu sem hesitação, cortando com a espada e quase decapitando um vampiro.

Ele caiu borbulhante para o chão.

Foi a primeira vez que ela realmente machucou alguém, e parte dela se encolheu, bile subindo na garganta. Essa parte tinha o nome da menina que ela foi, aquela que fugiu de uma casa onde a brutalidade era um caso todos os dias e a bondade considerada uma fraqueza ridícula. O resto de seu entendimento acreditava que essa não era violência sem motivo. Era uma questão de sobrevivência. Não apenas para ela, mas para Suyin e Naasir. Não haveria misericórdia se fossem capturados; esses mesmos guardas haveriam de impor a tortura se assim fosse ordenado.

Os olhos de Naasir brilharam para ela através da chuva que caía.

— Pare de brincar. Precisamos sair.

Ela fez uma cara feia, percebendo que era ele quem estava brincando – com ela. Então ela não pensaria no sangue que acabara de derramar. Querendo beijá-

lo, ao invés disso, ela ajudou Suyin a atravessar o portão enquanto a chuva lavava a mancha escarlate de sua espada.

Foi quando sua sorte acabou.

Três sentinelas viraram a esquina quase imediatamente e os homens olharam diretamente para seu pequeno grupo. Naasir estava sobre eles uma fração de segundo mais tarde, mas eram três contra um. Deixando Suyin encostada na parede, Andromeda entrou na luta. As sentinelas não poderiam enviar um alarme.

Seu alvo era treinado, mas não esperava sua habilidade. Ela cortou sua garganta, o deixou tentando apertar a mão sobre o orifício que sangrava. No momento em que se virou para Naasir, ele já havia cuidado dos outros dois. Vendo sua sentinela, ele estendeu a mão e bateu no homem no lado de sua cabeça, para a inconsciência.

— Ele poderia ter visto nossa direção a partir daqui, delatando-nos aos outros.

— Desculpa. Eu estava preocupada com você.

Ele inclinou a cabeça para o lado, a chuva rolando em sua pele. Então, ele sorriu e foi buscar uma Suyin instável em seus braços. Ficando ao seu lado, Andromeda observava suas costas enquanto corriam para uma pequena porta de servos na parede externa. Desta vez, ninguém os viu e eles foram diretamente para fora, mas dificilmente estavam livres.

A área logo ao redor da fortaleza era grama, a qual era achatada pelo vento e a chuva, não oferecendo nenhum esconderijo. Parecia uma distância interminável até a cobertura das árvores quando sentinelas aladas voavam constantemente no céu.

— Como poderemos fazer isso? — Ela perguntou a Naasir.

— Vá abaixada e deixe o vento dobrar a grama em cima de você. — Ele colocou Suyin no chão, em seguida, delicadamente esfregou sujeira sobre as ataduras em suas costas para torná-las menos brancas. — Fiquem deitadas de barrigas. Seja o gato rastejando em sua presa.

— Minhas asas?

— Mantenha-as tão presas quanto possível. Sem grandes movimentos. Vão!

O chão estava molhado e enlameado, mas Andromeda fez exatamente o que Naasir ordenou, os três se espalharam o suficiente para que a partir de cima, cada

um seria nada mais do que outro enlameado da grama. Era difícil e implacável, e precisaram ficar imóveis mais de uma vez, quando um anjo voou perto demais de suas cabeças. Respiração vindo forte e baixa, Suyin se esforçou, mas perdeu a consciência na metade.

Andromeda ajudou a colocá-la nas costas de Naasir e ele levou o anjo ferido o resto do caminho.

No momento em que chegaram as árvores, os músculos de Andromeda tremiam e à frente de seu corpo estava coberta de lama. Usando a chuva escorrendo de seu cabelo para limpar seu rosto, ela viu que Naasir já havia colocado Suyin na posição sentada contra uma árvore.

— Não posso acreditar que funcionou. — Voltando para a chuva, na esperança de que lavasse mais da lama, Andromeda olhou para a distância que cobriram.

— A chuva ajudou. Caso contrário, teríamos que nos esconder e esperar por outra oportunidade. — Pegando Suyin após esse curto intervalo, ele levou Andromeda através das árvores, as quais não faziam muito para segurar a chuva. — Jason provavelmente expulsou a maioria dos renascidos, mas o seu cheiro ainda é espesso, então um ou mais podem permanecer.

Espada preparada enquanto a chuva continuava a trovejar para baixo, Andromeda manteve os olhos em alerta para os cadáveres meio trôpego que eram os renascidos. Quando Naasir assobiou e disse:

— Esquerda, — ela girou, espada já erguida.

A cabeça cortada rolou para a terra segundos mais tarde. O corpo do renascido jorrou sangue quando caiu, mas Andromeda saiu do caminho do jato apenas rápido o suficiente.

— Obrigada pelo aviso. — Mais uma vez, a chuva lavou a lâmina, a limpando.

Como fez seu pai quando metodicamente cortou um vampiro em pedaços uma vez.

O olhar de Naasir procurou o rosto dela como se pudesse sentir quão perturbada ela estava com sua crueldade sem hesitação.

— Somos nós ou eles. Você não está torturando ou prejudicando um renascido sem causa, você está lutando por sua sobrevivência. Que é o direito de qualquer criatura.

Andromeda empurrou sua cabeça em um aceno.

— Sim. — O renascido pode ter sido inocente antes da sua transformação, mas era uma abominação agora. Quanto aos guardas, eles teriam matado Naasir se dado a menor chance.

A mandíbula apertada e mão firme no punho da espada.

— Não deixarei ninguém te machucar.

Em vez de rir com o que deveria parecer uma afirmação ridícula quando se tratava de um homem tão perigoso e capaz de cuidar de si mesmo, os lábios de Naasir se curvaram em um sorriso satisfeito.

— Eu sabia que você gostava de mim.

Surpresa com uma suave risada, Andromeda estendeu a mão para verificar o pulso de Suyin. Estava ainda mais fraca do que ela esperava.

— Ela poderia cair em *anshara*. — Normalmente, o sono reparador semiconsciente era uma coisa útil, mas poderia ser uma grave desvantagem se Naasir tivesse que carregar Suyin por todo o caminho.

— Anjos seriam muito mais eficientes se pudessem beber sangue, — Naasir disse em tom de conversa.

— Bem... suponho que isso é verdade. — Uma alimentação daria a Suyin um choque imediato de energia. — Você sempre se alimenta de alguém?

Naasir atirou-lhe um olhar intrigado.

— Você quer me provar?

Ela não ficou chocada com essa pergunta como qualquer historiador civilizado deveria ficar. — Não, — ela disse finalmente, e tinha a sensação de que dizia uma mentira.

— *Eu* quero provar você. — Um sorriso malicioso. — Você me alimentará se eu precisar disso?

— É claro, — disse ela, tentando soar pragmática, quando a ideia de Naasir se alimentar dela fez seu interior virar líquido. — Você é minha única esperança de sair daqui.

Ele rosnou para ela e não disse mais nada nos próximos dez minutos, enquanto caminhavam através da floresta. Finalmente, ela não aguentava mais.

— Pare com o mau humor.

Outro grunhido. Virando, ele estalou os dentes para ela.

Ela saltou, embora pensasse que estava pronta para uma reação agressiva. Dentes cerrados, ela olhou para o rosto enraivecido.

— Rosne para mim de novo e eu vou te morder. — Ela não sabia de onde as palavras vieram, provavelmente, da irritação.

Olhando para ela, era como se fosse falar. Suas narinas se mexeram.

— Renascidos, — ele disse, e colocou Suyin contra uma árvore com um tronco grande o suficiente para que suas costas estivessem totalmente protegidas.

Andromeda não precisava que lhe dissesse onde ficar; ela estava com Naasir atrás dela, Suyin à sua esquerda. Suas costas pressionadas em suas asas, mas sabia que ele não estava sendo provocativo dessa vez.

— Tenha cuidado com suas asas.

De repente, ela se lembrou das próprias mãos.

— Você tem armas?

Uma risada alegre.

— Sim.

E então não havia mais tempo para conversar. As babentas criaturas com olhos brancos e ferozmente famintos que eram os renascidos de Lijuan ferviam para fora da floresta ao seu redor.

Naasir extraiu da profundidade do coração primitivo de sua natureza. Suas garras liberadas e seus caninos alongados, sua visão uma lâmina de faca no escuro e seu agudo olfato. Todas as amarras da civilização desapareceram, ele queria virar e se aninhar no colo da mulher que cheirava a sua companheira, mas isso precisava esperar.

Primeiro, ele precisava matar as criaturas imundas que uivavam em direção a eles.

Eles estavam cambaleantes e, ridiculamente lentos em comparação a velocidade dele, mas a infecciosidade deles os tornavam uma ameaça contra a qual ele não podia arriscar usar os dentes. A partir das evidências até a presente data, aparentemente o renascido precisava matar sua vítima para essa vítima se tornar um renascido, mas Naasir não ia correr o risco caso as criaturas tivessem uma mutação que os tornariam fortes o suficiente para infectar carne viva.

Seus dentes podem estar expostos, mas ele utilizou suas garras como lâminas: cortando, rasgando e arrancando. Ao seu redor, ele podia sentir Andromeda movendo-se com a graça de um lutador, sua espada cortando através do ar em um som mortal.

Cabeças rolavam para a terra coberta de folhas em torno dele.

— Naasir?

Ele grunhiu em resposta à preocupação em seu tom. Ele não podia falar rapidamente quando vivia nesta pele, a qual era o outro aspecto de sua natureza, mas estava satisfeito por ela estar pensando nele.

Um som limpo de corte enquanto sua espada movia-se novamente, o sangue pulverizando o ar.

Ele cerrou os dentes contra o cheiro pútrido e estendeu a mão para arrancar a cabeça de um renascido de seus ombros. O que jogou mais sangue em torno deles, o salpicando, mas valeu a pena para se livrar das criaturas contaminadas. Chutando com pés com garras, ele estripou um enquanto decapitava outro. Ele não gostava de fazer com que o renascido sofresse desnecessariamente – Lijuan provavelmente utilizara moradores inocentes como sua forragem – mas não podia arrancar duas cabeças ao mesmo tempo.

Atrás dele, ele podia ouvir Andromeda respirando com dificuldade. Ela inclinou-se contra ele.

— Estão todos mortos?

Ele tomou cuidado com aquele que havia estripado e pensou bastante nas palavras que lhe foram ensinadas quando era uma criança após Raphael levá-lo para o Refúgio.

— Sim. — Isso saiu com um grunhido tão profundo, e sabia que não parecia humano.

Virando-se para encarar Andromeda, ele segurou seu queixo com uma mão com garras e sangrenta. Virou a cabeça dela – suavemente – para um lado, depois para o outro, antes de verificar seu pescoço e corpo. Suas asas estavam sangrentas, mas era de um renascido.

— Você não está ferida, — isso saiu como uma parte tão dele que ele percebeu que provavelmente a assustou.

Mulheres não gostam de suas garras, não gostavam da maneira como seus olhos brilhavam depois de uma caçada.

Andromeda empurrou a mão e agarrou sua mandíbula. Ele ficou tão surpreso que a deixou puxá-lo para frente e virar o rosto dele de um lado e do outro. O liberando, ela deu a volta até as costas e empurrou a sua camiseta, em seguida, deu a volta e fez o mesmo na frente encharcada de sangue.

— Você não está machucado também. — Ela olhou para seus pés. — Você se cortou ou foi mordido?

Ele soprou ante ao ridículo da sua pergunta. Soltando a mão da sua camiseta, ela fez uma careta para ele.

— Essas coisas estão todas mortas ou você acha que tem mais?

Pensando nisso, nas palavras e como eles trabalhavam, ele disse: — Eles vieram em direção ao cheiro de sangue.

— Bom. — Ela ajoelhou-se para olhar para Suyin. — Você pode levá-la por todo o caminho?

— Sim. — Iria atrasá-los, mas ele não deixava pessoas indefesas para trás para serem comidas por monstros ou presas por Lijuan.



Andromeda se levantou quando Naasir abaixou para pegar Suyin, com uma ausência de esforço que traiu sua força. Ele estava salpicado de sangue, seu cabelo prateado com listras disso. Ela queria esfregar tudo fora; Naasir era tão verdadeiro e honesto como os renascidos eram abominações não naturais.

Pelo menos a chuva lavou o pior de tudo enquanto caminhavam.

— Por que você decidiu estudar os Arcanjos dormindo? — Naasir perguntou algum tempo depois.

Ela observou que sua voz estava menos grutural agora, ela gostou de qualquer maneira. A única voz que não gostava era o tom frio e culto que ele usou quando ela o deixou com raiva na primeira vez.

— Só estou fascinada com a ideia de todos esses seres poderosos que descansam em lugares escondidos na terra.

— Quantos?

— Ninguém sabe. Os antepassados são histórias que contamos para as crianças, mas existem lendas mais confiáveis de Anciões que dormiram tanto tempo que eles também se tornaram mito. — Ela mordeu o lábio e admitiu o seu desejo secreto. — Jessamy disse que Alexander às vezes poderia ser persuadido a

falar sobre os tempos do mito. São as memórias dele. Com ele e Caliane no mundo poderíamos descobrir tanto.

— Caliane fala com você?

— Não – com Jessamy. Mesmo assim, não é muitas vezes, mas Jessamy a visitou logo depois que você saiu de Amanat; ela disse que Caliane estava mais graciosa e generosa. — Andromeda sabia que a Historiadora, com sua asa torcida e incapaz de levá-la para o ar, se mantinha altamente conscientes de não ser vislumbrada pelos simples mortais, para alguns anjos, poderia não ser vista como fraca, de tal maneira, mas isso não era um problema em Amanat.

Quando Jessamy queria ver as coisas em ambientes mais povoados, ela deslizava pela paisagem em um avião leve ou em um helicóptero modificado para atender asas angelicais ao esconder os ocupantes de vista. Normalmente, o ocupante era a única e pequena anja. Jessamy aprendeu discretamente a operar ambos os veículos.

Andromeda viu na determinação de Jessamy uma mulher que era sua heroína. O outro anjo sobreviveu há milhares de anos antes de inventores darem-lhe uma maneira de subir ao céu de seu próprio país. Andromeda poderia sobreviver quinhentos anos em uma corte desprovida de esperança.

— De acordo com Caliane, — disse ela, deixando de lado o inevitável para esta noite, — contando com Alexander, existem sete Arcanjos que dormem.

— E se todos eles acordarem de uma vez?

— Seria catastrófico. — Arcanjos não poderiam estar em estreita proximidade por longos períodos sem um aumento perigoso da sua agressividade. Dez era o número perfeito espalhado por todo o mundo. Mais um ou dois poderiam ser acomodados, mas depois disso... — Nós acabaríamos em guerras até que o saldo fosse restaurado.

— A lei natural, — Naasir disse sem rodeios. — A natureza sempre procurará manter o equilíbrio.

— Sim. — Ela verificou Suyin novamente, sacudiu a cabeça quando Naasir olhou para ela. — Nenhuma melhora.

Com o rosto definido em linhas duras, Naasir continuou andando.

— Eu não estudo apenas o sono dos Arcanjos, — Andromeda disse em um esforço para manter sua mente fora da situação sombria. — Se prometer não rir, eu falarei sobre meus outros estudos.

Aberta curiosidade.

— Diga-me.

— Promete que não vai rir.

Lábios curvados, Naasir estalou os dentes, brincando com ela.

— Como você pode me pedir para fazer uma promessa depois disso?

Ela olhou raivosamente porque ele a fez saltar de novo, mas disse a ele.

— Eu estudo criaturas, — disse ela, esperando a condescendente diversão que viu tantas vezes nos rostos de seus colegas. — Como mutantes, — ela continuou quando ele apenas ouviu, — Tritões e sereias, grifos, quimera⁴, caminhanes... coisas assim.

— Por que estudar o impossível?

— Porque as histórias devem ter começado *em algum lugar*. E... gosto de pensar que ainda há mistérios no mundo.

— Eu acho que tritões e sereias fazem sentido.

— Você acha? — Ela estreitou os olhos, mas ele não parecia estar tirando sarro dela. — Por quê?

— O mundo está coberto de água. Por que uma espécie não evoluiu para viver na água? — Um olhar prateado. — Você deve perguntar ao Primary. Talvez a Legião seja a verdade por trás da lenda. Eles viveram uma eternidade nas profundezas.

Os cabelos dela se levantaram em seus braços.

— Estou desesperada para falar com eles, — ela sussurrou, o seu coração de historiadora transbordando. — Sei que Jessamy teve algum contato com o Primary, mas não quis pedir um pouco do seu tempo para a minha pequena subespecialidade.

— Eu vou apresentá-los quando estiver pronta, — disse Naasir. — Vou até esgueirá-la em sua nova casa verde.

⁴ Quimera é uma figura mística caracterizada por uma aparência híbrida de dois ou mais animais e a capacidade de lançar fogo pelas narinas, sendo, portanto, uma fera ou besta mitológica.

Andromeda quase dançou no local, esquecendo por um momento que em breve ela não teria a liberdade de fazer tais coisas.

— E quanto a grifos?

Ele tirou um tempo para pensar antes de falar.

— Eu acho que as histórias devem ser provenientes de grandes aves de rapina em tempos primitivos.

— Essa é a minha teoria, também. — Infantilmente feliz ao descobrir que sua mente era tão aberta, ela disse, — Skinwalkers?

— Não. Mas, conheci um feiticeiro que por sua vez andou com um guia espiritual. Ele entendia a terra e todas as suas criaturas, melhor do que ninguém que eu já conheci. — Seu tom mantinha um sincero respeito. — Os mortais morrem muito rapidamente. O homem da medicina era mais sábio do que muitos imortais, mas ele se foi praticamente depois que eu o conheci.

— Você sente falta dele, — Andromeda disse suavemente.

— Ele era meu amigo.

Sua garganta ficou apertada.

— Você me dirá sobre ele?

— Sim, mais tarde. — Uma curva de seu lábio sobre suas presas. — Meu amigo era um homem que vivia nas planícies sob um céu aberto. Ele não pertence a esta floresta contaminada com renascidos. Que outras criaturas estão na sua lista?

— Chupacabra.

— Espero que ele exista. Ele tem o melhor nome.

Andromeda riu.

— Quimera?

— Um animal com rabo-de-cobra, corpo de um leão e uma cabeça de cabra anexada à sua espinha? — Ele bufou. — Sua cabeça de cabra o desequilibraria antes que desse um passo, e imediatamente seria comido por algo maior. Não estaria a cabeça do leão constantemente tentando comer a cabeça de cabra?

Andromeda tinha que concordar, por mais fascinante que tal criatura poderia ter sido.

— Nunca pude descobrir como isso funcionaria. — Ela bateu em seu queixo. — Mas é uma coisa estranha para as pessoas imaginarem. Assim como o Karakasa-obake⁵.

— Não conheço esse.

Assim, enquanto a chuva diminuía para uma névoa fina, ela lhe contou sobre o guarda-chuva falante com um olho e uma perna, e eles continuaram a andar.



Naasir estava se divertindo conversando com Andromeda, brincando com ela – embora ela não soubesse disso ainda – quando cheirou um relâmpago preto. Uma sombra passou em cima e, em seguida, um pedaço da noite se separou e pousou na frente deles. Vendo seu estado ensanguentado, Jason disse:

— Você erradicou os restos do ninho.

— Sim.

Jason andou para frente.

— Suyin.

Naasir não se surpreendeu que o Espião soubesse a identidade da mulher em seus braços; tanto quanto Naasir poderia descobrir, Jason sabia de tudo.

— Ela precisa ir para Keir. Xi ordenou que uma de suas asas fosse extirpada, a outra eu tive que quebrar.

Estendendo os braços, Jason disse:

— Eu vou levá-la. Com sua asa amarrada, ela é bastante fácil de carregar, eu vou para Amanat e peço para Keir viajar para lá. — Ele olhou para Andromeda. — Você terá que ficar no chão. Não pode voar alto o suficiente para evitar os esquadrões, mas Naasir pode tirá-la.

— Entendido. — Ela tocou a mão suavemente no ombro de Suyin. — Por favor, tome conta dela. Ela está presa há muito tempo.

⁵ Karakasa-obake (guarda-chuva, em chinês) ou Kasa-obake é um youkai japonês, um tsukumogami, ou seja, um espírito que se origina de objetos com 100 anos, dando-lhes vida. Os karakasa em particular são espíritos de guarda-chuvas que atingem os 100 anos. São geralmente representados com um olho, uma língua longa saindo de sua boca e apenas uma perna que calça uma geta, espécie de calçado japonês.

— Eu vou, — disse o espião, segurando Suyin com os braços que Naasir sabia que não permitiria que ela caísse.

— Fique seguro. — Recuando com essas palavras, Jason abriu as asas e fez uma decolagem vertical impecável. Ele estava perdido no meio da noite dentro de três batidas de asas. Naasir sabia que ninguém jamais o acharia.

— Incrível, — Andromeda respirou, com a cabeça virada para cima.

Naasir fez uma careta.

— Jason não têm garras. — Mostrou-lhe as suas.

Andromeda olhou para as garras, e então para ele, um sorriso lento iluminando seus olhos.

— Essas são muito afiadas. Por que você não me cortou quando me pegou?

— Eu não queria cortá-la. — Ele rosnou para a pergunta que não deveria ter sido feita.

— Precisamos encontrar um pouco de água, — disse a mulher que estava agindo e soando cada vez mais como sua companheira. — Odeio estar suja e sangrenta.

— A água aqui não é boa. Contaminada.

Ela fez uma careta.

— Então vamos embora.

Decidindo que mais nenhuma conversa era necessária, Naasir começou a levá-los para fora da floresta. Esquadrões voavam em cima, mas nenhum deles desceu. Naasir pensou que eles o descartaram – se é que conhecessem sua identidade. E acreditavam claramente que Andromeda estava no céu. Estúpidos.

Ela manteve-se com o ritmo que ele estabeleceu nas próximas três horas. Era lento para ele, mas sabia que estava os empurrando, anjos não foram feitos para cobrir muito terreno a pé. Seu poder estava no ar. No chão, as asas tornavam-se um peso extra que criava uma resistência considerável.

Andromeda também usava chinelos frágeis que rasgaram ao meio.

— É dor superficial, — ela disse a ele quando ele parou para verificar seus pés. — Os cortes se curarão quando pararmos.

Naasir não gostava de ver os pés dela machucados e sangrando, mas sabia que ela era forte, faria isso. Ainda assim, ele teve o cuidado de escolher um caminho com algumas rochas e pedras. Finalmente fora da floresta anteriormente infestada

de renascidos, ele a levou para um vale entre duas montanhas. Demorou uma hora para localizar um lago, a água profundamente cristalina e gelada sob o céu noturno, agora sem chuva.

— Banho, — ele disse a ela, vendo o esgotamento que ela tentava esconder, mas que fez suas asas começarem a cair. — Nós não podemos estar a céu aberto de madrugada.

Andromeda colocou a espada cuidadosamente na grama.

— Vire de costas.

— Eu quero ficar limpo, também. — O cheiro de renascido era forte.

— Eu prestarei atenção nas ameaças enquanto você toma banho, se você fizer o mesmo por mim. — Ela cruzou os braços e ficou no lugar. — Não tirarei a roupa a menos que você vire de costas.

Ele mostrou os dentes para ela, mas fez o que ela pediu. Dmitri lhe ensinou que ele nunca deve tomar o que uma mulher não queria dar.

Não roube o que só tem valor se for dado livremente.

Naasir precisara ouvir isso. Ele não era uma pessoa ruim por dentro, mas, entretanto, ele poderia colocar uma pele de cultura que o deixaria enganar as pessoas, no fundo, ele às vezes ainda não sabia como se comportar. Quando era mais jovem e começando a sentir o primeiro desejo do cio com as fêmeas – e antes que tivesse crescido ao ponto onde muitos do sexo oposto o achavam irresistível – ele tentou cortejar as meninas trazendo carne e coisas brilhantes.

Acontece que isso as assustou.

— *A maioria das mulheres e meninas, — Dmitri disse a ele, — não sabem o que fazer quando um homem deixa cair um pedaço de carne crua em suas mãos.*

Aprendera a lição depois que as meninas gritaram, deixando cair uma perfeitamente boa carne que havia passado tempo caçando e esfolando. Quando ele voltava com as coisas brilhantes, elas olhavam para ele com olhos enormes e cheiravam a medo. Isso o havia irritado e o confundido e assim ele foi para Dmitri.

— *Não vou machucá-las.*

— *Infelizmente, agora elas o veem como uma ameaça. Comece com coisas brilhantes na próxima vez e ignore a carne. Se sentir o medo em uma mulher, recue e não retorne.*

O conselho de Dmitri funcionou. Algumas mulheres gostavam das coisas brilhantes e gostavam de ficar nua com ele, mas, em seguida, ele as assustava na cama. Aparentemente, morder nem sempre era permitido, e bater na umidade de uma mulher nem sempre era aceitável. Essas mulheres o empurraram e gritaram que ele deveria ser “gentil” e “cortês” e não “uma besta selvagem.” Irritado, ele encontrou outras que não se importavam se ele batia ou mordia.

Hoje, muitas mulheres diziam que ele era um bom amante. O que elas não sabiam era que desde quando ele compreendeu o que era e não era aceitável, já não soltava seu desejo completamente, mesmo com as mulheres que não se importavam se ele era rude: elas não podiam aceitar isso. E com Andromeda... ele estava tão profundamente e sexualmente faminto que ele queria virar e atacá-la, fazer *todas* as coisas sexuais que ele nunca se permitiu antes.

Um respingo soou atrás dele, acompanhado por um pequeno grito, um grito assustado.

Sorrindo, ele se virou e foi se agachar na borda da água.

16

— Hey! — Andromeda jogou água nele — Você deveria manter-se de costas.

— Não irei olhar embaixo d'água, — prometeu, conforme se levantava para vaguear ao redor da margem da lagoa. — Está com frio?

Os dentes dela batiam à medida que falava,

— Con-congelando. Mas o s-sangue. Quero isso fora. A chuva não foi o suficiente.

Achando o que precisava, ele arrebentou uma moita e retornou a ela.

— Venha aqui e irei lavar o seu cabelo.

Dando-lhe um olhar desconfiado, apesar de tudo, ela veio, de forma que as suas costas estivessem contra a margem. Ele ajoelhou-se atrás dela e deu uma tapinha nos ombros com uma singela unha.

— Aqui. Essa erva a ajudará a manter-se limpa. O cheiro era distinto, limão.

— Oh! — Ela olhou para cima e sorriu, e ele se sentiu bem.

Esmagando a erva que ainda segurava, ele retraiu suas garras, e então, desembaraçou a trança dela e usou a erva como um sabão. Ele o fez rápido, pois ela tremia tão fortemente que seus ossos estavam quase fazendo ruídos um contra o outro.

— Anjos são construídos para o frio. — Para os lugares gelados com elevadas alturas acima da terra.

— Apenas porque nós podemos suportar não significa que todos nós gostamos. — Ela disse, soando irritada.

— Mergulhe e molhe o cabelo.

Tomando uma profunda respiração, ela mergulhou e manteve-se embaixo por tempo o suficiente para voltar com um liso e brilhante cabelo.

— Odeio o frio. Odeio o frio. Odeio o frio.

Ele olhou ao redor, para as roupas que ela tirou.

— Suas roupas estão todas sangrentas. — E não havia nenhum lugar para ele roubar algumas para ela.

— Vamos lavá-las. Não me importo de vestir roupas molhadas. O fedor dos renascidos é horrível.

Ele achou mais ervas de limão e as amassou com a túnica dela antes de jogá-la para que ela pudesse lavá-la. Fez o mesmo com calças dela e com a minúscula calcinha que não cheirava como os renascidos, mas como ela. Quente, almiscarado e feminino, o fazendo querer lambê-la.

— Tire a sua camisa e farei o mesmo. — Ela disse enquanto lavava as roupas dela.

Arrancando fora, entregou a ela enquanto pegava as coisas molhadas dela e jogava sob os galhos das árvores ao redor deles. Então, decidindo que não havia razão para manter as suas calças, começou a despir-se. E quando foi esvaziar seus bolsos percebeu que seu telefone se foi, provavelmente derrubado durante a luta com os renascidos.

Sua família poderia se preocupar se não fizesse contato; ele o faria na primeira oportunidade.

— Nassir!

— Feche os olhos. — Resmungou sem realmente fazer isso. — Não há ameaças aqui e quero ficar limpo.

Suas asas o encaravam conforme ela dizia.

— Sim, desculpe-me. Não deveria fazer você esperar por tanto tempo.

Deixando suas calças na beira com um pedaço de ervas, mergulhou nu na lagoa. A temperatura congelante o fez cerrar os dentes, contundo, ele adorava nadar, amava o frio deslizando contra a sua pele. Aparecendo na superfície, ele

puxou o seu cabelo para trás e viu os olhos de Andromeda nele. Sorriu e nadou até ela.

— Você está olhando.

— Não consigo enxergar no escuro. — Ela tentou olhar carrancuda, mas ele podia cheirar a excitação em sua pele, e o sangue dela havia acelerado.

— Onde estão as suas calças?

— Na margem, — disse preguiçosamente, roubando um pouco da erva que ela segurava para que pudesse se limpar do fedor dos renascidos.

— Vire-se.

Quando obedeceu, ela recompensou esmagando a erva no cabelo dele. Ele inclinou-se para trás, um profundo som rugindo de seu peito. Ele a sentiu pausar, entretanto, começou novamente, uma batida de coração mais tarde, os fortes e astutos dedos massageando seu couro cabeludo. Quando moveu sua mão para esfregar a erva sobre seus ombros e costas, ele sentiu seu já pronto e duro pau pulsar.

Era uma boa coisa que ela não podia enxergar no escuro ou provavelmente ela iria embora.

Não queria que ela fosse; queria brincar com ela.

— Mergulhe, — empurrou os ombros dele.

Mergulhando, lavou toda erva de seu cabelo. Pelo tempo em que retornou, ela nadou o mais longe para agarrar as calças dele para que pudesse lavá-las. Suas asas estavam espalhadas sobre a água, o sangue sendo canalizado para fora e ele realmente, realmente, *realmente* queria tocar. Espreitando perto, ele correu uma mão sob as suas primárias.

Ela estremeceu e lhe lançou um olhar por cima do ombro.

— Você sabe que isso é um mau comportamento.

Indo para a beira, ele estendeu e agarrou a sua molhada, mas limpa camisa, a jogando numa árvore. Foi fisgada por um galho e abriu. O ar da noite iria secá-la um pouco, pelo menos.

— Sou frequentemente mau. — Ele disse honestamente. — Gosto de suas asas.

Ao invés de continuar o tópico, a pele dela subitamente corou num vermelho quente.

— Hum, aqui estão as suas calças. As enxaguei.

— Obrigado. — Ele sabia que era educado dizer isto quando alguém fazia algo bom para ele. — Por que você está vermelha?

Ela nadou para longe ao invés de responder. Jogando seus jeans na árvore e o manejando sobre um ramo, ele nadou atrás dela, sua pulsação correndo. Ela estava brincando com ele? Mas quando ficou ao lado dela depois de mergulhar na água, ela engasgou.

— Você disse que não ia olhar!

— Não fiz. Fechei os meus olhos. — Foi uma tentação manter a promessa, mas promessas devem ser mantidas. Era uma das coisas que Dmitri o ensinou – manter suas próprias promessas.

— *Vou trazer a carne defumada que você quer quando eu retornar.*

— *Promete?*

— *Sim.*

Dmitri ficou fora por muito tempo na mente de uma criança – o que deve ter sido pelo menos uns três meses. Naasir não se esqueceu da promessa, todavia, não esperava realmente que Dmitri se recordasse. Ele estava animado com o retorno do homem que via como pai.

— *Dmitri.* — *Atirou-se para fora da porta, escapando de um vampiro descontente que o vigiava.* — *Dmitri! Dmitri!*

Fortes braços o agarraram fortemente, o levantando do chão, os pretos olhos de Dmitri tristes, mesmo com um sorriso em sua boca. Naasir não sabia o porquê de Dmitri estar triste, mas quando viu a maneira que os olhos de Dmitri começaram a esquentar depois de que eles ficaram juntos por um tempo, então ele sabia que não era ele que deixava Dmitri triste.

— *Tem se comportado, Naasir?*

Naasir abaixou sua cabeça.

— *Não.* — *Ele comera o coelho, o animal de estimação da escola. Ele não queria, mas estava bem na frente dele e ele estava com fome.* — *Estou com um grande problema.*

— *Ah.* — *Uma profunda risada masculina o fez olhar para cima e expor seus dentes num sorriso selvagem, pois podia ver que Dmitri não estava zangado.* — *Você pode me dizer sobre isso enquanto come isso.*

Naasir pegou a mochila e a rasgou para achar o presente que pediu.

— *Você lembrou!*

Olhos tristes de novo, Dmitri bagunçou o seu cabelo.

— *Um homem mantém suas promessas, Naasir.*

— Naasir?

Ele esquivou-se das memórias de sua infância para agarrar um bonito e cintilante olhar de Andromeda,

— Não olhei, — repetiu. — Se eu olhar, será por causa do seu convite.

Bochechas quentes, ela sorriu para ele.

— Quer apostar corrida?

— Vou bater você. — Alertou. — Suas asas irão atrasá-la,

— Me dê uma vantagem para deixar isso competitivo. Você não começa até eu estiver na metade do caminho.

Encantado com a ideia de um jogo particular com ela, ele concordou.

— Ok. — Elena dissera a ele que trapagens são permitidas quando uma das partes era mais fraca que o outro, de alguma forma. Como quando eles lutaram, Andromeda estava trapaceando, mas era uma boa trapaga. Isso significava que eles podiam brincar juntos.

Quando Andromeda bateu a extremidade oposta do fim da lagoa, ele viu que ela era mais graciosa e rápida do que ele esperava. Sua companheira escondia mais segredos. Rindo por dentro por sua artimanha, esperou até ela alcançar a metade do caminho, então começou a nadar através da água. Ele nasceu sabendo como nadar.

Tendo alcançado Andromeda, ele podia ultrapassá-la a qualquer momento, mas fez sorratamente. Diminuindo a velocidade como se tivesse cansado, para poder nadar com ela. E quando eles chegaram ao final da lagoa, ele a deixou disparar na frente e agarrar a moita primeiro.

— Ganhei! — Ela disse, sua cara inteira iluminada. — Você me deve uma recompensa.

— O que você quer? — Perguntou, apoiando seus braços na moita enquanto ela fazia o mesmo ao lado dele. — Tenho um tesouro de coisas brilhantes.

— Verdade? — Seus olhos se arregalaram, contudo ela balançou a cabeça.

— Não quero coisas brilhantes desta vez – talvez na minha próxima vitória.

Naasir gostou da ideia de mais jogos.

— Quero que você faça algo por mim. — Disse

— O quê? — Ele moveu-se suspeitamente perto, para que as asas dela roçassem o seu braço.

— Vá comigo num jantar realizado por meus pais.

Naasir piscou. Mulheres gostavam de estar no cio com ele, entretanto, ele nunca foi convidado para jantar em casa, e desde que Andromeda não mentia para ele, ele não entendia o convite. A menos que...

— Você quer chocar seus pais? — Naasir era diferente e único. Muitos no mundo o queriam por suas habilidades, mas ele também era profundamente *diferente*.

Ele se aceitava. Sua companheira deveria aceitá-lo também, não tratá-lo como uma aberração.

Andromeda riu, como se ele tivesse dito uma grande piada.

Carrancudo, ele começou a sair da água.



Vendo a água passar através do musculoso corpo de Nasir, Andromeda ficou confusa por um segundo. Apenas quando a curva superior das nádegas dele foi exposta ela chiou, e colocando a mão no tenso e forte braço, o puxou para baixo.

— Você está nu! — O lembrou.

Ele deu de ombros, olhando para ela com os olhos pratas que brilhavam um branco-quente.

— Não me importo.

— Bem, eu sim. — Seu coração ainda estava acelerado com o vislumbre dele. Ele era construído como a mais bonita estátua que já viu, só que ele era de carne e sangue.

— Estou com frio. Quero sair.

Ela se esqueceu do frio, tendo muita diversão com ele.

— Oh. — O desapontamento como uma bola de chumbo em seu estômago, ela fechou os olhos. — Pode sair.

Ele não se moveu.

— Por que você riu?

— O quê? — Seus olhos chicotearam abertos com o tom áspero dele. Vendo a raiva que ele não fez nenhum esforço para esconder, ela percebeu tardiamente que ele compreendeu a sua risada da maneira errada. — Meus pais são incapazes de ficarem chocados. — Admitiu com um encolher de ombros que escondia os ecos da sua infância machucada. — Jamais.

Com a expressão alternando para fascinação cética, Naasir se inclinou para perto.

— Nem mesmo por mim?

— Nem mesmo por você. — O assegurou. — Se há algo pervertido na terra, eles se entregam a isso. — Sexo, violência brutal, substâncias narcóticas raras, isso era o modo de vida de Lailah e Cato, seus compulsivos desejos de fazer mais, *sentir* mais, sem fim. — Provavelmente farão uma proposta para você.

Linhas de expressão apareceram na testa dele.

— Mas estarei com você.

— Eles não têm limites. — Ela pensou no jovem anjo com quem teve um amor adolescente, de como ela entrou na grande sala de jantar um dia e achou ele e sua mãe pelados e no meio da copulação. Seu pai estava sentado no braço da cadeira observando enquanto um vampiro masculino sugava o seu pênis ereto.

Com a garganta travada, Andromeda precisou mergulhar para lavar as memórias. Algumas coisas nenhuma criança deveria ter que ver. A coisa horrível era que o incidente nauseante estava longe de ser o primeiro ou o único. Andromeda tinha várias imagens armazenadas em sua cabeça, imagens que ela relutantemente recusava-se a pensar, mas que não desaparecerão.

Ficando ao lado de Naasir novamente após limpar a água de seu rosto com uma mão, ela chegou muito perto. Tão perto que o seu braço pressionava o dele e sua asa tocava as costas dele. Mas ele não a afastou, ao invés, olhou para ela com aqueles estranhos olhos que, de repente, estavam dolorosamente penetrantes.

— Não irei ao cio com seus pais. — Uma promessa solene. — Isso machucaria você e eu não irei machucá-la.

Seus olhos ardiam, sua garganta apertada. Ela não podia falar por um longo tempo.

— O jantar é tecnicamente em minha honra. É obrigatório para aqueles de meu sangue retornar para casa em seu quadragésimo aniversário.

Ela sabia que deveria dizer a ele que não poderia sair de novo por quinhentos anos, mas as palavras ficaram presas em seu peito, duras e provocativas. — Pensei que você faria o jantar mais divertido.

As bochechas de Naasir enrugaram, seus olhos brilharam.

— Teremos diversão. — Prometeu. — Levarei presentes aos seus pais.

Seus instintos gritaram em alerta.

— Ah, Naasir...

Rindo do seu tom duvidoso, ele se ergueu para fora da água sem avisar. Ela viu as curvas mais duras de sua bunda, o forte músculo de suas coxas, a força elegante conforme se sentava nas margens e se sacudia como um grande gato. Seu cabelo prata brilhando mesmo no escuro.

Ele começou a virar em direção a ela.

Pele tão quente que a queimou de dentro para fora, forçando a fechar os olhos e mergulhar na água congelante, ficando ali até estar fora do perigo de combustão. Quando emergiu, viu Nassir puxar as suas calças molhadas. Ele não parecia feliz, no entanto. Com as narinas dilatadas, pegou um par de coisas que deveria ter deixado na grama e as deslizou de volta nos bolsos, então, examinou a sua camisa e finalmente começou a colocá-la, sem dúvida pensando que secaria mais rápido em seu corpo.

— Não olharei. — Disse a ela, mantendo os seus olhos escrupulosamente nas árvores na frente dele. Confiando nele, saiu da água e achou as suas coisas.

Olhando para as calças, tardiamente percebendo que ele deveria ter cuidado delas mais cedo. Também lembrando que ele não tinha roupas de baixo. Pele quente novamente e seios doloridos, vestiu a muito molhada túnica. Bateu várias polegadas abaixo do bumbum, salvando a sua modéstia.

— Não quero vestir o resto. — Admitiu em voz alta.

Naasir olhou de relance, tomando as palavras dela como permissão.

— Não faça. Carregarei suas coisas já que você tem a espada, e podemos secá-las com o sol depois do amanhecer.

— Quer mesmo vestir a sua camisa?

Era como se esperasse pelas palavras dela. Tirando a camisa para revelar um peito que ameaçou fazê-la quebrar seus votos, ele a assistia conforme ela corava furiosamente, amarrando as calças e calcinha dela, bem como a sua camisa, numa pequena sacola. Pegando tudo, disse

— Deveria usar chinelos. Eles protegerão seus pés, pelo menos um pouco.

Balançando a cabeça, ela deslizou os pés dentro deles; eles estavam caindo aos pedaços, mas como Nassir disse, eles providenciariam uma fraca dimensão de proteção para os seus delicados e machucados pés. Conforme começaram a mover novamente, o ar beijou os lugares mais privados dela, seus mamilos roçando contra a molhada seda. Sentia-se escandalosa, selvagem e aventureira.

Ao lado dela, Nassir vagava junto no que era claramente um ritmo lento para ele. Não falaram conforme o mundo se tornava de preto para cinza. Molhados e meios nus... e ela nunca esteve mais confortável com alguém em toda a sua vida.

Até que ele olhou para cima e estendeu a mão para arrematar firmemente um cacho do cabelo dela.

— Gosto assim mais do que a sua trança.

Seu estômago apertou... contudo ela percebeu que já não importava se alguém a viu e imediatamente se lembrou de Lailah, filha de Charisemnon; sua mãe tinha os mesmos cachos castanhos com listras-douradas e distintos ossos faciais. Embora que, em vez das sardas de Andromeda, Lailah tinha a pele lisa e sedosa, talvez dois tons mais escuros que a de Andromeda.

Os cachos de Lailah também nunca crespava como os de sua filha, sempre brilhantes e perfeitos. Tantas diferenças fez Lailah uma beleza que muitos homens cobiçaram, Andromeda era a mais comum das crianças. Uma que soube desde a infância que as pessoas olhavam para ela e viam uma imitação inferior da original.

— Realmente? — Sussurrou, perguntando se Nassir poderia compará-las, também. — Meu cabelo está totalmente fora de controle.

Um sorriso da criatura selvagem ao lado dela.

O nó apertado aliviou ao redor de seu peito, ela riu e eles continuaram.

— Nós paramos aqui. — Naasir disse enquanto os dedos escuros acariciaram o horizonte. — Haverá muita atividade no céu. Os moradores também serão alertados para estar vigilantes.

— Viajaremos apenas de noite?

Um aceno.

— Tenho a vantagem durante a noite, eles não esperaram uma historiadora andando na noite.

— Estou cansada, também. — Ela admitiu, Galen e Dahariel, ambos a ensinaram a ser honesta com qualquer parceiro na batalha – e isso era uma batalha. — Estar no chão e ter que segurar minhas asas enquanto ando por uma distância tão grande está estirando os músculos da asa.

Naasir foi como se fosse estender a mão e aliviar os seus músculos, parou na metade do caminho, obviamente recordando da intimidade de tal contato. Escovar parte da asa era uma coisa – aliviar os arcos e outros músculos era muito, muito diferente.

— Descansaremos, — ele disse, então inclinou a cabeça. — Espere aqui. Não seja pega.

— Farei o meu melhor, — disse secamente, erguendo a espada.

Um afiado flash de dentes contra aquela impecável pele e ele desapareceu, tão experiente em desaparecer nos meios das árvores que ela não pode vê-lo sumir.



Raphael não esperava ser chamado para o Cadre qualquer tempo no futuro, então quando foi chamado a ir – especialmente quando o chamado veio de Titus – ele sabia que seria mortalmente sério. Ele parou um exercício noturno sobre o mar no instante em que Aodhan retransmitiu a mensagem, e se conduziu para a sala de comunicação da Torre.

Sirenes elevaram-se nas ruas conforme ele levantava voo no seu caminho iluminado pelos arranha-céus, um táxi amarelo na traseira de outro, e rebocadores no Hudson soaram a buzina. Todos os lugares e sons familiares, sua cidade de volta em uma única peça.

Isso não significava que a guerra estava vencida.

Elena, ele disse após aterrissar no telhado da Torre, consciente que ela estava na Torre ajudando o jovem Izak com sua terapia física. *Estou prestes a falar com o Cadre*. Ele dobrou suas asas e caminhou para frente. *Quero que você ouça*. Não apenas porque Elena precisava entender o clima político, sua caçadora tinha uma mente afiada e um olhar agudo.

No meu caminho.

Ele não esperou por ela, mas sabia quando ela entrou no quarto longe das vistas das câmeras que o ligava aos outros. Ele vislumbrou o peso leve da besta

amarrada firme nela e as lâminas na bainha de seu antebraço antes da tela na frente dele dividir para exibir Favashi, Titus, Astaad, Elijah, Michaela, Neha e Caliane.

Faltando Lijuan e Charisemnon.

A ausência de Lijuan não era surpresa, mas desde a ascensão de Raphael, Charisemnon não havia perdido uma reunião de guerra ou batalha. Isso deu credibilidade a teoria que o Arcanjo do Norte da África estava desolado pela doença que criara – não apareceria em público de novo até ter plena saúde.

— Titus. — Neha disse, seu cabelo varrido para fora de seu rosto em um coque suave na nuca, e seu corpo vestido com um sari de seda dourado verde. — Qual é a emergência?

Quando o Arcanjo que controla a metade Sul do continente africano começou a falar, sua voz não era a tranquilidade moderada que ele usualmente usava nos encontros. Era estrondosamente baixa que vibrava com a raiva crua.

— Um dos meus observadores tem sido amigo de Jariel e foi convidado para sua casa para uma estadia. Ele chegou e encontrou as pessoas de Jariel e a cabeça de Jariel colocada no centro da entrada, uma pilha de cinza como a única evidência do que aconteceu com seu corpo.

Seus olhos ônix brilharam e seus músculos incharam embaixo do azeviche de sua pele, Titus bateu em um copo de vidro. Quebrou, derramando cinzas pretas sobre a superfície de madeira na qual o Arcanjo do Norte da África havia batido.

— Nós todos sabemos que fogo comum não cria uma pilha limpa de cinza em uma área definida. Também não destrói o cérebro deixando o resto da cabeça intocável.

Um silêncio atordoadado.

Arcanjo?

Acreditava-se que Jariel estava no topo de tornar-se Arcanjo, Raphael disse a sua consorte. Talvez nas duas próximas décadas.

— Você tem certeza? — Perguntou Astaad para Titus, seu cavanhaque puro negro contra o branco de sua pele. — Temos que ter certeza.

As narinas de Titus alargaram.

— Meu homem me mandou as imagens, mas tenho certeza da morte. Pelas condições de seus restos, isso foi feito há pelo menos uma semana, mais como dez dias.

Não muito tempo depois do rapto da Andromeda, Elena disse, sua mente claramente andando na mesma direção que a dele. *Coincidência?*

Não acredito muito em coincidência tão letal.

Alguém sugou uma respiração conforme as imagens que Titus prometeu começaram a rolar através das telas. A cabeça deteriorada de Jariel olhava para ele com os olhos cegos com membranas brancas por cima. Imagens do resto de sua casa mostraram vampiros serventes mortos e anjos quebrados com asas amassadas. Todos mortos de uma forma que era o fim, mesmo para aqueles que eram vistos como imortais pelos humanos.

Foi Michaela quem disse, o verde de seus olhos focados nas cinzas.

— Há apenas uma forma de confirmar.

Titus silenciosamente raspou as cinzas pretas e segurou-a perto da câmera em sua extremidade. Cinzas criadas por um incêndio e cinzas criadas pela habilidade de um Arcanjo podem aparentar serem idênticas para os olhos nus, mas olhando perto o suficiente no segundo haverá fagulhas de poder permanecidas no seu interior por até um mês depois.

— Então. — A voz de Neha era uma lâmina, no ponto de vista da Arcanjo da Índia o massacre era indiscutível. — Foi um do Cadre.

Eles eram os únicos seres do planeta que poderiam incinerar tanto poder. Não seria necessariamente demandar o Fogo de Anjo, não se o Arcanjo estivesse perto do alvo – uma simples descarga concentrada de poder de Arcanjo poderia terminar no mesmo fim.

— Por quê? — Astaad balançou a cabeça, claramente e profundamente perturbado. — Ele não era um do Cadre ainda, não tinha voz na nossa política.

Raphael pensou novamente no sequestro da historiadora e nos planos de Lijuan para Alexander.

— Talvez alguém decidiu livrar-se de seu concorrente antes dele obter maturidade. — Disse, cuidando de não revelar muito – alianças eram coisas fluidas, e alguém nessa reunião poderia ter formado uma com Lijuan.

— Se for este o caso, — Neha disse em um sussurro sedoso que pingava veneno, — é melhor você prestar atenção no seu Bluebell para ter a certeza que a cabeça dele permanecerá atrelada ao seu corpo.

— Levarei isso em consideração. — Disse em um tom brando que não traía nada.

Elijah movimentou-se, batendo a mão sob um pequeno puma – talvez um filhote – que apenas decidiu escalar a sua mesa.

— Apenas um de nós é capaz de um ato tão hediondo.

— Você fala muito cedo, Elijah. — Favashi disse em seu macio e férreo tom. — Qualquer um de nós pode estar tomando vantagem da notoriedade de Lijuan para fazer um jogo de poder. — Ela prendeu olhares com Michaela, que apenas sorriu friamente. — Qualquer um de nós.

Eles falaram por mais 10 minutos sem chegar em um consenso da identidade do agressor. No entanto, eles tomaram a decisão de advertir os outros setes anjos que tinham os maiores poderes no mundo, uma vez que você tire o Cadre da equação. Illium não estava na lista... mas ele deveria estar. Apesar do comentário azedo de Neha, os outros ainda não perceberam a intensidade dos picos de seu nível de energia.

Desligando a conexão depois de gastar alguns minutos extras na conversa com sua mãe, Raphael retornou para Elena. Ela andou para juntar-se a ele, o quase branco de seu cabelo puxado para trás num rabo-de-cavalo e a faca movimentando-se através de seus dedos conforme ela olhava a imagem congelada na tela dele – aquela, das cinzas pretas na mão de Titus.

— Favashi está certa, — ela disse, guardando a faca. — Poderia ser qualquer um de vocês, embora pessoalmente, eu eliminaria você da lista de suspeito. — Nas pontas dos pés, ela aclamou um beijo que despejou calor mortal através dele, encontrando o gelo que se formou durante o encontro. — Eu também eliminaria Caliane, porque sua mãe apenas quer ser deixada sozinha com o seu povo.

Raphael segurou seu queixo, correndo seu polegar ao redor de sua bochecha.

— Elijah e eu estivemos em contato quase que diário ultimamente. — Ambos decidiram trabalhar juntos para defender suas regiões contras quaisquer

novos ataques. — Totalmente fora do fato que meus instintos dizem que ele é muito honrável para um ato tão covarde, e sei que ele nunca deixou o seu território.

Aproximando-se, Elena pôs sua mão no peito dele

— Não vejo Astaad e Neha fazendo isso também.

— Astaad prefere permanecer fora de conflitos quando pode, então concordo. — O Arcanjo das ilhas do Pacífico apenas se juntou a coalizão contra Lijuah quando a Arcanjo da China ousou voar com os renascidos sobre seu território. — E quanto a Neha... sim, ela é uma rainha. Não consideraria honrado emboscar um mais fraco, mais jovem anjo em sua casa.

— Michaela parecia supreendentemente normal. — Os olhos de Elena estreitaram-se. — Esperava que tivesse crescidos chifres ou algo assim pela maneira em que ela mantinha a sua cabeça abaixada. — Franziu a testa. — Apenas que... — Quebrando o contato, ela virou para a tela principal. — Essa coisa grava?

— Claro. — Ele mostrou-lhe como trazer a gravação. — Você quer Michaela?

— Sim. — Ela assistiu à gravação duas vezes. — Merda. — Saiu quase sem som. — Ela tem a mesma fragilidade de Beth quando estava grávida.

Desde que a irmã de Elena tinha pavor dele, Raphael passou pouco tempo com ela, mas ele viu em sua vida outras mortais e imortais grávidas. E agora que Elena fez o seu ponto, ele notou a nova delicadeza na pele de Michaela – e o fato que embora ela fosse uma mulher que usava seu corpo como uma arma, ela não mostrou nada disso hoje, sua imagem cortada abaixo de seus ombros.

— Michaela talvez esteja com uma criança. — Ele disse devagar.

— Santo inferno. — Elena sussurrou. — Você acha que ela estava apenas preparando o terreno quando mentiu para nós? Assim, ninguém acreditaria quando acontecesse?

Rapahel balançou a cabeça.

— Gravidez imortal é muito rara para ser prevista com qualquer exatidão. Há uma segunda possibilidade. — Ele pensou em como encontrou uma Michaela ferida com a bola de fogo vermelha incandescente na cavidade sangrenta onde o coração dela deveria ficar. — Seja o que for que Uram fez a ela, talvez tenha começado a se mostrar na superfície.

— Podemos confirmar de qualquer maneira? — Elena balançou a cabeça quase antes das palavras saírem. — Se ela estiver se escondendo por causa de sua

vulnerabilidade, vamos deixá-la. — A garganta de sua consorte agitou-se em um movimento convulsivo. — Nunca esqueço como ela parecia naquela noite no refúgio, quando Sam foi pego. Sempre me perguntei se perder a criança a fez tão mercenária e sem coração.

O coração de Raphael não era tão suave quanto o de sua consorte, mas ele não pensava que a maternidade tinha ou poderia mudar Michaela, porém, se ela estava de fato grávida, ele esperava que o bebê pudesse escapar de ser deformado pelo veneno de Uram.

— Se ela está grávida, pode ser outro evento da Cascade. — Ele disse, sua mente no esforço de Illium para segurar os níveis mortais de poder construído em seu corpo.

Elena soltou um suspiro e inclinou contra ele.

— Você ouviu algo de Jason ou Naasir?

Espalhando suas asas para deslizar sobre as dela, Rapahel assentiu.

— Jason está seguramente fora do território de Lijuah e carregando um refém ferido. — Uma mulher que pensavam estar morta há muito tempo. — Nenhuma palavra de Naasir ou da historiadora.

A mão de Elena enrolou ao redor da dele.

— É o Naasir. Ele consegue sair de qualquer coisa. — Crença feroz, mas embaixo estava uma preocupação sombria.

Pensando nas cinzas brancas na mão de Titus, Raphael sabia que ela estava certa em se preocupar. Naasir era forte, rápido e altamente inteligente, contudo, ele estava atualmente preso no coração do inimigo, e o inimigo não lutava de acordo com nenhuma regra de guerra conhecida.

18

Naasir seguiu o leve cheiro de comida mortal até um pequeno assentamento na margem de um rio. Apenas três casas, todas espaçadas generosamente, dois com pequenos barcos de pesca ancorados às frágeis docas na frente das casas.

A casa mais distante tinha fumaça saindo da chaminé e um jardim cuidadosamente cultivado. Aquela casa era a fonte das refeições e cheiros de comida. Um homem e uma mulher velhos sentavam-se comendo de pequenas tigelas na varanda da casa ao lado. Ambos eram enrugados como nozes e pareciam que tinham rido por toda a vida.

Naasir sorriu ao vê-los. Ele gostaria de rir uma vida com sua companheira.

Voltando sua atenção para a terceira casa, ele respirou fundo, não pegou nenhum aroma fresco.

Rondando pela parte de trás das casas, fora da vista dos mortais, ele ouviu pela porta da terceira casa e ouviu apenas o silêncio. Nenhuma respiração dentro, nenhum batimento cardíaco. Quando girou a maçaneta, abriu sem resistência. Caminhando, viu que estava vazia, mas limpa. Havia uma cama e encontrou lençóis em um armário, pratos, copos e utensílios de cozinha em outro, mas não

viu sinais de recente habitação. Nenhum alimento em qualquer lugar, sem toalhas penduradas, a lareira perfeitamente limpa e fria ao toque.

Provavelmente era um chalé de caça ou pesca, ele pensou, pegando vestígios de antigos animais e sangue de peixe sobre uma mesa na varanda de trás, quando se aventurou novamente. Os outros dois, com os seus jardins prósperos pareciam casas permanentes, mas esta tinha um pátio vazio cheio de gramíneas e ervas daninhas. Um pouco mais de investigação e descobriu um pequeno barco em um barracão de estanho, como se seu dono tivesse guardado para a temporada.

Decidindo que seria um esconderijo seguro e suficiente desde que ouviria qualquer um que tentasse entrar, ele se afastou silenciosamente como chegou e caminhou de volta para Andromeda. Ele não podia vê-la no início, mas podia cheirá-la. Sorrindo porque ela era inteligente, ele olhou para cima e lá estava ela, sentada em um galho.

— Eu encontrei um esconderijo para nós, — disse ele.

Ela pulou, usando suas asas para equilibrar-se. — Eu poderia precisar de um pouco de comida, — disse ela em um tom de desculpa. — Estou queimando mais energia do que costumo fazer, e sou muito jovem para ficar sem comida por muito tempo.

Ele já havia pensado nisso. Se não se alimentar, ela começaria a enfraquecer, seu próprio corpo canibalizando de dentro para fora.

— Eu tenho um plano. — Ele acenou para que ela o seguisse. — Seja uma sombra.

Ela era muito barulhenta para ser uma sombra, mas isso não importava. No momento em que chegaram, os dois barcos de pesca tinham ido embora e tudo estava quieto. Ele furtivamente verificou as casas para garantir que ninguém ficara para trás, ou entrara na casa vazia desde a sua partida.

Só quando estava certo que tudo estava limpo que ele levou Andromeda para a casa.

— Fique aqui, — disse ele, espalmando uma pequena faca que anteriormente viu na mesa da cozinha. — Eu vou pegar comida.

Ela balançou a cabeça.

— Não podemos roubar essas pessoas – eles parecem ter apenas o suficiente.

— Eu não vou. Confie em mim.

Um pequeno aceno de cabeça.

— Posso ver uma vara de pescar lá. Eu poderia tentar com isso enquanto você estiver fora.

— Não. Você será muito visível.

A pele ao redor da sua boca apertou, mas ela não discutiu.

— Fique seguro. Eu estarei atenta.

A deixando após fazer outro circuito para garantir que ninguém mais estava por perto, ele decolou em alta velocidade. Não demorou muito para conseguir o que precisava. Foi só quando estava na porta que havia aberto que percebeu que trouxe carne. Ele estivera orgulhoso de ser capaz de alimentá-la, e esquecera que não deveria oferecer carne para uma mulher.

Seus olhos foram para o coelho que pegara na caça. Ele foi rápido, misericordioso. Ele sempre foi rápido e nunca fez mal a sua presa. Eles o alimentavam, e por isso ele estava grato. Ele era um predador. Ele precisava comer. Essa era a ordem natural do mundo. E ele tinha o cuidado de nunca pegar coisas que havia um pequeno número no mundo. Não queria que eles desaparecessem.

Hoje, no entanto, ele percebeu que devia ter tentado a pesca, mesmo que fosse um método muito menos eficiente de encontrar comida, se peixe pode até mesmo ser chamado de alimento. Antes que pudesse falar e tentar impedir Andromeda de gritar, ela disse:

— Oh, você pegou alguma coisa. — Uma carranca. — Você acha que é seguro acender o fogo aqui? Não parece haver nenhuma eletricidade.

Entrando atrás dela, ele colocou sua presa na mesa da cozinha.

— Não há nenhuma razão para que alguém deva saber sobre esta cabana do ar, — disse ele, pisando com cuidado, porque não tinha certeza se Andromeda realmente não estava com raiva por ele trazer carne. — Os vizinhos que sabem que está vazio se foram.

— Ótimo. Achei as ferramentas para começar o fogo. — Ela começou o fogo usando os paus e pedaços de madeira em uma cesta ao lado dele, em seguida, usou as mãos competentes.

Uma vez que ele já tinha limpado e preparado os resultados de sua busca antes de trazê-lo para ela, tudo o que precisavam fazer era colocar a carne para

assar no espeto já colocado na lareira. Naasir suspirou ao ver a perfeitamente boa carne se queimar, mas não disse nada. Ele sabia que Andromeda não gostaria de comer carne crua.

Depois de colocar suas roupas perto da lareira para que secasse, ela se sentou e virou o espeto, conforme necessário.

— Você foi muito rápido.

— Não precisei ir muito longe. — Ele havia cheirado a existência de sua presa em sua primeira investida. — Tomei o velho no grupo, aquele cujo tempo chegou. — Nunca pegava os jovens, porque isso destruiria o ecossistema do qual ele fazia parte.

— Os meus agradecimentos ao caçador, e os meus agradecimentos à criatura que deu a sua vida para que possamos viver.

Naasir olhou para o perfil dela.

— Você é uma historiadora.

De alguma forma, ela entendeu o que perguntava. — Não cresci uma historiadora. Meus pais estão em uma parte selvagem do território de Charisemnon. — Quando Naasir mostrou os dentes ao som do nome de seu avô, ela balançou a cabeça, suas próximas palavras bruscas. — Sim, ele é uma desculpa repugnante para um Arcanjo.

A feia emoção no tom de Andromeda o fez rosnar.

— Ele tocou em você quando era um filhote? — Naasir sabia dos apetites de Charisemnon, que ele tomava aqueles que ainda não estavam plenamente desenvolvidos para sua cama.

Andromeda estremeceu.

— Não... mas ele olhava para mim de uma forma que me fez sentir como se eu tivesse aranhas rastejando sobre a minha pele. — Ela se sacudiu, claramente descartando a memória da sensação. — Meus pais controlavam um setor remoto para ele, e é um lugar amplo e cheio de criaturas selvagens e livres.

Seu tom de voz mudou, seu amor por sua pátria distante um segundo batimento cardíaco.

— Eu vi a natureza na sua forma mais feroz e implacável enquanto crescia. Há predadores e há presa. O leão corre atrás do antílope pela terra, e a chita caça

a gazela. É a ordem natural das coisas. São somente aqueles que caçam sem necessidade de alimentos que perturbam essa ordem.

Sentindo-se mais confortável quando sua calça começou a soltar vapor, secando quase totalmente, finalmente, e seu peito nu aquecido com o fogo, Naasir esticou as pernas.

— Estou feliz que você não é vegetariana. — Ele sabia que eruditos só comiam coisas de folhas, achava essas criaturas fascinantes. Quem poderia viver apenas de coisas de folhas?

A suave risada da mulher ao lado dele, aquela que cheirava mais deliciosa do que a carne, e que tinha cabelos lindamente incontrolláveis; ele queria esfregar o rosto contra ela.

— Você precisa de sangue?

Ele pensou nisso. Ele comeria um pouco da carne, mesmo que estivesse cozida, e se alimentou bem durante a viagem ao reduto do Lijuan.

— Não. Ainda não. — Olhando para ela, ele se permitiu virar os olhos para seu pulso.

Isso pulsava.

Obrigando-se a desviar o olhar quando seu pênis começou a inchar e endurecer, ele olhou para as chamas.

— Não de você, — ele disse, as palavras saindo áspera; ele queria prendê-la no chão e afundar suas presas nela ao mesmo tempo que seu membro. — Você precisa de sua força. Eu encontrarei alguém.

Ela não disse nada, mas havia uma nova rigidez nela enquanto terminavam de assistir o cozimento da carne. Quando estava pronto, eles comeram em silêncio. Deu-lhe os melhores pedaços, mas ela ainda não falava com ele como fizera antes. Incapaz de descobrir o que fez de errado, ele decidiu falar de outra coisa.

— Você tomou o seu voto porque seus pais não podiam controlar sua necessidade de cio?

Ela levantou a cabeça. Ficando tão pálida que suas sardas se destacaram de forma gritante contra sua pele, ela terminou a comida em seu prato e levantou para limpar. Então ela foi para a cama, fez uso dos lençóis do armário e se deitou.

Não querendo magoá-la por fazer mais perguntas, ele terminou a sua própria comida em silêncio antes de ir montar guarda na janela para que ela pudesse dormir em segurança.

— É parte disso. — Uma confissão suave da cama quase dez minutos depois. — Mas não é tudo.

Ele esperou; ele poderia ser paciente quando necessário. Às vezes, ele não se mexia por horas quando a presa era astuta.

Sentando-se com os braços em torno de joelhos levantados, Andromeda encontrou seus olhos.

— Sou eu, — disse ela, seu tom rouco e uma mão apertada em torno do pulso. — Eu tenho os mesmos desejos carnavais da minha mãe.

— Você quer entrar no cio com muitas pessoas? — Ele tentou não rosnar essas palavras, embora o fizesse querer rosnar – ele ia manter a sua companheira para si mesmo. Ele iria satisfazê-la quantas vezes ela quisesse, mas ninguém mais a tocaria.

Andromeda engoliu.

— Temo que isso seja exatamente o que eu vou me tornar se ceder à necessidade dentro de mim.

Naasir esforçou para entender.

— Você alguma vez dormiu com alguém?

— Não, — admitiu Andromeda, consciente que ele não entenderia sua escolha. Ele era uma vibrante criatura sexual. Estar com ele fez seus próprios instintos sexuais conscientemente adormecidos lutarem para despertar; ela queria esfregar-se contra ele, queria saboreá-lo e ser provada por ele.

Franzindo a sobrancelha e transformando em uma carranca, Naasir veio para se agachar na frente dela. Ela mudou de posição para se sentar com as pernas sobre a borda da cama, de repente percebeu que ele seria capaz de ver diretamente entre as suas coxas se ela não tivesse cuidado. A calcinha ainda estava perto da lareira, o tecido fino provavelmente seco por agora.

— Isso não dói, estar sozinha? — Perguntou a ela, seu cabelo deslizando para o lado enquanto ele inclinava a cabeça dessa maneira que ele fazia. — Eu gosto de ser acariciado. Você não precisa de carinho?

Sua honestidade exigiu o mesmo dela.

— Eu me fiz não precisar disso. — Foi brutal quando sua inclinação natural era chafurdar na sensação. — É por isso que eu peguei primeiro a espada. Para colocar a minha energia sexual em violência controlada. — Em vez do tipo sádico praticado por seus pais.

— A luta é como no cio. — Os olhos de Naasir brilharam. — Não é o mesmo, mas ele começa com o bombeamento de sangue e isso me deixa pronto.

Quando seus olhos abaixaram instintivamente, ela teve que forçá-los de volta. Ela não tinha que ver se ele estava ou não, excitado.

— O prazer sexual é como uma droga, — ela disse para Naasir. — Você se torna viciado nisso até tomar conta da sua vida, até que o prazer por si só não é suficiente e a busca de novidade se transforma brutalmente. Pelo menos é assim que é com a minha família.

— Seus pais governam um setor, — Naasir apontou. — Eles fazem outras coisas.

— É um distante e não um setor muito importante. — Charisemnon pode ter apetites desviantes, mas ele ainda era um Arcanjo e nenhum tolo. Ele sabia que sua filha e seu marido não eram capazes de comandar um grande setor, por isso os prendera em um canto pequeno, sem importância politicamente falando.

— Eles também têm dois mordomos que podem percorrer o território, sem instrução, eles fazem isso há muito tanto tempo. — Os gêmeos estavam lá desde muito antes da mãe ou o pai de Andromeda até mesmo terem nascido. — Meus pais são poderosos o suficiente para serem perigosos quando chamados para defender o território, mas de outra forma...

Ela agarrou uma de suas mãos com a outra, apertando para conter o desejo de estender a mão e brincar com a tentação de seda do cabelo de Naasir.

— Eles foram devassos, libertinos e sexualmente violentos desde que eram jovens. — Ela leu histórias sobre a devassidão de seus pais, todos os seus movimentos narrados por causa da linhagem de sua mãe.

— O fato de não poderem controlar seus impulsos os torna fracos. — O olhar de Naasir era um relâmpago, como se ele a estilhaçasse e luz saísse diretamente através dela, expondo todos os seus segredos. — Uma mulher que tem lutado com seus instintos sensuais naturais por centenas de anos não é fraca.

Andromeda respirou fundo, querendo se agarrar nas palavras dele e as manter.

— Isso exige constante controle.

Um encolher de ombros.

— Eu tenho que exercer o mesmo para não agir demasiado desumano.

— Não, — ela encontrou-se dizendo. — Não finja comigo.

Estalando os dentes para ela, ele sorriu para seu pequeno salto.

— Pensei que você me quisesse atuando como civilizado.

— Argh! Eu disse uma vez, quando estava brava. — Ela empurrou a pele quente e nua de seus ombros quando ele riu, diversão perversa nos olhos. — Você me faz querer agir totalmente incivilizada.

Seus olhos se iluminaram.

— Bom. — Levantando, ele disse: — Devo ficar vigiando. Descanse e pense sobre escolhas.

Ela fez uma careta para suas costas enquanto ele retomava sua posição junto à janela. — Não tente me dar ordens quando não estamos rastejando.

Olhando por cima do ombro, ele levantou uma sobrancelha. — Repouse ou você cairá quando estiver rastejando nisso. Você não domina rastejar ainda.

Ela jogou um travesseiro nele.

Capturando-o, ele riu em deleite não oculto, suas garras aparentes sobre a maciez do travesseiro. Não arrependido de sua malícia, seus lábios se contorcerem quando ela caiu de costas na cama e puxou o lençol, programando sua mente para acordar em algumas horas para que Naasir também pudesse descansar. Ele era mais velho e mais forte do que ela, mas ainda precisava de descanso. Como precisava de sangue.

Seu humor se afundou novamente quando pensava nele se alimentando de outra mulher.

Mas isso, também, era a ordem natural das coisas. Naasir era uma criatura sexual e as mulheres eram atraídas por ele. Não havia espaço em sua vida para uma historiadora que fez um voto de celibato antes de entender o que era *necessidade*, de querer tão desesperadamente... de olhar nos olhos prateados e ver um futuro muito mais extraordinário do que a escrita em seu sangue.



Andromeda e Naasir deixaram a casa após o anoitecer, completamente vestidos em suas roupas secas. Naasir ordenou a ela cortar um lençol e usar as tiras para embrulhar seus pés, uma vez que seus chinelos se destruíram durante as últimas horas antes do amanhecer. Ela usou o lençol mais antigo que poderia encontrar, o que parecia ter sido esquecido no armário.

Rejuvenescida pelo sono e comida, com os pés protegidos o suficiente para que as pedras não cortassem sua sola, ela foi capaz de caminhar por horas sem parar.

— Por que você me salvou? — Perguntou ela para Naasir. — Eu dei a Jessamy uma cópia dos detalhes da minha pesquisa.

Olhos prateados brilharam para ela.

— Pare de me insultar.

Carrancudo, ele se virou e continuou andando; ela cutucou seu ombro com a ponta de sua espada, sendo muito cuidadosa para não rasgar a sua linda e lambível pele.

— Era uma pergunta perfeitamente razoável. Sou uma aprendiz, e não sou parte de nenhuma corte. — Uma mentira, mas era uma mentira que ela escolheu para viver... viveria para os dias de liberdade que permaneceram.

— Jessamy pertence a nenhuma corte e a todas as cortes e assim fazem todos os que trabalham para ela. — Ele rosnou quando ela foi cutucá-lo novamente. — Eu vou morder você se você não for cuidadosa.

Coxas apertando, ela tentou pensar, pensamentos não sensuais. Exceto que sua disciplina parecia ter lhe abandonado. Quando passou por ele em um esforço para superar o desejo rastejando sobre a pele dela, ele veio ao seu lado, deu um longo e profundo suspiro e sorriu. Ela levantou a espada antes que ele pudesse abrir a boca.

— Diga uma única palavra e colocarei isto diretamente através de você.

— Você me machucaria?

— Você é um vampiro de seiscentos anos de idade. Você se recuperaria.

Ele mostrou suas presas para ela e continuaram andando. Levou-lhe o que parecia ser uma eternidade para obter o seu corpo sob controle novamente e, mesmo assim, era um controle instável, na melhor das hipóteses. Toda vez que ela o via se mover, cada vez que o cheiro dele vinha para o nariz, cada vez que ele dizia algo naquela voz baixa que parecia uma carícia áspera, a parte sensual de sua natureza tremia por atenção.

Ela acelerou o ritmo, se empurrando para a borda.

Naasir avistou um veículo três horas mais tarde, mas não havia forma de suas asas caberem nele, assim eles continuaram andando até o amanhecer começar a brilhar através do céu novamente. Entrincheirando na sombra de uma montanha, eles descansaram em turnos, enquanto o sol queimava em cima.

Os esquadrões de busca pareciam ter voltado, mas ela e Naasir não podiam se dar ao luxo de abaixar a guarda. Não deveriam ser vistos por moradores que relatariam para a sua deusa, um esquadrão da cidadela viria para eles de um lado, enquanto esquadrões da fronteira do outro. Estariam presos no meio, sem saída.

Assistindo Naasir dormir enquanto se sentava em guarda para quaisquer outros sinais de vida, Andromeda não se conteve. Ela mordeu o lábio inferior e estendeu a mão com muito, muito, muito cuidado para tocar seu cabelo. Era seda fria e mais suave do que imaginou que poderia ser. Ela queria...

Ele estalou a mão para capturar seu pulso, seus olhos ainda fechados.

— Andi, o que você está fazendo?

Andi?

Não era um nome angelical, não totalmente... mas ela gostou.

— Tocando em seu cabelo, — admitiu, desde que foi pega com as mãos no ato.

Bocejando, ele soltou a mão dela.

— Você pode. — Depois ele pareceu cair ao sono novamente.

Não acreditando completamente, ela estendeu e prendeu os dedos naqueles deliciosos fios macios. Ele não acordou, ou mesmo se mexeu, embora tivesse a consciência de que ele era como um enorme gato grande que dormia com um olho, figuramente, aberto. Ele era mesmo listrado como um tigre.

O quê?

Piscando, olhou de novo para seus braços e rosto. A ilusão se mantinha. Olhou para cima, perguntando se era uma combinação particular de três galhos de árvore que estava causando isso, porém, nada poderia explicar o padrão fantasmagórico sob o dourado pincelado profundamente no marrom de sua pele.

— O que é você? — Sussurrou, mas ele não acordou desta vez – ou se a ouviu, ele preferiu manter seus segredos.

Ela acariciou os cabelos dele por muito tempo, profundamente envolvida no prazer do ato. Era exatamente como acariciar um animal selvagem que decidiu permiti-la próximo. Ele não foi domado, e quem cometer esse erro se arrependeria, mas por agora, ele decidiu que gostava dela. Ela sabia que poderia mudar no segundo no qual assumisse sua posição na corte inimiga, e isso, também era inevitável.

Seu coração sentia como se estivesse sendo esmagado por um punho gigante de metal.



Nassir teve que se alimentar naquela noite. Deixando Andromeda esperando no pé de uma densa árvore em um pequeno vilarejo, ele entrou, achou sua presa, alimentou e andou de volta. O exercício inteiro levou 6 minutos no máximo, mas mesmo assim pareceu muito tempo. Ele sabia que Andromeda poderia se defender, também sabia que se não se alimentasse, não seria mais capaz de protegê-la, contudo, ainda parecia errado se alimentar de outra pessoa quando ela estava em sua vida.

Andromeda não estava onde a deixou quando retornou. Não levou muito tempo para rastreá-la em um pequeno córrego por perto. Seu corpo estava rígido, as bonitas asas moldadas como as de um pássaro a apoiando fora do chão.

— Feito? — Perguntou sem se virar.

— Sim.

Ela ficou ao seu lado para continuar a viagem, entretanto ele podia sentir que havia algo errado no ar. Como havia demonstrado a ela, ele podia colocar a pele civilizada quando necessária. A maioria das mulheres que ele tomava em sua cama nunca o via em algo perto de sua pele real. Elas viam apenas o avatar legal e culto que as faziam tremer com o medo primitivo, o qual intensificava os seus prazeres sexuais.

Era um jogo que não era um jogo, mas uma espécie de mentira, e isso não era instintivo a ele. Teve que aprender isso logo depois de perceber que as mulheres não o permitiriam de outra forma perto de seus corpos suaves e peles delicadas.

Não finja comigo.

Andromeda poderia pular quando ele se divertia com o medo dela, entretanto, ela não vacilou quando contava. Ficou feliz quando ele trouxe carne para ela, o deixou tocá-la com suas garras, não o olhou com repugnância apavorada só porque ele não era como os outros homens. Não, ela o olhava como se quisesse acariciá-lo, mordê-lo e brincar.

Exceto essa noite. Essa noite, ela não olhava para ele.

— Escolhi um homem.

Ela tropeçou em alguma coisa em seu caminho, endireitando-se.

— Oh. — Uma longa pausa antes de dizer, — Não achava que você gostasse de homens dessa forma. — Sua voz dura, como se não respirasse apropriadamente.

— Comida é comida. — Enquanto não estivesse doente como com o sangue que corre nas veias dos renascidos de Lijuan, o manteria vivo.

Andromeda lançou com um olhar afiado que o fez feliz de ter garras – e furioso dela lançar nele quando ele não fez nada errado.

— Escutei as mulheres do Refúgio falando sobre quão sensual é quando você se alimenta delas.

Nassir deu de ombros.

— Comida cooperativa é melhor do que comida não cooperativa. — Quando ele precisava machucar, ia atrás de carne fresca. Para sangue, tomava quem consentia. — Mas a comida do Refúgio é cooperativa, — resmungou. — Quanto sangue você pensa que posso beber?

Com a boca caindo aberta, Andromeda balançou a cabeça. Trançou seu cabelo novamente, tão apertado quanto possível, porém seus olhos brilhavam com selvageria. Fascinado, ele apenas assistiu esses olhos brilhantes e cintilantes. Toda vez que ela tentava falar, começava a rir novamente, então ele apenas a deixou até que ela se cansasse. E ele gostava de sua alegria.

— O que é tão engraçado? — Perguntou quando ela finalmente balbuciou em risadinhas.

— Todas essas mulheres, — sussurrou, seus olhos enrugando-se novamente. — Gabam-se de como você se alimentou delas, a implicação de você achar cada uma delas profundamente atraentes, e você pensa nelas como comida! — Ela se dobrou novamente, seus ombros tremendo enquanto tentava inutilmente reprimir os sons.

Não importava; não havia ninguém para ouvir além dele.

Com o sorriso largo pelo divertimento malicioso que vislumbrou nela, ele acariciou suas mãos até o centro das asas dela em um gesto de carinho.

— Elas têm gostos diferentes de sangue. — Disse a ela. — Penso que tem a ver com suas dietas. Eu gosto de variedades. Gosto de ir a diferentes restaurantes.

Ela caiu no chão, rindo tão forte agora. Lágrimas escaparam de seus olhos.

— Pare. — Conseguiu dizer entre suas risadinhas antes de colocar sua espada na terra de gramínea e apertar ambas as mãos em sua boa enquanto deitava de costas.

Sentando de pernas abertas sobre sua feroz, brilhante, deliciosamente-cheirosa companheira, com seus joelhos de cada lado de suas coxas, ele apoiou o corpo com as palmas acima dela.

— Devo contar um segredo?

O riso ainda a segurava cativa, balançou a cabeça, mas ele podia dizer que ela queria saber.

Ele moveu-se para baixo até reduzir as polegadas acima de seus suculentos-lábios, sobre os quais ela ainda tinha as mãos.

— Se Dmitri não me ensinasse a ser civilizado. — Sussurrou. — Provavelmente teria comido alguma mulher por agora.

Quando os olhos de Andromeda ficaram enormes, ele percebeu que cometeu um erro, mostrando a ela muito de sua natureza. Prestes a se empurrar para longe dela antes que gritasse ou agisse apavorada, por que não estava certo se conseguia aguentar a dor, ele foi mantido no lugar pelo aperto dela em sua camisa.

O arrastando para baixo, ela sussurrou

— Está brincando?

Ele sabia que deveria mentir, mas não queria estar com ninguém que esperasse que ele se escondesse. Janvier e Ashwini não se esconderam um do outro. Honor sabia todos os segredos de Dmitri.

— Não. — Disse. — Sou completamente capaz de comer uma pessoa, mas tenho que odiá-la e estar realmente com fome. — Pensou em contar a ela o que fez com o anjo que o criou, decidiu ver como ela aceitava primeira verdade.

Pequenas linhas se formaram entre a sobrancelha.

— Você pensa em mim como comida? — Foi um rosnado.

— Não. — Seus músculos aliviaram-se e esfregou seu nariz no dela. — Se eu morder você, será num jogo. E se eu me alimentar de você, será porque eu tenho a minha língua em sua...

Ela bateu as mãos sobre a boca dele.



A pulsação acelerada, Andromeda olhou nos olhos da feroz e bela criatura que estava despedaçando cada barreira que ela criou em um esforço de viver uma vida de honra e disciplina onde ela apenas não usava, mas criava e produzia. Ele era tão *puro*, com as cores primárias da honestidade que a atraía como uma mariposa a chama. Sabia que nunca encontraria alguém como Nassir, nem mesmo ela vivendo até os dez mil anos.

Parte dela queria aceitar o seu convite, de estar com ele, acumular memórias contra o que virá. Ela estava obrigada a servir seu avô durante quinhentos anos, e conhecendo o seu avô, esses *quinhentos* anos seria um horror atrás do outro. Certamente, sussurrou o desespero nela, certamente ela poderia ter Naasir apenas por um pouco de tempo?

E o que acontece quando você se juntar a corte de Charisemnon?

O frio lembrete foi um tapa. A ideia de Nassir a odiando ou a si mesmo depois de estarem tão dolorosamente íntimos, a fez sentir como se fosse um copo girando que quebraria com um simples toque errado.

— Lembre-se dos meus votos. — Ela disse após remover a mão de cima da boca dele, sua voz rouca com todas as emoções que não poderia liberar.

A expressão dele ficou gelidamente séria, sem aviso prévio.

— Se você fosse minha, não te deixaria ir ao cio com os outros.

Ela não sabia se isso era uma ameaça ou uma promessa.

Saindo de cima dela, ele levantou antes que ela se decidisse como responder. Um simples puxão quando ele ofereceu a mão e a pôs de pé.

— Fale-me sobre o seu estúpido livro Grimório.

Estômago apertado, ela soltou uma respiração.

— Você não pode achá-lo. — Seus olhos incendiaram-se, pois ela queria que ele achasse, ainda que isso não mudasse nada.

— Posso achá-lo. — Sua confiança era arrogante, mas num modo que a fez querer beijá-lo. — Quão grande é? Onde foi visto pela última vez?

— É isso mesmo, — confessou. — Não foi visto pelos últimos cem mil anos ou mais. Antes disso, há menções dele em histórias antigas que pode muito bem serem mitos. — O que era a razão dela escolher isso como sua chave de escape. Para garantir que a porta permaneceria permanentemente trancada.

Naasir olhou de cara feia.

— Não é uma coisa real?

— Não, ele é. — Só que com uma idade incalculável. — Caliane está atualmente responsável pelo mais respeitável relatório de sua existência. Tão antes de ser uma Antiga, ela fez uma nota casual numa carta para um amigo. — De alguma forma, uma eternidade mais tarde a carta sobreviveu e está sendo mantida numa parte especial dos Arquivos.

— Onde ela viu?

— Na casa de um alquimista. — Nesse tempo, até mesmo os anjos acreditavam em tal coisa. — O alquimista está morto há muito tempo, a cidade não existe mais, e os historiadores passaram milhares de anos tentando traçar a fábula da Estrela Grimório sem sucesso.

— Fale sobre tudo isso. — Ele demandou de novo.

Estupidamente feliz com sua determinação obstinada, ela cedeu. — É um livro de criaturas fantásticas e mistérios escondidos, o que significava que deve ter sido escrito por um anjo há muito tempo, e que seu nome foi perdido no Arquivo. Dentro de suas páginas estão ilustrações de pinturas à mão extremamente belas pela mais amada concubina do Anjo.

— Como se parece?

— Encadernado de couro, com fecho dourado. — A descrição frustrantemente incompleta. — Ninguém parece querer descrever sua aparência física, apenas o que aparentemente se encontra dentro.

Naasir olhou para ela com intensidade, e ela sabia que ele queria mais. Então ela deu mais e quando fez, ela aprendeu que ele gostava de escutar ela contando histórias de tempos atrás. Ele não estava entediado com as histórias que ela tinha em sua cabeça e muitas vezes dizia algo que a fez olhar para as coisas com uma luz inteiramente nova.

Sim, ela nunca se esquecerá de Naasir. Não enquanto respirar.

20

Elena entrou no escritório de Raphael na Torre para encontrar o Primary lá ao invés do seu Arcanjo. O líder da legião olhava para a tela que mostrava a cara de Jessamy.

— Oh, desculpa. — Começou a recuar.

— Espera, Ellie, — Jessamy chamou conforme o Primary se virava para prendê-la com aqueles estranhos e bonitos olhos translúcidos, mas com o anel do azul da montanha ao redor da íris.

— Consorte. — Sua saudação foi inexpressiva, porém simultaneamente, podia ouvir setecentos e setenta e sete vozes sussurrando para ela.

Preparada para isso, ela assentiu,

— Olá.

As vozes retrocederam. *Obrigada Deus*. Depois de alguns contratempos, a Legião veio a entender que, ao contrário do Raphael, ela não podia aguentar todas as vozes deles na cabeça. Também começaram a aprender que ela os via como indivíduos, não como uma única entidade. Se eles aceitariam isso era uma questão sem resposta.

— Você já está em contato com Amanat? — Ela perguntou, vindo ficar ao lado do Primary.

Os suaves olhos castanhos de Jessamy foram preenchidos com simpatia.

— Keir está lá agora. Ele disse que Suyin caiu no *anshara* e é o melhor – as repetitivas amputações das asas sem ter tempo o suficiente para verdadeiramente cicatrizar teve um efeito acumulativo.

Elena não poderia imaginar o horror que a outra mulher sobreviveu.

— Nenhuma das pessoas de Jason teve contato com Naasir. — Disse a Jessamy, consciente que a Historiadora tinha uma profunda conexão com o membro de cabelo prata dos Setes.

Jason voara para o território de Titus após ouvir rumores de um confronto na fronteira entre Titus e Charismnon, o que poderia terminar em guerra. O espião mestre tinha a confiança de que Naasir tentaria sair de forma segura agora que ele e a historiadora escaparam da fortaleza, entretanto, Elena não estaria feliz enquanto não ouvir uma maldita provocação da criatura tigre.

— Ele é um ser de discrição e sombra; isso é o que ele nasceu para fazer. — O Primary tinha um jeito tão imóvel que era fácil se esquecer dele, porém, quando falava, sempre falava algo sensato.

O sorriso de Jessamy estava instável, mas real.

— Ele concordaria com você. Ele ama nada mais do que esquivar-se para dentro e fora dos lugares. — Ela concordou com o Primary. — Nós falávamos de história. Ou pelo menos eu falava.

— Nossas memórias das quais ouvimos no nosso tempo de sono estão desaparecendo. — O Primary falou com Elena. — É um... efeito colateral de estar no mundo.

— No entanto, ele ainda não falou tudo do que se relembra para que eu possa registrá-las.

— Algumas coisas não são destinadas a serem lembradas. — A voz do Primary encheu-se de ecos de incontáveis outros. — A vida se tornaria insignificante se soubermos tudo. Isso nós aprendemos.

— Mas podemos aprender com os erros do passado para não cometermos novamente. — Jessamy argumentou.

— Cada geração, cada Cascade tem o seu próprio ritmo. — O contra-argumento do Primary era sem paixão, contudo, não menos potente, a estranha sensação de idade infinita que se agarrava a ele colorindo cada palavra. — Não podemos prever o futuro olhando o passado.

Escorregando para fora enquanto os dois continuaram a falar, Elena caminhou para o andar do hospital. A maioria dos feridos já foi embora. Os poucos que ficaram estavam numa pequena seção a nordeste.

Andou até achar a mini enfermaria vazia, exceto com um único anjo. Os cachos dourados cresceram novamente, um Izak sem camisa estava de pé em suas pernas trêmulas, determinado a levantar um pesado conjunto de pesos de mão. Os ossos de seus braços foram quebrados em pedaços com a Queda, mas se saíram melhores do que as pernas que ele havia perdido abaixo das coxas. Aquelas pernas apenas terminaram a regeneração em sensações agonizantes.

— Izzy. — Disse, caminhando rapidamente para o jovem anjo. — Você sabe que não deveria fazer isso sem um observador.

Ele lhe deu um olhar culpado, mas teimoso.

— Não posso ficar aqui muito mais tempo, Ellie. — Não lutou quando ela o puxou e colocou o peso ao lado após ver os músculos de seu bíceps tremer, ele acrescentou — Ficarei louco.

O coração de Elena se apertou. Izak era o mais jovem anjo a ter sobrevivido ao ataque covarde que fez tantos anjos de Nova York estilhaçar-se na Terra, e a terrível natureza de seus machucados significaram um caminho que até esse ponto foi longo e doloroso. Charisemnon tinha muito a responder, e a sua resposta seria: Raphael nunca deveria esquecer esse crime de guerra. Nem deveria nenhuma de suas pessoas.

— Izzy. — Ela disse, mantendo sua voz suave. — Você tem um tanquinho que enciumaria qualquer homem. — Bateu em seu abdômen, feliz ao sentir a quente e saudável pele onde havia apenas carne e sangue fresco.

Corando, ele não encontrou os olhos dela.

— Eu falei com o curandeiro encarregado de você. — Continuou, — ele diz que você é um paciente notável que está se recuperando muito mais rápido do que qualquer um esperava, — Izzy tinha apenas cento e dezessete anos, um bebê soldado nos termos angelicais. — Gallen estava tão impressionado com o último relatório do seu curandeiro que lhe enviou lição de casa.

— *Mais?* — Izzy parecia tão horrorizado que foi cômico.

Cedendo em suas pernas trêmulas, ele colapsou numa posição sentada em sua cama da enfermaria, suas asas abertas atrás dele.

— Mal posso fazer os exercícios que ele já mandou para min.

Abafando sua risada para que o coração do jovem não entendesse de modo errado, Elena mostrou a ele um tablet que ela trouxe do escritório do Raphael.

— Não esse tipo de trabalho de casa, e não é todo de Gallen. Alguns são de Jessamy.

— Jessamy?

— U-huu, — Sentando ao lado dele, suas asas sobrepostas em uma intimidade carinhosa que ela sabia que o confortava, disse, — Ser da Guarda de um Consorte nem sempre é sobre força. — Desde que de alguma forma ela terminou com um Guardião, ela se esforçou para entender como isso funcionava. — Aparentemente, você tem que entender tudo sobre as coisas de cortesia para que acidentalmente não insulte um Arcanjo ou, você sabe, inicie uma guerra.

Izzy engoliu em seco.

Batendo em seu braço, ela disse

— Não se preocupe. Se eu posso aprender essas coisas, — ou ao menos o suficiente para não atirar em meu próprio pé, — então você será um estudante nota A.

— Posso repensar em ser seu Guarda?

— Engraçadinho. — E porque o seu pequeno e malicioso sorriso era adorável, ela beijou sua bochecha.

Ele foi para um vermelho brilhante.

— O que é isso? Uma orgia? — Veio uma calma voz masculina que segurava um ritmo Cajun. — Parece que fomos convidados sob falsos pretextos, Docinho.

Olhando para cima, Elena viu Janvier e Ash na porta, ambos vestindo jaquetas de couros e segurando um capacete em uma das mãos. O longo e preto cabelo da Ash estava solto, as facas amarradas em suas coxas, apenas a mais visível de suas armas.

— Esses dois cafajestes são companheiros de estudos. — Ela disse a Izak.

— Hey, — Ashwini fez uma careta, não movendo os músculos flexíveis do seu corpo de bailarina da porta quando Elena se moveu em sua direção. — E você?

— Eu estive na escola de etiqueta desde que me tornei consorte de Raphael. Estou muito à frente de você.

Uma reclamação alta veio de Ash perante a sua convencida declaração, contudo, os olhos escuros da outra caçadora não estavam rindo. Todos gostavam de Naasir, mas ele, Janvier e Ash eram especialmente próximos.

Janvier passou sua mão livre através do escuro mogno de seu cabelo, um sorriso torto em seus lábios.

— Não se preocupe, *Cher*. — Disse, jogando seu outro braço, capacete e tudo, ao redor dos ombros de Ash. — Nassir uma vez tirou a nós dois de um pântano infestado de jacaré no meio de um furacão estrondoso à noite, e nós tivemos diversão com isso. Ele estará bem.

Elena e Ashwini, ambas encararam o vampiro Cajun. Presas reluziram e os olhos verdes musgos estavam rindo, ele deu um sorriso pecaminoso que ilustrava exatamente o porquê ele era tão bom amigo de Nassir.

— Irei contar a história quando o Nassir estiver aqui para narrar comigo. Ele sempre diz que eu esqueço as partes boas.

— Sim. — Ashwini disse firmemente. — Isso é Naasir.

Sorrateiro, forte e com um aroma de tigre em caçada.

21

Mesmo com a desvantagem das asas de Andromeda e a retomada inesperada de esquadrões de busca que os forçaram a se esconder por 5 horas inteiras no chão da floresta, Nassir levou Andromeda para a borda mais próxima de água durante a noite, dois dias depois.

Parte disso por que permitiu que ela voasse a noite enquanto ele corria abaixo. Ela nunca viu ninguém se mover tão graciosamente, tão perigosamente no chão. Como um tigre prata sombreado com listras mais escuras.

Sua chegada à borda foi quase decepcionante depois da furtividade requerida no resto da viagem. Ela esperava guardas eriçados com suas armas e esquadrões de ar cruzando os céus, mas as pessoas da Lijuan estavam distraídas, levadas para outra parte da borda.

— Jason?

— Ou um dos seus.

— Como sabiam quando agir?

— Eles não sabiam. Suponho que deve ter havido irritantes incursões ou dramas propositais ao longo dessa borda nas últimas 24 horas.

Ele levantou um dedo aos lábios quando um guarda acelerado corria por eles para se juntar aos outros na distância.

— Agora, — ele disse quando o guarda sumiu, e esticou sua mão.

Pegando, ela o seguiu até uma barcaça maltratada que Naasir lhe disse que foi construída por vampiros aliados com Astaad. Parece que o Arcanjo das Ilhas do Pacífico escolheu hastear sua bandeira junto com a de Raphael.

— Naasir, — ela falou calmamente quando estavam seguramente a bordo.

Suas asas poderiam fazê-la se destacar, exceto que ninguém viu ela e Naasir vir a bordo, e assim que esteve no deck, ela se moveu para estar oculta das vistas do banco. Ele não precisava lhe dizer que ela só poderia voar quando eles tivessem passado as últimas sentinelas aéreas.

— O que é isso? — Naasir perguntou, seus olhos explorando a costa quando a barcaça saiu poucos segundos depois.

— Acho que deveríamos ir a Amanat pegar suprimentos, e ir para o local mais provável.

— Você contou para Lijuan esse local?

Ela rolou olhos.

— Claro que não. Eu menti. — Ter sido forçada a testemunhar a tortura de Heng nos dentes dos cães de caça apenas fortaleceu sua decisão. — Muito convincentemente, eu poderia adicionar. Xi provavelmente está em algum lugar perto da Montanha Kilimanjaro agora.

— Eu sabia que você era sorrateira. — Olhos brilhando com aprovação, Naasir enrolou um braço envolta do pescoço dela e a puxou para perto. Dessa vez, a pressão dos seus dentes era brincalhona. — Você voará para Amanat uma vez que estivermos longe das sentinelas. Eu chegarei lá do meu jeito.

Seus instintos e seu coração se rebelaram.

— Eu não te deixarei sozinho.

— Eu serei capaz de viajar mais rápido do meu jeito quando chegarmos a terra. — Ele pegou alguma coisa do bolso. Era um anel de ouro com a letra N gravada, a gravura incorporada com diamantes. — Isso te colocará para dentro de Amanat. Fique fora do escudo até que um guarda apareça, então mostre isso para ele.

Pegando o anel, ela correu seu dedo sobre a joia. Ela não teria imaginado que esse era o seu tipo de joia – o bracelete que ele usava combinava muito mais com ele.

— Por que você carrega isso ao invés de usar?

Ele manteve seu braço ao redor dela e esfregou seu queixo em sua têmpora.

— Gosto de coisas brilhantes, mas não para usar. Caliane me deu isso como agradecimento por ter ajudado a proteger sua cidade quando ela acordou.

— Eu mantereí isso a salvo, — ela disse, enquanto ele alcançava e destrancava a simples corrente de ouro que ela sempre usava no pescoço e que sobreviveu a todas as suas aventuras. Escorregando o anel dentro, ele prendeu de volta no seu pescoço, seus dedos escovando sua nuca.

Seus mamilos endureceram, um arrepio passando por sua pele.

Ela devia protestar com o tratamento familiar, mas isso não pareceu errado – assim como não pareceu errado passar seus dedos através do cabelo dele. Andromeda não poderia pensar muito sobre isso ou começaria a doer lá no fundo. — Tem alguém que devo procurar quando chegar em Amanat? — Ela perguntou ao invés, olhando para longe, para que ele não visse tudo que ela queria esconder.

— Isabel. — Naasir a puxou de volta para o quente músculo do seu corpo. — Ela era minha parceira durante meu tempo lá e foi escolhida para permanecer na cidade.

Andromeda não tinha vontade de lutar contra seu aperto.

— Eu a vi no Refúgio. — Uma alta e competente guerreira que escolheu seguir o caminho de um devoto.

Quatro horas mais tarde, ela abriu as asas em preparação para voar.

— Eu esperarei por você. — Nada estaria certo até que ele estivesse com ela novamente. — Fique seguro.

Naasir assistiu ela se elevar no céu, seu cabelo prateado brilhando na luz da lua.

22

Tendo aproveitado a renovada hostilidade na fronteira entre Titus e Charisemnon para invadir secretamente o território de Titus, Xi e seu esquadrão passaram vários dias em torno de Kilimanjaro, buscando pela paisagem exigente e muitas vezes severa para qualquer sinal de Alexander. Ele voou para cima e para baixo os três cones vulcânicos que compunham o Kilimanjaro, estudou a fria e profunda cratera que marcava um deles, andou sobre as geleiras, e muito abaixo, nas cavernas.

Ele não encontrou nada, mas se Alexander foi para baixo da terra como Caliane, isso seria de se esperar. Ainda assim, mesmo os moradores mais próximos não ouviram sussurros, não se lembravam de nenhuma lenda. Ele sabia que falavam a verdade, porque estavam com muito medo de mentir. Enquanto normalmente ele teria ignorado tais mortais fracos, ele não podia permitir que esses em especial vivessem. Se Titus descobrisse a intrusão, ele poderia decidir lançar um ataque de retaliação e a Senhora Lijuan precisava de mais tempo para voltar a sua força.

— É possível a historiadora ter mentido? — Um de seus tenentes perguntou depois de mais um dia inútil de busca.

— Não. — Ele pensou em como Andromeda sentou com Heng, como ela ficou mesmo após Xi dizer que era uma coisa tola de se fazer. — Sua coragem é a do coração e da mente, e não a de um guerreiro. E ela aceita que este é o caminho certo. — O mundo estava em caos e necessitava da profunda sabedoria milenar de Lijuan para estabilizá-la.

A profecia de Cassandra deixou claro que Alexander era uma ameaça para o futuro da paz.

Xi não permitiria nenhuma ameaça à sua Senhora.

— No entanto, a historiadora poderia simplesmente ter errado em sua estimativa de ligação de Alexandre à sua terra e ao seu filho. — Ao contrário de Xi, Andromeda nunca tivera qualquer contato direto com Alexander, de modo que o erro era compreensível.

— O amor pode ter feito de bobo até mesmo um antigo. — O extraordinário era que Xi compreendia os instintos de Alexandre, porque ele foi impulsionado pelo mesmo. Apesar de tal fragilidade estratégica, se ele entrasse em sono, ele o faria perto de sua senhora.

Seu tenente disse.

— Vamos para o território de Favashi?

— Sim. — Para a casa do filho único e querido de Alexandre. — Deixe dois homens aqui para continuar a busca, caso a historiadora esteja certa. Apronte o resto para o vôo.

23

Andromeda voou direto e verdadeiramente em direção a Amanat, seu senso de direção aérea era bom o suficiente que a trezentos e vinte e cinco anos antes, ela chegou ao Refúgio quando não era nem uma adulta. Com cada batida da asa, ela tinha que se esforçar para não voltar, retornar para Naasir, ter certeza de que ele estava a salvo.

Ela sabia que seus pensamentos eram irracionais. Naasir era um dos Sete por um motivo – ele era forte e letal. Ela viu isso quando eles lutaram contra os renascidos. Ele derrotou três para cada um dela.

Ele era lindo de se ver em ação, pura graça e selvageria.

Montando um poderoso vento do mar, ela desceu baixo o suficiente para sentir o ar salgado. Abaixo dela, a água era um enorme vazio em todas as direções. Nem uma única embarcação, sem pássaros, nada além da noite e do oceano. Havia uma profunda paz nisso, em sentir o vento empurrando seu cabelo para trás enquanto suas asas o moldavam.

Ela imaginou se foi assim como Naasir se sentiu quando se libertava e corria a toda velocidade. Ela perguntaria a ele, ela pensou com um sorriso que morreu muito cedo. A única coisa boa na insanidade de Lijuan foi que isso trouxe Naasir na sua vida, permitiu que ela passasse seus últimos dias de liberdade com um homem tão extraordinário que ela sabia que a eternidade com ele seria uma constante e maravilhosa surpresa.

Seu coração doeu.

Uma eternidade com Naasir estava longe do seu alcance, mas ela poderia ajudá-lo a parar um crime hediondo. Lijuan tentar assassinar Alexander enquanto

ele dormia não quebraria apenas um dos tabus mais profundos da raça angélica, isso destruiria centenas de milhares de anos de história. Alexander carregava essa história nos ossos, na sua mente, em suas memórias.

O plano de Lijuan *não poderia* ter sucesso.

Mandíbula apertada, ela montou outro vento forte... e pensou novamente no vampiro de cabelos prateados que não era um vampiro, que era seu parceiro nessa busca crítica, e como a fez se sentir ingenuamente jovem e selvagem. Dessa vez, ela não lutou com as fantasias que sussurraram para ela, fantasias de uma eternidade onde ela poderia explorar, brincar e se entrelaçar com ele para sempre.

Nessa noite onde ela voou sozinha sob o mar escuro da meia-noite enquanto as estrelas brilhavam acima, isso não importava. Nessa noite, ela era livre e selvagem com uma linhagem que era sua, desconectada de qualquer forma dessa corte construída em dor e brutalidade e atos sexuais desprovidos de amor e até afeição.

Mas claro que a noite, secreta e doce, não poderia durar.

Amanhecer era um beijo rosa no céu, a fria luz da manhã conforme ela voava sobre a espessa e escura verde floresta de Kagoshima, Japão, indo em linha reta para uma cidade que não deveria existir ali. Uma névoa sussurrou como uma amante no topo das árvores, as montanhas cobertas por nuvens brancas recém-chegadas, mas Andromeda não estava mais sonolenta; sua respiração acelerou em antecipação de ver a cidade perdida ressuscitada novamente, de andar em suas velhas ruas, de falar com o povo que Caliane levou para o Sono com ela.

Andromeda leu cada um dos relatórios preenchidos por outros, se debruçou sobre esboços feitos por artistas que a visitaram. Não havia fotografias, por que alguma coisa em Amanat fazia com que as câmeras não funcionassem direito, talvez pelo simples e baixo sussurro da proximidade de um Antigo.

Independentemente, nada poderia tê-la preparado para a primeira vista da lendária cidade.

Ela apareceu fora do verde como uma miragem, uma cidade de pedra, flores e curvas protegidas por um escudo de uma luz azul delicada que avisava contra intrusão. Boca seca com sede e admiração, Andromeda pousou razoavelmente fora do escudo, suas asas tensas pelo longo voo depois de dias de quase inatividade.

Ela teve que esperar uma questão de segundos antes que um anjo de cabelos castanho avermelhados pisasse fora do escudo para encará-la.

— Qual o seu propósito aqui? — Seus olhos verdes tão frios quanto sua voz, seu corpo vestido nos couros de combate de um guerreiro.

Ela o reconheceu pelas descrições nos relatórios: Avi, uma das pessoas mais confiáveis de Caliane, e um anjo que retornou quietamente ao seu lado assim que Caliane acordou.

— Meu nome é Andromeda, — ela disse. — Sou uma historiadora que recentemente escapou da cidadela de Lijuan, graças a Jason e Naasir. — Levantando a mão para o pescoço, ela abriu a corrente que segurava o anel de Naasir. — Eu vim para ver Isabel.

— Naasir não está com você? — Nenhuma máscara fria agora, a preocupação escurecendo o olhar de Avi.

— Ele está vindo pela terra. — Os dedos de Andromeda curvaram dentro da mão, sua preocupação por Naasir um constante eco no fundo da sua mente. — Fazia mais sentido eu voar.

Um pequeno aceno e o anjo a levou para dentro da cidade após, de alguma forma, fazer o escudo se abrir. Ou talvez fosse seu Arcanjo que abriu o escudo para ele.

— Suyin? — Ela perguntou.

— Em *anshara*, — Avi contou curtamente.

Andromeda se recusou a ser varrida como uma criança.

— Ela ficará bem? — Perguntou, incapaz de esquecer o agonizante sofrimento que marcou o olhar de Suyin.

Se virando para imobilizá-la com aqueles penetrantes olhos verdes, Avi tomou seu tempo para responder, mas quando fez, seu tom foi gentil.

— Keir disse que é a melhor coisa para ela. Seus danos físicos vão curar, e quando acordar, ela o fará em uma cidade onde foi uma preciosa convidada antes do seu aprisionamento. — Um inesperado toque no cabelo de Andromeda, como um pai faria com uma criança. — Não tenha medo, jovem, Suyin tem amigos aqui que irão protegê-la e ajudá-la a curar feridas que não são visíveis.

Com a garganta grossa, Andromeda assentiu. Deixando cair a mão do seu cabelo, Avi a introduziu em Amanat. Precisou de um minuto para colocar suas emoções sob controle suficiente para ver claramente, e então, ela teve que lutar para não ficar de boca aberta como uma novata.

Para um historiador, Amanat era um sonho tomando forma vívida.

Com cada um de seus passos, ela andava na história por si só. A arquitetura, as esculturas etéreas nas pedras das paredes que construía os prédios, os veios de pedra mineral do caminho em que ela e Avi andavam, janelas de jardins que

derramavam flores por todas as direções, tudo lutava para capturar sua atenção, mas ela focou primeiramente nas pessoas que foram dormir por tanto tempo ao lado de seu Arcanjo.

Elas vestiam vestidos brilhantes de flores quando não eram mulheres guerreiras e túnicas bordadas e calças para os homens não-guerreiros. Poucos homens usavam kaftans floridos como robes. Em contraste, como com Avi, os guerreiros eram vestidos como a maioria dos guerreiros do mundo. Eles tinham também o mesmo olhar mortal e aparência alerta.

Em geral, não eram tão diferentes dos homens e mulheres da corte de Lijuan. Apenas aqui, ninguém desviou do seu olhar, e ao invés de vislumbrar estremecimentos de medo nos seus rostos, ela ouviu risada se espalhando pelas ruas, foi presenteada com sorrisos por aqueles que não eram guerreiros, e curtos assentimentos de boas-vindas por aqueles que eram.

E isso na casa de um Arcanjo que uma vez foi considerado insano, um Arcanjo que atraía pelo canto toda uma população adulta de duas prósperas cidades para dentro do mar. Como resultado, corpos inchados chegaram à praia, bicados por pássaros, e encontrados por crianças órfãs que ficaram tão traumatizadas pelo horror que se curvaram e morreram "de um sofrimento que imortais jamais conhecerão".

Palavras de Keir, como foram gravadas pelos historiadores, por uma Jessamy com coração igualmente quebrado.

Seria possível que Lijuan também poderia um dia se tornar uma versão melhor dela mesma? Andromeda mordeu seu lábio inferior, incapaz de ver esse futuro. Caliane fez Dormir sua loucura enquanto Lijuan tinha a intenção de alimentá-la na força vital do seu povo.

— Historiadora.

Puxada do curso perturbador de seus pensamentos, ela viu que eles pararam em frente a um arco.

— Isabel está dentro, — Avi falou. — Eu vou te deixar para falar com ela.

— Obrigada. — Atravessando o arco, Andromeda se encontrou em um pátio sombreado por árvores, mas ainda totalmente iluminado, cercado por casas de dois andares e vazio, exceto por um anjo praticando a kata⁶, uma arte marcial. A anjo era alta e musculosa de uma maneira tonificada, fluída, seus cabelos negros

⁶ Kata é um conjunto de movimentos de ataque e defesa e está presente nas mais diversas artes marciais japonesas, realizados em conjunto ou individualmente. O significado mor é "forma", mas adquire conotações diversas dependendo da arte em questão.

puxados para trás em uma arrumada trança e suas asas brancas com borriço de verde nas primárias.

Ao invés de couro de guerreiro, ela usava jeans pretos com botas do mesmo tom, sua camisa branca solta com mangas compridas presas nos pulsos. Nada disso mudava o fato dela ser uma treinada e perigosa lutadora que se movia com uma economia de movimentos, o que dizia a Andromeda que Isabel não seria rápida em uma luta, mas seria eficiente.

Apesar de seu cansaço, Andromeda ficou para trás, preferindo não interromper; ela sabia o significado de encontrar paz em um silencioso padrão de movimentos. Isabel se preparava para o dia, e interrompê-la iria quebrar seu núcleo.

Andromeda encontrou uma moderada paz em simplesmente olhar a outra mulher.

Completando seu kata vários minutos depois, Isabel tomou um momento de silêncio antes de olhar para cima. Seu sorriso era tranquilo, mas intenso, seus olhos um castanho mais escuro do que o mais escuro chocolate, e sua pele um castanho-dourado. Bela ao invés de bonita, Isabel tinha uma confiança régia que dizia que ela poderia comandar exércitos e cortes sem perder o passo.

— Você deve ser a Andi do Naasir.

Andromeda piscou.

— Como você poderia saber disso? — Não sua identidade, mas o apelido de Naasir para ela.

— Naasir pegou emprestado um telefone via satélite do capitão da barcaça depois que você saiu. — O sorriso de Isabel se aprofundou. — Isso não vem naturalmente para ele, mas ele aprendeu tudo de tecnologia com o Illium.

— Ele é mais esperto do que a maioria dos eruditos. — Andromeda tentou não soar tão orgulhosa e possessiva, não teve certeza de ter conseguido quando os olhos de Isabel enrugaram como se estivesse segurando uma risada. — Mais perceptivo também, — ela adicionou, incapaz de se conter.

A concordância de Isabel foi óbvia.

— E sim, — Andromeda disse, — Eu sou Andi. — Ela poderia ser essa mulher aqui, essa jovem historiadora felizmente imprudente que teve aventuras com um homem selvagem e maravilhoso, que carregava listras secretas de tigre sob a pele. — Naasir esteve em contato depois disso? — O nó no seu estômago não iria dissolver até que ela pudesse vê-lo, tocá-lo, se afogar no seu cheiro.

— Não, — Isabel falou. — Mas ele chegará a Amanat em bem menos tempo do que levaria qualquer outro vampiro, disso eu estou certa. — A aberta afeição no tom da outra mulher desmentia as más línguas daqueles que disseram que ela era uma máquina desprovida de emoções. — Venha. Eu vou lhe mostrar onde você pode se banhar e descansar.

Andromeda queria perguntar a Isabel como era viver a vida de um devoto, assexuado e sereno, por tanto tempo, não encontrou coragem... por que sabia que sua própria determinação estava no ponto de ruptura.

— Precisarei pegar suprimentos para o prosseguimento da nossa viagem, — ela disse ao invés, sua voz áspera com necessidade e uma maçante, pulsante solidão.

— Naasir mencionou isso. Descanse primeiro, então você precisa prestar seu respeito à Caliane. Eu separarei os suprimentos nesse tempo.

Andromeda cambaleou, mal ouvindo a última frase de Isabel.

— O quê?

— Você está na cidade dela, — a guerreira falou gentilmente. — É uma questão de educação... apesar dela estar ciente de sua linhagem de sangue, então ela pode sujeitá-la a um escrutínio mais profundo.

A respiração de Andromeda ficou tensa.

— Aprecio o aviso.

A levando para um conjunto de degraus do lado mais distante do pátio, Isabel lhe mostrou um apartamento no segundo andar preenchido com luz do sol. As janelas estavam abertas, cortinas de rendas diáfanas empurradas de lado para revelar canteiros de flores cheios de vida; mais flores cresciam nos grandes vasos colocados na pequena varanda, que poderia ser alcançada por um conjunto de portas que também estavam abertas.

Um vento fresco soprou as cortinas de renda no ar, até que elas quase tocaram o dossel da cama coberta com um cobertor branco requintadamente estampado. Embaixo dos pés maltratados de Andromeda, o grosso tapete era um azul profundo. Mais flores – um ramo de flores selvagens – colocadas em um pequeno vaso de vidro em cima de uma escrivaninha.

Esse alegre ramo deu ao elegante quarto um ar de boas-vindas e fantasia – como se alguém tivesse ido lá fora e pegado flores somente para ela.

— Isso é amável, obrigada. Especialmente as flores.

— Ah, mas não posso levar nenhum crédito. — Com os braços levemente cruzados, Isabel encostou contra o batente da porta. — Eu mencionei para uma das donzelas que uma amiga do Naasir estava chegando e ela se encarregou de fazer com que você se sentisse bem-vinda. Ele é o preferido entre as mulheres.

Andromeda queria atirar o estúpido ramo pela janela.

— E ela ainda me dá boas-vindas quando não sabe se eu posso ser uma concorrência?

— Todas aceitam que Naasir é selvagem demais para ficar preso por uma única mulher, — Isabel disse facilmente antes de se empurrar do batente. — Eu vou deixá-la com a sua purificação. Uma vez que você tenha dormido e esteja pronta para ver Caliane, você poderá me encontrar na minha casa, na porta do lado ou no templo. — Um leve sorriso. — Caliane me instruiu a ensinar às donzelas a como se defenderem.

Andromeda pensou nas criaturas de face doce, algumas lindamente arredondadas, outras esguias como flautas, que ela viu em sua caminhada pela cidade.

— Oh.

Isabel gargalhou, uma mão no punho da faca que usava na cintura. — Sim. É uma tarefa às vezes frustrante, mas elas são tão cuidadosas que não consigo ficar brava com elas – especialmente depois de passarem tanto tempo usando "roupas de guerreiro" para essas sessões.

Os lábios de Andromeda contraíram sem querer, com relação ao tom suspeitosamente brando de Isabel; ela estava curiosa para ver a ideia de roupas de guerreiro das donzelas.

— Espere, — ela disse quando Isabel ia sair. — Avi me disse que Suyin está em *anshara*. Keir falou quando ela pode acordar?

O humor sumiu da expressão da outra mulher.

— Pode levar várias semanas ou até meses – ela é muito frágil. — Uma pausa. — Parece que imortais podem morrer de tristeza e solidão, de uma existência sem esperança. Eu nunca soube disso.

Lágrimas entupiram a garganta de Andromeda.

— Suyin... — ela apenas balançou a cabeça, incapaz de colocar em palavras a dor que viu nos olhos da outra mulher.

O rosto de Isabel refletiu o conhecimento que Andromeda não podia articular.

— Caliane diz que é um tipo de vontade de chegar ao próprio fim. Isso leva um longo tempo, mas Suyin teve milênios. Ela provavelmente não teria acordado do seu próximo Sono. — Saindo com essas palavras solenes, Isabel fechou a porta atrás dela.

Seu coração sentindo como se tivesse um peso esmagador sobre ele, e o nó no estômago como um bloco de pedra, Andromeda não deixou seu olhar demorar na cama, mas foi direto para a larga câmara de banho. A banheira já cheia e com água fervendo a sua esquerda a fez gemer em necessidade, mas com medo de cair no sono, ela se entregou por um breve minuto, então levantou e se lavou embaixo do chuveiro.

Assim que as gordas gotas tocaram sua pele, ela teria feito qualquer coisa para estar onde esteve da última vez que tomou um banho adequado, naquela gelada piscina no vale. Ela quase podia sentir os dedos fortes de Naasir no seu cabelo enquanto ele o lavava, o sorrato toque da sua mão em suas penas, o jeito que ele correu com ela.

— Depressa, — ela sussurrou, sua mão estendida como se fosse alcançá-lo através do espaço e tempo. — Eu sinto sua falta.



24

Naasir não se surpreendeu quando Jason pousou ao lado dele logo depois que entrou na costa do Japão. A barcaça não lhe trouxe todo o caminho – ele se transferiu para outro navio amigável e muito mais rápido logo após Andromeda

levantar vôo. Quando mergulhou da barca para atravessar a nado para o pequeno cargueiro elegante, as bocas de ambas as tripulações caíram abertas. Alguém gritou.

Ele não sabia por quê. Não era como se ele não soubesse nadar.

— Andi? — Perguntou para Jason quando ambos conversaram em uma parte deserta de um cais, de outra forma ocupado.

— Isabel me diz que ela está segura dentro de Amanat. — Linhas de cansaço marcavam o rosto normalmente impassível de Jason. — Acabei de voltar da fronteira entre Titus e Charisemnon.

— Guerra?

O anjo de asas negras sacudiu a cabeça.

— Um pequeno confronto que nenhum dos dois lados parecia querer reviver por completo.

— Isso não vai durar. — Titus e Charisemnon não gostavam um do outro durante séculos, se não milênios, e com o mundo indo para o inferno, esse desgosto iria colidir em uma guerra mais cedo ou mais tarde.

— Não, — Jason concordou, uma das suas penas derivando para o concreto cheio de cicatrizes da doca. — Mas o suficientemente estável agora que Raphael não tem que se preocupar com quaisquer efeitos em cascata na região.

Naasir sempre gostou de Jason, mas quando cresceu, ele começou a ver que o forte anjo de asas negras era solitário. Talvez ainda mais solitário do que Naasir. Ele tentou chamar Jason para fora, instinto dizendo a ele que não era bom para o anjo ter tanta força dentro de si mesmo, mas Jason ficara contido e remoto. Não mais.

— Sua companheira deve estar sentindo sua falta, — disse ele. — Você deveria ir para casa.

Os olhos escuros de Jason cintilaram uma fração menor, mas nessa cintilação, Naasir viu a necessidade crua de seu amigo para voltar para sua princesa.

— Você e Andromeda exigirá backup.

— Se fizermos isso, eu entrarei em contato com a torre. — Naasir pensou no plano durante a fuga de Andromeda e discutiu com ela. — Localizar Alexander não é uma coisa certa. — Andromeda deixou claro que a sua perícia só ia até um ponto, ninguém poderia prever com precisão as ações de um Arcanjo.

— E é melhor se for uma equipe de dois, — acrescentou. — Nós teremos que nos mover com discrição para que ninguém nos veja e avise o povo de Lijuan que eles estão no lugar errado.

Jason esticou e reassentou suas asas em silêncio.

— Você sabe que eu tenho pessoas espalhadas pelo mundo. Se precisar de assistência imediata, me ligue.

— Eu vou comprar um telefone novo antes de deixar o país. — Ele tinha dinheiro em um cartão armazenado no bolso de trás. No início, quando Illium lhe dera tal cartão, ele passou horas olhando para ele, tentando descobrir como funcionava. Finalmente fez o seu cérebro entender que o cartão era uma espécie de máquina que mudava o dinheiro de um lugar para outro.

Quando é usado em uma loja, o cartão mudava o dinheiro de sua própria tesouraria para a da loja. Dmitri e Illium mantinha um olho em seu dinheiro, então ele realmente não tinha que pensar muito sobre a mecânica de tudo. O que sabia era que ele tinha muito dinheiro. Raphael sempre foi mais do que justo para com os seus Setes, e Naasir era muito bom em caçar tesouros que todos pensavam perdidos.

Tesouros como o estúpido livro Grimório.

— Diga-me o que você sabe sobre um livro chamado de Estrela Grimório, — pediu a Jason, porque Jason sabia de tudo.

Uma sobrancelha levantada.

— É um livro mítico cobiçado por aqueles que colecionam tais coisas.

— Você sabe onde está?

Os olhos de Jason se estreitaram, sua expressão concentrada.

— Não... mas duzentos anos atrás, eu conheci um velho de nossa raça que falou do couro vermelho e bordas douradas do Grimório. — Uma pausa, a forma imóvel de Jason de uma forma que Naasir nunca viu em outro anjo.

Ele não interrompeu. Imortais tinha memórias longas, mas Jason estava perto de sem falhas. O outro homem precisava apenas rastrear a parte certa disso.

— *E este livro de mistérios incalculáveis tinha um fecho dourado esculpido com a imagem temível de um grifo agachado.* — A voz de Jason mantinha um tom que não era a sua própria.

Memórias agitaram em Naasir, o sentido de caça despertando com uma pista, mas permaneceu irritantemente fora de alcance quando se lançou para isso.

— Havia mais alguma coisa única sobre ele?

— Sim, — Jason disse depois de quase todo um minuto de silêncio. — Um animal mítico dourado, estampado ou gravado no couro na frente.

Memória sussurrou novamente, apenas para desaparecer. Não importa. Naasir teve a pouco entre os dentes agora. Primeiro, ele encontraria Alexander, então encontraria o Grimório. Porque Andromeda era sua companheira e ele queria tomá-la. Ela pode não concordar com ele ainda, mas ela cheirava a sua companheira e gostava dele em sua pele verdadeira, e era tão feroz como o seu companheiro deve ser.

Ele gostava de tudo sobre ela, exceto seu voto de celibato.

Pelo menos se encontrasse o Grimório, ele poderia cortejá-la de verdade. Ele queria seduzi-la, queria fazê-la derreter. Principalmente, ele apenas queria ficar com ela.



Andromeda acordou com o céu riscado com as vivas faixas violetas e douradas do pôr do sol.

Ainda vestindo o manto que achou na parte de trás da porta do banheiro, ela se levantou para encontrar suas asas descansadas e seus pés já não tão doloridos. Talvez ela ficasse mais forte agora que estava quase nos quatrocentos anos. Esfregando os olhos com o pensamento sonolento, ela entrou no banheiro, jogou água fria em seu rosto e foi explorar as opções no armário.

Havia quatro vestidos em vários tons ricos, três túnicas e calças em conjuntos, e até mesmo um par de jeans e uma camisa. Ela escolheu uma calça preta combinando com a túnica, as linhas austeras compensadas pelo delicado desenho pintado em prata ao redor do decote. Lembrou-se da cor dos olhos de Naasir.

Onde ele estava?

Vestindo-se enquanto essa pergunta martelava em seu sangue, ela juntou a massa louca de cabelo, agradecendo por adormecer enquanto ele ainda estava úmido, e de alguma forma tentou domá-lo em uma trança, então deslizou seus pés em um par de chinelos. Havia também botas no armário em vários tamanhos e ela sabia que usaria um par quando ela e Naasir partissem de Amanat.

Por que ele não estava aqui ainda?

Deixando sua espada na sala, pois não achava que Caliane ficaria impressionada com uma visitante que vinha pagar seus respeitos usando uma

lâmina, ela saiu para procurar Isabel. A outra mulher não estava em sua casa, então Andromeda parou um homem que passava para pedir indicações para o templo. Ela usou a língua que ouviu falada quando Avi mostrou-lhe o pátio para Isabel.

Radiante, o bonito cidadão de pele ébana de Amanat respondeu na mesma língua, oferecendo-se para atuar como seu acompanhante ao seu destino.

— Obrigada, — ela disse, — mas eu gostaria de ir devagar e absorver totalmente esta cidade maravilhosa.

Bochechas vincando mais uma vez, ele deu o que ela precisava e ela continuou.

O espetáculo de luz do pôr do sol começara a desvanecer-se a uma paleta mais pálida, mas ainda não havia nenhuma necessidade dos candeeiros de pé alto que ladeavam os caminhos. Quando olhou para cima, viu que, apesar do ferro exposto que dava a impressão de ter envelhecido assim como Amanat, as luzes no interior eram elétricas.

Amanat estava claramente sendo atualizada para este século. Ou Caliane tinha mais visão de futuro do que Andromeda havia acreditado, ou ela tinha um consultor com visão de futuro. Andromeda apostaria no último. Tão leal a Caliane como Avi, Jelena estava muito interessado em novas invenções e tecnologias, e viera muitas vezes à Biblioteca pretendendo a ter acesso a manuais.

Continuando o caminho, Andromeda viu um pequeno filhote de cachorro preto, seu pelo liso e brilhante, correndo em sua direção. Quando se deixou cair em sua frente como se estivesse exausto, ela riu e o pegou – assim que ele recuperou sua energia, se balançava animadamente e determinado a dar-lhe beijos molhados de filhote.

Andromeda o segurou por algum tempo, seu corpo quente e a batida rápida de seu coração uma garantia, algo familiar em um local desconhecido. Sua infância pode ter sido pouco ortodoxa, de forma que ela tinha cicatrizes, mas também foi

alegre por causa dos inumeráveis animais que foram seu refúgio, seus amigos e seus companheiros. Eles não mentiam, não olhavam para ela com decepção por suas inclinações acadêmicas, nunca a fizeram se sentir como se fosse um erro.

Era uma coisa boa Andromeda ser tão claramente a filha de sua mãe – evitava perguntas embaraçosas sobre o outro lado da sua linhagem. Andromeda sempre se perguntou se Lailah escolheu Cato em parte porque ele iria permitir-lhe exercer suas tendências sem limites. Afinal, ele era exatamente igual.

Se você fosse minha, eu não a deixaria no cio com os outros.

Seu rosto ficou corado quando o cachorro se contorceu para ser colocado no chão. Colocando-o no chão, ela o viu correr, se afastando em pequenas pernas curtas e grossas, mas sua mente estava em um predador com olhos prateados.

Naasir era como os animais que a manteve sã durante a sua infância sem amigos. Ela não achava que ele tomaria a comparação como um insulto – não quando ele tinha o mesmo núcleo honesto. Ele era muito, muito melhor do que a maioria das pessoas "normais" que ela conheceu em seus quase-quatrocenos anos de vida.

— Andi!

Ela ergueu a cabeça para o chamado, para encontrar Isabel acenando para ela na frente de um conjunto de portas largas que levavam para o templo esculpido na encosta de uma montanha. Um número de mulheres jovens exaustas apareceu, fluindo para fora do templo e para as casas vizinhas.

Escura túnica laranja, atada por um cinto de tecido verde amarrado para o lado, uma blusa rosa brilhante combinada com calças brancas largas, uma túnica azul vívida que vinha até o meio da coxa combinando com leggings pretas, essas eram as três roupas mais conservadoras.

Reprimindo uma risada, Andromeda se juntou a Isabel nas portas.

— Roupas de guerreiro?

Uma diversão carinhosa nos olhos de Isabel.

— Acho que eles consideram qualquer coisa com calças ou que mostra as pernas como escandalosa e guerreira. — Ao contrário de seus derrubados alunos, Isabel não parecia estar sequer suada. — Caliane está andando no laranjal, no outro extremo da cidade. Vamos voar para ela.

— Um laranjal neste clima? — Andromeda disse antes de perceber que o escudo em torno de Amanat permitia que a mãe de Raphael pudesse controlar a temperatura no interior. — Ela nunca abaixa o escudo?

— Não, desde que uma jovem foi morta por uma das doenças de Charisemnon. — Os lábios de Isabel ficaram em uma linha fina quando o estômago de Andromeda se apertou. — Ele pensou em usar Kahla como um portador, mas ela morreu antes de infectar alguém. Isso partiu o coração de Caliane.

— Sinto muito, — disse Andromeda, nauseada em saber que o assassinato foi cometido por um membro da sua família... e aterrorizada pelo que Caliane faria com ela por isso.

— Não era você fazendo. — Isabel apertou seu ombro. — Você é tão inocente como Kahla.

Abrindo suas asas sobre essas palavras sussurradas, Isabel decolou.

Andromeda em seguida, sabendo muito bem que Caliane poderia não ser tão indulgente.

No fundo do laranjal, a Antiga não estava vestida em um dos vestidos esvoaçantes em que foi tantas vezes retratada em pergaminhos e manuscritos ilustrados. Em vez disso, ela usava couros marrons semelhantes a Avi, seu cabelo meia-noite puxado para trás em uma trança muito parecida com a de Andromeda.

— Isabel, — Caliane disse em saudação quando a Anjo guerreiro pousou, sua voz assombrosamente pura. — As minhas moças estão melhorando?

— Como lesmas, minha senhora.

O sorriso de Caliane foi inesperado e surpreendentemente bonito, seus lábios rosas suaves contra a pele de puro creme de leite.

— Você deve ser paciente – elas são flores de estufa de repente expostas ao vento e à chuva. — Seu sorriso desapareceu. — Será que não era necessário ensinar-lhes isso, mas o mundo está mudando para um lugar escuro, onde os inocentes não estão mais seguros.

Isabel abaixou a cabeça ligeiramente em um gesto de respeito.

— Eu lhe trago Andromeda. Ela é amiga de Naasir, quem eu disse a você mais cedo.

— Ah. — O azul dolorosamente puro dos olhos de Caliane, olhos que ela deixou para seu filho, se prendeu em Andromeda. — Neta de Charisemnon. — Punhais de gelo em uma voz que poderia ser uma bela e horrível arma. — E ainda assim você mostra o bom gosto de escapar de Lijuan para ajudar a salvar a vida de Alexander.

— Minha Senhora. — Não tendo certeza do que fazer ou dizer, Andromeda se curvou profundamente, ao contrário de Isabel, ela não era uma guerreira confiável, mas uma convidada muito mais jovem.

— Existe uma razão que eu não deveria executar você neste instante pelo crime feito na minha cidade?

Sangue rugindo em seus ouvidos, Andromeda ousou olhar de encontro a Caliane.

— Se apenas o sangue é o que nos define, nenhuma criança nascida nasce em liberdade.

As asas de Caliane brilharam por um batimento cardíaco sem fim antes de se acalmar. — Bem dito, principiante. E não fique tão aterrorizada, não tenho o

hábito de ferir as crianças pelos crimes de seus antepassados. — O Arcanjo olhou para Isabel enquanto Andromeda tentava se manter firme. — Vá, Isabel. Eu sei que você deve fazer o seu vôo sobre a cidade.

— Senhora. — Isabel saiu com outra pequena inclinação de sua cabeça.

— Ela cuida de minha cidade tão diligentemente como se fosse sua própria, — Caliane disse, conversando enquanto fazia sinal para Andromeda se juntar a ela em sua caminhada entre as fileiras de árvores que compunham o bosque. — Eu disse ao meu filho que vou tentá-la a ficar comigo, mas ele está confiante na fidelidade do seu povo. — Um olhar sobre Andromeda. — Seu amigo selvagem não podia esperar para voltar para o lado de Raphael.

Andromeda levou um momento para pensar. Alguns anjos mais antigos poderiam ver insulto grave em uma única palavra errada, e ela não tinha o desejo de acabar eviscerada.

— Sua cidade é surpreendente, — disse ela, sem fazer nada para esconder sua admiração. — Para mim, é como ser apresentanda a uma caixa do tesouro. — Ela poderia passar semanas apenas andando pelas ruas de Amanat, ouvindo a cadência das vozes de seu povo. — Mas Naasir é destinado a lugares mais selvagens e aventuras menos civilizadas.

— Como meu filho. — O amor de Caliane para o filho era uma flecha para o coração. — Raphael recolhe o selvagem de coração para ele.

— Ele é o Arcanjo que está menos preso no tempo, — Andromeda aventurou-se a dizer. — Mesmo Michaela, que tantas vezes brinca com as câmeras, mantém uma corte que funciona da mesma forma hoje como uma centena de anos atrás.

O branco puro das asas de Caliane parecia brilhar mesmo à luz escassa; Andromeda estava grata que já não brilhava na verdade, porque quando um Arcanjo brilhava, as pessoas geralmente morriam.

— Ele é meu filho, — Caliane disse calmamente. — E ele é filho de Nadiel. Juntos, criamos uma criança que um dia voará mais alto do que nós dois.

Tendo a sensação de que Caliane falava mais para si do que para Andromeda, Andromeda manteve seu silêncio.

— Agora ele me deixa ainda mais orgulhosa por tentar proteger Alexander. — A tensão fria de Caliane uma característica régia. — Eu Dormi durante esse tempo, mas Jelena me disse que Alexander uma vez pensou levantar um exército contra Raphael.

Andromeda pegou sua vida em suas mãos.

— No entanto, ele não o fez, no final, — disse ela. — Acho que ele estava cansado e viu Raphael como um jovem intruso. A guerra era a resposta fácil para sua necessidade de encontrar uma razão para continuar vivendo no mundo. No final, ele mostrou sua sabedoria e deixou o mundo para os jovens.

Caliane fitou Andromeda com os olhos em chamas com poder.

Sua garganta secou, seu pulso como um coelho pulando em seu peito.

25

— Como eu fiz no meu tempo, — disse Caliane, finalmente, voltando sua atenção para as árvores verdes brilhantes enquanto continuavam a andar. — Alexander era meu compatriota, mas nunca fomos amigos. Ele era um terror quando criança, sempre quebrando seus ossos e esfolando o joelho, enquanto eu era uma menina que preferia manter meus vestidos limpos e ter festa de chá livres de meninos sujos.

Andromeda sentiu admiração se espalhando sobre ela. As memórias de Caliane vinham de um tempo em que não havia mais ninguém acordado neste mundo que os conhecia.

— É solitário? — Ela perguntou impulsivamente. — Ser o único Antigo no mundo como Alexander foi uma vez? O único com memórias de tempos passados? — Lijuan pode acreditar-se uma Antiga, mas mesmo que ela fosse mais velha do que qualquer um conhecido, sua idade não chega nem perto da de Caliane.

Caliane não a repreendeu pela pergunta impertinente. Em vez disso, a Antiga sorriu.

— Vejo por que você é amiga de Naasir, historiadora. Você é tão imprudente e corajosa quanto o tigre encoleirado do meu filho.

Naasir não está encoleirado, pensou Andromeda. Ele simplesmente escolheu dar a sua lealdade para Raphael, e ela tinha a sensação de que Raphael entendia isso. O relacionamento deles não seria tão forte se fosse ao contrário.

— Sim, — Caliane disse depois de um tranquilo minuto. — Seria um prazer ter um compatriota para falar de coisas que ninguém mais se lembra – talvez eu convide Alexander para Amanat quando ele acordar. Ele se tornou um grande general, e apesar da sua tolice de ameaçar meu filho, parece ter aprendido um pouco das maneiras civilizadas ao longo do caminho.

Andromeda percebeu que Caliane estava dizendo mais do que suas palavras diziam. Havia um tom escondido em sua declaração. Caliane e Alexander não foram amigos, mas o instinto de Andromeda disse que foram mais do que estranhos. Não amantes; não era isso. Poderia ser tão simples como o fato de que eles se sentaram no mesmo Cadre – talvez trocassem insultos através de uma mesa de negociação, o tempo todo consciente de que no final, apenas um Antigo podia entender outro Antigo.

— Você sabe de quaisquer lugares secretos perdidos no tempo em que ele poderia dormir? — Ela perguntou; esperança queimando dentro dela. — Ele poderia ter escondido a si mesmo debaixo da terra como você fez? — Se assim for, onde o Arcanjo Dormia era seguro.

Mas Caliane sacudiu a cabeça.

— Não, Alexander não tem uma afinidade com a terra.

O cérebro de Andromeda clicou – apesar de terem se levantado do mar, a Legião também tinha rumores de serem da terra. Raphael deve ter herdado alguns

dos presentes de sua mãe, embora o seu tenha se manifestado de uma forma diferente.

— Se não for Terra...

— Calma, criança. — Uma carranca profunda. — Minhas memórias são novos emaranhados que devo desvendar.

Era mais de meia hora mais tarde, o mundo cinzento, que Caliane disse,

— Metal. A afinidade de Alexander era com metal. Ele poderia fazer ferro fluir como água e chamar o ouro e prata da terra.

Os olhos de Andromeda se arregalaram. Esse fato não estava em nenhuma das Histórias.

— Quando era um jovem arrogante, ele puxou o ouro da terra na minha frente e o modelou em uma pulseira. — Caliane sacudiu a cabeça. — Ele e Nadiel tinham essa rivalidade... mas Alexander se entristeceu comigo quando o coração de meu amor não bateu mais, e ele se lembrou quem Nadiel foi uma vez.

Andromeda ouviu a grande quantidade de tristeza na voz de Caliane mesmo agora. O que deve ter lhe custado ser forçada a executar seu companheiro louco? Andromeda não poderia imaginar a profundidade de sua dor. Prestes a desculpar-se delicadamente e deixar Caliane com suas memórias particulares, ela ouviu a Antiga dar uma respiração.

— Se eu conheço Alexander, ele terá construído para si um cofre de metal em um lugar escondido. — A voz de Caliane estava tão confiante que confirmava a opinião de Andromeda que os dois antigos estiveram mais perto do que alguém percebeu. — Seria impenetrável a tudo, exceto Fogo de Anjo, quando foi dormir, mas Jelena tem me ensinado sobre as novas máquinas que usam luz quente.

— Lasers? — Andromeda adivinhou quando Caliane pausou.

— Sim. Eu acho que tal máquina poderia cortar o metal de Alexandre, mesmo se Lijuan não estiver lá para usar a venenosa chuva negra que ela vomita de suas mãos.

Era uma notícia que Andromeda não queria ouvir.

— Será que ele vai acordar quando perturbado?

— Acordar do Sono é normalmente um processo longo e lento, — Caliane disse a ela. — Se o subconsciente de Alexandre sentir que você é uma ameaça quando o perturbar, você pode acabar morto antes de poder explicar algo. Recomendo que não perca tempo uma vez que tenha a atenção dele.

Andromeda engoliu, mas não sentiu a tentação de voltar atrás, tentar se esconder. Muito melhor que seus últimos momentos fossem gastos com o mais incrível homem que conheceu, trabalhando para salvar a vida de um Antigo, do que sentir a sua alma murchar na corte de seu avô.



Naasir subia pelas copas das árvores de Kagoshima sob a luz das estrelas no início da noite, os macacos residentes conversando com ele por invadir o seu território, e Amanat quase à vista, quando tudo ficou em silêncio; os macacos nas árvores, os cavalos selvagens abaixo, os pássaros no céu. Naasir.

Mantendo-se em posição, nem mesmo uma respiração agitando o ar, ele ouviu. Os cabelos levantaram em sua nuca, o sistema de alerta precoce que os seres civilizados aprenderam a ignorar. Naasir não o fez.

Então, ele pegou os aromas estranhos na brisa, ouviu o bater de asas soprando a terra. Voltando com muito cuidado, ele caminhou silenciosamente através das árvores. Os macacos não o denunciaram – eles podiam repreendê-lo, mas quando se tratava de um animal contra *outro*, viam-no como um deles.

Eles também sabiam quem pertencia ao território de Caliane e quem não pertencia.

As asas que Naasir podia ver abaixo definitivamente não pertenciam. Aparentemente ele subestimara os generais de Lijuan, foi pura sorte o esquadrão chegar tarde demais para arrancar Andromeda do céu. Pressionando-se ao longo do ramo, Naasir tensionou seus sentidos para ouvir o que os quatro anjos diziam.

—... entrar?

— Negativo. — O homem mais alto dispensou com a mão a pergunta do único anjo feminino. — Não queremos iniciar hostilidades. Philomena foi clara que a Senhora Lijuan tem outras prioridades. Nossa tarefa é apenas recuperar a historiadora.

O anjo da esquerda, aquele que tinha a pele tão escura quanto Naasir, assentiu.

— Ela deve estar aqui, o último avistamento de uma de nossas pessoas no país a coloca acima da extremidade sul de Kumamoto. Não há nenhum outro refúgio seguro nas proximidades, e ela é muito jovem para ter a resistência de ter continuado voando.

— Concordo, — disse o homem, e apesar de seu dialeto diferir dos demais, estava bastante familiarizado com as instruções básicas.

Quando Naasir ainda era uma criança, Dmitri dissera que ele devia aprender tantas línguas quanto possível, de modo que ninguém poderia guardar segredos dele. Esta não foi a primeira vez que o conselho colocara Naasir em bom lugar.

— Nós vigiamos e esperamos, — disse o anjo que parecia ser o líder. — Ela não pode ficar aqui por tempo indeterminado.

A mulher parecia duvidosa.

— Amanat é uma joia para qualquer historiador.

— Mas ela tem certas responsabilidades no Refúgio. Se decidir ficar, vamos reconsiderar nossas opções.

— Podemos nos dar ao luxo de esperar?

— Philomena a quer o mais rápido possível, mas podemos esperar esta noite. Se ela não aparecer com a aurora, entrarei em contato com o general.

Naasir ouviu mais, aprendeu que a esquadra destinava a espalhar-se em torno de Amanat, cobrindo um quadrante cada um. Ele pensou em derrubá-los, um de cada vez, mas se eles estavam acostumados a fazer check-in com o outro dentro de curtos períodos de tempo, ele iria trair o seu plano. Decidindo deixá-los com a vigilância deles e querendo assegurar que não suspeitassem que ele os viu, refez seus passos até que estava cerca de uma hora de Amanat, e então, correu abertamente em direção à cidade.

Ao contrário de Andromeda, ele não precisava esperar por uma escolta para entrar no território do Caliane. O escudo da cidade o conhecia, abriu automaticamente em uma recepção que era uma onda de energia arcangélica sobre sua pele. A única pessoa que poderia revogar o seu acesso era Caliane.

Ele pegou o cheiro de Andromeda no instante em que tocou o temperado ar de Amanat; era um fio brilhante e delicioso na mistura ativa de uma cidade próspera.

— Naasir!

Ele acenou para o amigo que o chamou do segundo andar de um edifício nas proximidades, mas não parou. O fresco e limpo cheiro de Isabel cruzava com o de Andromeda em um ponto, em seguida, ambos os aromas corriam paralelamente em direção ao pátio murado que Isabel usava como um campo de treino.

Ele sorriu quando ouviu o choque de espadas.

Pulando acima de uma parede de um lado da área de treino, ele se agachou em cima e observou Isabel e Andromeda dançando com as lâminas. Sua ex-parceira em Amanat era boa... mas Andromeda era melhor. Ele não esperava isso. Nem - ele notou -, Isabel. Naasir a conhecia e podia ler suas expressões, dizia que Andromeda a surpreendeu.

Porque, Naasir sabia, Andromeda lutava instintivamente.

Dahariel lhe dera uma excelente base, mas ela adaptou seus movimentos ao fluxo de combate, fazendo com que Isabel tenha que repensar o seu estilo mais clássico. Seus olhos se estreitaram. Isso não era apenas habilidade, não dado a idade de Andromeda – o instinto vinha de dentro.

Ela era neta de um Arcanjo.

Mas onde sua mãe perdeu a força que corria em suas veias, Andromeda a afiara, tornou a sua própria. Quando ela colocou a lâmina na garganta de Isabel em um movimento que sinalizou uma vitória, o peito arfando, mas sua mão firme, ele queria rosnar de orgulho. Em vez disso, esperou até que as mulheres se afastassem e erguessem as espadas na frente de seus rostos no cumprimento respeitoso dos dois guerreiros.

Saltando para o chão, viu a cabeça de Andromeda virar ao redor.

— Naasir! — Ela correu direto para os seus braços, a espada empurrada em uma bainha que pendia ao lado de uma de suas coxas. Ele a reconheceu como uma das de Isabel.

E então ela segurava o seu rosto entre as mãos e tudo o que podia ver era o marrom claro de sua íris, as linhas douradas em torno de suas pupilas brilhantes.

— Você está seguro!

Deslizando os braços em volta dela debaixo das asas, ele a pegou e a girou ao redor.

— Você estava preocupada comigo. — Ele podia cuidar de si mesmo, mas parecia certo que uma companheira deveria se preocupar.

— Claro que eu estava preocupada. — Andromeda fingiu bater em seus ombros enquanto a segurava, mas era mais uma carícia do que censura. — Você demorou a chegar aqui.

Realmente querendo beijá-la – estúpido Grimório – ele a colocou no chão e acariciou suas asas.

Ela lançou-lhe um olhar ameaçador, mas seus lábios estavam puxando para cima nos cantos, com os olhos brilhando. Brincando com ele novamente. Seu próprio jogo secreto. Quando os dedos dela tocaram os dele, ele fechou sua mão sobre a dela.

— Eu tive que evitar a esquadra de Lijuan, — ele disse a ela e Isabel. — Eles estão esperando que Andi saia de Amanat.

Com as mãos nos quadris, Isabel pediu mais informações.

— Hmm, — disse ela depois. — Deixe-os se esconder por agora. Vamos eliminar os quatro da equação quando você e Andi estiverem prontos para nos deixar, não queremos dar a Philomena a oportunidade de enviar reforços ou substituições.

— Nós podemos fazê-lo, — disse ele, incluindo ambas as mulheres em sua declaração.

Isabel sacudiu a cabeça.

— Os Esquadrões da Caliane precisam da experiência e a confiança que vem de derrotar o inimigo.

Naasir decidiu que ele poderia permitir isso para o esquadrão; esta presa não era muito interessante.

— Eu preciso falar com Caliane. — A Antiga estaria esperando por ele. Ele não era dela, mas ela pensava nele como dela, enquanto estava aqui, e independentemente disso, ela tinha seu respeito.

Caliane pode ser um Arcanjo conhecido por sua graça e assombrosa beleza de sua voz, mas tinha o mesmo instinto assassino de Naasir – e a mesma devoção à família.



Andromeda ainda estava tonta de alívio uma hora mais tarde, quando Naasir subiu para sua varanda e entrou em seu quarto através das portas abertas. Ele tomou banho em algum lugar, estava vestido com calça jeans limpas e uma camisa branca sem colarinho, com as mangas enroladas até os cotovelos. Feita de um algodão fino ou de linho, que foi lavada e cabia-lhe tão bem que ela sabia que era dele. Ele deve ter deixado roupas em Amanat.

Caminhando até onde ela estava sentada na beira da cama fazendo anotações em uma pequena almofada, sentou-se ao lado dela e a esfregou. Ela deveria tê-lo parado, mas não o fez. Seu hálito quente, sua pele quente, seu cheiro essencialmente masculino, a umidade de seu cabelo recém-lavado, tudo parecia muito bom, sentia como a melhor coisa que ela nunca iria sentir.

— Você se alimentou? — Ela perguntou em um tom rouco, tendo notado as linhas finas de tensão no seu rosto quando ele chegou.

— Sim. — Ele se esparramou na cama atrás dela, como se tivesse todo o direito de simplesmente assumir seu espaço. — Você viu o anjo que salvou?

Andromeda virou para sentar-se com uma perna dobrada na cama, enrolando os dedos na palma da mão para não estender a mão e acariciar o duro músculo da coxa.

— Não, ela está em *anshara*.

— Ela foi corajosa, — disse Naasir, seu tom prático. — Ela vai sobreviver.

— O corpo sim, mas eu me preocupo com sua mente e seu coração.

— Quando acordar, ela fará uma escolha entre viver ou morrer enquanto viver. — Palavras solenes. — Ninguém pode fazer isso por ela.

Aquela mão metálica estava de volta, esmagando seu peito.

— Alguma vez você teve que fazer isso? — Ela sussurrou.

— Sim, quando fui criado. Eu decidi viver e ser eu.

Que deveria ter sido uma declaração sem sentido, uma criança se lembrar do seu nascimento? No entanto, ela sabia que era a pura verdade – Naasir não mentia.

— Estou feliz, — disse ela. — Eu gosto de você.

Um brilho prateado sob a ondulação de seus cílios.

— Deite-se ao meu lado.

Com o coração dolorido, ela não lutou contra sua necessidade ou a dele. Se abaixando para o lado dele, ela apoiou a cabeça na mão... e espalhou uma asa sobre o peito.

Seu sorriso a manteve cativa, as mãos com as quais ele acariciava as penas dela inesperadamente suaves. Embora ele ficasse longe de áreas altamente sensíveis, as carícias fizeram seus dedos curvarem.

— Lindas penas, — ele murmurou, cílios abaixados enquanto falava. — Você sabe que tem filamentos de bronze que captam a luz do sol?

— Não, eu não sabia. — Andromeda sabia que suas asas não eram impressionantes, mas eram fortes e que a levavam para a liberdade do céu. Era mais do que suficiente.

Naasir alisou uma pena.

— Veja.

Quando o fez, ela pegou o lampejo fraco de um filamento de bronze escondido entre todos os outros em um meio coberto de primárias. Admiração se desenrolou dela.

— Como você percebeu isso?

— Porque eu percebo você. — Com esse comentário que roubou o seu fôlego, ele começou a acariciar sua asa novamente. — Alexander – me diga os pensamentos dele.

Andromeda olhou para o bloco de notas que ela deixou na cama perto de seus seios. Ela o usara para organizar seus pensamentos.

— Acho que há uma grande chance de que ele está em seu antigo território, mas não sob o que era seu palácio.

Ela soltou um suspiro.

— Tentei dirigir o povo de Lijuan para longe de toda a região, mas acho que Xi não estava convencido. — A corda bamba em que andou na sala do trono de Lijuan fez sua respiração se tornar superficial até mesmo agora. — Se ele for para lá, eu tenho certeza que ele se concentrará no palácio.

— Rohan é muito forte – ele vai atrasá-los. — Naasir inclinou seu antebraço atrás de sua cabeça. — Se tivesse perguntado a ele, ele teria se oferecido para ser a primeira linha de defesa para seu pai.

— Devemos avisá-lo?

Naasir tirou um telefone preto lustroso na resposta.

— Jelena tinha um sobressalente, — ele disse a ela antes de fazer uma ligação para Raphael. — O senhor falará com Rohan, dizer-lhe os planos de Lijuan, — ele compartilhou com ela depois de uma breve conversa. — A lealdade de Rohan a seu pai é uma parte indelével dele.

Confiando em seu julgamento, ela balançou a cabeça.

— E quanto a Favashi?

— Ela não escolheu um lado, e se Alexander acordar, é quase certo que Favashi não será mais o Arcanjo da Pérsia. Rohan não correrá o risco de dizer a ela. — Com esse resumo franco, Naasir colocou a mão em sua asa, o toque possessivo. — Se não fosse abaixo do palácio, então onde?

Desesperadamente querendo apagar a distância entre eles, ela pegou o bloco de notas e mostrou-lhe o mapa bruto que desenhara.

— Há um sistema de cavernas altamente complexo sobre um voo de cinco horas a partir do palácio. — Mais do que distante e remoto o suficiente para oferecer total privacidade. — Partes do sistema de cavernas são tão profundas que ninguém as explorou com sucesso, embora muitos tenham tentado isso. Mas, — disse ela, os cabelos minúsculos em seus braços em pé, — desistiram após sofrer ferimentos. Os outros desapareceram sem deixar vestígios.

— Alexander está Dormindo com um olho aberto?

— Ele era um general. — Cedendo a necessidade, ela começou a acariciar o cabelo de Naasir. Sua ronronar surdo fez suas coxas apertarem, os seios se sentir como se estivessem inchados... e seu coração ameaçar a quebrar. Obrigando-se a falar após o nó na garganta, ela disse: — Um explorador mortal que quase não conseguiu sair disse que na extremidade das cavernas, no fundo da terra, há um grande poço preenchido com lava derretida. — Andromeda não era capaz de parar de imaginar a assustadoramente bela vista desde que leu o relatório fragmentado do explorador.

— A maioria das pessoas desconsidera o relatório dele porque a sua sanidade foi quebrada por tudo o que ele viu, mas o relatório está cheio de muitos detalhes para eu fazer o mesmo. Um número das coisas que ele disse alinha-se exatamente com a forma como eu imagino que um Antigo possa se proteger. — Prestes a dizer mais a Naasir sobre o que o explorador afirmara, sua boca de repente caiu.

Ela se sentou na cama, de olhos arregalados.

— Talvez o que o explorador viu não fosse lava, absolutamente, mas metal fundido, Caliane diz que Alexander tinha uma afinidade forte com isso.

Olhos prateados brilharam para ela. Movendo-se sem aviso, Naasir agarrou um de seus braços e a puxou em seu peito.

— Naasir!

— Para chegar ao poço de lava metálica, — disse ele, ignorando totalmente sua carranca e a segurando nivelada com o calor duro de seu peito com um braço em volta da cintura, — nós teremos que nos infiltrar no território de Favashi.

Apoiando o queixo em suas mãos, a sensação de seu coração batendo debaixo dela era um profundo prazer, ela rendeu-se a indulgência de estar tão perto dele.

— Você pode entrar em qualquer lugar. Eu sou o problema. — Ela fez uma careta.

— Eu preciso de você. — As palavras bruscas, as quais caíram como um presente sobre ela. — Você carrega o conhecimento sobre Alexander que poderia nos levar a mudar o nosso caminho na metade.

— Sim. — Sua teoria foi baseada em registros históricos e instinto. Não havia previsão de efetividade. — Eu não o deixaria ir sozinho de qualquer maneira. É perigoso.

Um lento sorriso que se transformou em um rugido fez sua pele apertar e seu sangue virar mel.

— Esse *estúpido* livro Grimório. — Segurando o queixo dela, ele mostrou os dentes para ela. — Eu não esqueci sua promessa. Farei o que eu quiser com você após encontrá-lo.

Andromeda não conseguia respirar.

— Qualquer coisa que você quiser, — ela sussurrou, sua voz rouca e seus seios tão inchados que doíam. — Tocar, lambear, morder... qualquer coisa.

O sorriso voltou e desta vez foi tão primitivo que ela sabia que ele já a tomou, a possuía. Cada centímetro, cada gota, tudo.

26

Illium sobrevoou Nova York com um espírito flutuante. Jason e Naasir, ambos estavam fora de perigo no momento, e ele falara com sua mãe. Agradeceu a Raphael por ligar; Colibri aceitara um convite para vir a Nova York.

Ele estava determinado que o aniversário não seria tão ruim este ano. Ele a mantinha ocupada demais para pensar no que deixou para trás no Refúgio. Ocupada e feliz o suficiente para que não quisesse voltar rapidamente a sua dolorosa e retalhada alma.

Vendo a luz das asas de Aodhan não muito longe no céu da tarde, ele sorriu e inclinou-se para o amigo. Sua mãe amava Aodhan, e Illium sabia que Aodhan devolvia o carinho. Ele passava horas com ela, se isso fosse o que ela precisava.

— Sua mãe tem uma grande capacidade de amar, — Aodhan disse a ele uma vez.

Era verdade – e também era a maior fraqueza de Colibri.

Colocando dois dedos entre os dentes quando alcançou a altitude de Aodhan, ele assobiou.

Aodhan olhou por cima, o leve sorriso no rosto dando boas vindas depois de dois séculos dolorosos, quando Illium não era capaz de alcançar o seu amigo, não importando quão duro tentasse. As cicatrizes psíquicas de Aodhan podiam nunca desaparecer, mas ele as estava superando em uma demonstração de

coragem e força, ninguém, que não sabia o que foi feito para ele, poderia entender completamente.

Os vinte e três meses que Aodhan ficou desaparecido foi o período mais terrível da vida de Illium... pior do que quando perdeu sua amante mortal. Ele sobreviveu a perdê-la. Não sabia se poderia sobreviver se perdesse Aodhan.

Nunca antes viu a verdade tão claramente e isso o sacudiu.

— O que há de errado? — Aodhan chamou de sua posição à esquerda de Illium, suas asas quase se tocando.

Illium foi sacudir a cabeça, cambaleou com sua realização e não estava pronto para discutir isso quando sentiu como se seu coração, literalmente, explodisse de dentro para fora. A dor foi insuportável.

Asas amassando, sentiu-se cair.

Ele jogara este truque mil vezes, fingindo cair fora de controle do céu, suas asas emaranhadas. Aodhan parara de cair atrás dele séculos atrás, e, a mente tinta com dor, Illium não tinha como sinalizar para ele que isso não era um truque. Os arranha-céus de Manhattan se apressaram para ele em velocidade terminal. Se o impacto separasse a cabeça de sua espinha, seu cérebro e órgãos internos pulverizassem, ele não sobreviveria.

Não estava pronto para morrer, e agudamente consciente que a ferida da sua morte quebraria permanentemente a sua mãe e Aodhan, ele tentou esticar suas asas. Um novo sopro de dor agonizante inundou a boca com sangue... e apagou a luz na sua consciência.



Aodhan viu a mudança da expressão da Illium logo antes de suas asas se dobrarem. Então, muitas vezes Illium o enganara, mas seus instintos gritavam que isso não era um truque. Sem parar para pensar, ele dobrou em suas próprias asas e caiu como uma pedra em direção a rápida forma caindo de Illium, essas belas asas azul-prateado penduradas inutilmente enquanto Illium caía em direção ao metal, vidro e concreto em velocidade mortal.

Sire! Illium está caindo!

Mesmo quando ele alertou Raphael, Aodhan sabia que seu Arcanjo não estava perto o suficiente. Ele viu as asas de Rafael do outro lado da cidade, não muito antes de Illium assobiar para ele. Coração gritando enquanto se forçava a cair mais rápido, ele procurou o ar para qualquer outro tipo de ajuda, mas tudo se movia rápido demais, o vento queimando sua pele. Sua única vantagem é que ele

era uma bala aerodinâmica, enquanto as asas de Illium provocavam resistência, desacelerando sua descida uma fração de minuto.

Aodhan não tirou os olhos daquela forma azul caindo... e então estava o passando. Ele estalou as suas asas há menos de duzentos metros do telhado de um arranha-céu, e virando para encarar Illium, preparou-se para o impacto.

Foi acertado até os seus ossos, sacudiu os dentes, e enviou-os em espiral para baixo, em uma queda incontrollável. Ele podia sentir Illium deslizando de suas costas, não poderia desacelerar.

Eles bateriam no telhado numa velocidade que quebraria seus ossos.

Aodhan não tinha certeza se qualquer um deles sobreviveria. *Não*, pensou. *Não*.

Se movendo para agarrar o pulso de Illium enquanto seu amigo deslizava, ele sentiu seu braço saindo do lugar. Ele se recusou a diminuir seu aperto. E então ele via fogo branco em sua visão, Raphael subindo por baixo e recolhendo Illium em seus braços nus a metros do telhado. *Eu o tenho*.

Aodhan, solte.

Muito perto do próprio telhado e com muita força para parar a colisão, Aodhan preparou-se para outro pouso forçado quando acabara de se recuperar do último.

Fechou os olhos instintivamente, a princípio não sabia o que o atingiu. Ele só sabia que foi pego forte o suficiente para quebrar várias costelas. Abrindo os olhos, viu que foi empurrado para o ar limpo.

Espalhando suas asas, ele saiu do controle mais algumas vezes antes de encontrar o equilíbrio aéreo, e com o seu coração acelerado do que pareceram mil batidas por minuto e encharcado de suor, ele olhou para cima para ver Elena e o Primary voando em direção a ele.

— Você está bem? — Elena gritou quando estava perto o suficiente. — Nós não poderíamos pegá-lo a tempo, então chocamos com você!

— Obrigado, — ele conseguiu dizer, capaz de ver uma contusão já se formando no rosto de Elena e no braço. — Illium?

Olhos resolutos.

— Eu não sei.

Os três se viaram para a Torre. Pousando na varanda do lado de fora da enfermaria, ele e Elena correram enquanto o Primary esperou lá fora. O curador sênior da Torre e Raphael estavam dobrados sobre a forma inerte de Illium, o quarto, de outra forma, vazio.

Aodhan não estava acostumado a ver seu amigo tão imóvel. Illium nunca foi assim. Mesmo quando estava deitado, seus olhos despertados, sua boca sorria.

— Aodhan. — Elena estendeu a mão, como se para tomar a dele, mas caiu no caminho. — Ele está vivo, — disse ela, sua feroz voz. — Você o salvou.

Aodhan sentiu como se ainda estivesse caindo.

— Há sangue sobre ele. — Isso saiu um sussurro.

A respiração de Elena tremia, e embora ela só conhecesse Illium a um mero piscar de olhos, em contraste com os séculos de memórias na cabeça de Aodhan, Aodhan sabia que ela também estava perto de entrar em pânico. O tempo fazia pouca diferença; era o coração que importava, a capacidade de amar. E Elena amava com uma paixão que derreteria os escudos gelados de um Arcanjo.

Seu medo não oculto para Illium tornou mais fácil para Aodhan entrelaçar sua mão com a dela, fazer contato voluntário com alguém que não era seu amigo mais próximo. A sensação seria um choque em qualquer outro momento; neste instante, sua mente e sua alma não tinha espaço para nenhuma outra emoção, exceto aquelas que já ameaçavam afogá-lo.

Aodhan quis que seu amigo acordasse, tentando não ver as asas deitadas tão inertes de ambos os lados do corpo de Illium, as lágrimas de sangue espalhadas em suas bochechas. Se perdesse Illium...

Sua mão apertou na de Elena.

Naasir permaneceu em contato com a Torre durante toda a noite. Dmitri ligou para todos os Sete que estavam fora de Nova York minutos após a queda de Illium, garantido que eles ouvissem a verdade, e não apenas rumores.

— Ele ainda não acordou, — Dmitri disse duas horas antes do horário para o qual estava previsto sua partida com Andromeda. — Mas o curandeiro diz que este é um sono natural. — Ele parecia aliviado — Provavelmente ele acordará enquanto você estiver a caminho. Te avisarei quando acontecer.

Sentindo-se ele mesmo aliviado, Naasir disse:

— E a Colibri? — Naasir não tinha uma mãe, mas gostava da de Illium. Ela era gentil e suave, e mesmo antes de ter seu próprio filho, ela sempre foi boa com Naasir.

Durante as aulas de arte na escola, ela não o repreendia quando ele usava as mãos para pintar e deixava a maior bagunça.

— Ela ficará preocupada. — A Colibri nem sempre foi assim tão frágil, mas Naasir sabia que era preciso cuidar dela agora; ela foi ferida por dentro.

— Mandeí Jessamy dar a notícia pessoalmente, ela diz que faz séculos que não via Colibri reagir tão violentamente.

— O filhote dela está machucado.

— Sim. Ela está a caminho de Nova York.

Desligando para deixar Dmitri dar a notícia para Galen e Venom, Naasir contou para Andromeda. Ele havia entrado sorrateiramente em seu quarto após a primeira ligação de Dmitri, e a acordou porque não conseguia ficar sozinho enquanto sua família estava ferida; com apenas um olhar na expressão em seu rosto, ela se levantara para abraçá-lo.

Agora, ela o abraçava de novo, apertado.

— Estou muito feliz por ele está bem.

A segurando mais perto, ele esfregou a bochecha em seu cabelo, acalmando-se. Ela acariciou suas costas, fazendo sons suaves e calmantes, persuadindo seus músculos a relaxarem. Quando o levou para cama, ele se deixou ir.

Eles dormiram por duas horas até o amanhecer, com os dedos entrelaçados, face-a-face, uma das asas de seda quente de Andromeda por cima dele.

Ele acordou antes dela, e ficou imóvel a observando dormir, contando os cílios em seus olhos, as pequenas sardas em seu rosto, sentindo o ritmo de sua respiração. Após a noite passada, ele não tinha a menor dúvida de que ela era sua companheira. Mesmo tão longe de sua família em um momento ruim, ele não se sentia irritado, nem entrara em pânico como se estivesse na pele errada.

Porque Andromeda estava aqui e porque ela o entendia.

Embora não o conhecesse há muito tempo, ela entendia que ele a procurara, porque precisava de contato, de alguém para segurar enquanto esperava por notícias de Illium. Ela podia brincar e discutir com ele na vida normal, mas quando ele falava sério, ela estava ali, apaixonadamente protetora, com seus braços abertos, sua força e afeto.

Ele a ganharia para si, não importa o que tivesse que fazer.

E encontraria aquele livro, o Grimório idiota, para que pudesse colocar todo seu cheiro em cima dela, *dentro* dela.

Ele saiu da cama antes que subisse em cima dela, separasse suas coxas e afundasse em seu aperto molhado. Puxando suavemente a trança em que ela insistia em prender seus sedosos cabelos, ele disse:

— Acorde. Está na hora.



Andromeda encarou Naasir no instante em que acordou, e ficou satisfeita ao ver que ele parecia bem. As horas dolorosas desde que ele a havia acordado no meio da noite, deixou claro que ele se importava profundamente com sua família... e se importaria tanto quanto com a mulher que seria dele. Andromeda queria tanto ser essa mulher que chegava a doer.

Afastando a necessidade paralisante, ela se aprontou. Isabel encontrara algumas roupas de combate que lhe serviam, o couro desgastado e o marrom escuro empoeirado eram perfeitos para aquela missão. As calças abraçavam suas pernas, enquanto a blusa tinha as costas modificadas para que deixassem seus braços nus, e ia até o pescoço, encaixando-se confortavelmente ao redor de suas asas.

Logo após seu encontro com Caliane, Andromeda começou a usar as botas que encontrara no armário, e embora elas parecessem duras, eram bem melhores

que os frágeis chinelos de seda. Quanto à bainha que Isabel havia lhe dado, era perfeita.

— Estou pronta, — disse, se juntando a Naasir na varanda dez minutos depois que ele a acordou.

Ele vestia uma camisa cor de areia, e calças cargo com camuflagem de deserto, os pés calçados com botas.

Enquanto os dois comiam um rápido café da manhã, Avi e Isabel saíam com um esquadrão para lidar com as patrulhas inimigas. Desde que Amanat era o coração de Caliane, não havia espaço para abrigar prisioneiros. Então a única opção de Avi era executá-los, ou enviá-los para outro lugar.

— Ele pretende colocá-los num navio prisão quando terminar o interrogatório, — Isabel disse a Naasir e Andromeda após voltar para dizer que as coisas saíram como o planejado. — Ele está ancorado no meio do oceano, então mesmo que o povo de Lijuan descubra onde estão e os ajudem a fugir, isso não colocará Amanat em risco.

— Obrigada por nos abrigar, — Andromeda disse, tocando as mãos de Isabel. — Por favor, leve meus agradecimentos a Senhora Caliane também. — A mãe de Raphael estava com suas criadas e não queria ser incomodada. — Espero que treinemos juntas novamente, Isabel.

— Claro, eu preciso recuperar minha honra. — Ela deu um sorriso. — Tenham uma boa viagem.

Andromeda e Naasir deixaram a cidade discretamente, deslizando para as sombras da manhã como dois espectros. Decidiram que não podiam se dar ao luxo de voar, não ainda. Todo o país foi parte do território de Lijuan antes de Caliane acordar, o que significava que ela tinha espiões fiéis em toda parte. Se Andromeda fosse vista, o inimigo tentaria atacá-la na terra e não no ar, onde havia Naasir para ajudá-la.

— Essa hora do dia é tão calma, — ela disse enquanto caminhavam pela floresta que cercava Amanat. — Até os macacos estão dormindo.

— Eles não estão dormindo – estão apenas desconfiados com você. — Estendendo a mão, ele passou os dedos pela parte de trás de suas asas. — Agora eles sabem que você é minha.

Ela não pode conter o tremor que atravessou seu corpo. Os olhos dele pareciam brilhar. — Eu encontrarei o Grimório.

A promessa feita num tom de voz baixo e profundo enviou uma onda de pura *necessidade* em suas veias, a tentação fez seus seios doerem, seu abdômen tencionar e a umidade aflorar entre suas coxas.

— Eu quebraria meu voto por você, — ela sussurrou, sentindo o coração se partir ante a ideia de que jamais poderia conhecê-lo tão intimamente quanto uma mulher poderia conhecer um homem.

Suas presas apareceram, e Naasir se inclinou para sua garganta inspirando fundo. Mas mesmo enquanto seus olhos começaram a fechar ao sentir o mel de seu sangue, ele se afastou e balançou a cabeça, a prata de seus cabelos brilhando na fraca luz do amanhecer.

— Você deve manter suas promessas, — ele disse. — Mesmo as que fez para si mesma.

Seu lábio inferior tremeu.

— Percebe o quanto meu controle está fraco? — Ela sussurrou. — Você está tendo que chamar minha atenção.

Naasir sorriu como se ela tivesse dito algo maravilhoso.

— Não vejo problema nisso. Minha companheira deve me achar irresistível.

Ela queria tanto beijar aquele sorriso pecaminoso em seu rosto que acabou mostrando os dentes para ele pela arrogância do que disse.

— Não sou sua companheira. — Jamais poderia ser, suas linhagens eram inimigas.

Naasir rosnou.

— Te farei mudar de ideia.

Andromeda queria tanto ficar com ele que acabou fazendo algo imperdoável, o encorajou a pensar que poderiam ter um futuro juntos.

— Sim? Como?

— Espere e veja.

Os macacos começaram a aparecer então, um balançou de cabeça para baixo em um galho diretamente em frente ao seu rosto. Quando ela gritou e pulou para trás, Naasir e o macaco riram. Os outros se juntaram ao som estridente.

Franzindo o cenho para ele, o qual não parecia nada arrependido, ela empurrou o ombro musculoso. Ele agarrou a mão dela e a segurou possessivamente.

Ela fechou os dedos em torno da mão dele, não contestando o direito dele de tocá-la.



Duas horas de caminhada os levaram para o lugar onde Naasir deixara um grande veículo esperando por eles, vigiado por um vampiro que cumprimentou Naasir e logo depois começou a caminhar de volta para Amanat. Modificado para

transportar anjos feridos, se fosse necessário, tinha espaço de sobra para suas asas e a viagem até o aeroporto foi rápida.

Já que Philomena provavelmente tinha espiões no aeroporto, eles tiveram que pensar na possibilidade de pegar um jato diferente, ou fazer algo que fosse inesperado. E desde que era impossível eles arrumarem outro jato tão rapidamente, tiveram que ficar com a segunda opção e levaram o veículo diretamente até o avião, a fim de evitar a chance de serem atacados de surpresa. O piloto lhes apresentou um plano de voo que os levavam através do território de Favashi e do de Michaela.

Assim, quando Philomena passasse as informações para Xi, este pensaria que eles se dirigiam para o palácio de Rohan, e talvez o seguisse pessoalmente, ou mandasse um esquadrão. Mas de todo modo, ainda iria para um local que estava a pelo menos cinco horas do destino real de Andromeda e Naasir.

Quando finalmente foram para o ar, Andromeda se sentou enquanto Naasir rondava pelos corredores como um animal enjaulado.

— Venha aqui, — ela disse depois de dez minutos, se mudando para um assento largo o suficiente para acomodar dois anjos lado a lado.

— Não quero sentar. — Ele disse com uma careta, mas foi mesmo assim.

— Deite-se e coloque a cabeça no meu colo.

Ainda carrancudo, ele se deitou no assento como ela sugeriu, a tensão do seu corpo não cedeu. No entanto, quando ela começou a acariciar a seda pesada de seus cabelos com os dedos, seus olhos se fecharam e ele fez um ruído baixo em seu peito. Sorrindo, por simplesmente estar ali, compartilhando aquele momento com ele, ela continuou a acariciá-lo até ele adormecer. E mesmo assim ela não parou, deixando o prazer daquele gesto aquecer seu interior.

Algun tempo depois, ele se esticou e abriu os olhos dando um bocejo, olhando em volta com olhos sonolentos.

— Isso é algo que apenas um companheiro faria.

Sim, realmente era.

— Verdade? — Ela forçou um sorriso maroto. — Então se eu sou sua companheira, não acha que deveria me devolver o favor?

Ele estendeu a mão colocando na parte de trás do pescoço de Andromeda, sua pele quente e um pouco áspera. Seu pulso bateu mais forte com o contato, enquanto se perdia nas profundidades prateadas de seus olhos.

— Eu não acariciaria seus cabelos, — ele disse. — Eu deslizaria por suas asas, especialmente nos lugares que eu não tenho autorização para tocar ainda.

— Naasir, — ela sussurrou enquanto se inclinava em direção a ele, suas respirações se misturando. — Por que não me encontrou antes? — Então eles poderiam ter tido séculos juntos, ao invés de umas poucas semanas.

— Eu não estava pronto. — Ele deslizou os dedos por sua bochecha. — Ainda não compreendia o que significava ter uma companheira.

Se afastando antes que acabasse diminuindo a distância entre eles e lhe roubasse um beijo, ela inclinou a cabeça para o lado.

— Mas você tem seiscentos anos de idade.

Tirando a mão de seu pescoço, ele passou o braço ao redor de sua cintura, de modo que ela ficasse debaixo de suas asas. O calor se espalhou em suas costas quando a parte superior do braço dele roçou suas asas. Aquele era um ponto profundamente íntimo.

Mas parecia tão certo.

— Não sou como os outros imortais de seiscentos anos de idade, — Naasir disse com uma voz surpreendentemente séria. — Não sou como qualquer outro.

— Eu sei. — Ela passou os dedos por seus cabelos novamente. — Você é único, selvagem e extraordinário.

— Às vezes sou mais animal que homem.

Ela deu um encolher de ombros.

— Pelo que eu sei, animais são muitas vezes melhores do que muitas pessoas. — Disse enquanto descia a mão para massagear sua nuca, ela sorriu. — Você não pode me assustar. Já estive cara-a-cara com monstros, e vai por mim, você não é um deles.

Seus olhos escureceram.

— Eu realmente gostaria de poder matar Lijuan.

Percebendo que ele entendera a referência a corte de Charisemnon como sendo a de Lijuan, ela sacudiu a cabeça.

— Quando os imortais vão em busca da imortalidade, por que não levam em consideração que podem ficar presos a seres que os desprezaram por séculos, ou até milênios?

Ao invés de responder, Naasir fechou os olhos novamente.

— Use suas unhas, — ele disse preguiçosamente.

Quando ela raspou as unhas sobre sua nuca, ele ronronou. Fazendo o corpo dela vibrar e sua respiração ficar entrecortada.

— Você já foi humano ou nasceu assim? — Perguntou quando conseguiu falar de novo, sua necessidade de saber mais sobre ele parecia não ter fim.

Ele abriu os olhos.

— A maioria das pessoas pergunta quem me fez.

Ela entendia o motivo, ser feito por um anjo era o único modo conhecido de se tornar vampiro.

— Mas você não é um vampiro, — ela respondeu. — Você tem características vampíricas suficientes para que seja mais fácil categorizá-lo como um do que aceitar que você é algo desconhecido, mas eu realmente quero saber seu segredo.

Os lábios de Naasir se curvaram num sorriso brincalhão.

— Ellie me chama de coisa tigre. Ela fica louca porque Raphael não conta a ela para não estragar minha brincadeira.

Andromeda puxou um pouco seu cabelo.

— Seu senhor é tão ruim quanto você.

Sua risada encheu a cabine. Quando voltou a falar, ele disse:

— Eu já fui humano uma vez... então eu não era mais humano, mas depois voltava a ser.

Ela estreitou os olhos diante do enigma.

— Acho que eu e a consorte de Raphael deveríamos nos aliar.

Um sorriso.

— Isso é um jogo.

— Ok, então me dê outra pista.

— Sou uma coisa, criada de outra coisa.

— Você não é uma coisa, — ela disse com uma careta. — Você é Naasir, um homem belo e perigoso.

Ele se sentou de repente, fazendo o seu coração saltar. Apoiando uma mão sobre o braço esquerdo de seu assento e o outro diagonalmente, ele baixou o corpo até seu rosto estar a centímetros do dela.

— Eu sou uma pessoa quando estou com você.

Não era uma pergunta, mas se sentiu compelida a responder.

— Você é a pessoa mais fascinante, mais maravilhosa e mais intensa que já conheci.

Inclinando a cabeça com um sorriso, ele esfregou o nariz contra o dela.

— E você, Andi, é a mulher mais esperta, mais brilhante, e com o cheiro mais delicioso que já conheci.

Suas coxas se apertaram com a lembrança do que ele disse que faria com seu corpo quando cravasse os dentes nela.

— Eu *vou* descobrir seu segredo, — ela disse, aceitando o desafio. — E quanto eu fizer, você me contará suas aventuras da juventude?

— Posso te contar uma história agora. — Ele voltou a sua posição anterior, com a cabeça no colo dela e o braço ao redor de sua cintura, com uma perna dobrada e a outra estendida sobre o assento. — Quando fui levado para o refúgio pela primeira vez, eu era tão pequeno quando Sameon.

Andromeda tentou imaginá-lo como uma criança, mas não conseguiu. Para ela ele seria sempre um homem forte e letal.

— Eu não sabia que não podia sair por aí tocando as asas. — Ele deslizou a mão sobre a parte interna de suas asas, a fazendo abaixar as pálpebras enquanto estremecia. — Embora Raphael tivesse me dito isso quando arranquei uma das penas dele, eu ainda não havia entendido. Não convivia com crianças do meu tamanho, e minha mente não compreendia coisas como essa.

— Mas você compreendia outras coisas?

Ele confirmou com a cabeça.

— Eu sabia diferenciar uma pessoa boa, de uma pessoa ruim. Sabia que nunca deveria ficar sozinho com certas pessoas, sabia que eu podia brincar com

outras crianças, mas não poderia machucá-las com minhas presas ou garras, se não eu perderia meus amigos. Eu precisava tomar muito cuidado, anjos bebê são muito frágeis.

— Sim, eles realmente são. — Principalmente se comparados a um menino que tinha presas e garras. — Você disse que era humano e não humano. Quando era jovem, você era mais animal do que homem?

Ele deu um sorriso lento e malicioso.

— Você é inteligente, Andi.

Ela puxou seu cabelo novamente.

— Responda a pergunta.

Arreganhando os dentes para ela, ele disse:

— Sim, eu era mais animal do que humano. Mas sabia como brincar com outras crianças. — Seus olhos escureceram repentinamente. — Nunca havia brincado com anjos, ou os filhotes dos mortais antes de ir para o refúgio. Meus melhores amigos eram os lobos da neve. As outras crianças estavam todas mortas. Eram fantasmas.

A historiadora que residia em Andromeda quis investigar essa declaração misteriosa, mas a mulher que se apaixonara tão perdidamente por esse homem sabe que ir até lá poderia feri-lo.

— Sinto muito, — ela falou gentilmente. — Você fez bons amigos no Refúgio?

— Sim. — Ele mostrou suas presas. — Alguns pais diziam que eu era uma má influência, mas as crianças gostavam de mim.

— É claro que sim. — Andromeda riu. — Você ainda é amigo dessas crianças.

— Sim. Especialmente de dois deles. — Naasir disse. — É o Galen, e o outro é um cientista que mora numa ilha tropical no território de Astaad. Sempre que o visito ele me dá um peixe para comer. — Naasir para constrangido. — Eu como para ser educado, mas não entendo porque as pessoas comem os peixes.

Seus lábios tremeram.

— Você é um bom amigo. — Ela podia imaginá-lo comendo um peixe enquanto se perguntava por que as pessoas comiam aquilo. — Me conte o resto.

Os dedos dele roçaram seu quadril e ele sorriu.

— Bem, eu não entendia que não podia tocar nas asas, então eu ficava de tocaia em cima das estantes, ou me agarrava ao teto e caía em cima de anjos inocentes; antes que eles gritassem, eu arrancava uma pena e depois fugia.

Os ombros de Andromeda se sacudiram.

— Você era um pouco assustador.

— Sim, — ele disse com orgulho. — Então, um dia, eu saltei sobre Michaela.

O sorriso de Andromeda murchou.

— Ela te machucou? — A Arcanjo de incríveis olhos verdes e impecável pele cor de bronze, que fora a musa inspiradora de inúmeros poetas e artistas através dos tempos, não era conhecida por sua paciência.

— Michaela não era um Arcanjo na época, mas era tão perigosa quanto. O cheiro dela... nunca me pareceu certo. — Naasir franziu a testa como se estivesse tentando descobrir o porquê. — Ela foi muito rápida, me pegou pelo pé antes que eu pudesse fugir e me segurou de cabeça para baixo, preso pelo tornozelo com o braço esticado, então não pude acertá-la com minhas garras. Então disse: — Você está em apuros.

Andromeda engoliu em seco.

— E o que você fez?

— Eu estava com uma das penas dela na mão e ofereci de volta para ela. Quando ela não aceitou, eu rosnei e tentei fugir novamente.

O coração de Andromeda estava em sua boca, mesmo que Michaela claramente não tenha feito nenhum dano duradouro a Naasir, era como se isso estivesse acontecendo agora.

— Ela o levou até Raphael?

— Não. Ela me levou até Jessamy e disse que eu precisava de lições de boas maneiras.

— Jessamy a fez soltá-lo?

Naasir sacudiu a cabeça.

— Eu havia rasgado todos os meus livros escolares no dia anterior, e comido o coelhinho que era o mascote da turma.

Andromeda sabia que não devia, mas começou a rir.

— Você não fez isso!

— Ele estava ali, eu estava com fome, e ninguém nunca me disse que não poderia comê-lo, — ele respondeu com um olhar aflito no rosto. — Porque colocaram um coelho lá, se não para comer?

— Pobre Jessamy. — Enxugando as lágrimas de riso, Andromeda sacudiu a cabeça. — O que ela fez?

— Ela trancou todas as portas e janelas da sua sala de estudos, e depois me segurou enquanto Michaela saía e fechava a porta atrás de si, se certificando que ficasse trancada. Quando Jessamy me soltou, eu sai enlouquecido pela sala, rasgando coisa, quebrando a mobília, até cheguei a mordê-la.

O sorriso de Andromeda cedeu.

— Você se sentiu preso.

— Jessamy não conhecia minha história anterior, não entendia o que era ser enjaulado. Assim que percebeu que eu não estava apenas com raiva, mas sim com medo, ela abriu a porta.

— E então você correu, — ela adivinhou, com o coração doendo pelo pequeno menino amedrontado que não sabia lidar com aquele mundo desconhecido.

A resposta de Naasir a surpreendeu.

— Jessamy estava chorando. Embora estivesse com medo, eu sabia que o que havia feito era ruim, então fui lá, afaguei a mão dela e pedi desculpas.

O olhar de Andromena aqueceu.

— Ela ficou de joelhos e me disse que não chorava por causa disso. Ela disse que chorava porque me deixou com medo, quando só queria uma chance de falar comigo sem eu fugir quando ficasse entediado.

Andromeda poderia muito bem imaginar a angústia de Jessamy. A professora dos anjos mais jovens tinha um grande coração, e amava cada um de seus alunos, como se fossem seus próprios filhos.

— Você decidiu ficar, não é?

— Eu não gostava de ver Jessamy chorando, ela sempre foi boa para mim, mesmo quando eu rasgava os livros dela. Coloquei minha mão na dela e fomos juntos para uma caminhada pelos jardins, onde ela se sentou num banco de pedra, me colocou em seu colo, e começou a me ensinar o que eu precisava saber sobre como viver num mundo sem deixar as pessoas com raiva de mim o tempo todo.

A dor dentro de Andromeda, pelo menino que ele foi uma vez, era profunda.

— Quanto tempo levou para Jessamy te ensinar essas coisas?

— Anos. — O tom de Naasir demonstrava profundo afeto. — Levei muito tempo para aprender, mas Jessamy era paciente. Todas as tardes, nos sentávamos no jardim e ela me ensinava coisas que as outras crianças já sabiam. Como o fato de que eu não devia rosnar para as pessoas, mesmo que não gostasse dela, e como os coelhos e os outros animais do refúgio não eram para comer.

Ela deslizou os dedos sobre seu quadril.

— Dmitri também me ensinou muita coisa, mas ele não se importava o suficiente se eu comesse os coelhos de estimação, ou se pulasse em cima dele, para ser um bom professor sobre o tema.

Andromeda podia muito bem imaginar que o segundo em comando de Raphael tinha uma atitude muito mais condescendente com relação a regras de etiqueta do que Jessamy. Quando se era tão poderoso, geralmente se fazia as próprias regras.

— E agora você pode ser civilizado e assustador.

Ele deu de ombros.

— Coloco uma pele diferente quando é necessário. Dmitri me ensinou que eu não precisava mudar, mas que a vida seria bem mais fácil se enganasse as pessoas às vezes.

— Fico feliz por você não usar nenhuma outra pele além da sua própria perto de mim, — Andromeda sussurrou, abrindo seu coração.

Olhos prateados se fixaram nos dela.

— Sempre serei Naasir com você, — ele prometeu solenemente, e depois sorriu. — Ainda que você me peça para agir civilizadamente por um minuto.

Ela gemeu e fingiu bater nele com a mão livre.

— Você nunca me deixará esquecer isso, não é?

— Talvez eu deixe, se você me contar uma história da sua infância.



Naasir observou muitas expressões se deslocarem pelo rosto de Andromeda em apenas uma fração de segundo. Ele não pegou todas, mas viu dor, raiva, vergonha, e finalmente, alegria.

Isso não o surpreendeu; imortalidade significava muitas experiências. Embora dor não fosse sempre a maior parte, isso era algo muito habitual. E mesmo que Andromeda fosse uma imortal endurecida, seu coração era terno. Ela provavelmente sentia vergonha de uma ou outra transgressão que cometera.

— Nunca fui para a escola do Refúgio, — ela começou. — Na verdade, eu nunca vi o Refúgio até o dia que voei sozinha para lá no meu septuagésimo quinto aniversário.

— Setenta e cinco anos não é maduro para um anjo. — Essa idade era o equivalente humano a quinze anos de idade. — Você voou sozinha para o Refúgio?

— Sim. — A expressão dela mudou, rajadas de ouro serpenteavam por seus olhos escuros. — Meu corpo começou a amadurecer cedo, meus seios ficaram grandes. Eu já não me parecia com uma criança, e um bom número de hóspedes dos meus pais começavam a olhar para mim de forma nitidamente sexual.

Naasir sentiu suas garras começarem a sair, mas lutou para mantê-las no seu interior.

— Já não aguentava aquilo. Sabia que como uma princesa da corte, eu provavelmente estava segura, mas o olhar nos olhos deles... isso me fez sentir suja. E a maneira como meus pais e seus amigos torturavam os outros brutalmente por prazer... — ela balançou a cabeça, os ecos do medo e do choque aparecendo em

sua expressão. — Apenas informei a eles quais eram meus planos e simplesmente voei para fora de casa.

Ela deu um suspiro trêmulo.

— Acho que meu pai e minha mãe esperavam que eu desistisse e voltasse. Quando não fiz isso, eles lavaram as mãos.

Andromeda estava mentindo. Não sobre seu voo para o refúgio, mas sobre a outra parte da história. Isso o fez querer mostrar os dentes e exigir a verdade, mas faria isso mais tarde, quando ela não estivesse parecendo tão frágil.

— Com quem você brincava quando vivia com seus pais?

— Os animais. — Alegria expulsou as sombras de seus olhos. — Uma vez, quando eu estava jantando em meu quarto, uma girafa bebê colocou a cabeça pela janela e pegou uma fruta do meu prato.

Naasir sorriu.

— Sêrio?

Ela assentiu com a cabeça.

— Ela veio por trás. Eu costumava fazer um prato especialmente para ela, até que minha babá me pegou. Então eu esperava um momento em que ela não estivesse prestando atenção e abria a janela para que a girafa pudesse deslizar sua cabeça e pescoço para dentro.

Encantado com a ideia de compartilhar o jantar com uma girafa, Naasir disse:

— Os outros animais também te acompanhavam nas refeições?

Ela balançou a cabeça.

— Eu costumava correr com as chitas. Elas ficavam no chão e eu no ar. — Ela soltou um suspiro. — Elas são rápidas.

— Eu vou correr com você, — Naasir disse. — Quando estivermos livres dos espiões de Lijuan.

— Combinado.

Enquanto o avião seguia, ela lhe contou mais histórias de sua infância. Ele percebeu que ela não falava sobre outras crianças, nem mesmo colegas mortais. Andromeda parecia não ter tido ninguém, apenas seus animais. Talvez fosse por isso que ela o entendia e aceitava seu lado selvagem sem hesitação. Ele ficou feliz por isso, mas mesmo assim não gostou da ideia dela ser sozinha.

Um sinal sonoro soou um minuto depois de uma turbulência que quase os jogou para fora dos assentos.

— Este é o nosso sinal, — disse Andromeda.

Naasir se levantou para olhar pela janela.

— Sim. — Pegando a mochila que estava jogada no outro assento, ela colocou em suas costas, fechou as tiras sobre o peito e colocou um gorro apertado que impediria seu cabelo de brilhar no sol. — Pronta?

Ela sorriu.

— Ah sim.

Logo depois o copiloto saiu da cabine de comando.

— Vocês precisam saber de duas coisas. Em primeiro lugar, Illium acabou de acordar, já devem ter enviado uma mensagem para o seu celular. — Ele abriu um sorriso ao dar a notícia. — E em segundo, não estamos conseguindo estabilizar o avião, acha que consegue chegar sozinho até o Oásis?

— Consigo, — Naasir respondeu, em seguida acompanhou o copiloto até o fundo do avião. — O ar está ruim?

— Este local é famoso por suas correntes de ar imprevisíveis, como se o céu lhe dissesse para dar o fora.

Naasir encontrou o olhar de Andromeda quando o copiloto se sentou num banco e passou um cinto ao redor da cintura.

— Acho que estamos no lugar certo, Andi.

Então o copiloto abriu a porta construída para este fim, e antes que ela pudesse lhe responder, o vento invadiu a cabine. Empurrando duas mochilas para fora, ele acenou para Naasir.

— Boa sorte! — Foi difícil ouvir suas palavras com o barulho do vento.

Dando um polegar para cima, Naasir deu um sorriso para Andromeda antes de saltar. Sua descida foi previamente calculada, e ele precisava saltar quando o avião estivesse na altura certa para o paraquedas poder funcionar com segurança. Abrindo os braços no instante em que saltou do avião, ele gritou com a sensação de voar, o ar frio e a altitude correndo por ele.

Escutou um som de risadas, e quanto olhou para cima, encontrou Andromeda, com duas belas asas construídas como a de um pássaro. Sorrindo, ela seguiu toda a queda, se dirigindo ao ponto de pouso planejado na paisagem desértica, marcando mentalmente os pontos de cor que indicavam onde caíram as mochilas com suprimentos.

Ele começou a reunir o equipamento assim que pousou, enquanto Andromeda voava em direção a uma das mochilas com mantimentos. Ela levou poucos minutos para ir e voltar. Ao invés de abandonar o equipamento de salto, ele o enterrou na areia para não deixar pistas para qualquer esquadrão.

Assim que terminou, Andromeda voltou com a segunda mochila, a qual caíra mais próxima a eles. Naasir guardou alguns dos equipamentos em pacotes

especiais, e logo em seguida pegou a mochila mais pesada, a ajudando prender as tiras da mochila menor, que foi projetada para ser usada na parte da frente do corpo. Não quis que ela saltasse do avião com ela, por medo do peso desequilibrar seu voo.

— Confortável? — Ele perguntou após prender a última tira.

Ela assentiu com a cabeça.

— Vamos sair da areia, me sinto muito exposta aqui.

Concordando, ele apontou para as palmeiras espalhadas à distância, que compunham um oásis habitado por um pequeno número de moradores.

— O ponto de chegada são as árvores.

Subindo no ar, ela gritou:

— É melhor você correr!

Ela disparou. Preferia ter seus pés descalços, mas as botas o ajudariam naquela missão, principalmente porque explorariam um sistema de cavernas. Logo as botas ficaram cobertas de areia, enquanto corria até as árvores.

Ambos permaneceram no mesmo caminho, e ele ficou sobre a sombra das asas de Andromeda por boa parte do caminho, adotando o mesmo ritmo, cabeça a cabeça, só se afastando no final, com a respiração acelerada.

Andromeda desceu ao lado dele, jogando uma rajada de vento em seu rosto, com a respiração também acelerada.

— Preciso correr mais vezes.

— Podemos fazer isso juntos. — Pegando uma garrafa da lateral da mochila, ele estendeu para ela beber, e depois bebeu o resto. — Nada mais de voar por enquanto, — ele disse após guardar a garrafa. — Só precisa que uma pessoa errada te veja voando para denunciar nossa localização. — De acordo com a pesquisa de

Andromeda, aquele oásis era habitado por uma tribo que não era bem conhecida por sua hospitalidade.

Andromeda olhou em volta e viu pés de romãs e figueiras logo após as linhas de palmeiras.

— Esta deve ser a fonte de renda da tribo.

— O que significa que não podemos garantir que não há pessoas ao redor verificando as colheitas.

Então eles seguiram em frente, e não foi até uma hora depois que Andromeda disse:

— E se eu estiver errada, Naasir? — Sua voz era baixa. — E se o povo de Lijuan chegar primeiro a ele e assassiná-lo?

— Então ela provará mais uma vez o quanto é má. — Ele passou a mão na parte de baixo de suas asas. — As atitudes de Lijuan não é culpa sua. — E por entender o que ela sentia, acrescentou. — Assim como a escolha de seus pais de ferirem as pessoas para obterem prazer, não é culpa sua.

Virando-se para encará-lo de repente, Andromeda falou:

— Encontre aquele Grimório. — Foi uma ordem... mas sua voz estremeceu. — Eu preciso que você o encontre.

— Eu irei. — E então ele a tomaria para si, a manteria com ele e faria com que ela contasse para ele todos os seus segredos, principalmente aquele que a fazia sofrer toda vez que olhava para ele.

29

— Dmitri acabou de entrar em contato com o piloto, — Raphael disse a Elena enquanto estavam no telhado do edifício da Legião, com Manhattan coberta pela escuridão ao redor. — Naasir e Andromeda estão a uma distância segura agora.

— Eu não duvido. — Elena apertou seu rabo de cavalo, o branco de seus cabelos reluzindo nas luzes da cidade. — Nós nos juntaremos a eles quando encontrarem Alexandre?

— Nós?

Sua consorte ergueu uma sobrancelha, seu olhar raivoso.

— Não tente usar esse tom de Arcanjo comigo.

— Eu sou um Arcanjo.

Os lábios dela se inclinaram nos cantos, e sua caçadora abriu as asas, com as penas primárias de ouro branco escovando as dele.

— E você também é meu, e irei te machucar se você ousar ir contra Lijuan dentro do território dela. — Elena puxou a besta de sua perna. — Não tente mexer comigo.

A puxando para si, esmagando a besta contra o próprio peito, ele tomou sua boca. Ele se apaixonara por ela porque era uma guerreira, e durante o tempo que estavam juntos, ele aprendera algo importante. Ela jamais permitiria ser deixada de fora. Mas mesmo assim... *preciso que você fique na cidade, ajude a cuidar dela enquanto eu estiver fora.*

Elena interrompeu o beijo, e fez uma careta.

— Dmitri é forte o suficiente para fazer isso.

— Mas você, *hbeebti*, já não é apenas uma caçadora, — ele disse, falando a palavra que significava “amada” na língua que a avó de sua consorte trouxera de uma terra muito distante. — Você é um símbolo, mesmo que eu esteja distante, quando as pessoas te veem voar, elas se sentem seguras. *Pois todos sabem que eu não deixaria minha consorte sozinha numa cidade se não soubesse que ela estava protegida contra todo o mal.*

— Merda, — Elena murmurou. — Odeio quando você tem razão. Guardando sua besta de volta na coxa, mais uma vez, ela se dirigiu até a beira do telhado e esperou ele parar ao seu lado. — Símbolos são muito necessários agora, não é?

Raphael respondeu deslizando sua asa sobre a dela, ambos cientes de que o mundo estava empoleirado num abismo, e que poderia cair a qualquer momento. O ventou espalhou seus cabelos, e olhou em direção a Torre, onde viu Dmitri sair para uma varanda ao lado de Aodhan.

— Eu ficarei longe da cidade por pouco tempo, apenas o suficiente para proteger Alexander durante a parte mais vulnerável de sua vigília.

Elena sacudiu a cabeça, os olhos dela fixos em Raphael.

— Nós não conversaremos sobre como você chegou a Illium tão rápido? É uma distância impossível de atravessar em tão pouco tempo, mesmo para você, Arcanjo.

Raphael observou as luzes que brilhavam em Aodhan, as faíscas do ar, e lembrou-se do momento em que viu Illium no céu. Ele pensou que era uma brincadeira, até Aodhan pedir ajuda.

— A Colibri não pode perdê-lo. É seu único elo com a sanidade. — Raphael amava a mãe de Illium, e tinha um grande respeito por ela, mas também sabia que ela estava quebrada por dentro.

Uma mão ligeiramente áspera se fechou sobre a dele, os dedos de sua consorte-guerreira.

— E você também não pode perdê-lo. — Seus olhos detinham um conhecimento que ia contra o pouco tempo que eles tinham de relação em termos imortais. — Ele é o coração dos sete.

Sim. Illium poderia ser um dos mais jovens deles, e poderia agir de modo irreverente mais vezes do que de modo sério, mas ele era a cola, a peça que unia uns aos outros.

— Antes de Mahiya, quando Jason ainda estava perdido para escuridão dentro de si, a única vez que o vi perto de sorrir foi quando Illium o desafiou para um duelo à moda antiga.

Raphael se lembrava do rosto impassível de seu espião, e de como seus olhos se aqueceram com a proposta.

— Seu Bluebeel era só um adolescente que Jason facilmente derrotou, mas Illium só riu e perguntou se ele poderia usar uma espada da próxima vez, para que pudesse cutucar Jason de uma distância segura.

Os lábios de Elena se contraíram.

— Parece com algo que Illium faria. — Embora ele tivesse acordado aparentemente bem havia uma hora, com apenas um pouco de tontura, ela ainda sentia o terror pulsar dentro dela, não conseguia se esquecer do que havia testemunhado aquela tarde. Foi por puro acaso que ela voava com o Primary em direção ao prédio da Legião, perto o suficiente para ver Illium e Aodhan despencando do céu.

Ela sorriu, lembrando-se de algo que Aodhan disse a ela.

Valeu a pena arriscar jogar com meu amigo novamente. Até jogar bola com Illium sobre o rio, eu não havia percebido que não me sentia vivo a mais de duzentos anos.

Quando viu Illium cair, ela apenas sacudiu a cabeça pensando que era apenas mais uma brincadeira. Mas tudo mudou no momento em que viu Aodhan mergulhar, ouviu o alerta de Raphael para cada anjo nas proximidades. Só que ninguém estava perto o suficiente, muito menos Raphael.

— Suas asas estavam em chamas, — ela sussurrou, ainda incapaz de compreender totalmente o que viu daqueles segundos transformados em horas pelo horror.

— Me diga o que você viu, — Raphael disse. — Senti minha velocidade aumentar, mas acabei ignorando devido a urgência do incidente.

Piscando, Elena se virou para o Arcanjo que marcara sua alma. Não lhe ocorreu que ele não estava ciente do que fizera... mas tudo aconteceu tão rápido, e sua atenção estava centrada no que acontecia com Illium e Aodhan.

— Sabe o fogo branco que se estende por suas asas, às vezes. — Ela disse, tocando suas penas de ouro branco cintilante, — era como se você não tivesse asas, como se a parte física tivesse sumido e só houvessem restado chamas brancas.

Foi uma visão magnífica, uma que ela só havia processado uma parte.

— O efeito desapareceu assim que você pegou Illium nos braços.

Espalhando suas asas e as ondulando para dentro e para fora, Raphael examinou suas penas antes de dobrar as asas novamente.

— Não há evidências disso agora, mas o que você descreveu parece quase com a capacidade de Lijuan de se tornar incorpórea. Ao menos está na mesma linha.

Elena sentiu a própria pele esfriar.

— Acho que sim. — Soltando sua mão, ela agarrou a frente de sua camisa branca e o puxou para si — Não se atreva a “evoluir” sem mim. — Ela não poderia segui-lo para este outro estado, embora ela se mataria tentando.

Os lábios de Raphael se curvaram.

— Não tenha medo, *hbeebti*, — ele disse. — Sou um grande apreciador da carne. — Ele acariciou seu quadril enquanto lhe dava um beijo gostoso.

No entanto, sentindo o impacto do mar e vento dele em seus sentidos, Elena sabia que mesmo um Arcanjo não poderia conter as mudanças catastróficas provocadas pelo Cascade.

Chamas incandescentes queimaram nos olhos de um azul infinito.

— Juntos, Elena... sempre juntos. — Envolvendo-a com suas asas, ele a segurou perto do peito até sentir o coração dela se acalmar e o medo recuar sob uma maré de furiosa determinação: nada, nem ninguém, roubariam aquele Arcanjo dela.

— Ouvi algumas fofocas de Amanat, — ela disse assim que conseguiu falar novamente.

— Como você conseguiu ouvir fofocas de Amanat? A menos que você e minha mãe tenham se tornado melhores amigas e eu não saiba disso.

Ela deu uma cotovelada nele.

— Engraçadinho. — Elena e Caliane poderiam ter feito uma trégua, mas Caliane ainda era uma Antiga e também sua sogra. — Fiz alguns amigos em nossa última visita. — Inclusive uma engraçada e inteligente criada que dançava tão graciosamente quanto Belle, a irmã de Elena dançara antes que um vampiro acabasse com a vida dela.

— *Belle! Belle! Posso dançar com você?*

— *Tudo bem, lindinha. Fique nesta posição.*

Sentindo o peito dolorosamente apertado com a lembrança que ela levaria consigo durante toda a vida, ela disse,

— Aparentemente, há uma grande chance de que Naasir e a historiadora sejam muito mais do que apenas amigos.

Ele olha para ela de um jeito que nunca vi Naasir olhar para ninguém. Como se ela fosse um tesouro que ele quisesse proteger e manter para si.

— Estou surpreso com isso, — Raphael murmurou. — Principalmente porque a historiadora fez um voto de celibato.

— Falávamos de Naasir aqui. — Elena sorriu. — Ele tem muito charme, assim como certo Arcanjo que eu conheço. Eu também nunca planejei ficar nua com você. — Mortal e desumano, o Arcanjo de Nova York não era um homem com quem Elena Deveraux, caçadora da Sociedade, tinha intenção de arrumar confusão.

Os olhos azuis oceânicos brilharam, mesmo na escuridão.

— Mas você planeja agora? — Ele perguntou, a puxando para seus braços. — Nós não dançamos pelos céus já faz um bom tempo, e hoje, sinto certa necessidade de celebrar a vida. — Sua mandíbula endureceu.

Eletricidade percorreu sua pele, e Elena puxou a cabeça de Raphael para perto da sua.

— Vida, — ela sussurrou antes que seus lábios encontrassem os dele numa tempestade de sensações.

30

Duas horas de caminhada depois, Andromeda e Naasir chegaram a fronteira da aldeia, que era o último bastião de civilização antes do enorme sistema de cavernas. Ele observou as casas ao redor de um lago azul esverdeado surpreendentemente cristalino. Uma pequena joia no oceano de areia que rodeava o oásis em todas as direções, o lago não formava um círculo perfeito.

Não, era no formato de uma lágrima alongada.

A vila se encontrava ao redor da curva superior dela.

Teria sido bem mais fácil se tivessem sido capazes de saltar do outro lado do oásis, mas isso teria custado a queda do avião.

Acomodando-se para esperar o início da noite, quando ficaria completamente escuro, eles tiveram todo o cuidado para não alertar os moradores de sua presença.

Os dois comeram os alimentos desidratados que havia na mochila, mas Andromeda sabia que enquanto isso podia sustentá-la, o mesmo não acontecia com Naasir.

— Beba de mim, — ela disse, erguendo o punho em direção a sua boca.

Ele prendeu a respiração, seus olhos se tornaram prateados.

— Não vou beber. — Ele disse com a voz áspera.

— Ah, você vai. — Ela sabia exatamente o quão protetor ele era. — Beba, ou começarei a pensar que você não gosta de mim.

Grunhindo, ele agarrou o braço dela quando ela já o puxava de volta, e se fixou num ponto no pulso. Foi como se todo o sangue de seu corpo se concentrasse naquele local, como se corresse em direção a ele.

— Andromeda. — Ele disse com um ronronar luxurioso antes de raspar sua pele com as presas.

Seus músculos internos se apertaram, sua respiração ficou suspensa, e seus seios doloridos; as garras cruéis do ciúme cravaram-se em seu desejo.

— É assim que se alimenta das outras?

Ele lambeu sua pele.

— Não estou me alimentando. — Outra lambida, um sopro quente de ar. — Estou te seduzindo.

Sim, ele estava. Devagar e pacientemente. Quando raspou suas presas de novo pela pele delicada de seu pulso, ela estremeceu e se inclinou mais para perto, suas asas se enrolaram em torno deles criando uma sombra que os protegeria de possíveis curiosos.

A mordida foi dolorosa, mas logo brilhou em ardente prazer. Sufocando um choramingo, ela deslizou os dedos por seus cabelos o segurando, mas ele ergueu a cabeça rápido demais. E lambeu o local da mordida com pequenos movimentos brincalhões de sua língua, fazendo suas feridas se fecharem até que tudo o que restou foi uma leve contusão.

— Tomou o suficiente? — Ela perguntou com a voz rouca.

Sentindo o cabelo prateado escovar sua pele como se fossem mil pequenas carícias, ele deu um último beijo em seu pulso antes de levantar a cabeça. Seus olhos brilharam.

— Por enquanto, — ele disse, enquanto fazia uma carícia que ia de seu braço até o cotovelo. — Você é deliciosa.

Arrepios percorreram sua pele. Ela levantou a mão, e a colocou contra a bochecha dele, se inclinando até que suas respirações de mesclassem.

— Eu sou sua comida?

Fechando a mão ao redor da nuca dela, ele mordiscou seu lábio inferior.

— Você é minha. — Suas palavras não soaram totalmente humanas.

— Naasir. — Um apelo sussurrado.

Ele a puxou contra seu corpo enquanto recostava as costas num tronco de árvore. Depois disso, começou a acariciar suas asas, em movimentos longos e preguiçosos, passando os dedos através dos cabelos que ele soltara da trança.

Ela dormiu com a cabeça recostada em seu ombro, enquanto o braço dele envolvia suas costas abaixo das asas. Ela jamais havia dormido com outra pessoa antes, nem mesmo quando era criança, sempre dormiu sozinha. O sentindo quente e forte contra ela, a batida constante do coração, lhe deu uma sensação de segurança que a fez cair num sono profundo e sem sonhos.

Poderia ter dormido aconchegada a ele para sempre, mas programou seu relógio biológico para acordar dali a duas horas. Naasir aninhou mais o corpo junto ao dela quando ela ergueu as pálpebras, sentindo o familiar cheiro primitivo e sensual.

— Durma, — ele disse. — Temos de noventa minutos a duas horas, dependendo dos hábitos dos moradores, até que esteja quieto o suficiente para chegarmos às cavernas sem sermos notados.

Passando as mãos pelos cabelos, ela balançou a cabeça.

— É sua vez de descansar, e não discuta, nós dois temos que estar em nossa força total se quisermos encontrar Alexander.

As árvores oscilaram com um vento repentino quando ele rosnou para ela. Andromeda quis beijá-lo. Sentando e se recostando contra a árvore, ela o puxou contra ela.

— Durma.

Ele rosnou novamente, mas mesmo assim, se estendeu em sua posição favorita, e colocando a cabeça no colo dela, fechou os olhos. Prendendo rapidamente seus cabelos para que estivesse pronta na hora de irem, ela contou o tempo enquanto escutava os sons dos moradores se preparando para dormir. Enquanto isso, ela acariciava os cabelos de Naasir do jeito que sabia que ele gostava, enquanto bebia cada instante, guardando cada detalhe do tempo deles juntos.

Cerca de quarenta minutos depois de tudo ficar em silêncio, ela viu um foco de luz no céu. Um zumbido baixo que parecia se aproximar.

— Naasir.

Suas pálpebras se ergueram e ele estava sob os pés, com a cabeça voltada em direção ao som antes mesmo que ela o visse se mover.

— Precisamos correr. — Ele disse pegando a mão dela e a puxando para cima.

Então eles correram.

— Devo voar? — Ela perguntou com a voz arfante pela corrida. — Você seria mais rápido no chão.

Ele balançou a cabeça, o cabelo prateado voando ao vento.

— Eles estão no ar.

Engolindo em seco, ela quis pegar a espada que carregara mesmo enquanto dormia, mas tinha a sensação de que isso não ajudaria. Não com o que estava vindo para eles. Quando olhou por cima do ombro, viu uma escuridão mais profunda que o normal se espalhar contra o céu. Se lembrou das milhares de aves e anjos caindo sobre Nova York, evento que ficou conhecido como *a queda*, uma atrocidade que foi cometida por seu avô.

— Charisemnon.

Sua asa esquerda bateu contra um galho. Ela conteve um grito de dor, e continuou a correr, mas o zumbido se aproximava cada vez mais, a cada batimento cardíaco.

Não eram pássaros. Besouros? Gafanhotos? Abelhas?

Naasir parou a corrida de repente, e olhou para trás.

— Não vamos conseguir chegar a um abrigo. — Soltando a mão ela, ele caiu no chão e começou a cavar o chão árido com as garras.

Andromeda começou a cavar ao lado dele, já podendo sentir os insetos se aproximando a suas costas. Em circunstâncias normais, besouros podiam apenas rastejar pela pele dela e de Naasir sem realmente lhes fazer mal. No entanto, aquilo era obra de Charisemnon, aqueles não eram besouros normais. As pequenas criaturas poderiam estar infectadas com a doença que derrubara os anjos de Nova York.

Os anjos ficaram mais feridos porque caíram do céu até a cidade de concreto abaixo, mas a doença conseguiu sozinha matar vampiros, e Naasir tinha características de vampiro. Mesmo que ela estivesse segura, ele não estava.

Ela cavou com força o suficiente para que suas unhas se quebrassem.

— Entre. — Ele agarrou seu braço com força e a jogou no buraco. Fique de bruços.

Andromeda abriu a boca para dizer que ele era a pessoa mais vulnerável ali, mas sabia que não havia tempo para discutir. Quanto mais rápido ela entrasse, mas rapidamente ele poderia ficar em segurança também, pois sabia que ele não faria nada para si mesmo até que soubesse que ela estava protegida. Com isso em mente, ela o obedeceu, colocando as mãos em frente a boca e o nariz para criar um bolsão de ar, mais pela necessidade psicológica do que por ser realmente necessário.

Mesmo um período prolongado sem ar não poderia matá-la, mas a deixaria inconsciente por horas, ou até mesmo por dias, tempo suficiente para cortar sua cabeça e arrancar seu coração.

— Não tenha medo. — Foi a única advertência de Naasir antes de empurrar a areia em cima de suas costas.

Ser enterrada viva, ter suas asas debaixo da terra, era completamente aterrorizante, mas ela ficou imóvel e desejou que aquilo passasse rápido. O medo corria pesado e viscoso por suas veias.

Logo após ser completamente enterrada, os sons do mundo se abafaram, todos, exceto o rugido do sangue em seus ouvidos. Um batimento cardíaco mais tarde, um zumbido surdo a cercou. Pânico assolou seu corpo. Onde estava Naasir? Ele estava a salvo? Seu coração batia tão violentamente que era doloroso, ela apurou os ouvidos tanto quando podia, mas tudo o que conseguia ouvir era o zumbido, como se todos os insetos estivessem em cima dela, determinados a cavarem o solo para pegá-la.

Mas Naasir jogara bastante terra em cima dela, e os besouros pareceram finalmente desistir. Embora seu coração implorasse para ela sair, e encontrá-lo, ela se forçou a ficar quieta durante mais dez minutos; não queria jogar por terra seu sacrifício ao colocar-se em perigo.

Quando por fim se mexeu, o fez muito lentamente. Mas os insetos já foram embora, não havia qualquer zumbido no ar. Afastando a terra que a cobria, ela limpou a poeira do rosto e olhou ao redor a procura de Naasir.

Não havia nada. Nenhum reflexo prateado, nada.

Respirando pesadamente, ela tentou pensar no que ele poderia ter feito. Não havia tempo para cavar outro buraco, mas ele era rápido. Muito, *muito* rápido. Ele conseguia acompanhar sua velocidade de voo, isso significava que ele poderia ter alcançado alguma caverna e se escondido.

Ela foi em direção à caverna, mas hesitou. Ele provavelmente iria querer que ela ficasse no lugar.

— Claro que não, — ela murmurou. Se ele estava ferido, ela tinha que encontrá-lo. E se não estava, ele poderia localizá-la facilmente.

Com a bainha da espada em sua mão, ela começou a caminhar em direção às cavernas. Após dez minutos de caminhada, ela ainda não havia chegado e não viu nenhum sinal de que Naasir havia passado por ali. Parte dela disse que talvez ele não tivesse ido para lá. Talvez tenha corrido para água.

Ela hesitou, pensando sobre as duas possibilidades. A caverna teria lhe dado abrigo, mas não teria impedido os insetos de entrarem. A água, por outro lado, forneceria um escudo, e Naasir era um quase imortal. Poderia passar longos períodos de tempo sem respirar, embora esta necessidade fosse instintiva.

Indo em direção à extremidade mais estreita da lágrima através de um bosque de pessegueiros. Suas asas eram como dois pesos se arrastando pelo chão atrás dela, passando por ramos de arbustos espinhosos. Ela sabia que estava deixando um rastro, mas ignorou. Seu coração doía, ela se agachou a beira da

lágrima e utilizou freneticamente todos os seus sentidos, a lua era como um foco de luz que iluminava o mundo numa suave luz prateada.

Não havia nada.

Com uma olhada mais atenta, ela observou pequenos corpos caídos em rochas não muito distantes dela. Como se os gafanhotos – ou seja lá que insetos fosse – tivessem tentado mergulhar na água e se afogaram.

— Naasir, — ela chamou em voz baixa. — Naasir.

Sem obter qualquer resposta, ela retirou a espada da bainha e bateu nos cadáveres dos insetos. Eles se reuniram em uma área em particular. Percorrendo a borda ao longo da lágrima, ela viu uma mancha onde a grama foi esmagada, como se o calcanhar de Naasir tivesse escorregado antes de mergulhar.

Ela se ajoelhou e observou a água, mas não pode ver muita coisa. Tudo estava muito agitado. Andromeda tinha apenas uma opção: deixando a espada na beira da lagoa, ela retirou as botas e mergulhou, tateando com os pés e os braços através da água escura. Andar por cima da água era uma coisa, mas mergulhar era algo completamente diferente. Ela teve que lutar contra a flutuação de suas asas, para permanecer submersa.

Não encontrou nada ao passar pela primeira vez, nem na segunda, mas sua mão direita bateu em algo que não era pedra na terceira vez. Passou em tecido e carne.

Tateando seu caminho até o corpo de Naasir, ela notou que a cabeça dele pendia para o lado. Seus músculos tencionaram, sabia que Naasir era velho o suficiente para sobreviver a um pescoço quebrado, mas isso dependia da intensidade da lesão.

Lutando contra seu instinto de respirar, ela tentou puxá-lo para cima, mas ele não subia. Obrigando-se a soltá-lo, ela passou as mãos em seu corpo, até descobrir um grande galho que se enroscara na perna de sua calça.

O soltando, ela conseguiu levá-lo até a superfície. Suspirando, ela levemente deu um tapa no rosto dele.

— Naasir. Acorde.

Não houve resposta.

Cerrando os dentes, ela engoliu o pânico e tocou seu pescoço, tentando descobrir se estava realmente quebrado. Não encontrou nada com seu toque inexperiente, mas ao arrastar os dedos para cima, sentiu um galo na parte de trás da cabeça dele. Seus olhos se fixaram nas grandes rochas espalhadas ao longo da margem da lágrima.

Naasir deve ter escorregado e batido a cabeça quando entrou na água. Ele sobreviveria a isso, desde que seu pescoço não estivesse quebrado. Flutuando com ele até a margem, ela continuou a chamá-lo. Não queria correr o risco de agravar sua lesão no pescoço ao tirá-lo da lagoa, então ficou lá dentro com ele, o segurando de modo que sua cabeça não afundasse.

Seus braços começavam a ficar cansados, o medo travando sua garganta, quando percebeu que estava sendo uma idiota. Ela inclinou um pouco a cabeça dele para trás, e pressionou o pulso com sua boca. Sem resposta. Ela olhou através do lago, por algo afiado para romper sua pele. Sua espada estava longe demais, mas havia uma pedra pontiaguda, onde esfregou o pulso com força suficiente para fazer seu sangue brotar.

Voltando a colocar o pulso na boca de Naasir, ela esperou. De novo, sem nenhuma resposta.

— Beba isso, maldição. — Ela grunhiu.

E de repente, ela sentiu as presas dele afundando em sua carne. Naquele momento não havia nenhum prazer, apenas a sucção forte de seu sangue.

Toda vez que via a garganta de Naasir se mover engolindo, o sorriso de Andromeda aumentava. E mesmo quando sentiu sua cabeça pesada, não afastou a mão.

De repente a sucção parou, e os olhos de Naasir se abriram como uma chama prateada enquanto ele erguia a cabeça.

— Ah, seu pescoço não estava quebrado. — Ela conseguiu dizer com a voz arrastada.

Naasir se moveu a puxando para fora da água. Logo depois que a deixou na margem, ele desapareceu. Ela observou o céu noturno, sua mente tentando reter os pensamentos, mas sem sucesso.

Naasir chegou ao lado dela novamente. Ele tinha uma mochila com ele. Uma mochila. Uma das mochilas *deles*, ela percebeu. Eles a deixaram para trás quando correram do enxame de gafanhotos.

Abrindo a mochila, ele pegou algumas tiras de carne seca e disse:

— Coma! — Quando ela apenas o encarou, ele começou a desfiar a carne em pedaços e a alimentou.

Depois de alguns pedaços ela desviou a cabeça.

— Salgado.

Ele puxou sua cabeça novamente, os dedos com garras segurando seu queixo.

— Coma isso, ou vou caçar e te obrigar a comer carne crua.

Ela fez uma careta para ele, mas comeu a carne, havia uma severidade no rosto dele que dizia que falava sério sobre isso. Ele esperou até que visse que ela estava comendo direito, e depois ele correu até o lago para pegar um pouco de água, logo em seguida jogou um comprimido para purificar a água.

— Nós não precisamos disso, — ela murmurou enquanto bebia a água, se sentindo doente pela quantidade de sal da carne seca.

— Isso melhora o sabor. — A ajudando a sentar e a se apoiando contra ele, ela levou a garrafa contra os próprios lábios e bebeu. — Coma o resto.

Ela comeu, e após um tempo sentiu sua cabeça começar a limpar novamente, assim como a água fizera quando o comprimido caiu nela. Quando ele entregou a ela barras de doce com alto teor calórico, ela comeu também, e bebeu mais água.

— Chega, — ela disse. — Já estou me sentindo melhor.

Se aproximando para encará-la, ele a observou por um longo tempo antes de concordar com um aceno de cabeça. Logo em seguida, ele pegou o pulso dela e lambeu as marcas de mordida para selar a ferida.

— Você não deveria ter feito isso. — Ele disse em um tom áspero depois que terminou.

Ela revirou os olhos, fechando a mão em punho.

— Eu deveria ter deixado você se afogar?

— Vampiros não se afogam.

— Tem certeza? — Ela não sabia se a teoria foi testada com uma imersão a longo prazo. — E você não é um vampiro.

Ele parou o polegar sobre as contusões, as quais eram as únicas marcas que sobraram das mordidas, mostrando suas presas para ela.

— Você quase se afogou também.

— Por acaso você conhece a palavra “obrigado”?

Um grunhido retumbou de seu peito... mas então ele abaixou a cabeça e deu um beijo suave e inesperado em cima da contusão.

Seu coração pulou uma batida.

— De nada, — ela sussurrou, e quanto ele ergueu a cabeça, ela o abraçou com força. — Eu estava com tanto medo de você morrer.

Ele a rodeou com os braços, sua mandíbula roçou sua têmpora em uma carícia que estava se tornando familiar.

— Corri rápido demais, porque os gafanhotos estavam quase me alcançando. — Ele a apertou. — Nós estamos molhados.

— Ao menos tempos algumas roupas secas guardadas. — Não havia outras roupas de couro, mas o tecido era durável e resistente.

Eles se abraçaram por um longo tempo antes de se afastarem, e se vestiram após Naasir buscar a segunda mochila.

— Apaguei nossas pegadas também, — ele informou a ela quando já estavam vestidos. — E enterrei as penas que caíram. — Ele franziu o cenho. — Como você se machucou?

— Eu já me curei, não foi um grande machucado. — Deixando o cabelo preso numa trança, Andromeda andou até onde a água estava lotada de insetos mortos que bateram contra as rochas.

Sem querer se arriscar a tocá-los com os dedos, ela pegou dois galhos, e enquanto Naasir observava de uma posição agachada em frente a ela, ela usou os pauzinhos para pegar um dos insetos.

O inseto tinha o corpo de um gafanhoto, num tom amarelado com fracas listras azuis esverdeadas, ao menos Naasir achava, já que sua percepção de cor estava alterada pela luz da lua. Ele podia perceber que as asas eram prateadas, tão

cintilantes quanto os olhos e os cabelos de Naasir. E pareciam muito finas, como lâminas de metal.

— Não é de Charisemnon, — ela sussurrou, sentindo seus olhos se arregalarem.

— Alexander?

Ela balançou a cabeça lentamente depois de verificar os corpos dos outros insetos. Todos tinham asas metálicas. Mas de um amassou com o impacto contra as rochas, deixando ainda mais claro de que material eram feitos.

— Deve ser algum tipo de mecanismo de defesa contra curiosos.

— Nós dissemos o nome dele. — Naasir olhou para o inseto que ela segurava entre os galhos. — E ele ouviu.

Isso fazia sentido. Afinal, Alexander fora um mestre da estratégia em seu tempo.

— Se ele estiver escutando, — ela disse, tendo que lutar para não ceder ao impulso de sussurrar, — Não acho que esteja consciente. Nós falamos sobre os planos de Lijuan durante nossa caminhada, sobre como queríamos impedi-la, mas mesmo assim suas defesas foram ativadas.

— Talvez só uma parte primária de seu cérebro tenha acordado.

— Isso significa que mais defesas podem ter sido ativadas sem aviso prévio. — Ela colocou três dos insetos em um pequeno saco plástico. — Espero que eles sobrevivam a viagem, quero mostrá-los a Jessamy.

Naasir a observou guardar os insetos num bolso interno da mochila.

— Ao menos isso tem um lado positivo.

Ela o olhou com os olhos risonhos.

— Tem?

— Significa que estávamos definitivamente no lugar certo.

A respiração de Andromeda parou; ela esteve tão concentrada nos detalhes que ignorara o quadro geral.

— Sim. — Ela engoliu em seco. — Devemos informar Raphael? — Se Alexander Dormia abaixo de um rio de lava – fosse real, ou de metal fundido – apenas outro Arcanjo poderia alcançá-lo.

Concordando, Naasir pegou um celular que guardara num dos bolsos da mochila, ele não queria correr o risco de perder este, assim como fez com o outro no território de Lijuan. Ele soltou um palavrão.

— Não funciona, não é?

— Foi programado para funcionar em qualquer lugar. — Nassir tocou na tela novamente. — Está completamente morto.

— Deve ter sido algo que Alexander fez. — Ela pensou sobre a falta de fotografias de Amanat, e sobre o enorme poder de Caliane. — Pode não ser de propósito.

Naasir guardou o telefone.

— Isso não importa. Quando virem que não entrei em contato, enviarão ajuda. — Aquilo foi dito por um homem que tinha absoluta confiança em seu senhor e seus companheiros. — Precisamos encontrar o lugar exato onde Alexander dorme, de modo que Raphael não precise ficar muito tempo longe de Nova York. Ele se levantou e estendeu a mão para ela. — Agora, vamos lá incomodar um Arcanjo antigo que tem predileção por anjos muito mais jovens.

Sorrindo, Andromeda deslizou a mão na dele, e o deixou puxá-la para cima.

— Ele não tem nenhuma chance, não há ninguém mais com quem eu me imaginaria fazendo isso.

Ele deu um sorriso malicioso – seguido de um murmúrio.

— Estúpido Grimório.

31

Xi posicionava suas tropas ao redor do palácio de Rohan com a intenção de tomá-lo antes que Favashi soubesse do ataque, quando um de seus comandantes caminhou até ele com um olhar de urgência em seu rosto.

— O que aconteceu?

— Ouvimos rumores de um enxame de insetos em cima de um oásis no Leste, a cerca de cinco horas daqui.

Xi esperou, pois sabia que o homem diante dele, não viria até o general com tal informação se isso não influenciasse seus planos.

— Nosso espião mais próximo pegou esse relato de um anjo que passava próximo ao local. Ele disse que viu isso a distância, mas que os insetos pareciam antinaturais, e segundo ele, estavam em perfeita formação.

Este pode ser um sinal do despertar de Alexander, pensou Xi. Também poderia ser uma distração inteligente, ou um delírio por parte do anjo. Mas também, aquela localização parecia lógica, independente das tentativas de Raphael de confundi-los, colocando a historiadora num avião para o território de Michaela.

De acordo com os homens de Xi, o avião manteve suas portas fechadas quando pousou. Não havia modo de saber se a historiadora e o enigma do Raphael, com seus olhos prateados, estavam lá dentro.

— Pegue metade de um esquadrão e vá checar isso, — ele disse, na pequena chance de que seus instintos o tivessem levado no caminho errado.

Após seu comandante lhe dar um aceno e sair para reunir seus soldados, Xi voltou sua atenção para o assunto que tinha em mãos: como entrar no palácio de Rohan. O filho de Alexander amadurecera nos últimos quatrocentos anos, e absorvera bem as lições de seu pai.

Atualmente, Rohan era um dos generais mais temidos de Favashi, tendo decidido dar sua lealdade a ela quando se tornou a Arcanjo da Pérsia. Antes disso, não havia se aliado a nenhum Arcanjo, e ninguém ousou desafiá-lo, tanto porque ele tinha o carinho e o respeito de milhares de pessoas devido a sua linhagem, como também por ser um líder e um guerreiro poderoso.

Qual Arcanjo iria querer destruir tal ativo, se poderia fazê-lo se aliar a ele.

— Onde está Favashi? — Perguntou ao batedor que acabara de desembarcar, pois se Favashi estivesse próxima, ele teria que alterar seus planos.

— No território de Astaad. — O batedor suspirou. — Ela aceitou um convite para participar de um festival de lá.

O território de Astaad encontrava-se do outro lado do mundo. Ainda que fosse informada do problema, levaria um bom tempo para retornar.

— Prepare seus esquadrões para invadir o palácio, — ele ordenou aos seus comandantes. — Atacaremos Rohan de surpresa.

Tendo tomado a decisão, ele enviou uma mensagem para Lijuan. Quando fez isso, pensou na historiadora, com translúcidos olhos castanhos dourados e as asas delicadas como as de um pássaro, e na pergunta que ela lhe fez, sobre como ele ainda poderia seguir Lijuan após tudo o que ela fez. Ele não puniu Andromeda

pelo descaramento, porque pelo fato de ser uma historiadora, tal curiosidade era esperada, e porque ele a achava intrigante.

Xi sempre apreciou mais a inteligência do que a beleza. E Andromeda lhe chamara a atenção, e tinha a intenção de pedir a Lijuan que a deixasse cortejá-la. Ele não poderia tomar a historiadora sem autorização, até mesmo porque ela não era uma guerreira... essa era uma regra que Lijuan lhe ensinou assim que começou a servi-la.

Ele era apenas um garoto magricela que decepcionara seus pais guerreiros, Lijuan era a única na corte que o aceitava. Esperava ser colocado numa posição menor, e logo depois esquecido, mas Lijuan se interessou por ele desde que vira a cor patriótica cinza e vermelha de suas asas. Ela o tratara quase como a um filho. Ela o fez treinar com os melhores guerreiros, estudar com os melhores professores, e ter aulas de etiqueta com os cortesãos do mais alto escalão.

Levara mais de uma centena de anos, mas no final, ele tornou-se um homem respeitado por todos. Sua lealdade a sua senhora gravada em pedra. Na última década, ela mudou de uma arrogante e sábia Arcanjo, para *algo diferente*. Mas ainda o tratava com o mesmo respeito, e continuava a compartilhar seu poder com ele.

Às vezes, quando estava distante dela, uma pequena parte de sua mente chegava a questionar suas decisões de guerra, mas tinha fé nela. Lijuan tinha planos para o mundo, e era uma deusa. Ele sabia que não poderia compreender a visão dela. Só poderia segui-la, como um verdadeiro soldado.

Quando falou com sua senhora, ele disse:

— Já estamos prontos para tomar o palácio. — Lijuan era a única que poderia eliminar a ameaça representada por Alexander, pois apenas um Arcanjo poderia matar outro. — Ainda não confirmei se ele está dormindo lá dentro. — Lijuan evitava conveniências modernas, como aviões, e atualmente estava muito fraca para percorrer longas distâncias elas mesma, então Xi sugeriu que ela esperasse a confirmação do local onde Alexander dormia.

Ela aceitou o conselho dele sobre o Kilimanjaro, mas hoje seu tom era de aço.

— Eu irei. Creio que você esteja certo, Alexander não deixaria sua amada terra natal, eu não deveria ter duvidado quando seus instintos o enviaram para o território de Titus.

Por um instante sua voz se desvaneceu em gritos misteriosos, mas logo voltou a pulsar com poder. — Se Alexander não estiver abaixo do palácio, ele estará por perto. — Não havia gritos agora, apenas sua voz, a qual era tão pura que chegava a ser dolorosa. — Encontre-o, Xi. Eu cuidarei do resto.

Naasir escalou uma árvore que era alta o suficiente para lhe permitir ver a aldeia que se interpunha entre eles e as cavernas, mas não havia nada ali para ser visto. Já passava e muito da meia noite; as luzes das casas estavam apagadas e as águas do lago eram como um espelho refletindo a luz do luar. Se os moradores viram o enxame, provavelmente sabiam que deveriam manter suas janelas fechadas e permanecerem dentro de casa.

Ao invés de saltar, ele desceu silenciosamente a árvore, evitando ruídos e vibrações desnecessárias, e então pegou a mão de Andromeda.

— Se Alexander estiver realmente dormindo aqui, — ela sussurrou quando começaram a caminhar ao longo do limite da aldeia, — este pode não ser o primeiro acontecimento estranho que estes moradores presenciaram.

Naasir estava mais concentrado em detectar possíveis ameaças, mas percebeu onde ela queria chegar.

— Acha que eles são leais a Alexander e guardam seus segredos?

— Assim como Caliane com o povo de Amanat. Mas ao invés de fazê-los dormir, ele simplesmente trouxe a tribo com ele, confiando que eles vigiarão o local.

— Isso poderia explicar os inúmeros fortes vampiros que senti entre os mortais. — Vampiros velhos e poderosos o suficiente para serem escolhidos por Arcanjos para governarem territórios ou trabalharem diretamente com eles.

Este poderia ser o maior desafio deles.

Um ou dois pareciam ter adotado um modo de vida mais simples, mas Naasir notou muito mais do que Andromeda em relação à aldeia. Ele imaginou que talvez um grupo de soldados de Favashi estivesse ali para um descanso. Mas a sugestão de Andromeda fazia muito mais sentido.

— Apenas mortais não teria força física o suficiente para enfrentar os inimigos de Alexander.

Um cachorro latiu para eles da varanda de uma pequena casa. Quando Naasir rosnou para ele, o animal choramingou e ficou em silêncio.

Ele se sentiu mal por isso. Geralmente não assustava predadores menores. Ele traria um pouco de carne para o cachorro após tudo aquilo acabar; afinal, ele só fazia o que fora treinado para fazer, que era alertar a presença de intrusos.

Virando-se para Andromeda, ele encostou um dedo sobre os lábios.

Conseguiram ultrapassar aldeia sem qualquer incidente.

— Apesar de serem guardas de Alexander, — Naasir disse quando eles estavam distantes o suficiente para não serem ouvidos. — Parece que não ficaram presos no tempo. — Ele viu equipamentos eletrônicos, e avistou roupas modernas.

— Eles devem deixar a aldeia de vez em quando para interagir com o mundo, e ficarem de olho em algo que possa interferir com o sono de Alexander. — Andromeda lembrou-se novamente de Caliane. — Se fosse dar um palpite, diria

que aquele pomar em frente a aldeia é apenas uma distração, caso perguntem como a aldeia sobrevive. Alexander deve ter deixado dinheiro suficiente para sustentar toda a tribo durante incontáveis séculos. — Andromeda mordeu o lábio inferior. — Mas não vi nenhum anjo, e os exércitos de Alexander eram muito leais.

— As asas são altamente visíveis, — Naasir apontou. — Por outro lado, vampiros podem se mover tranquilamente por aí sem chamar muita atenção, desde que não tenham uma posição de alto nível, como Dmitri – *ou* se o Arcanjo deles não estiver mais neste mundo. Alguns deles escolhem não servir ninguém.

— Você está certo. — Ali não havia pousos e decolagens para chamar atenção. Era apenas uma vila tranquila, habitada por vampiros que escolheram se retirarem com aqueles que eram frutos de acasalamientos com mortais, ou apenas parentes de sangue, após seu Arcanjo ter escolhido dormir.

Apenas os homens de maior confiança deveriam viver aqui, pois o segredo não poderia ter ficado tão bem guardado de outro modo. Se uma criança era educada por guerreiros para se tornar um guerreiro, e ficasse sabendo que sua missão era vigiar um Arcanjo, Andromeda achava que essa criança jamais quebraria tal voto – pois não havia maior honra no mundo do que tal posição.

Naquele momento, Naasir levou o dedo aos lábios mais uma vez. Andromeda ficou em silêncio, ouvindo atentamente, mas não percebeu qualquer ruído fora do normal. O vento sussurrando, as árvores rangendo levemente, o latido de outro cachorro do outro lado da aldeia. Mas Naasir manteve-se em estado de alerta enquanto eles continuavam, seus músculos tensos como se estivesse pronto para atacar.

Não foram atacados. Ao menos não naquela hora. Isso aconteceu quando estava amanhecendo, o mundo numa névoa cinza suave, quando já se julgavam a salvo. A flecha bateu a uma polegada no rosto de Andromeda, e teria se enterrado em seu rosto se Naasir não a empurrasse.

Por instinto, ela se colocou atrás de uma árvore, enquanto Naasir caía no chão e se arrastava até ela.

— Há muitos deles.

Andromeda apontou para a flecha que ainda tremia, enterrada no tronco da árvore. Era da cor preta, com gravuras prateadas. Prata sempre foi a cor de Alexander.

— Nós somos amigos! — Andromeda gritou, confiando em seus instintos que lhe diziam que aqueles eram homens de Alexander. — Os inimigos verdadeiros estão chegando.

Sua resposta foi uma chuva de flechas. Pressionando suas costas contra a árvore e escondendo suas asas o melhor que podia, ela olhou para Naasir.

— Valeu a pena a tentativa.

Seus olhos mudaram de simples prateado para um prata líquido, como mercúrio, como se estivesse *vivo*. Mesmo enquanto admirava a beleza selvagem dele, a historiadora em Andromeda queria saber como aquela cor marcou Naasir. Prata era um tom muito raro em asas angelicais. Illium tinha pequenos filamentos de prata em suas asas, assim como outros anjos, mas apenas Alexander tinha asas totalmente prateadas.

Havia uma pena das asas de Alexander guardada nos arquivos, a qual continha uma forma altamente concentrada de prata, uma que ela nunca viu em qualquer criatura viva, a não ser em Naasir. Nem mesmo em Rohan. As asas do filho de Alexander eram de um prateado mais pálido na parte superior, e à medida que descia se transformava em cinza carvão; ele herdara a cor de ambos os pais.

De quem Naasir herdara aquela cor? Será que quem o fizera tinha alguma característica parecida? Alexander estava envolvido nisso de algum modo? E se estava, porque Naasir fora criado na fortaleza de Raphael?

E como *poderia* ter crescido se ele foi feito? Apenas adultos eram feitos, e estes congelavam no tempo, sendo que as crianças, ou enlouqueciam durante o processo, ou morriam. Nenhum jamais sobreviveu a tentativa se serem feitos, isso

acontecia geralmente com anjos insanos, ou que achavam que poderiam desrespeitar as leis angelicais e saírem impunes.

O resultado disso era sempre a morte. Ninguém nunca escapara disso. No entanto, Alexander era bem mais que um anjo comum. Se quisesse, ele teria escapado da execução, mas se tivesse feito uma criança, seu povo com certeza o teria evitado. E não havia registro disso acontecendo, e nada do que Andromeda leu sobre o comportamento de Alexander indicava que ele poderia fazer algo assim.

Alexander acredita em leis, em regras, e em uma sociedade baseada em disciplina.

Todos estes pensamentos rodaram sua mente em uma fração de segundo, e logo ela viu Naasir estender a mão para agarrar um galho e começar a subir. Ela percebeu qual era o plano, e precisava que as sentinelas de Alexander ficassem distraídas para ele poder atacá-los sem ser alvejado. Para isso ela teria que se colocar na linha de frente e desviar das flechas atiradas em sua direção. Era um ótimo plano.

Outra chuva de flechas.

Se ajoelhando para diminuir o alvo para os atiradores, ela pegou sua espada e começou a desviar as flechas que chegavam muito perto, enquanto esperava que Naasir ficasse seguro.



Naasir percorreu as copas das árvores em direção aos aromas que ele mal conseguia detectar. A madrugada sem vento manteve as posições das sentinelas em segredo, mas a trajetória das flechas denunciava onde estavam.

Ele não podia utilizar as árvores efetivamente como uma estrada, pois o oásis era cercado por enormes tamareiras. Todas estreitas e sem galhos. Porém, os

moradores também plantaram e cultivaram outros tipos de árvores, essas com longos ramos. Mesmo que Andromeda achasse que aquele plantio era usado para afastar curiosos, Naasir acreditava que o verdadeiro motivo era porque eles usavam as sombras para montar emboscadas.

Não poderia culpá-los por se preocupar com inimigos escalando aquelas árvores.

Afinal, o próprio Naasir era um deles.

No momento, ele estava praticamente em cima deles, mas viu que estavam muito distantes uns dos outros para serem pegos de uma vez. Mas isso também significava que ele só precisaria lidar com um de cada vez. Concentrando-se no macho usando camuflagem do deserto logo mais abaixo, com o cabelo coberto por uma empoeirada bandana marrom e amarrada na parte de trás de sua cabeça, e o rosto pintado com listras marrons e verdes, Naasir não hesitou.

Ele caiu, jogando o homem contra o chão e empurrando o braço contra sua garganta para que ele não pudesse gritar.

— Não somos inimigos, — ele disse no ouvido do macho. — Estamos aqui para alertar Alexander.

O homem tentou se libertar, e cerrando os dentes, Naasir fez a única coisa que podia, e bateu com força. Fez isso com outros dois, antes das outras sentinelas perceberem que tinha um predador entre eles.

— Para cima!

A ordem era vocal. Naasir se agachou tentando ficar rente a um galho... e então percebeu que eles não reagiam a ele, mas sim às asas batendo a distância. Movendo-se com cautela, ele inclinou a cabeça apenas o suficiente para olhar para cima.

As asas que entraram em seu campo de visão, apenas três segundos mais tarde, não eram as que ele queria ver. Abaixo dele, as sentinelas de Alexander se

agacharam, apontando as bestas para os soldados vestidos de cinza escuro com detalhes em vermelho, mas não atiraram.

Bom.

Se o povo de Lijuan estava apenas fazendo um sobrevoo – provavelmente após alguém ter visto o enxame – então era melhor ficar quieto e não lhes dar uma razão para acreditar que a área era interessante. O esquadrão fez vários voos até bem depois do amanhecer. Naasir, Andromeda e as sentinelas permaneceram imóveis e em total silêncio.

Mesmo quando o esquadrão deixou a aldeia, ninguém se moveu. Os membros das famílias das sentinelas com certeza foram treinados para agirem inocentemente sob interrogatório, ou o segredo jamais teria sido guardado por um tempo tão longo. E se Naasir estivesse julgando bem aqueles homens e mulheres, mesmo os não combatentes foram treinados suficientemente bem para se proteger até que as sentinelas pudessem voltar para eles. Foi mais de uma hora mais tarde, quando o sol já brilhava no céu na manhã, que o esquadrão finalmente decolou, com suas asas desaparecendo à distância.

Deixando Naasir, Andromeda e as sentinelas exatamente na mesma posição de quando chegaram.

A voz de Andromeda ecoou no silêncio.

— Estamos com Raphael! Aquele esquadrão usava as cores de Lijuan, caso não tenham percebido. Ela é inimiga mortal de Raphael.

As sentinelas abaixo de Naasir não se moveram, mas uma profunda voz masculina veio da esquerda. Falando no dialeto local, o mesmo que foi utilizado por Andromeda.

— Esta terra é proibida para forasteiros. *Saia.*

— Não podemos. Lijuan está vindo para matar o seu Arcanjo.

Houve uma pausa antes do locutor falar.

— Vamos nos falar frente-a-frente.

— Jure em honra a Alexander que não nos fará mal algum.

Desta vez houve uma pausa ainda maior, mais potente, mas quando a voz veio, ela estava decidida.

— Em honra a Alexander.

Naasir se virou na direção de onde a voz viera, e logo em seguida, um vampiro macho, alto e musculoso, com a pele bronzeada e os cabelos cobertos pela mesma bandana que Naasir vira nos outros. Ele caiu logo atrás do homem, que com certeza era o líder das sentinelas, um ato deliberado para mostrar ao outro que eles não eram presas.

O guarda se voltou rapidamente, olhos cinza claro brilhando enquanto apontava a besta diretamente para o coração de Naasir.

— Fera dos olhos prateados. — Apesar da descrição, o tom do homem não era de insulto, enquanto abaixava a arma. — Quantos dos meus homens você matou?

— Nenhum – não havia necessidade. — Naasir deu de ombros. — Mas eles terão dor de cabeça quando acordarem, se já não tiverem. Lembre-os de jamais se esquecer de olhar para cima, mesmo que não haja anjos no céu.

O líder deu um aceno discreto com a cabeça.

— Lembrarei-me disso.

Andromeda apareceu entre as árvores à direita, a calça marrom escura empoeirada e a túnica de um marrom mais pálido coberta de terra. Seus olhos foram para Naasir, deslizando sobre ele, as linhas tensas de seu rosto relaxando quando viu que ele estava ileso. Naasir amava o fato de sua companheira se importar com ele, teve de se segurar para não ir acariciá-la para aliviar sua preocupação. Também queria percorrer as mãos sobre cada polegada de seu corpo para verificar se ela estava bem.

— Então, — ela disse, com a espada estendida ao lado de seu corpo enquanto observava o líder sentinela. — Agora que estamos todos aqui, e não estamos tentando matar uns aos outros, porque nós não voltamos para a aldeia, eu realmente preciso de um café.

Naasir não contestou. Ele sabia que até que convencessem as sentinelas de suas verdadeiras intenções, não iria a lugar algum.

— Você já sabe quem eu sou, — ele disse para o líder. — Esta ali é Andromeda.

— Eu me chamo Tarek, — o outro respondeu, sua pele suave sobre as maçãs afiadas do rosto, a mandíbula com o restolho escuro de barba. — Vamos voltar para a aldeia, mas faça algum mal aos moradores, e nosso acordo será nulo. — Dito isso, puxou o lenço para baixo e o deixou pender ao redor do pescoço, revelando um cabelo não preto, mas de um tom de marrom profundo com alguns fios dourados.

— Não temos qualquer razão para machucar alguém, — Andromeda disse, e os três voltaram para a aldeia, sem dúvidas as outras sentinelas vinham atrás.

Quando entraram, os moradores olharam para eles com os olhos arregalados, embora uma das crianças de cabelos escuros e o tom de pele não muito mais claro que o de Naasir tenha corrido direto para Tarek.

— Vô!

O vampiro, que não parecia ter mais do que 30 anos de idade, e que provavelmente não tinha idade para ser apenas avó, mas talvez tataravô, pegou a menina no colo sem quebrar o passo e a segurou enquanto ela gritava de felicidade. A criança olhou com curiosidade para Naasir. Seus olhos eram do mesmo cinza claro de seu ancestral.

Naasir sorriu, exibindo os dentes, e a criança imediatamente mostrou suas covinhas e acenou. As crianças gostavam dele. Elas sabiam instintivamente que ele não iria machucá-las. Não importando se a criança usasse pelo, ou pele.

Osiris sequestrara e matara crianças de muitas espécies. Essa foi uma das muitas razões pelas quais ele tinha que morrer. Uma das razões pela qual Alexander teve que executá-lo.

Este último fato, Naasir não soube até que ficasse mais velho. Ele sempre imaginou que fora Raphael quem fizera isso, mas Raphael sequer era um Arcanjo na época, e Osiris era irmão de um Arcanjo.

— *Mesmo que tenhamos discordado de diversas coisas mais tarde. — Raphael dissera para Naasir, a pouco mais de cem anos atrás. — Eu e Alexander sempre concordamos que Osiris precisava morrer. — Seu tom era sombrio, combinando a tensão que apertava sua mandíbula. — O irmão mais velho de Alexander não era louco. Ele estava apenas a procura de algo, e para isso cometeu infanticídio numa escala terrível. O fato de ter feito isso com filhotes mortais e animais, não faz disso um crime menos cruel, ele eliminou espécies inteiras com sua obsessão.*

Naasir sabia que o sonho de Osiris era ter uma criança imortal para fazer seus experimentos, uma que fosse menos propensa a morrer. Mas nunca foi capaz de contar a Raphael sobre as concubinas que ele mantinha na fortaleza que raramente visitava. Ele não era arrogante o suficiente para tentar sequestrar uma criança angelical...

Mesmo assim, isso talvez tivesse ocorrido se tivessem permitido que ele continuasse a viver.



Falando num dialeto que Andromeda não entendia completamente, Tarek os levou para uma clareira cercada de casas de um lado, e do lago pelo outro. Havia uma mesa posta na varanda quando chegaram, com compridos bancos de madeira de um lado e do outro. Comida e bebidas eram colocadas ali por homens e mulheres que se moviam rapidamente.

Alguns os olhavam com suspeita, outros davam rápidas e curiosas olhadas de relance para Andromeda, mas ela notou que algumas mulheres solteiras lançavam sorrisos sedutores em direção a Naasir. Logo em seguida, ela notou que um dos sentinelas machos deu uma discreta verificada em Naasir, mostrando que o interesse não se limitava as mulheres não guerreiras.

Não poderia culpá-los, simplesmente havia algo em Naasir que dizia que ele seria um amante incrível. O fato de ter escolhido uma vida de celibato não a deixara cega para a atração sexual, ou fizera seu corpo imune a sensualidade de Naasir... Bastava vê-lo caminhar, ou sentir a respiração dele contra seu ouvido quando a abraçava, e o calor que sentia chegava a ser insuportável. Assim como quando o vira num no lago do território de Lijuan...

Seu estômago se revirou e sentiu sua pele aquecer.

Outra mulher lançou um sorriso coquete para Naasir bem na cara de Andromeda. E ela apertou a mão no punho da espada.

Nenhuma dessas belas mulheres com olhos de corça durariam uma hora com ele em sua pele verdadeira. Ele era muito selvagem, muito forte, muito exigente.

Ele era perfeito.

Enquanto Andromeda era uma tola por julgar todas aquelas mulheres quando ela mesma era tão inadequada para ele.

— Vamos comer, — Tarek disse quando se sentou de um lado da mesa, após colocar a menina nos braços de uma mulher mortal com cerca de quarenta anos.

Andromeda e Naasir sentaram-se no banco oposto.

Enquanto isso, as outras sentinelas se espalharam ao redor da aldeia, mas não ficaram muito longe, claramente prontos para revidar caso Naasir ou Andromeda fizessem algum movimento ameaçador.

Um pequeno copo de café fumegante foi colocado em frente a Andromeda, junto a uma cesta como pão sírio fresco no centro da mesa. Enquanto isso, outro morador trouxe dois outros copos com sangue para Tarek e Naasir, a condensação dos vidros mostrando que o sangue estava guardado em um lugar frio. Após colocar o copo na frente de Naasir, a mulher curvilínea e realmente bonita, se curvou em direção a ele e falou algo no ouvido dele, a expressão dela ficou triste quando ele balançou a cabeça.

Andromeda sabia que a mulher se oferecera para alimentá-lo, e encontrou-se adorando ele ter recusado, e ao mesmo tempo com raiva porque ela logo estaria fora da vida dele enquanto outras inúmeras mulheres poderiam estar perto dele.

Na frente deles, Tarek ergueu a taça depois de lançar um olhar penetrante a criada, a fazendo sair apressadamente do local.

— Pela honra de Alexander.

— Pela honra de Alexander;

Colocando seu copo de volta na mesa, Andromeda pegou um pão sírio e arrancou um pequeno pedaço para Naasir. Seu conhecimento da etiqueta pareceu agradar o líder das sentinelas. Tomando todo o sangue de seu copo e depois comendo um pequeno pedaço de pão sírio, Tarek dobrou as mangas de sua camisa cor de areia, o tecido sombreado com manchas escuras que permitiam que ele e seus homens se mesclassem com a paisagem.

A tatuagem em seu braço esquerdo traçada em um intenso prateado chamou a atenção de Andromeda.

Um corvo.

Isso não era nenhuma surpresa. O Símbolo de Alexander era um corvo. As lendas diziam que durante sua ascensão, um corvo voou alto junto com ele, só para ser morto quando seu poder incendiou. Para o povo de Alexander, o corvo simboliza a coragem, mesmo quando todas as possibilidades estão contra você. Mas este desenho em particular de um corvo...

Andromeda estreitou os olhos, tendo certeza de que já viu isso antes.

— Você diz que são amigos, — Tarek disse, quebrando o silêncio, — mas vocês trouxeram o povo de Lijuan com vocês.

Tentando chamar a atenção de Naasir, foi Andromeda quem respondeu.

— Nossa tarefa é avisar Alexander antes que o inimigo o localize.

O rosto da sentinela tornou-se austero.

— Em sua busca por Alexander você quebrou diversos tabus que tem origens tão antigas que se perderam na memória.

Andromeda sabia que suas próximas palavras poderiam ganhar ou perder a confiança daquele homem, e eventualmente, colocar em risco a vida dela e de Naasir.

— Sim, — ela disse. — Nós quebramos uma lei, mas se não o fizéssemos, Alexander ficará impotente contra Lijuan. Você não pode protegê-lo dela. — Mesmo fraca como está, Lijuan poderia facilmente aniquilar toda sua aldeia, se Xi não fizer isso primeiro.

— Você será decapitado, e quando se for, não haverá ninguém que se interponha entre Lijuan e o Antigo. — Ela segurou o olhar do homem. — O mundo não pode perdê-lo. Ele é um dos maiores seres angelicais que já viveu. Ele parou guerras e criou cidades que estão vivas até hoje. Suas estratégias de batalha são ensinadas para jovens soldados e suas estratégias políticas estudadas pelos próprios Arcanjos.

Tarek a observou com muito cuidado, a intensidade de seu olhar fazendo os cabelos de sua nuca se arrepiar.

— Como você sabe tanto sobre Alexander?

— Eu sou uma historiadora.

Os olhos do macho foram até Naasir.

— Faz muito tempo que não vou ao Refúgio, mas você jamais alegou ser um erudito.

As presas de Naasir brilharam ao sol quando sorriu.

— Eu sei ler. — Havia diversão em sua voz. — Eu sou o cão de caça dela, e assim como você, também o cão de guarda.

— Você é muito mais que isso, — Andromeda disse, incapaz de manter as palavras para si. — Você é extraordinário.

— Sim, — Tarek concordou, foi difícil decifrar seu tom de voz. — Não há ninguém como você – o vampiro que tem os olhos e os cabelos da mesma cor que as asas de Alexander.

Andromeda franziu a testa ante a afirmação, seus pensamentos se movendo mais uma vez para a pena metálica nos arquivos.

— Alexander não me fez, — Naasir disse, respondendo à pergunta não formulada. — Foi seu irmão, Osiris.

Andromeda ofegou quando a expressão de Tarek tornou-se mortal.

— Osiris foi excluído da linha familiar, todos os vestígios dele foram apagados.

— Exceto eu, — Naasir disse despreocupadamente, aceitando um segundo copo de sangue trazido por uma mulher mais velha, cujo sorriso mostrava apenas simples cortesia.

— Exceto você. — Tarek o olhou fixamente. — Como sobreviveu a destruição de tudo o que pertencia a Osiris.

— Eu ajudei a destruí-lo, — Naasir disse antes de beber do copo. — Comi o fígado e coração dele. — Ele olhou se soslaio para Andromeda. — Osiris me fez passar fome para testar minha resistência.

Andromeda fechou a mão sobre a dele.

— Então ele era um anjo idiota que merecia ser comido.

Dando um amplo sorriso, Naasir entrelaçou seus dedos aos dela e voltou-se para Tarek, que ainda lhe dava um olhar sombrio.

— Nunca chamei Osiris de senhor e jamais chamaria, ainda que Alexander não o tivesse executado. — A lealdade de Naasir era toda de Raphael.

A sentinela olhou para ele.

— Há duzentos anos eu me aventurei rapidamente em outra parte do mundo e conheci um erudito. Ele me disse que havia rumores de uma lenda viva, uma quimera com olhos de prata, que não era um, mas dois, ele me perguntou se eu sabia qual era a origem dele, pois apenas Osiris e Alexander tinham olhos verdadeiramente prateados, e ambos foram embora do mundo.

— São apenas mitos. — Os olhos de Naasir estavam sorridentes quando Andromeda olhou para ele.

Levando a mão até boca, ele beijou os nós de seus dedos, então se inclinou para fechar a boca dela que estava escancarada.

Ela apertou os lábios numa linha fina.

— Não vou mais falar com você. — Virando-se para a sentinela que parecia se divertir com o que via, ela disse: — Se não acredita que estamos aqui para nos opormos a Lijuan, você deve saber o que está acontecendo agora no palácio de Rohan.

A diversão desapareceu.

— Isso é uma ameaça?

Ela se manteve firme.

— Eu tive que dizer alguma coisa a Lijuan quando ela me sequestrou e pediu que eu lhe desse a localização de Alexander. Tentei levá-la para longe deste território, mas vendo aquele esquadrão, talvez a distração não tenha funcionado.

— Nós demos um aviso a Rohan, — Naasir acrescentou. — Ele não será pego de surpresa.

— Rohan pode cuidar de si mesmo. — Tarek declarou confiante. — Mas mesmo que você esteja aqui para se opor a Lijuan, não podemos quebrar nosso voto de manter todos distantes.

— Nesse caso, — Naasir disse: — Eu teria que incapacitar todos vocês. — Parecia que ele estava fazendo uma brincadeira, mas Andromeda sabia que falava a sério.

— Nem mesmo a fera de olhos prateados pode enfrentar toda a Irmandade da Asa.

É claro. Foi aí que ela viu o desenho da tatuagem anteriormente. Mas geralmente quem o carregava tinha a cabeça raspada.

Tarek deve ter visto seus olhos irem para seu cabelo, porque disse:

— Todos nós fizemos a marca em nossos aniversários de dezoito anos. Há aqueles que raspam o cabelo como um rito de passagem, um lembrete da disciplina, coragem e honra em que foram forjados.

— Seu povo está muito longe de sua terra natal. — Os que se separavam da Irmandade da Asa trabalhavam em várias tarefas individuais ou em grupos, mas sempre com base em contratos. Até hoje nunca se soube como surgiram. Supunha-se que foram criados por um anjo que preferia permanecer nas sombras.

— Alguns dos meus irmãos mais jovens gostam de andar pelo mundo. — Disse Tarek. — Não os impedimos. Eventualmente todos eles retornam para casa. Às vezes trazem companheiros que entendem nossos modos e que rejuvenescem nossa linhagem.

— Ninguém traiu este segredo por quatrocentos anos? — Andromeda sussurrou. — Como pode?

— Honra e lealdade e impiedade com os fracos de alma. — Ele se levantou. — Vocês podem lutar conosco ou podem ir embora. Nós vamos acompanhá-los.

Naasir se ergueu, ainda segurando a mão dela.

— Você precisa pensar no agora e não ficar preso ao passado.

O líder da Irmandade da Asa não respondeu, apenas levou a mão até sua besta. Toda a educação e elegância deixadas de lado. Naasir olhou para Andromeda.

— Parece que a hospitalidade se esgotou e as sentinelas de Alexander não se convenceram de nossas intenções.

Ela encolheu os ombros.

— Nós precisávamos tentar. — Olhando para Tarek, ela disse: — Se não nos permitirá ir até Alexander, então você mesmo tem que avisá-lo.

O rosto de Tarek era impassível.

— É um Antigo que está dormindo lá. Nenhum ser vivo pode entrar naquela câmara e sobreviver.

— Nem mesmo Lijuan?

Sua expressão sequer vacilou.

— Ela pode se autodenominar uma antiga, mas seu poder não se compara ao de Alexander.

— Você não a viu desde que o Cascade começou, — Andromeda disse, mas sabia que apenas gastava sua respiração – a sentinela de Alexander estava mais preso à ideia do que deveria ser a ver o que estava acontecendo com o mundo de hoje.

Eles saíram com um forte contingente da Irmandade os escoltando. Naasir só soltou a mão dela quando estavam à uma hora de distância da vila. Deixando cair sua mochila, Andromeda pegou sua espada no tempo de dois batimentos cardíacos, mas ainda era completamente lenta em comparação a ele.

Usando suas garras, ele pegou três dos membros da Irmandade antes que eles percebessem o que acontecia. Não houve sangue, e ninguém foi morto, apenas incapacitado. Andromeda teve dificuldades pelo fato de também não querer fazer qualquer dano grave com a espada, mas ela não era nem rápida, nem ágil o suficiente para uma luta corpo-a-corpo contra os altamente treinados irmãos da asa.

Que, apesar do nome, eram compostos tanto por machos, quanto por fêmeas.

Querendo garantir que ninguém a tomasse como refém, ela se manteve atrás de Naasir, mantendo os homens e as mulheres à distância enquanto Naasir não abrandava a luta por um segundo sequer. No final, ela conseguiu derrubar vários deles batendo em suas cabeças com o punho da espada. E mesmo no calor da batalha, ela tomou o cuidado de usar menos força com os mortais.

Alexander não perdoava aqueles que matavam seu povo.

— Andi, voe!

Tudo nela se rebelou contra a ordem, não queria deixá-lo no meio daqueles lutadores que tinham a morte em seus olhos. Mas prometeu obedecê-lo em tais

situações. Rangendo os dentes, ela depositou todas as suas esperanças nas habilidades de Naasir e então decolou.

Flechas dispararam em sua direção com assobios agudos atravessando o ar.

3A

Naasir mostrou os dentes, distraindo a Irmandade apenas o suficiente para que nenhuma das flechas acertasse Andromeda. Assim que viu que ela estava a salvo, ele virou em direção as árvores e correu.

Flechas iam em sua direção através das folhagens, mas a Irmandade da Asa não conseguia se mover tão rápido quanto ele, e as flechas acertavam onde ele estivera apenas segundos antes. Confiando que Andromeda iria na mesma direção, ele atravessou a aldeia. Aquele era o caminho mais rápido até o outro lado.

Ele estava sendo arrogante, era bem ciente que a Irmandade da Asa tinha alguns dos guerreiros mais bem treinados do mundo. A única razão pela qual se arriscara, foi porque eles acreditaram que Andromeda era apenas uma historiadora, embora tivesse visto a espada, não a observou com muito cuidado. A cobertura que ela deu a ele foi o suficiente para eles aguentarem. Mas com mais um minuto de batalha a luta teria se virado contra eles.

Com o coração batendo com força total, ele atravessou a aldeia usando as árvores de um lado, bem antes que os gritos das sentinelas alertassem os combatentes que ficaram. Os viu se reunirem atrás dele, indo na direção errada,

mas não deixou de ficar alerta. Os irmãos da asa se espalharam por toda a área, e com certeza havia mais nas cavernas.

Seus músculos estavam tensos, os pulmões queimando, mas continuou mesmo assim.

Na reta final para as cavernas, não havia árvores, apenas luz do sol brilhante e a areia fina do deserto. Mesmo com toda sua velocidade, um franco atirador posicionado no topo do sistema de caverna poderia atirar nele. Se ele correr nessa pele. Não sendo estúpido, ele assumiu a pele que era dele, uma que ainda não mostrou para Andromeda.

Queria fazer uma surpresa.

Ninguém podia vê-lo direito, e ele seria como uma miragem listrada correndo pelo deserto se não fosse a mochila que decidiu levar consigo. Mas mesmo que um franco atirador estivesse observando, no segundo em que atirasse em sua direção, ele não estaria mais lá. Naasir estava em seu elemento, a combinação de sua velocidade, o fato do seu corpo estar mais perto do chão, para não mencionar a camuflagem natural, fazia dele um predador perfeito.

Só parou quando chegou ao topo da montanha onde havia o sistema de cavernas, já longe o suficiente do atirador. Seguindo o odor, ele encontrou uma corrente de água, a qual usou para beber e molhar o rosto.

Naquele instante, a intensidade de seus sentidos diminuiu gradativamente, até se igualarem a de um humano.

Ele tinha que esperar seus batimentos cardíacos diminuírem antes de ir procurar por Andromeda. Era frustrante, mas seu corpo precisava de um tempo para se recalibrar com a nova forma. Keir explicara tudo quando ele cresceu o suficiente para compreender essas palavras. Parece que seu estado instável após uma mudança completa era como uma falha no projeto. Mas desde que o benefício era uma velocidade maior do que qualquer outro ser da terra, fosse quatro patas ou não, Naasir não reclamava.

No instante em que o sangue parou de correr furiosamente por suas veias e seu batimento cardíaco diminuiu, seus sentidos retornaram a vida. Levou apenas alguns segundos para captar o cheiro de Andromeda.

Correndo pela superfície da montanha ainda em sua forma secreta, ele se abaixou novamente e olhou ao redor, até encontrá-la perto de um afloramento de rochas. Ele sorriu; sua companheira era inteligente. Ela se escondeu da vista aérea, e estava muito longe da boca da caverna onde os atiradores ficavam posicionados.

Quando ele estava prestes a saltar na frente dela, ele se lembrou do susto de morte que Honor levou quando ele fez isso com ela, e olhando ao redor, empurrou algumas pedras de cascalho para alertar sua presença. Olhando para trás por cima dos ombros, Andromeda logo ergueu o olhar, e assim que o viu abriu um sorriso luminoso.

Saltando para baixo para se juntar a ela, ele segurou o rosto dela com as mãos cheias de garras e os dois caíram juntos no chão.

— Você me reconheceu!

Ela balançou a cabeça e jogou os braços ao redor dele, o apertando com força. Ele também passou os braços ao redor dela e inspirou o cheiro dela. A vida dela.

Levou um bom tempo para se afastarem, e quando fizeram isso ela empurrou seus ombros.

— Uma *quimera*? Não poderia ter me contado? Você até chegou a dizer que a ideia de que isso existia era ridícula!

— Aquela lenda é ridícula mesmo, — ele resmungou. — Um leão com uma cabeça de cabra. Quem foi o imbecil que inventou uma coisa dessas?

Ela o encarou por um tempo, e depois piscou algumas vezes balançando a cabeça.

— Você não é um tigre comum também, não é? — Ela sussurrou parecendo notar sua forma secreta pela primeira vez.

Só naquele momento ele percebeu que Andromeda o via de verdade, independente da forma que ele utilizasse.

Dedos suaves escovaram seu peito, sua escura pele de mel contra o branco rajado de preto que era quase impossível de detectar no brilho do sol.

— Um tigre branco?

— Ela murmurou suavemente.

Ele sorriu enquanto voltava para sua pele de costume.

— É uma boa pele para se usar a luz do dia, mas não pareço muito “humano” quando estou assim, então uso mais durante a noite. — Uma, ele herdou do menino, a outra, do filhote de tigre. Agora as duas pertenciam a Naasir.

— Você é a personificação do impossível. — Apesar da raiva refletida em seus olhos, ela continuava a acariciar os cabelos e os ombros dele.

— Há uma razão para que minha espécie não exista na natureza. — Ele a fez estender as asas para confirmar que ela não havia sido atingida por nenhuma flecha. Indo para trás dela para verificar as asas, ele disse? — Poderia facilmente ter me transformado num animal louco, ou num monstro aleijado.

Uma dor e um ódio enorme o atravessaram tão de repente, que ele pressionou o peito contra as costas de Andromeda e enterrou o rosto em seu pescoço.

— Houve muitos antes de mim... de algum modo eram meus irmãos e irmão, embora não tenhamos nos conhecidos. Vi muitos dos seus esqueletos deformados.

As mãos de Andromeda envolveram as dele, onde agarrara a cintura dela.

— Osiris executou todos os outros quando apresentavam deficiências. Das suas três mil tentativas, eu fui o único que resultou fisicamente inteiro e mentalmente saudável.

Os dedos de Andromeda tremiam.

— Ele matou três mil crianças?

Aninhando-a contra seu corpo, ele sacudiu a cabeça.

— Ele matou seis mil crianças, nem todas eram humanas. — Assim como o filhote de tigre dera a Naasir sua forma de tigre. — Para fazer uma quimera, é necessário utilizar um humano e um animal.

Lágrimas rolaram pelo rosto de Andromeda.

— Como? Como podem te-lô deixado fazer isso?

Puxando-a mais para perto, ele disse:

— Irei responder todas as suas perguntas, Andi, mas antes precisamos concluir nossa missão.

Sua companheira assentiu, enxugando as lágrimas antes de se voltar para ele e puxá-lo pela camisa.

— Vi uma possível entrada para o sistema de cavernas quando voava. Parece ser relativamente nova, talvez causada por uma avalanche, ou um pequeno terremoto, mas ainda pode haver uma armadilha por lá.

— Me mostre.

Eles escalaram a superfície árida e escarpada, e Naasir ficou em alerta para detectar quaisquer membros da Irmandade de Asa que estivessem escondidos num ponto mais alto. As asas de Andromeda seria um alvo muito fácil para eles.

— Ali. — Ela apontou para um ponto à frente deles.

— Cuide da retaguarda. — Deixando a única mochila que traziam consigo, ele se dirigiu para a entrada da montanha.

A luz escaldante do sol o fez desejar estar em sua forma secreta, mas funcionava melhor quando estava nu, sem nada para quebrar o padrão de listras. Ele não estava particularmente inclinado a ficar nu em cima das rochas pontiagudas que rasgavam suas roupas e a pele de seus braços.

— E então? — Andromeda perguntou quando ele voltou.

— Não encontrei o odor de nenhum ser vivo. Pelo visto, a Irmandade da Asa ainda não conhece essa entrada.

Rastejando com ele até o buraco, ela fez uma careta.

— Isso será um inferno para minhas asas. Anjos não são projetados para passarem por passagens estreitas em cavernas subterrâneas.

Ele fez uma careta com a possibilidade dela se machucar.

— Espere aqui, eu vou incapacitar os membros da Irmandade da Asa que estão na outra caverna, e então você poderá entrar.

— Isso vai demorar muito, não sabemos quantos deles estão lá dentro. — Dando um sorriso determinado, ela continuou: — Não morrerei por causa de alguns arranhões. Mas você vai primeiro para me dar cobertura ok? Acho que há mais risco de me machucar lá embaixo do que aqui fora.

Naasir considerou sobre o perigo conhecido na parte de cima, ou o desconhecido na parte de dentro. E ela estava certa, o perigo lá dentro seria bem maior. Jogando primeiro a mochila, ele saltou, atingindo o chão arenoso da caverna, e logo em seguida se afastou, chutando a mochila para o lado para que Andromeda não tropeçasse nela.

Ela demorou uns bons três minutos para entrar, suas asas ficaram seriamente arranhadas, penas marrom-escuras caíram ao redor dele até o momento que ela conseguiu entrar.

Reprimindo um grunhido quando viu os machucados nas asas dela, e as lágrimas que tentava não derramar, Naasir a fez ficar diretamente sob a luz que vinha da entrada enquanto a examinava.

— Sou uma imortal, — ela o lembrou delicadamente, embora sua voz estivesse rouca pela dor. — Vou me curar.

Ele mordeu a ponta de sua orelha e ela deu um pulo, virando-se logo em seguida para envolver seu rosto com mãos suaves

— Eu estou bem, — ela disse suavemente. — Assim que isso acabar, encontraremos um lugar confortável para relaxarmos juntos.

Ela estava mentindo. Naasir percebeu pela mudança em seu cheiro e a alteração em seu pulso. O que não conseguia entender era o porquê, mas iria descobrir assim que terminassem aquilo. Por enquanto, ele apenas pegou a mão dela, e entrelaçando os dedos com os dela puxou uma embalagem da parte de trás de suas calças.

— Eu consigo ver no escuro, mesmo em locais com nenhuma luz ambiente.

Era o resultado da mistura entre vampiro e quimera.

— Não a soltarei.

Ouvindo atentamente para ter certeza que os irmãos da asa não os detectara, ele inclinou a cabeça em direção aos fundos do corredor da caverna. Quando chegaram a uma bifurcação, ele perguntou:

— Direita ou esquerda? — Naquele momento não havia nenhum cheiro para servir de guia, então precisava confiar no conhecimento de Andromeda.

— Direita. — Suas asas farfalharam na caverna escura como breu. — Estamos em um pequeno declive ascendente – para chegar até Alexander nós precisamos descer e ir à direção norte. É onde os rumores dizem haver um poço de lava.

Naasir manteve isso em mente quando recomeçou a andar.

— Podemos conversar? — Andromeda perguntou depois de um tempo.

Ele entendeu o que ela estava realmente querendo saber.

— Sim. Cavernas e túneis são estruturados de modo a não emitir ecos, ao menos se mantivermos nossas vozes baixas.

— Eu me sinto presa aqui dentro. — Andromeda disse, apertando seu braço. — Em um espaço tão estreito e compacto eu sou completamente inútil.

Pensando nas asas que ficavam tão lindas contra o azul do céu, ele sabia que ela estava certa. Ali dentro, estas mesmas asas eram uma grave desvantagem.

— Você precisa lutar contra isso, — ele disse, sabendo que a coragem era uma das mais fortes características dela. — Não permita que seus sentimentos claustrofóbicos a paralisem.

— Não permitirei. — Ele sentiu a ondulação no ar do suspiro que ela soltou. — Obrigada, isso me ajudou muito.

Levando a mão para trás, ele apertou o pulso dela antes de soltar sua mão.

— Quer que eu lhe conte sobre Osiris e como eu fui criado?

Ela deu uma longa pausa.

— Não. Conte-me algo bom. Fale-me de luz, sol, ou qualquer lugar que toque sua alma.

Ela quis beijá-la, sua companheira via a selvageria que habitava seu coração, entendia que mesmo que ele pudesse percorrer lugares escuros, sua escolha seria sempre viver onde havia vento, sol, chuva no rosto e grama sob os pés.

— Eu tenho um lugar especial que fica próximo ao Refúgio, — ele disse. — Cerca de quinze minutos de voo a partir da floresta na base da montanha. — O próprio Refúgio, apesar de ter muitas flores e plantas não tinha muitas árvores altas.

— Sêrio? — A voz de Andromeda demonstrava tanta curiosidade que ele sentiu como se ela estivesse acariciando-o com a voz. — Você o construiu em cima das árvores?

Sim, ela o entendia. Sua companheira de cheiro delicioso.

— Aodhan me ajudou a projetar. — O anjo era bastante jovem, Naasir pensou, mas tinha uma forma única de ver formas e padrões. — É uma casa construída no alto de uma árvore, e que se abre para todos os lados. Deixando o vento e o sol entrar.

— Tem uma plataforma de pouso para meus amigos alados. — Ele não disse a muitas pessoas onde ficava sua casa, e os que sabiam, tomavam o cuidado de não dizer a ninguém. — O tronco da árvore é reto e alto, e tem tão poucos galhos, que ninguém que não seja como eu consegue escalá-lo. Quando meus amigos vampiros vêm me visitar, eles precisam usar uma escada de corda.

— E como é por dentro? Onde você dorme?

— Quando está chovendo ou nevando, eu faço um ninho lá dentro. Mas quando o céu está claro eu durmo numa rede do lado de fora. — Onde podia olhar as estrelas e ouvir os sons da floresta. — É quente, porque Illium colocou painéis solares por perto, eles captam a luz solar e liberam o calor durante a noite. — Ele pegou o pulso dela novamente. — Eu farei uma rede maior, uma grande o suficiente para suas asas.

Uma respiração trêmula soou atrás dele antes de Andromeda falar.

— Eu gostaria muito de ver a sua casa.

— Eu a levarei lá, depois. — Se ela quisesse colocar suas coisas lá, ele não negaria. Era o território dele, mas compartilharia com ela. Ele *queria* ter o cheiro dela em sua casa, em cima de suas coisas. — Eu só tenho alguns livros, — ele admitiu. — Coisas que Jessamy meu deu, assim eu teria conhecimento – mas prefiro saber das coisas ouvindo as pessoas.

— Você deve ter uma ótima memória.

— Sim. — Aparentemente era uma capacidade inata que veio da linhagem do menino que fazia parte dele. — Quando estou na rede, posso ver as estrelas no céu a noite. Sempre tão claras e brilhantes, e às vezes dá para ver os esquadrões passando de um lado para o outro.

— Eles não o veem também?

— A rede é muito pequena para ver, e ela fica camuflada pelas folhas das árvores, assim como a casa. — Era como se Aodhan tivesse criado exatamente o que Naasir precisava. — Aodhan diz que não há nenhuma casa igual no mundo.

— Ele tem um incrível talento. — A voz de Andromeda parecia carregada de tristeza. — Algo terrível aconteceu com ele não é?

Naasir sabia exatamente o que acontecera com Aodhan. Ele ajudara Raphael a rastrear o jovem anjo – o qual via como o filhote da família. Um filhote que foi tão danificado que Naasir ficara um pouco louco ao executar sua vingança. E não se arrependia. Ninguém tocava em sua família e ficava impune.

— Ele está sorrindo de novo. — A lembrança disso deixou Naasir feliz, e sabia que isso deixaria Andromeda feliz também. — Ele pregou uma peça em Illium quando Illium começou a perturbá-lo demais.

— Nunca vi Aodhan fazer algo assim.

Naasir sorriu.

— Há uma boa razão para ele ser o melhor amigo de Illium. — Naasir tinha cento e vinte anos de idade quando conheceu os dois. Ele ainda era bem jovem, mas tinha idade suficiente para saber que dois pequenos anjinhos não deveriam se jogar em um penhasco íngreme até o lago que ficava abaixo.

Quando pegou os dois filhotes encharcados pelos pescoços, eles se sacudiram como dois peixes pegos na rede tentando fugir. Ele rosnou e os levou direto para Jessamy. Aquela era uma lembrança que Andromeda gostaria. Compartilharia com ela mais tarde, pensou, e ela logo disse.

— Conte-me mais sobre a peça que Aodhan pregou.

Naasir riu.

— Ele entrou sorrateiramente no quarto de Illium enquanto este dormia. Normalmente Illium teria acordado ao sentir a presença. — O filhote se tornou um guerreiro muito experiente. — Mas sua mente não considera Aodhan como uma ameaça, então continuou a dormir. — Assim como Naasir dormiria tranquilamente se Andromeda entrasse em seu quarto.

— Ele esperou até que Illium deitasse de bruços e pintou suas asas com uma tinta que seca rapidamente e não deixa uma sensação pegajosa. Então, quando Illium acordou, ele não notou nada.

Andromeda riu.

— O que Aodhan escreveu?

— Bem, quando Illium saiu para se juntar ao seu esquadrão para o treino matinal, um de seus comandantes deu um tapinha no ombro dele e disse: — Desculpa, mas você não é meu tipo. — Naasir viu tudo de cima de uma varanda onde estava empoleirado.

— Ah, diga logo o que ele escreveu. — Andromeda bateu no ombro dele de brincadeira.

Naasir sorriu: “*Grande oferta, beijos do Bluebell totalmente grátis.*”

— A melhor parte foi que a tinta não era lavável, não por uns três dias. Illium caçou Aodhan e o obrigou a cobrir as palavras com tinta, então só parecia que tinham manchas pretas em suas asas.

— E Illium se vingou disso?

— Claro que sim. — Naasir sabia que o acidente de Illium deveria ter apavorado Aodhan. — Mas eles são amigos, não importa quais brincadeiras façam um com o outro. — Naasir sentia que nada poderia romper este vínculo. Os dois eram incapazes de trair um ao outro.

— Você tem um amigo assim? — Andromeda perguntou com melancolia em sua voz.

— Eu tenho uma família, e tenho amigos. — Muito mais do que jamais imaginou poder ter quando era apenas uma fera filhote, que não entendia nada do mundo civilizado. — Janvier e Ashwini me entendem e são meus amigos. — Assim como os outros sete, e Raphael. Eles nunca lhe pediram para mudar. — Mas antes de tudo, eles pertencem um ao outro. — Assim como deveria ser. — E eu sempre serei o melhor amigo da minha companheira.

A voz de Andromeda soou baixa.

— Ela será uma mulher de sorte.

Ele fez uma careta. De quem ela achava que ele falava? No entanto, antes que pudesse perguntar, ele sentiu vestígios de um odor.

— Temos que fazer silêncio agora, — murmurou. — Este cheiro é antigo, mas não significa que não possa ser a Irmandade da Asa.

O túnel começou a ficar mais largo e Andromeda conseguiu andar ao lado dele, enquanto segurava sua mão. Seus olhos sequer registravam a escuridão, mas sabia que para ela devia estar completamente escuro. Mesmo assim ela caminhava sem vacilar.

Erguendo suas mãos unidas até a boca, ele beijou seus dedos.

A asa dela deslizou por suas costas numa resposta silenciosa e carinhosa, enquanto a escuridão do túnel era penetrada por uma luz suave.

Sem ouvir nada, ou detectar perfumes novos, Naasir continuou até encontrar a fonte de luz. Eles entraram em uma grande caverna – parte do teto estava rachado. Não o suficiente para permitir a entrada de alguém, mas possibilitava a entrada da luz do sol.

— Ainda estamos muito em cima, — Andromeda disse próxima o suficiente para os lábios roçarem sua orelha. — Ela apontou para um túnel que se estendia do outro lado da caverna. — Não há aromas novos, mas é um antigo que está enterrado aqui, não devemos confiar.

— Uma armadilha?

— Meu instinto diz que sim. — Ele e Andromeda atravessaram com o máximo de cuidado. Ele sentiu uma mudança mínima da inclinação da areia debaixo de seus pés um segundo antes de Andromeda dar um passo à frente.

35

Ele a puxou antes que seu pé se encostasse ao chão, esmagando as asas contra o peito.

— Há alguma coisa aí embaixo.

Linhas finas de tensão se formaram nos cantos de sua boca, mas ela apenas balançou a cabeça.

— Não vou me mexer.

Após ter certeza que ela estava equilibrada, ele a soltou e se agachou para limpar a areia, quando percebeu que seus dedos poderiam aplicar muita pressão.

— Aqui. — Andromeda lhe estendeu uma de suas penas, uma de um marrom claro que ficava mais escuro na ponta. — Já estava caindo mesmo.

Ele acariciou sua panturrilha, sabendo que suas asas estavam machucadas. Ser imortal não significava que estava livre da dor.

Quando se inclinou para frente, com a mão ainda apoiada em sua perna, ele usou a pena para afastar a areia e encontrou exatamente o que esperava.

— É um dispositivo de pressão.

O músculo da panturrilha de Andromeda ficou tenso.

— Não creio que as rachaduras do teto sejam acidentais, — ela disse lentamente. — Esta caverna foi criada para desabar.

— Alexander quer enterrar os intrusos com ele. — Naasir se levantou. — Não correremos o risco de atravessar – não há nenhum modo de saber quantos dispositivos estão escondidos sob a areia.

Os dois retornaram para o túnel, refazendo seus passos e levaram mais trinta minutos para encontrar um túnel que os levasse para baixo, o que os levou muito perto da entrada das cavernas. Tão perto, que Naasir pode ouvir dois irmãos da asa conversando – um macho e uma fêmea.

Imediatamente pressionou um dedo nos lábios de Andromeda, assim ela saberia que era para fazer silêncio.

—... nas cavernas.

— Não há nenhum sinal deles até agora, mas se vierem por aqui, não poderão passar por nós. — Era uma voz forte, que demonstrava experiência. — Todas as entradas para as cavernas estão muito bem guardadas.

— O último intruso conseguiu entrar, — disse o primeiro orador, sua juventude aparente.

— Shavi era um anjo jovem. Verde como a grama. Caiu por uma distração. Ainda bem que o intruso enlouqueceu, ou nós estaríamos em graves problemas.

Houve uma longa pausa. Naasir estava prestes a se mover quando o irmão da asa mais jovem disse?

— Sempre quis saber essa história. — Sua voz soou tímida. — Me disseram que o intruso entrou são e arrogante, mas logo depois saiu gritando e arrancando os próprios olhos. Foi por isso que não o mataram, seria desonroso matar um louco.

Uma risada.

— Eles estavam brincando com você, menina. A parte dele ter sido autorizado a viver é verdade, mas ele não saiu gritando ou arrancando os próprios olhos.

— Não?

— Ele conseguiu chegar à cidade mais próxima, talvez devido à sorte que protege os bêbados, loucos e crianças, mas logo depois acabou catatônico em um hospital. Um ano depois, quando acordou, ele tinha buracos em sua memória, e as poucas que tinha faziam tão pouco sentido que ninguém lhe deu muita atenção.

— O senhor mexeu em suas memórias? — Um sussurro.

— Só porque ele está dormindo, não significa que não esteja ciente de tudo o que acontece ao redor. — Houve um tilintar que poderia indicar que uma flecha estava sendo colocada junto às outras. — Lembre-se, dizem que Caliane subiu antes do tempo porque ouviu Lijuan conspirar para matar seu filho.

Isso não era exatamente a verdade, mas ele entendia porque pensariam isso.

Naasir ficou para escutar mais, mas a conversa das sentinelas mudou para uma que demonstrava que eles queriam ser mais que colegas de guarda. Silenciosamente, ele desejou boa sorte ao esperançoso sentinela macho, e levou Andromeda para longe da entrada, até ver-se livre de qualquer aroma ressentido.

Logo em seguida, colocou os lábios em sua orelha, e disse a ela o que ouviu. Tê-la tão perto, seu calor suave e feminino, o fez querer parar de ser civilizado. Ele só queria tomar, ceder à parte primitiva dele, a qual não entendia por que precisavam esperar.

Quando ela o puxou para baixo para que pudesse responder, ele colocou a mão sobre uma parte não danificada da sua asa, em um esforço para aliviar a necessidade que o percorria. *Grimório estúpido*, ele pensou, e novamente pegou um lampejo de memória de um pequeno livro vermelho com um desenho dourado na capa.

Sua mente continuava dizendo que ele já o viu. Mas *onde*?

— Isso é verdade, — disse Andromeda, os lábios roçando sua orelha enviando solavancos chocantes de prazer sobre sua pele. — As memórias que o intruso possui são completamente desarticuladas. Quase como se ele tivesse sofrido uma alucinação. O único motivo de eu ter levado a sério foi porque eu sabia que Alexander viveu no oásis quando era muito jovem.

Esse fato se perdeu no tempo, enterrado pela ascensão de Alexander e eventual controle de todo este território. Andromeda tinha esse conhecimento por que cem anos antes ela foi à procura dos Antigos ainda espalhados pelo mundo e ouviu esta história. Ao contrário de Caliane e Alexander, estes antigos não eram poderosos, mas muitas vezes eram carregados de sabedoria.

Ela falou com um grupo antes que eles voltassem a dormir mais uma vez, eles despertaram juntos meio século atrás para sentirem um “gosto” do novo

mundo. E tendo decidido não viver nele, os três lhe disseram que a veriam em mais mil anos:

— *Guarde as outras perguntas até lá, criança. É maravilha saber que há jovens ansiosos para conhecer nossa história.*

Um dos contos que lhe contaram tinha sido a viagem para o oásis de um Alexander recém-saído da adolescência, para uma “festa de guerreiros”, onde o hidromel era a bebida e a dança era selvagem.

— *Ele nunca nos esqueceu, — um dos Antigos dissera. — Mesmo quando se tornou um poderoso general, e depois, um Arcanjo, nós ainda tivemos uma boa recepção em sua casa – fosse esta um palácio arcangélico ou uma cabana de caça – e ele se sentava conosco e bebia um copo ou cinco, e ria com as velhas histórias.*

Os outros assentiram; seus sorrisos segurando uma afeição profunda e verdadeira por um Arcanjo que para eles era um amigo com quem cresceram lado-a-lado.

— *Espero que um dia, quando acordarmos, ele também esteja acordado. Gostaria de compartilhar uma bebida com ele e ver o que ele fez deste mundo onde máquinas de metal voam e os Arcanjos não possuem cortes.*

Pensando em todas as suas conversas com os Antigos, ela se apoiou com uma mão no peito de Naasir e disse:

— Se Alexander é de certa forma consciente de pessoas neste sistema de cavernas, então podemos estar seguros. Ele não foi caprichoso ou negligentemente cruel.

— Mas se é uma defesa automática, como acontece com os gafanhotos, então poderíamos acabar catatônicos, — Naasir disse no tom baixo e ligeiramente rouco que ela amava.

— Devemos sair e tentar encontrar um sinal de celular?

— Eu perdi a chamada de check-in – Raphael já está a caminho. — Naasir fechou uma mão quente e áspera contra a dela e a levou até seu peito. — Mas levará tempo para Alexander se levantar, e Lijuan está mais perto do que Raphael. Precisamos tentar iniciar o processo para que Alexander não esteja impotente se Lijuan perceber que esta é a localização dele e chegar primeiro.

Andromeda pensou em como a forma física de Lijuan havia desvanecido, aparecendo e desaparecendo, de rosto fino e membros amputados. O Arcanjo da China estava claramente fraca, mas de acordo com a notícia que Andromeda recebeu de Jessamy enquanto estava em Amanat, havia uma chance de Lijuan ter matado Jariel – um anjo que os rumores diziam ser forte o suficiente para ter se tornado um Arcanjo.

E atualmente, Alexander estava indefeso, que é como ela queria atacá-lo.

— O que estamos esperando? — Ela disse a Naasir, seu sangue quente. — Nós precisamos ir irritar um Antigo e esperar que ele não nos transforme em idiotas balbuciantes.

A risada de Naasir era suave, os dentes que roçaram a ponta de seu ouvido eram afiados.

— Eu sabia que você era minha companheira.

36

Lijuan só percorrera um quarto do caminho para o palácio de Rohan quando suas forças se esgotaram. Tornando-se corpórea, ela foi para o chão antes que caísse do céu. Suas asas ainda eram apenas apêndices fracos e inúteis.

Raiva queimou dentro dela ante seu estado de impotência, ela era um torso com asas que mal se moviam quando tentava voar. Não que voar fosse a parte mais difícil. Ela não podia sequer rastejar com rapidez; seu único braço plenamente regenerado está tão fraco quanto as asas, os músculos ficavam trêmulos ao menor esforço.

Incapaz de conter a fúria, ela esticou a mão com pontas vermelhas, uma bola de energia negra se formou e explodiu, transformando as árvores na frente dela em pó. Ela se surpreendeu... e então sorriu. Esta fraqueza humilhante seria suportável se suas habilidades imortais estivessem voltando com sua força total. Alexander não teria nenhuma defesa contra elas enquanto dormia. Ela era uma deusa, enquanto ele passara os últimos quatrocentos anos em êxtase.

Ele pode tê-la vencido em combate quando ela era um anjo prestes a se tornar um Arcanjo e Alexander já um Antigo, mas ela era mais forte do que ele agora. Ele não fugiria desta vez. Aquela criatura de cabelos dourados, alta, com asas prateadas, que recusara o que outros homens cobiçaram.

Por um momento, ela hesitou, ecos de uma doce, inteligente e esperançosa menina vibraram por sua alma. Essa menina viu a única maravilha no mundo. Essa menina acreditou que Alexander era um pedaço de luz que queimaria por toda a eternidade, um homem da guerra, que ganhara sabedoria incomensurável ao longo dos tempos em que viveu.

— Minha bela Zhou Lijuan. — Os dedos dele roçando suas maçãs do rosto, e olhos de prata que a escravizaram. — Tão delicada, forte e cheia de grande poder.

O local onde a palma da mão dele tocara formigou ante a memória sensorial.

— Por que você não ficará comigo? — Ele a admirava, ela sabia disso. — Posso andar ao seu lado, ser sua parceira, assim como você seria o meu.

Ele agitou a cabeça suavemente.

— Você ainda tem muito que aprender. Talvez daqui a sete mil anos possamos nos reunir novamente. Quando você tiver seu poder e nós formos iguais. Agora... eu a esmagaria sem querer, e você está destinada à grandeza.

Sete mil anos.

Exatamente o tempo que passou, ela de repente percebeu. Talvez matá-lo não fosse a resposta...

Raiva percorreu seu corpo novamente como um rugido de escuridão. Não porque Alexander a rejeitou, ela se esqueceu disso há muito tempo, afinal, se apaixonou por outro homem. Por toda uma eternidade, Alexander fora apenas uma doce memória da sua juventude, uma que lhe causava certo divertimento. Ela era apenas um filhotinho apaixonado por um belo e poderoso Antigo.

Não, sua raiva vinha da ideia de que Alexander, o adormecido de asas prateadas da profecia, um dia procuraria destruí-la. *Ninguém* tinha esse direito. E eles não eram iguais. Não havia ninguém igual a ela. Ela era Zhou Lijuan e iria dominar o mundo antes deste Cascade se concretizar.

Jogando a cabeça para trás, ela riu pela primeira vez desde que Raphael a machucara.

Naasir percebeu mais duas armadilhas durante as próximas três horas. Andromeda pegou outra, devido a uma mudança nas correntes de ar que ele julgou ser natural. Descobriu que era um truque antigo, Andromeda leu em um livro.

— Você deveria ler mais, — ela brincou quando ele resmungou sobre não ter percebido a armadilha.

— Você pode ler para mim. Gosto de ouvir histórias.

— Eu vou.

Mesmo na escuridão, viu a tristeza em sua expressão, sabia que ela estava, mais uma vez, escondendo algo dele. Frustrado por não poder confrontá-la sobre isso naquele momento, ele se inclinou e mordeu a orelha dela.

Ela saltou, em seguida, empurrou seu peito.

— Pare com isso. — A carranca. — Vamos discutir o seu hábito de morder mais tarde.

— Também podemos discutir o seu hábito de guardar segredos, — ele disse, e viu seu rosto mudar. — Agora todos os túneis levam para baixo, percebeu?

— Se nos deparmos com uma sentinela da Irmandade, não mataremos ou feriremos. — A voz de Andromeda era urgente. — Se Alexander *estiver* consciente em algum nível, imediatamente se voltará contra nós.

Naasir fez uma careta.

— Eu planejava derrubá-los.

— Poderíamos amarrá-los e amordaçá-los. Há uma camiseta na mochila que podemos rasgar em tiras.

Naasir não estava convencido de que tais medidas seriam eficazes contra homens e mulheres altamente treinados como os da Irmandade da Asa, mas sabia que ela estava certa em não irritar Alexander. Até mesmo amordaçar e amarrar as sentinelas poderiam ser lidas como um ataque, mas teriam que correr esse risco.

Ele se virou para o lado, de modo que a mochila ficou voltada para Andromeda.

— Pegue a camiseta.

Quando a estendeu em sua mão, ele usou suas garras para rasgá-la silenciosamente em tiras. Andromeda procurou através do tato até achar um bolso facilmente acessível e depois as guardou.

Ele quis beijá-la novamente. Odiava aquele lugar, ainda que conseguisse ver no escuro. Deveria ser cem vezes pior para ela, mas ela apenas seguia em frente, sem reclamar.

— Pronto?

— Vamos.

De mãos dadas, eles continuaram. Havia mais armadilhas, incluindo uma que precisaram saltar para conseguir passar. Uma centena de flechas de besta acertou a parede com força total, um piscar de olhos após eles dispararem o dispositivo de pressão e saírem do caminho. Após ver que as flechas acabaram, Naasir rastejou por baixo, fazendo com que uma Andromeda preocupada esperasse do outro lado; ao chegar ao final, empurrou um bloco de pedra a frente dele, no caso de haver dispositivos de pressão embutidos no chão do túnel.

Eles fizeram uma pequena pausa depois, bebendo água da garrafa que havia na mochila e comendo mais dos alimentos desidratados. Felizmente, eles tinham comida guardada em ambas as mochilas.

— Sem mais carne seca, — Andromeda murmurou, dando a última para ele. — Estou comendo as castanhas e frutas.

Ele decidiu que estava tudo bem, desde que ela comesse a carne seca quando estivessem fora das cavernas. Comer a carne coriácea não lhe dava prazer, mas era combustível, e o manteria sem precisar de sangue por mais um tempo.

Lavando-se com água, levantou e puxou sua companheira até colocá-la em pé.

— Não falta muito agora.

— Ótimo, estou animada. — Ela deu um sorriso que poderia iluminar até as sombras mais escuras. — Estamos prestes a despertar um Antigo. Não me importa que ele fique com raiva quando fizermos isso.

Ele acariciou o rosto dela e sorriu.

— Selvagem, destemida, e um pouco má. Perfeita.

Seus olhos brilhando na escuridão, ela mordeu o lábio inferior como se para sufocar uma risada.

Ele quis rosnar.

Se dependesse dele, os votos de celibato seriam banidos do mundo. No entanto, já que Andromeda fizera um, ele o respeitaria porque sua honra era importante, e ele não roubaria isso dela. Mas ele acabaria com aquele voto assim que encontrasse o estúpido livro vermelho.

— Vamos acabar com isso. — Assim, ele poderia ir caçar o Grimório.

Continuaram a andar lado a lado, até que ele pegou o perfume de um ser vivo ao lado dele e Andromeda, um grande inseto. Não mencionou isso a sua companheira, ela podia ser durona, mas ele já viu guerreiros adultos, machos e fêmeas, estremecerem ao pensar em insetos. Ele testaria a tolerância de Andromeda mais tarde, quando não estivessem presos no subsolo e ela pudesse enxergar.

Soltando sua mão, tocou-lhe o rosto a fazendo parar, em seguida, colocou a mochila no chão e avançou o resto do caminho sozinho. Uma sentinela da irmandade estava em pé na entrada de uma pequena caverna, seus olhos constantemente analisando o túnel e sua besta engatilhada. Este não era um jovem inexperiente.

Quando Naasir voltou para Andromeda, a encontrou com a respiração mais agitada que antes, mas ainda na mesma posição em que a deixou. A abraçando, ele segurou sua nuca e falou diretamente em seu ouvido.

— Há dois. Um dentro da caverna, um na entrada. Posso derrubar o de fora relativamente em silêncio. Você o amordaça e amarra.

Ela assentiu com a cabeça.

— Se o de dentro ouvir, terei que deixar o primeiro inconsciente; espero que Alexander entenda – nossa única vantagem é a surpresa.

Andromeda levou a mão até o próprio queixo e depois a deslizou até os olhos.

— Sim, — disse ele. — Eles podem ver no escuro. Óculos de visão noturna. — Ele esfregou o rosto contra o dela. — Nós vamos roubar um. Eles serão resgatados em breve.

Ela deu uma tapinha em seu peito em agradecimento, e eles se separaram para ir em direção às sentinelas da irmandade, após Andromeda pegar uma das tiras da camiseta.



Apenas depois que Naasir saiu, Andromeda percebeu que não saberia se ele havia pegado a sentinela, nem onde estavam; não sem Naasir alertá-la. Com as sentinelas usando óculos de visão noturna, ela poderia se mover e distraí-los da aproximação de Naasir. Mas seria melhor deixá-lo fazer aquilo sozinho.

Mordendo o lábio, percebeu que havia um pequeno indício de luz. Mas não o suficiente para permitir que ela visse, mas talvez isso mudasse se chegasse mais perto. Puxando a espada para fora e rastejando para frente, ela sentiu algo bater nela de leve no peito. Não conseguiu pegar, mas quando ficou de joelhos e tateou pelo chão arenoso, seus dedos encontraram as curvas distintas e suaves do que apreciavam ser óculos.

Sem perder tempo, os colocou. O mundo ao seu redor de repente se tingiu de um verde sobrenatural, e ela podia ver claramente.

Naasir arrastara seu prisioneiro até ela, e de alguma forma conseguiu manter a sentinela contida e em silêncio enquanto jogava os óculos para ela. Percorrendo a distância até eles em passos silenciosos, ela ajudou a amordaçar e amarrar a sentinela, os olhos do homem musculoso pareciam furiosos.

Tendo concluído a tarefa, Naasir saltou para cima do teto com tanta facilidade que ela quase engasgou. Piscando para ela, ele foi para dentro da caverna. Com passos cada vez mais curtos, ela viu quando ele se jogou silenciosamente do teto e pegou a sentinela, colocando uma mão sobre a boca do outro homem e a outra sobre a garganta, enquanto usava todo seu peso para empurrá-lo para o chão.

Entrando, Andromeda amarrou e amordaçou o irmão da asa. Depois disso, sussurrou nos ouvidos dele:

— Me desculpe.

— Andi.

Se levantando ao som baixo da voz de Naasir, ela atravessou a caverna para se juntar ele na entrada do que parecia ser um túnel que levava para baixo. Quando empurrou os óculos para cima por um instante, ficou claro para ela que isso era a fonte da luz tênue que percebera antes – e parecia vir da pedra das próprias paredes.

Pondo os óculos novamente, ela lançou uma respiração instável.

— Sim, deve ser aqui.

— Precisamos verificar se há mais armadilhas. Vou buscar a mochila.

No fim, foi ela que foi buscar, e voltou após cinco minutos dolorosamente lentos, que acabaram com Naasir retendo um irmão que quase escapara das amarras. No tumulto que se seguiu, Naasir descobriu que o chão da caverna era falso, projetado para entrar em colapso por dentro, os irmãos da asa deviam ter acionado a armadilha.

Dependendo da altura da queda, certamente quebraria um bom número de ossos. Isso se as rochas restantes não o soterrassem.

— Começo a sentir pena de todos os intrusos anteriores, — Andromeda murmurou, tirando a poeira de seus braços após entraram no túnel sem disparar a armadilha, então, deliberadamente acionaram a queda de rochas para impedir que as sentinelas os seguissem.

As sentinelas de Alexandre certamente tinham outras maneiras, mas pelo menos, ela e Naasir não teriam que se preocuparem com o perigo as costas, provenientes dessa fonte, pelo menos.

— Sei que eles virão atrás de nós, mas espero que os irmãos da asa não tenham que esperar muito tempo por socorro.

— Você tem um coração mole, — disse Naasir com um sorriso tolerante. — Tomarei cuidado para não deixar as pessoas se aproveitarem de você.

Ela deveria fazer uma careta para ele, mas seu coração disparou loucamente. Ele parecia tão feliz por isso. E desde que ele esperava que ela lutasse ao lado dele, usasse suas habilidades sempre que necessário, não era como se ele estivesse sendo condescendente. Não, ele era apenas protetor da mulher que queria como sua companheira.

Sua garganta fechou, seu rosto completamente rígido e quente. Ficou contente por ele fixar o olhar à frente e não poder vê-la. Deveria dizer a ele que não podia ser sua companheira, mas as palavras ficaram presas dentro dela, como se o fato de não dizê-las fizesse com que não se tornassem realidade.

Na frente dela, Naasir levantou uma mão. Ela parou.

Mas o irmão da asa já os vira. Ele deu um grito alto antes de conseguirem dominá-lo. Pés trovejaram em várias direções. Desistindo da discricção, Andromeda e Naasir correram todo declive, suas asas ensanguentadas raspavam as paredes da estreita passagem principal, a mão de Naasir se apertou ao redor da dela.

Quando a puxou para uma pequena caverna e indicou outra armadilha, ela pegou sua espada e a acionou. As rochas desceram em uma queda barulhenta, levantando nuvens de poeira pelo ar.

Tossindo na mão que usava para proteger a boca, sentindo os dedos arenosos devido a poeira que engoliu por acidente, ela olhou para Naasir.

— Onde? — Ele não teria pedido a ela para desencadear a avalanche; ela conhecia o suficiente de seus sentidos para adivinhar que ele viu, cheirou, ou ouviu algo que escapou dela.

— Por aqui.

Ela seguiu a marca de seus passos na areia para encontrar-se na frente de outro túnel com paredes de pedra que pulsavam com um brilho estranho. Só que

desta vez o túnel era tão íngreme que a inclinação era quase vertical, o piso liso e brilhante em comparação com as paredes e o teto.

— Maldição, — ela murmurou, embainhando a espada. — Eu vou primeiro. Você pode vir depois de mim e me empurrar para baixo se as minhas asas ficarem presas.

Naasir sacudiu a cabeça.

— Não. Eu não sei onde isso vai dar. Precisamos encontrar outra saída.

Eles ouviram sons que vinham da entrada da caverna, o bloqueio de rochas em breve deixaria de existir, ela soltou um suspiro e colocou os cachos esvoaçantes de seu cabelo atrás das orelhas.

— Não há outro modo de fazer isso sem matar um grande número de irmãos da asa – não acho que eles tenham vontade de argumentar agora.

— Suas asas já estão machucadas. — Ele rosnou, levantando a mão para tocar gentilmente a parte danificada. Você pode quebrar alguma coisa.

Ela tocou sua mandíbula com um leve toque de seus dedos para tranquilizá-lo.

— Vai curar. — Entrando no túnel, ela olhou mais uma vez para o rosto amado de Naasir e dobrou suas asas tão apertadas quanto pode, e jogou da borda.

Penas e pele se rasgaram, sangue espirrou pelo ar enquanto ela caía. Lutando contra as lágrimas e a dor aguda que atravessava a pele sensível de suas asas, ela caiu em um poço de areia e se forçou a rolar de lado.

A mochila bateu segundos mais tarde, e Naasir pousou agachado ao lado.

Correndo para onde ela estava deitada de bruços na areia, tentando respirar através da agonia, ele tocou a parte de trás de sua cabeça e se inclinou para acariciar sua cabeça.

— Estamos quase lá.

Tirando forças de seu gesto de carinho, ela se colocou de quatro, em seguida se sentou lentamente. Não foi capaz de lutar contra as lágrimas, e podia sentir a areia grudada em suas lágrimas, sua respiração vinha em soluços. Teria se sentido humilhada se alguém a visse desta forma... mas não Naasir.

Naasir nunca sequer pensaria em usar sua dor para causar feridas emocionais.

Tomando o rosto dela em suas mãos, ele esfregou o nariz sobre o dela.

— Você é muito corajosa, — ele disse, seus olhos prateados brilhando na escuridão e um feroz orgulho em sua voz.

— Você também é. — Seus dedos tremiam quando ela fechou as mãos em torno de seus pulsos. — É melhor Alexander não nos explodir depois de tudo isso.

Com um sorriso feroz, ele se levantou e estendeu a mão para puxá-la para cima. Uma vez que se estabilizou, o frio e o calor dos machucados em suas asas informou que suas terminações nervosas estavam expostas, mas não ao ponto de causar uma deformação, ela olhou em volta. Eles estavam no fundo de uma bacia de pedra lisa que parecia não ter saída, os lados tão obviamente lisos que, até mesmo as garras de Naasir não seriam de nenhuma vantagem.

— Eu poderia voar para cima, — disse ela, pois mesmo que suas asas estivessem seriamente danificadas, elas ainda a segurariam no ato. — Tentar ver se há uma saída por cima.

Naasir sacudiu a cabeça, fazendo com que o vívido cabelo metálico se movesse como mercúrio líquido, mesmo através da visão esverdeada dos óculos de proteção.

— O som não está aqui. — Agachando, ele colocou uma mão na areia, a outra na coxa, e inclinou a cabeça.

Andromeda ficou imóvel, mas usou seus olhos para digitalizar tudo em seu campo de visão. Quando Naasir mudou de posição, ela usou a chance para se virar e olhar as paredes atrás dela.

Seus olhos se arregalaram.

— *Naasir.*

— Há um jeito de sair daqui, — ele murmurou, a cabeça ainda inclinada. — Posso ouvir.

Saindo da posição e do fluxo de ar, ela correu para a parede em frente dela.

— Você vê?

Naasir se aproximou dela. Inclinando-se, ele passou os dedos sobre as linhas finas escavadas na pedra.

— É um fragmento de um desenho maior.

— Sim. — Ela recuou até a parede oposta. Partes do desenho estavam gastas, mas ainda podia uni-las. — Um corvo. — Criado de inúmeras imagens intrincadas que representavam esta terra. — A câmara de Alexander deve tornar...

O chão tremeu como um cão sacudindo sua presa.

Naasir a puxou em seus braços quando uma pedra desmoronou na frente deles... e, em seguida, o chão desapareceu e eles caíram com um grito.

— Abra suas asas! — Naasir gritou, abrindo um pouco os braços como se fosse soltá-la.

Ela se agarrou a ele com um aperto de morte.

— Não posso! Algo está nos sugando para baixo. — A pressão era intensa, ameaçando esmagar os pequenos ossos de suas asas. Esses ossos eram incrivelmente fortes, concebidos assim, para segurá-la no alto, mas agora, ela sentia como se estivessem a segundos de distância de quebrarem. — Não me solte!

— Não vou. — Com o cabelo prateado soprando no rosto, ele tentou virar a cabeça para fazer a varredura da área, mas a pressão do vento era muito forte para permitir o movimento.

Andromeda de repente sentiu o ar ficar mais quente em torno deles. Compreensão secou sua garganta, ela conseguiu dobrar a cabeça o suficiente para que pudesse olhar para baixo. O movimento só foi possível porque Naasir se inclinara sobre ela em um esforço de protegê-la.

Na primeira, ela não viu nada, e foi só então que percebeu que os óculos foram tirados de seu rosto pelo vento. Mas foi capaz de ver Naasir... e não foi por causa da luminescência das paredes.

Um brilho vermelho surgiu lentamente em vista, ficando mais quente a cada segundo de sua descida.

— O poço de lava, — disse ela, sabendo que Naasir estava perto o suficiente para ouvir.

— Estou vendo. — Sua respiração em sua pele, a sensação intensa, mesmo com o vento. — Tente abrir suas asas novamente, Andi.

Ela tentou, com tanta força que sentiu como se tivesse rompido os vasos sanguíneos em seus olhos, mas foi inútil. Quando balançou a cabeça, Naasir rosnou.

— Minha companheira está tentando salvar a merda da sua vida, Arcanjo!

O calor começou a queimar, embora o caldeirão estivesse fervendo lá embaixo. Foi quando Andromeda compreendeu que a morte viria muito antes que eles chegassem perto da superfície da lava – ou no metal fundido, ela não sabia. O

calor liquefazendo os seus órgãos internos e derretendo a carne de seus ossos, antes que esses ossos rachassem e virassem pó.

A desintegração acabaria com ambos, pois imortalidade total e absoluta era apenas um mito. Dada a sua ressurreição, que era possível que Lijuan tenha alcançado esse nível de evolução. Andromeda era muito jovem para sobreviver a metade do que estava prestes a acontecer, enquanto Naasir... ela não conhecia seus limites, mas sabia que não podia vê-lo morrer.

— Alexander! — Ela chorou em desespero. — Você é um homem sábio!

Os fundos de suas botas derretendo, as penas nas extremidades das suas asas começam a queimar, o ar tão quente e seco ameaçando selar os pulmões.

— Não, ele é um idiota! — Naasir rosnou... e eles pararam com um solavanco no ar.

Com os olhos arregalados, Andromeda estendeu suas asas. Eles se moveram, mas ela sabia que se tentasse voar para fora, ela seria sugada para baixo novamente. Não que ela fosse fazer isso, não quando não tinha forças para levar Naasir com ela. Mantendo os braços ao redor dos músculos tensos dele, ela olhou ao redor e ele fez o mesmo.

Não havia mais nada neste túnel de pedra, exceto Andromeda, Naasir e a lava borbulhante e voraz abaixo. Seu coração falhou uma batida, e respirando com esforço, ela disse:

— Acho que você chamou a atenção dele.

Naasir mostrou os dentes.

— Você é mais civilizada – você fala.

Gêiseres de lava fundida espirraram como se Alexander tivesse ficado impaciente.

— Arcanjo, — disse ela, dirigindo suas palavras para a lava, embora soubesse que Alexander podia ouvi-la, independentemente de onde dirigia sua voz. — O mundo está no meio de um Cascade e os Arcanjos do atual Cadre tem tido uma elevação violenta no poder.

Mais dois gêiseres irromperam da lava borbulhante.

O calor chamuscou seus pés através das botas arruinadas.

O rosnado de Naasir foi mais feroz do que ela jamais ouviu, o som ecoando na pedra, reverberando em seus ossos.

— Lijuan quer te matar enquanto você Dorme, seu velho bastardo teimoso! Ela acha que é uma deusa!

Andromeda estremeceu. Alexander era sábio, mas ele também tinha um temperamento tempestuoso.

A pedra retumbou, mas eles não caíram novamente.

— Ele está rindo, — Andromeda sussurrou incrédula. Ele a empurrou sobre a borda. — Ouça, maldito! Lijuan não é quem você lembra! Ela é louca e ela *pode* matá-lo – enquanto esteve Dormindo, ela se tornou o Arcanjo da Morte!

Ela sentiu a temperatura de Naasir subir, ele começou a cheirar a carne queimada. Não. *Não*.

— Mesmo se você sobreviver, suas sentinelas não vão! — Como Naasir era para Andromeda, a Irmandade da Asa era para Alexander – algo pelo qual valia a pena morrer, valia a pena lutar. — Seus homens e mulheres mantiveram os seus votos por quatrocentos anos, e morrerão um por um em agonia e sofrimento em vez de deixá-lo!

Ela gritou quando eles caíram novamente. O cheiro de penas queimando encheu o ar. Eles sentiram como se seu sangue estivesse a um passo de começar a ferver, os olhos tão quentes que mal podiam mantê-los abertos.

A voz de Naasir já não era humana, suas palavras eram guturais quando falou.

— Se prejudicar minha companheira, eu voltarei na morte para caçar sua bunda imortal, seu velho imbecil!

— A irmandade, — Andromeda conseguiu sussurrar, certa de que a ligação de Alexander e suas sentinelas eram a única esperança de chegar a ele.

Naasir pressionou o rosto no dela, tentando curvar o corpo em torno do dela o máximo que podia.

— Quanto as suas sentinelas, Lijuan pode decidir transformá-las em renascidos. Mortos cambaleantes que tem fome de carne viva. Que tipo de senhor permite uma coisa dessas?

Não houve nenhum aviso antes de serem empurrados para cima com a mesma velocidade suicida com a qual foram puxados para baixo. Eles foram para cima e para cima, até que o ar estava suficientemente frio para poderem respirar.

A voz, quando veio, estava em todos os lugares.

Eu estou acordando. Prepare-se para a batalha.



Naasir e Andromeda foram empurrados para fora do túnel e jogados na caverna de areia novamente. O poço que lhes tinha sugado se fechou de modo tão perfeito que não havia qualquer sinal de que estiveram lá.

Levantando-se com musculosa graça felina, Naasir se agachou na frente de Andromeda enquanto ela se sentava. Ele passou a mão sobre seu cabelo, depois, muito suavemente sobre os arcos de suas asas. Esta era uma área altamente sensível, o toque foi íntimo, mas ela enterrou-se contra o peito dele, precisando da ternura, querendo nada mais do que estar perto dele.

Ela percebeu dentro daquele túnel que a morte podia vir a qualquer instante.

— Beije-me, — ela disse, levantando o rosto para encontrar o dele primordialmente masculino. Se morrermos, queria ir sabendo como é o beijo dele.

Ao invés de beijá-la, ele mordeu o lábio inferior com força.

— Vamos nos beijar depois que eu encontrar seu Grimório idiota.

Encostando sua testa na dele, Andromeda sacudiu a cabeça.

— Esqueça o Grimório.

Naasir segurou seu queixo, seus olhos assombrosamente belos fixos nos dela.

— Sua honra é importante para você. É tão importante quanto o seu coração. Matando um, eu matarei o outro.

Ela suspirou, ele sabia o que ia em seu coração. Naasir a rodeou com os braços, a respiração dele contra sua pele enquanto esfregava a lateral do rosto contra o dela. Andromeda sabia que não havia tempo para tristeza. Roubando mais um instante de seu calor e ferocidade, ela deu um passo para trás.

As solas de seus pés estavam gravemente queimadas, causando uma agonia insuportável, mas já podia sentir seu corpo tentando se curar. Mais importante, ela ainda podia andar, enquanto não se concentrasse no pulso latejante de dor.

— Minhas asas devem me segurar por períodos curtos, — disse ela, as esticando para fora. — Eu posso voar, procurar uma saída.

Os olhos de Naasir eram chamas de prata líquida quando olhou em suas penas enegrecidas e queimadas, mas ele balançou a cabeça.

— Vá. Eu vou olhar aqui em baixo. Há alguma coisa nas correntes de ar.

Foi só quando ele se virou que ela viu as costas dele. Um grito deixou sua boca, ela estendeu a mão, instintivamente, antes de se afastar para não machucá-lo com seu toque.

— Suas costas. — Sua voz tremeu com fúria. — Alexander *machucou* você. — Sua camiseta foi quase totalmente queimada, deixando apenas pele carbonizada.

Voltando-se para ela, ele segurou a bochecha dela, seu polegar raspando sobre sua bochecha. — É apenas uma pequena queimadura. Ela melhorará em algumas horas.

Velho e forte, ela se lembrou. Ele era mais velho e mais forte do que ela, e era uma quimera lendária.

— É verdade que você pode se curar tão bem ou às vezes até melhor do que um anjo? — Isso era um “fato” que ela acabara de se lembrar, algo com que se deparou durante seus estudos sobre criaturas míticas.

— Sim. — Inclinando-se, ele esfregou o nariz sobre o dela como fizera no final do seu passeio no túnel. — Eu te contarei tudo sobre quimeras após sairmos.

Ela sentiu seus lábios se contorcerem com o tom de voz dele – como se ele oferecesse um leite. E a verdade é que ele estava: ela era uma historiadora, amava novas informações... e essa quimera selvagem descobriu isso, porque ele olhou para ela e viu quem ela era.

— Cobrarei isso de você.

Com um sorriso, ela espalhou suas asas feridas e subiu no ar, decolagens verticais demandavam mais força, mas como resultado dos anos de treinamento com Dahariel e Galen, ela geralmente não tinha problemas com isso. No entanto,

hoje ela sentiu como se mil espinhos esfaqueassem cada centímetro de suas asas na tentativa de derrubá-la.

Rangendo os dentes e se recusando a falhar, ela ficou no alto e começou a circular ao redor. Foi além da rampa por onde vieram e que era impossível de escalar, não encontrou nenhuma fissura.

Ela voou mais alto.



Naasir observou para se certificar de que Andromeda estava firme em suas asas antes de tirar os pedaços inúteis de suas botas e começar a procurar por uma saída. As correntes de ar naquela sala se moviam de modo errado, sua pele ondulando com listras entre uma respiração e outra. O que não era visível, a menos que alguém o acariciasse no momento certo, era uma fina, fina, *fina* camada de pele que aparecia ocasionalmente.

Talvez não contasse a Andromeda sobre essa parte dele; deixaria que ela descobrisse sozinha, quando estivessem nus. Ela não se importaria; ele tinha certeza disso. Ela gostava dele apesar do fato de não ser de forma alguma “normal”. Não, isso não era certo. Andromeda não gostava dele apesar de sua natureza incomum. Ela só gostava *dele*.

Mesmo quando fechava a cara para ele, ela gostava dele.

Pisando em diferentes partes do poço, com esse conhecimento se estabelecendo em suas células, ele se sintonizou com as correntes de ar. Quando sentiu Andromeda começar a descer, ele olhou para cima.

— Você pode ficar um pouco mais? — Seu pouso perturbaria o ar que se estabeleceu após a sua decolagem.

Ela assentiu com a cabeça e começou a circular suavemente em vez de ficar no lugar. Percebendo que ela sofria demais para manter o foco, com os pés queimados e asas chamuscadas. Ele quis rosnar. Apertando a mandíbula, foi em direção a uma parte específica da parede. O ar estava mais frio ali, movia-se mais rápido.

— Andi.

Ele fez um gesto para ela descer, e logo em seguida ela pousou suavemente atrás dele, e tirando o que restava de suas próprias botas, mancou até chegar ao lado dele para olhar para a parede.

— O que você vê? — Um inesperado piscar, seu corpo imóvel. — Por que *eu* posso ver?

Naasir, que era capaz de ver, não importa a luz, não notara o fato de que não estava mais escuro como breu, a luminescência das paredes ali era de uma intensidade muito maior.

— Alexander.

— Acho que isso significa que ele gostou de nós depois de tudo.

— Não o suficiente para nos tirar daqui.

— Alexander nunca foi um Arcanjo fácil.

Grunhindo em reconhecimento, Naasir começou a correr os dedos ao longo das linhas onde sentiu o ar mais fresco.

— Há uma porta aqui.

Ajoelhando perto da pedra que parecia ininterrupta, Andromeda começou a tatear em torno da parede ao nível do solo.

— Às vezes, o ponto de pressão está escondido por dentro, onde as pessoas estão menos aptas a... — seus dedos deslizaram sobre um entalhe. — Naasir.

Ele se agachou ao lado dela, confirmando que também podia sentir. Colocando um dedo contra o entalhe, ele empurrou.

Nenhuma porta. Nenhum efeito, absolutamente.

— Acho que precisamos encontrar dois, — Andromeda disse, pensando em uma porta antiga que viu em um livro de história. — Vamos esperar que não seja um código que exija a aplicação de pressão em um ritmo preciso.

— Alexander pode simplesmente colocar aqueles de quem não gosta em um poço de lava, — Naasir apontou com um encolher de ombros. — Qualquer pessoa autorizada a permanecer vivo deve ser dada uma saída.

— Bom ponto. — Andromeda sentiu o segundo entalhe ao lado Naasir.

— Entendi.

Tocando o local indicado por Naasir, ela balançou a cabeça. — Eu empurrarei aqui e você empurra lá.

Quando nada aconteceu, seu coração apertou, a ideia de ser enterrada viva era um pesadelo.

Um rangido áspero rachou o ar segundos depois, partículas de pó brilhando na luminescência.

Levantando-se para ficar em pé, ela pegou a mão de Naasir e eles se afastaram, caso o mecanismo girar para fora, mas quando a porta antiga finalmente se moveu, foi para dentro. O túnel dentro era cinza, com grossas teias de aranha, o que deixou claro que ninguém esteve ali durante séculos, mas as paredes brilhavam com a mesma luminescência que a câmara central.

— Odeio teias de aranha. — Elas grudam obstinadamente em suas penas e essas grossas podiam até mesmo afetar sua capacidade de voar, uma vez que conseguisse sair.

Novamente aquele sorriso de Naasir, um afetuoso, o qual atingiu diretamente seu plexo solar.

— Eu vou primeiro para limpar o caminho para você.

Então, ele começou a usar suas garras para rasgar a massa pegajosa.

Com a espada na mão, ela cortou os pedaços que ele deixou e, juntos, eles conseguiram manter as asas dela limpas.

— Estou tentando muito não pensar nas aranhas que construíram isso, ou no que acabou de se arrastar por cima do meu pé. Ela estremeceu.

— Você não gosta de insetos?

— Não aqueles com mais de seis pernas. Ou conchas. Ou antenas.

Naasir riu e eles continuaram. Foi como se tivessem caminhado por duas horas em seus pés queimados antes do túnel jogá-los para fora em uma pequena caverna iluminada com a mesma luminescência que iluminara seu caminho até ali. Dada a falta de luz natural, ficou claro que ainda estavam profundamente dentro do sistema de cavernas.

Onde poderiam ficar permanentemente, cortesia das sentinelas irritadas esperando por eles, com suas bestas apontadas e preparadas.



Três horas após a tensa reunião fora da câmara de Alexandre, a noite caiu sobre o oásis e as sentinelas sabiam o que estava por vir. O fato de seu Arcanjo estar acordando causara espanto entre os membros mais jovens da Irmandade, alegria sombria nos mais velhos.

— Estou feliz em saber que verei o sire novamente. — A tensa emoção segurada no tom de Tarek era um testemunho da fidelidade que Alexander inspirara em seu povo. — Só desejo que seu Sono não tenha sido tão abruptamente interrompido. Ele não pretendia acordar durante milhares de anos.

O líder da Irmandade compartilhava uma refeição com Naasir e Andromeda sob a luz das estrelas. Ela ia falar, perguntar a ele sobre seu longo serviço, quando um batedor de longo alcance entrou correndo. Descobriu-se que o telefone dos irmãos da asa não funcionava aqui – eles tinham um abrigo de comunicação escondido uma distância considerável do oásis.

Ele estava inútil agora. Todos os sistemas de comunicações desligaram, não muito depois de Alexander dizer a Naasir e Andrômeda que estava prestes a acordar. Tanto quanto a Irmandade foi capaz de verificar, afetou todo o território, talvez mais longe. Todas as informações eram passadas através de uma rede de corredores e velhos faróis que utilizavam um código Irmandade.

— A luta continua no palácio. — Aceitando uma garrafa de água, o batedor engoliu. — Parece que Rohan chamou todos os seus esquadrões e tropas terrestres antes do ataque.

— Seu alerta, — disse Tarek, e não era uma pergunta.

Os olhos de Naasir brilhavam no escuro.

— Quem está ganhando?

— Rohan e Xi estão equilibrados. Impasse.

Isso, Andromeda sabia, não duraria.

— Lijuan irá pender a balança, a menos que Favashi retorne para casa a tempo. — O Arcanjo da Pérsia tinha de saber sobre o ataque, havia começado antes do apagão de comunicações.

Uma veia pulsou na fronte de Tarek, sua mão fechada sobre a mesa.

— Não podemos deixar o local para ir em seu auxílio, e não acho que Rohan desejaria isso.

— Esperaremos que Lijuan esteja fraca demais para chegar muito rápido, a qualquer hora. O fato do Arcanjo da China já não estar ali era um bom sinal. — A tempestade que você mencionou seria suficiente para atrasar Raphael?

Naasir esperava que seu sire chegasse hoje à noite.

— De acordo com o último relatório que tivemos antes de tudo se apagar, — disse Tarek, — a tempestade de raios foi violenta em todas as partes do mundo, exceto neste território, e as pancadas são violentas o suficiente para que todos os aviões e anjos pudessem ser atingidos. O seu senhor pode ter sido forçado a pousar no meio do caminho, ou foi atingido e precisa se recuperar.

— Ele estará aqui. — Vestido com uma camisa de linho solta que foi oferecida por uma das sentinelas para substituir a outras que estava queimada, Naasir transferiu outro pedaço de carne no próprio prato para o dela.

Ela sorriu e comeu a oferta; era bom ter alguém que queria cuidar dela. Mais tarde ela faria o mesmo para ele, as sentinelas forneceram sangue engarrafado, mas ela poderia dizer que ele não gostou do sabor. Se comesse bem, ele não teria nenhuma desculpa para não se alimentar dela.

O chão tremeu naquele instante, o céu noturno de repente inundou com uma aurora prateada que ondulava como água. Era de tirar o fôlego, e se estendeu sobre céu, tanto quanto o olho podia ver.

— O sire. — O líder da Irmandade olhou para cima, sua garganta se movendo e sua voz grossa.

A própria alma de Andromeda doía testemunhando a beleza estranha e o poder incandescente de um evento que nunca poderia ser repetido em sua vida imortal. Enquanto a aurora cobria todo o território, o povo de Lijuan não seria capaz de identificar o oásis ou as cavernas.

— Devemos tirar proveito disso hoje à noite. — O tom de Naasir era muito mais pragmático do que o dela ou de Tarek. — Deixar batedores de guarda, o máximo que pudermos, — ele disse para Tarek. — Se tiver um lugar para esconder os vulneráveis, faça-o. Lijuan não os poupará.

O rosto do outro homem endureceu, o seu amor por seu senhor substituído por protecionismo brutal.

— Venham. — Mostrando a Andromeda e Naasir uma pequena casa na borda da aldeia, ele disse: — Você tem excelentes sentidos, — a Naasir. — Eu poderia muito bem usá-lo.

— Eu soarei um alerta se eu sentir intrusos.

Dando boa noite para o irmão, os dois entraram na casa que era um simples espaço de um quarto, mobiliado com uma cama grande o suficiente para acomodar as asas de Andromeda. Havia também um pequeno conjunto de mesa com comida extra e bebidas, e uma parte separada para o banheiro.

Quando Naasir foi abrir a grande janela não muito longe da cama, Andromeda entrou no banheiro e se limpou. Os irmãos recuperaram a mochila que eles abandonaram durante a fuga desta manhã, e embora já tivesse pegado umas roupas emprestadas com os moradores, ela vestiu o último conjunto limpo que estavam nas suas coisas.

Se a batalha começasse antes do previsto, ela queria estar pronta.

Naasir passou por ela quando saiu e entrou, seu sorriso a deixando saber que foi deliberado. Como um gato correndo atrás dela. Sorrindo, ela esperou até depois dele se banhar, então o fez virar para que pudesse examinar suas costas.

Seu cabelo estava úmido, ele vestia uma camiseta branca limpa que encontrara na mochila, e um par emprestado de calças cargo de cor marrom escura que pendiam baixo em seus quadris. Tirando a camisa, ele jogou em uma cadeira e ficou parado para que ela pudesse apreciá-lo. Sua respiração ficou presa, sua pele era quente e rica, sem falhas, os músculos mostrando força e graça líquida. Percebeu naquele momento por que as mulheres lutavam para acariciá-lo.

Mas por mais bonito que ele fosse, aquele não era seu foco principal no momento.

— Você se cura rápido. — Não havia cicatrizes, nenhum sinal de que ele quase tinha sido queimado vivo de dentro para fora. — Dói?

— Não. — Virando em seus calcanhares, ele pegou seus ombros e a virou de frente para janela, para poder examinar suas asas com cuidado lento e metódico. — Partes de suas asas foram rasgadas até o tendão. — Ele soltou um rugido profundo. — Tenha cuidado quando dormir.

Andromeda assentiu, capaz de sentir o alongamento doloroso, latejante que anunciava que o tecido estava cicatrizando.

— Seus pés?

— Curados. — Normalmente, toda a energia seria direcionada para as asas, mas seu corpo claramente decidiu que os pés eram uma ferida pequena o suficiente, para lidar com rapidez.

Indo para a cama, ela se deitou de bruços. Quando Naasir deslizou ao lado dela, ela levantou a asa para colocá-la sobre ele. Ele acariciou suavemente as partes não lesionadas.

— Posso ter uma de suas penas menores quando soltar? Não a arranque. — O último foi uma ordem.

A rouquidão de sua voz fez seus dedos enrolarem.

— A que está sob o seu dedo indicador – não posso senti-la. — De certo modo, as penas de um anjo eram com um órgão, eles tinham consciência delas, assim como tinham de seus ossos. — Acho que pode ser retirada.

Naasir a tocou com cuidado, e quando deslizou para longe, ele a pegou e, saindo da cama, foi para a mochila restante. Voltou com uma fina tira de couro cru na mão, aquelas que os homens às vezes usavam para amarrar o cabelo. Enquanto ela observava, ele se sentou na cama e amarrou a pena ao couro, em seguida, teceu a tira de couro em uma trança fina em seus cabelos, amarrando com um toque suave no final.

— Pronto, — disse ele, aparentemente satisfeito, e virou de bruços ao lado dela.

Seu coração derreteu, transformando-se em mel quente e espesso dentro de seu peito, ela envolveu sua asa sobre ele mais uma vez.

— Você precisa se alimentar.

— Eu beberei o resto da garrafa.

Andromeda correu as unhas sobre a nuca dele, e o escutou gemer e fechar os olhos.

— Beba de mim. Eu comi bem. — Ela deslizou o pulso da outra mão sob sua boca quando ele levantou a cabeça.

Seu cabelo era surpreendentemente suave, as mexas estavam úmidas e deslizaram por sua pele quando ele beijou seu pulso. Suas narinas dilataram e ele lambeu sua pele, mas não mordeu.

— Um dia, eu vou saborear você enquanto meu pau estiver confortável dentro de seu corpo apertado, e será lento, profundo e longo.

Respirar de repente se tornou uma tarefa difícil.

— Mas essa noite, seu corpo precisa de toda a energia para curar os danos a suas asas. — Outro beijo, este tão terno, que fez seu lábio inferior e seus olhos tremerem.

Como ela poderia sobreviver quinhentos anos sem ele?

39

Andromeda acordou com o estrondo de um trovão. Naasir já estava acordado. Deitado de costas, um de seus braços estava curvado em torno dela enquanto ela usava seu ombro como travesseiro, ele acariciava sua asa enquanto observava a tempestade de raios além da janela. Os raios brilhavam tanto quanto o cabelo de Naasir, sem chuva para amolecer seu brilho áspero.

— Quanto tempo nós dormimos? — Ela perguntou, encostando-se mais no calor de seu corpo.

— É de manhã cedo. — O estrondo de um trovão quase abafou suas palavras.

— Nunca vi o céu dessa cor. Sombrio, roxo escuro jogando sombras sobre a terra e provocando os fragmentos dos raios. — É lindo. Tão selvagem quanto a quimera que a segurava tão carinhosamente. — Esta deve ser a mesma tempestade que já cobriu o resto do mundo.

— Eu não disse nada na frente de Tarek, mas Raphael pode voar acima de um raio.

Os olhos de Andromeda se arregalaram. Sim, o Arcanjo não deveria ter tido qualquer problema em evitá-la. No entanto, a menos que algo houvesse mudado durante a noite, nem Raphael, nem Lijuan, nem Favashi fizeram isso. Isso não foi coincidência.

— Dizem que quando um Arcanjo ascende, o mundo muda de maneiras inexplicáveis. Pode ser o mesmo para o despertar de um Antigo.

— Esta luz não é normal, — Naasir concordou. — A Vigília de Caliane era violenta, mas não a este ponto.

— Alexander era um general; Caliane, um anjo conhecido por sua graça e canção.

— Ela também é uma guerreira treinada, que acordou para proteger o filho, — Naasir lembrou. — Acho que o Cascade deve estar cada vez mais forte.

Os cabelos em sua nuca se arrepiaram ao imaginar o que isso podia significar, Andromeda estremeceu.

— A boa notícia é que eu não acho que Lijuan arriscaria sua forma não corporea em um ataque.

O peito de Naasir retumbou sob sua mão.

— Talvez a tempestade vá fazer um favor ao mundo e queimar Lijuan da sua existência.

Ambos tinham consciência de que tal presente seria improvável, eles estavam em silêncio até que Andromeda disse:

— Você se lembra de ser dois antes de se tornar um? — Não parecia errado perguntar sobre isso ali, não com a ferocidade da natureza tão perto.

— Sim. O menino humano divertindo-se com o filhote de tigre. — A conversa o fez sorrir. — Eles eram melhores amigos em um lugar sem outros seres vivos, mas Osiris e os lobos, eles os mantinham como animais de estimação... e quando Osiris os obrigou a ser um só, a amizade entre o menino e filhote manteve-se, e a quimera tornou-se estável.

Seis mil mortos. O filhote e o menino poderiam ter sido mais duas vítimas... e ela poderia nunca ter conhecido Naasir.

Repudiando violentamente o pensamento, ela ouviu o seu coração, e recordou-se de que ele estava muito forte e vivo.

— As duas partes não lutaram pela supremacia, mas trabalharam juntas para a sobrevivência, — acrescentou, seu braço apertando ao redor dela. — É por isso que minha forma não ficou torcida ou aleijada. E agora, há apenas um. Eu sou eu. Eu sou Naasir.

A simplicidade de sua declaração fez tudo mais poderoso.

— Você escolheu o seu nome? — Não havia nenhuma dúvida em sua mente que, mesmo se Osiris houvesse o chamado por um nome, não seria um nome que Naasir teria mantido.

— Não, — ele disse a ela. — Dmitri o deu a mim, em honra de um amigo que foi morto em uma batalha onde ele salvou a vida de Dmitri. A emoção embargou seu tom. — Estou orgulhoso de carregá-lo, Dmitri sempre acreditou que eu faria justiça a um tão honrado nome e que seria forte o suficiente para torná-lo meu.

— Ninguém pode negar isso, — disse Andromeda. — Você é Naasir, uma lenda entre os continentes e através do tempo. — Sob sua mão, sentiu a formação de uma camada de pelo tão fina e tão suave que ela não podia ver, só sentir sua textura. O que podia ver eram as listras de tigre em sua pele. Subindo em seu cotovelo ao lado dele, ela sussurrou, — Estou tão feliz em saber sobre você.

Ele mostrou os dentes para ela.

— Que segredos você está escondendo de mim?

— Eu vou te dizer depois do jantar na propriedade de meus pais. Você ainda virá? — A pergunta tinha uma ponta de desespero, ela esperava que ele não tivesse percebido.

— Estive pensando em um presente para seus pais, — disse ele em resposta, seu tom solene. — Quando eu estava em Nova York, vi um programa de televisão sobre bonecas que parecem humanas e são totalmente e anatomicamente corretas. Elas seriam as perfeitas concubinas incansáveis.

Bufando com o riso, ela tentou parecer severa.

— Não se atreva.

Seu sorriso era impertinente.

— Eu dei a Ellie uma planta carnívora. Ela gostou.

— Devo ficar com ciúmes? — Ela ouvira como ele falava sobre a consorte de Raphael, com admiração e afeto.

Rapidamente, ele a puxou para baixo com um aperto em seu cabelo, segurando-a tão perto que ela podia contar cada um de seus cílios.

— Elena é consorte de Raphael e um parceiro de treino para mim. — Sua voz caíra na gama gutural. — Ela não é você. *Ninguém* nunca será o que você é para mim.

Seu coração se partiu. Em um milhão de pedaços minúsculos.



AO

Lijuan chegou à fortaleza de Rohan muito tempo depois do que deveria. Enfureceu-se por que o sinal inconfundível de despertar de Alexander a forçou a aterrar-se por longos períodos; instinto sussurrou que esses raios de prata poderiam causar sérios danos ao seu corpo ainda em cura.

Parecia que Favashi também foi atrasada, pois Rohan não tinha nenhum reforço arcangélico.

Bom. Bom também foi o fato de a rapidez da tempestade indicar que Alexander foi forçado a acordar na velocidade rápida; ele estaria fraco, enquanto ela podia sentir sua força voltando a cada hora que passava. Até suas asas agora estavam fortes o suficiente para voos curtos. E, ao contrário de Raphael, Alexander não teria desenvolvido quaisquer defesas contra ela, poderia enviar um raio de energia negra em seu coração, e isso certamente o mataria.

A melhor opção, no entanto, era a de executá-lo antes que se levantasse.

Lijuan não estava disposta a descartar Alexander até que ele estivesse morto.

Ela falou com Xi da cadeira dentro da sua tenda de batalha.

— Você precisa quebrar este cerco. — Lijuan poderia usar suas habilidades para virar a maré, mas isso significaria mergulhar em suas reservas de energia. —

Rohan não é o pai dele e você é um general experiente. Porque está demorando tanto? — O raio era perigoso, mas já não constante.

— Rohan está melhor preparado e tem um maior número de tropas guarnecidas aqui do que o relatado por nossos batedores – eu acredito que ele teve um aviso. Apesar do fato de lutar por horas, a expressão de Xi estava tão serena e inteligente como sempre. — Ele também melhorou o palácio com as novas tecnologias, o que está atrapalhando nossas tropas. A paixão com que ele luta parece confirmar que Alexander se encontra dentro.

— Sim. O menino foi sempre dedicado ao pai. — Lijuan considerou suas opções, decidiu que o gasto de energia era justificável; quanto mais cedo e mais rápido ela encontrasse Alexander, mais fácil seria matá-lo.

Esperando até que a sua força estivesse em plena capacidade – embora essa capacidade fosse insignificante em comparação com o que seria uma vez que estivesse totalmente curada – ela subiu no ar durante uma pausa dos relâmpagos, e explodiu o palácio com sua chuva negra. O ataque vaporizando parte dos edifícios, criando uma grande lacuna nas defesas de Rohan. Deixando Xi para tirar proveito disso, Lijuan invadiu o palácio em sua forma não corpórea.

Ela escapou de um relâmpago por meros milímetros.

Foi um desperdício de preciosa energia manter sua forma não corpórea quando o palácio era uma cidade fantasma, todos nas defesas, mas ela não tinha pernas e se usasse suas asas atrairia muita atenção.

Não viu sinais da presença de Alexander. Mesmo quando mergulhou na terra, não sentiu nada do antigo prata-alado. Subindo à superfície pouco antes de sua forma não corpórea solidificar humilhantemente em carne e sangue no chão de azulejos do palácio, ela sabia que havia apenas uma opção.

Porque Zhou Lijuan não rastejava.

Antes que pudesse pedir a Xi para trazer um sacrifício, seu olho caiu em um senhor arrastando-se pelo corredor dos fundos. Estalando suas asas para varrer através dos amplos corredores projetados para anjos, ela o agarrou em silêncio e, cortando a garganta dele com sua própria faca cerimonial, lambeu o sangue que borbulhava. Era um pobre substituto para sugar diretamente a sua força vital, e o sangue tinha um gosto vil para Lijuan, mas transferiu o suficiente de sua energia vital para ela, e ficou temporariamente rejuvenescida. Se ela se

sentisse fraca novamente, tomaria outra vida. Sempre havia corpos quentes disponíveis a uma deusa.

Pronta para que isso acabasse, para que pudesse se concentrar em sua cura, ela esperou o relâmpago trovejar, então subiu acima do palácio e o cobriu com a chuva negra. *Xi, encontre Rohan. Eu quero ele vivo.*

Levou mais de quarenta minutos e mais duas refeições ineficientes até Xi conseguir sobrecarregar os defensores e capturar o filho de Alexander. O palácio estava em meio a ruínas até então, os combatentes de Rohan quase mortos, junto com um grande número de não-combatentes que se esconderam em um quarto que caíra sob o poder arcangélico de Lijuan.

Lijuan não fez o último de propósito – uma deusa não se preocupa com formigas desarmadas – mas também não sentia qualquer culpa. Rohan deveria ter se rendido no instante em que viu que estava contra um Arcanjo. Ele deveria saber, não havia nenhuma maneira de que pudesse ganhar.

No entanto, mesmo agora, ainda nas ruínas carbonizadas do que deve ter sido a sua grande sala, com as mãos amarradas atrás dele e suas asas cortadas pela metade e cauterizadas pelo fogo, enquanto ela se sentava em uma cadeira na frente dele, o filho de Alexander era desafiador.

— Não sei onde meu pai Dorme, — ele disse com uma risada insolente. — Você realmente acha que ele seria tão tolo a ponto de deixar as informações com o seu *filho*? Isso me faria um alvo. Nem permaneceria nesse território, que é o primeiro lugar que um inimigo estúpido procuraria.

— Não esqueça que você fala com um Arcanjo, — Lijuan avisou. — E engula suas mentiras, porque nós dois sabemos que seu pai amava seu povo e não os deixaria.

Lijuan pensara há muito tempo que amar seria uma tolice de sua parte. Raphael partilhava a mesma falha, assim como Elias, Titus e Astaad. Mesmo Neha, com toda a sua crueldade, lançaria seu próprio sangue para proteger seu povo. Lijuan não tinha tanta certeza sobre Favashi, e Michaela se colocaria em primeiro lugar, assim como fez Uram. Apenas Charisemnon, de todos eles, pensava como Lijuan.

Para ser um Arcanjo era preciso ser um deus. Lijuan cuidava do seu povo, certificando-se que estavam a salvo e que tinham o suficiente para comer, mas não

os amava. Ela os usaria em suas guerras, se necessário. Eles eram descartáveis. Mais deles iriam gerar e encher o mundo.

Alexander não pensara de tal maneira. Ele criou orfanatos na sua terra, os quais ainda forneciam abrigo e educação para as crianças ainda nestes dias. Ele era tão orgulhoso dessas casas e das escolas que fundou.

— *Toda criança na minha terra, — ele disse a ela uma vez, com as mãos sobre as grades da varanda superior deste próprio palácio, — terão a chance de se tornarem melhores do que um pedaço perdido de destroços na rua.*

Ela riu e balançou a cabeça.

— *Você é um tolo, Alexander. — Se divertindo com as palavras afetuosas de um amigo. — Os mortais nascem e morrem em um mero vislumbre de tempo. Para que serve desperdiçar seus recursos e as suas emoções com eles?*

Alexander, com seu cabelo dourado pelas chamas da luz do sol, sorriu.

— *Você não admira a tapeçaria no corredor? Ela foi projetada e criada por uma mortal. O trabalho de uma vida é mais bonito do que qualquer tipo de trabalho que eu vi completado por mãos imortais.*

Rindo de novo com o quão perfeitamente ele a prendeu em uma armadilha, Lijuan concedeu o ponto de que muito ocasionalmente um mortal especial tinha o seu valor. A maioria, no entanto, não era nada. Insetos para pisar.

Ela não colocara dessa forma, então. Apenas mil anos sendo um Arcanjo, e ela era... suave. Apesar de todas as suas discordâncias, ela admirara Alexander, não queria decepcioná-lo. Mas esse tempo estava muito longe agora. Ela agora via a criatura fraca que ele era, impulsionado pela emoção e coração ao invés do pragmatismo frio de um deus. Isso seria sua queda.

— *Sabe de uma coisa, — disse ela ao filho que Alexander havia mostrado para ela, quando Rohan tinha apenas um dia de idade.*

Lijuan lhe deu os parabéns, mas naquele pequeno pacote se contorcendo, vira apenas uma brecha na sua armadura, uma vulnerabilidade. Lijuan há muito tempo matara o mortal que fizera seu coração se agitar, e que poderia ter se tornado sua própria vulnerabilidade viva se não tivesse tomado uma ação preventiva. Chaoxiang era tão sombrio quanto Alexander era justo, e ele ria tanto quanto o comandante de asas azuis de Raphael fazia agora.

— *Amada, — ele a chamara, os olhos dançando.*

Aqueles olhos observavam os dela enquanto ela esfaqueou um punhal em seu coração. Não houve nenhuma recriminação em suas profundezas escuras, apenas a perfuração do amor e perdão. Sua última palavra foi um sussurro.

— *Lijuan*.

Aquele dia marcou a sua verdadeira ascensão, quando se tornou invulnerável.

Ao contrário de Alexander.

— Se você não falar, — ela disse para Rohan, — Aniquilarei o que resta deste palácio e dos seus esquadrões, bem como as aldeias vizinhas e cidades. Matarei dezenas de milhares.

Os olhos de Rohan, um ébano mais profundo do que os prata de Alexandre, brilharam.

— Você é um monstro. — As palavras foram cuspidas, sua pele castanha clara avermelhada de raiva.

— Eu sou a evolução. — Agarrando o pescoço dele enquanto pairava usando suas asas, ela o levantou do chão. Ela alimentou-se novamente da forma ineficiente que, no entanto, deu-lhe um impulso de energia, e agora ela queimava com isso.

Amarrado como estava, Rohan não podia lutar contra ela, mas seus olhos permaneceram inflexíveis.

— Meu povo fica comigo e com o meu pai, — disse ele. Todos sabem que se você chegar ao poder, o mundo se afogará na morte.

— O mundo será purificado. Todas as fraquezas serão queimadas. Fale, ou morra.

— Você iria à guerra com Favashi por isso?

— Favashi é jovem. — Agora que pode alimentar-se novamente, mesmo que de forma limitada, Lijuan sabia que ela poderia matar Arcanjos muito mais jovens, Favashi não deveria ser tão tola a ponto de entrar em seu caminho.

— Onde está o seu pai, Rohan?

O filho de Alexander, a criança que uma vez que conhecera, olhou para ela sem vacilar.

— Eu sou Rohan, filho orgulhoso do maior Arcanjo que já viveu, e você é uma abominação que nunca quebrará a minha vontade.

— Tolo insolente! — Esmagou seu pescoço até sua cabeça pender para frente, o deixando cair no chão. Ele viveria – ele era um anjo forte de idade suficiente para curar essas lesões.

— Meus homens saquearam o palácio, mas não há nenhum sinal de Alexander, — Xi disse a ela. — Se ele é como Caliane e capaz de se esconder nas profundezas da terra, nós não poderemos encontrá-lo a tempo.

Alexander amava seu povo. Ele amava ainda mais seu único filho.

Lijuan olhava aos poucos a cura de Rohan. Seus lábios se curvaram.

— Então faremos Alexander vir até nós, — ela sussurrou, e esperou os minutos que levaram para Rohan se curar o suficiente para abrir os olhos. — Seu pai acordará numa velocidade imprudente para vingar você.

Suas palavras fizeram a mandíbula de Rohan se apertar, mas o filho de Alexander não implorava, e não gritou quando suas facas pretas mergulharam nele. Ele foi até sua morte com o orgulho estoico e desafiador de um verdadeiro guerreiro.

Uma parte de Lijuan podia admirar isso, e se fosse possível, ela teria ordenado que a Rohan fosse dado o enterro de um guerreiro. Mas isso não era possível – a sua morte negra fez o corpo dele se desintegrar em cinzas do mesmo tom.

Rohan foi embora.

O mundo gritou, balançando sob os pés de Xi.



A

Naasir e Andromeda estavam fora da cama e com a cabeça para fora para falar com Tarek quando a terra contraiu com uma fúria violenta. Lutando para sair da pequena casa, eles correram para fora. O tremor pareceu durar para sempre.

— Naasir!

Seguindo seu dedo apontado, Naasir olhou para o horizonte.

Espiraais de areia estouraram fora da terra em direção ao céu, queimando um caminho destrutivo através da paisagem, o raio elétrico e brilhante que doía de olhar enquanto batia uma e outra e outra vez.

O tremor parou com um solavanco de cortar a espinha, mas as nuvens acima viraram um negro prateado que fervia através do céu, virando manhã e mais uma vez para a meia-noite. Ao longe, a terra rachou, a lava derretida derramada fora dele de uma raiva vermelha, e se arrastava pelo chão a uma velocidade impossível.

Andromeda sentiu o bater do coração em suas costelas, mas o medo dela não foi suficiente para fazê-la perder um fato simples.

— A vila! — Ela gritou para Naasir ao longo dos sons da violência. — Nenhum raio atinge dentro! Nenhuma espiral de areia! — Mesmo o terremoto não desmoronou qualquer edifício.

— Dentro! — Ele gritou e ambos recuaram.

Fechando a janela para reduzir o ruído, ele passou a mão pelo cabelo.

— Algo provocou a ira de Alexander, mas mesmo em sua raiva, ele não esqueceu os irmãos cujas asas o protegeu por muitos séculos.

— Alexander estava destinado a amar o seu povo. — Os dedos de Andromeda tremeram quando fixou a tranca. — Você acha que ele está os matando?

— Nós teremos que esperar até depois disso tudo para descobrir. Naasir soltou um suspiro. — Ao proteger esta aldeia, ele colocou um farol diretamente sobre ele. Lijuan sairá de cabeça para o olho da tempestade, estará ciente de que Alexander deve estar nas proximidades.

Andromeda pegou sua espada.

— Devemos ir ver como podemos ajudar a Irmandade da Asa.

Concordando, Naasir abriu a porta de novo e eles saíram para o vento rodando a poeira ferozmente. Não demorou muito tempo para encontrar a Irmandade, eles estavam reunidos no grande salão de reunião central. Uma vez que não viu ninguém em seu caminho aqui, nem mesmo um rosto em uma janela, parecia que os não-combatentes já foram movidos para a segurança.

— Estes são os presságios os quais nos disseram para assistir, — Tarek os informou. — Mas foi concebido para começar com muito mais cuidado e ser um processo que demoraria um ano.

Andromeda pensava se deveria tomar outra arma do arsenal da Irmandade da Asa, decidiu sobre uma besta relativamente leve.

— A velocidade forçada de vigília do antigo significa que ele será muito mais fraco do que deveria ser quando se levantasse.

A mão de Tarek estava em punhos.

— Se pudermos distrair as tropas de Lijuan, — Naasir começou, e logo vento e relâmpagos caíram sem aviso, seguido pelo silêncio fantasmagórico.

Balançando a cabeça, Naasir começou novamente.

— Se pudermos distrair as tropas de Lijuan, isso dará a ele um pouco mais de tempo, pelo menos.

Andromeda não disse nada, mas ambos sabiam que Alexander ainda estaria em desvantagem catastrófica. Pelo que Andromeda leu nos arquivos, quando um Arcanjo despertava rapidamente, ele ou ela o fazia com menos de metade de força,

com pouca resistência. Lijuan simplesmente precisaria durar mais que ele e poderia matá-lo quando ele caísse.

— Esconda os seus homens e mulheres nas árvores e dispare para cima, — disse Naasir. — Este ataque é tudo sobre a velocidade, sobre alcançar Alexander antes que ele reúna sua força – Xi não se preocupará com tropas terrestres à espera dele. Ele não terá nada, apenas esquadrões aéreos.

— Temos armas para o ar. O tom de Tarek era implacável. — Enterradas nas terras ao redor das cavernas e da aldeia. Não queria ter que ativar as armas com as areias retorcendo e o chão tremendo, mas leva duas horas para elas ligarem.

Naasir escolheu suas palavras com cuidado, consciente de que falava com um homem que estava acostumado a comandar um grupo letal. Mas Naasir passara séculos de trabalho ao lado de um Arcanjo; ele sabia o valor do conhecimento em sua cabeça.

— Eu recomendo que você o faça, — disse ele, sustentando o olhar do outro homem. — Digo isso como alguém que estava na batalha em Nova York, e sei como lutar contra um inimigo alado no solo, se necessário.

O respeito de Naasir por Tarek cresceu quando o líder da Irmandade da Asa apenas deu um breve aceno de cabeça antes de ordenar a um de seus homens que iniciasse o processo para ativar as armas. Voltando-se para Naasir, o outro homem disse:

— Conte-nos o que mais você sabe sobre lutar contra anjos.

Naasir focou em como a Irmandade da Asa poderia maximizar sua agilidade e habilidade, conhecimento do terreno, e o elemento surpresa. Também disse a eles para utilizar sua agilidade e enganar as linhas inimigas com armadilhas nas árvores, usando fios tão finos que seriam quase invisíveis. Qualquer anjo que tentasse pousar seria pego nele, como um inseto em uma teia de aranha.

— Defenderemos com uma maior chance de sucesso se nós conseguirmos mantê-los no ar, especialmente desde que você tem armas de ar na terra, — disse ele uma vez que Tarek concordou com as armadilhas. — No chão, você estará lutando um-para-um e os esquadrões da Lijuan estão cheios de anjos velhos com habilidades desconhecidas e perigosas. Demasiados velhos para serem impedidos por suas asas.

— Se vierem por terra, — Tarek disse aos seus homens e mulheres, — atirem no coração ou na cabeça. Nenhuma advertência. Temos que incapacitá-los o mais rápido possível.

— Você tem um lutador alado, — Andromeda apontou.

Naasir olhou para ela. Nesse instante, ele era mais o comandante experiente e afiado de um Arcanjo e menos uma quimera primitiva. Era um pouco intimidante.

— Seus ferimentos? — Ele perguntou, e embora sua expressão não tenha mudado, ele tocou suavemente suas primárias.

Ele ainda era Naasir, ela percebeu em uma onda de amor. Isso não era uma falsa pele, apenas outro aspecto de sua personalidade.

— Curada o suficiente para não ser um problema. — Especialmente se eles só a queriam no ar por explosões curtas. — Sou boa com uma espada no ar, mas não serei capaz de fazer muito dano por conta própria.

— Você conduzirá os retardatários os mantendo afastados. — A pena que ele entrelaçou em seu cabelo em uma declaração silenciosa, caiu quando se inclinou e colocou duas mãos em concha em sua mandíbula e bochecha. — Ou você os levará para dentro das armadilhas. — Sua voz assumiu a borda menor de um rosnado. — No intervalo, você fica na terra.

Um senso de urgência se abateu sobre ela, Andromeda quis ficar na ponta dos pés e pressionar a boca na dele.

— Quanto tempo você acha que nós temos?

Um vigilante coberto de poeira, com as bochechas queimadas pela areia da estrada, chegou no rastro de sua pergunta.

— Eu fui até o ponto de notificação, — ele engasgou, as mãos nos joelhos. — A mensagem ilegível porque muitos dos espelhos de sinalização foram quebrados, mas duas coisas ficaram claras: Lijuan matou Rohan, e está a caminho daqui.

O estômago de Andromeda gelou. As crianças eram sagradas para a classe dos anjos, e apesar de Rohan não ser mais uma criança, ele foi o único e amado filho de um Arcanjo.

Em torno dela, os irmãos com os maxilares e músculos cerrados, abaixaram juntamente as cabeças em silêncio, num sinal de respeito por Rohan. Quando se olharam depois, havia fúria em seus olhos e sangue em sua mente. A expressão

fria de Tarek para o batedor provocou um detalhe arrepiante: a esquadra de Xi foi vista a quatro horas de distância.

— Ninguém viu Lijuan, — o batedor acrescentou. — Mas parte da mensagem dizia algo sobre os sacrifícios de sangue.

A mão de Andromeda apertou o punho de sua faca quando Naasir rosnou.

— Ela se alimenta da força vital dos outros para fortalecer a si mesma. — Em sua voz havia conhecimento em primeira mão. — Existe qualquer sinal de Raphael?

O batedor sacudiu a cabeça.

— Nada. Partes das cadeias de avisos em algumas direções estão quebradas, mas as mensagens ainda estão chegando, ele não foi visto em qualquer parte do território.

— Vá, — Tarek ordenou aos irmãos da asa. — Posicionem as armadilhas enquanto eu me certifico de que as armas de ar na terra estão abastecidas como deveriam. Em seguida, encontrem suas posições e fiquem lá. — Ele fez uma pausa, segurou o olhar de cada um dos irmãos da asa, por vez. — Hoje, nós lutaremos por nosso Arcanjo, façam o que se comprometeram a fazer quatrocentos anos atrás. Se cairmos, será em honra dele, e acordaremos ao lado de nosso Arcanjo quando sua hora de deixar este mundo chegar. Esse tempo *não é* hoje.

Os irmãos da asa soltaram um grito de guerra que fizeram os olhos de Naasir brilharem selvagens. Quando se espalharam, Naasir e Andromeda foram com eles e ajudaram a posicionar as armadilhas no lugar. Andromeda também teve de memorizar as posições exatas dessas armadilhas para quando tivesse que dirigir lutadores alados para elas. O tempo passou rapidamente sem que percebesse, até que ela olhou para o oeste, ao mesmo tempo em que vislumbrou no ar a mancha de uma grande presença alada no horizonte.

Mandou um aviso para os outros, Andromeda foi para o chão, sua besta emprestada na mão e sua espada pendurada em seu cinto. Ela não era tão boa com a besta quanto era com a espada, mas assim em desvantagem pelas forças inimigas, seria mais seguro e mais eficaz para ela manter distância se pudesse.

Quando Naasir saltou ao lado dela, ela viu uma espécie de alegria feral nele com a perspectiva de batalha, mas abaixo dessa emoção primitiva estava outra.

— Você não acha que podemos ganhar sem Raphael, — ela sussurrou.

Ele balançou a cabeça, fios de prata correram por sua face.

— Alexander deixou estes homens aqui não para lutar uma batalha, mas para que, quando chegasse o momento dele se levantar, ele fizesse isso com aqueles em quem confiava, ser capaz de descansar no silêncio sem pressa, enquanto aumentava sua força. Ele examinou o restante das lesões dela enquanto falava. — A tarefa da Irmandade era proteger as cavernas dos curiosos, não defendê-las contra um Arcanjo inimigo e seu esquadrão. Eles são corajosos além da medida, mas serão abatidos.

Andromeda não queria pensar no futuro, um futuro onde Tarek se deitava com sangue em seu rosto, sua mente e seu coração perdidos para o mundo.

— Você acha que Raphael está longe?

— Não posso ouvi-lo. — Naasir tocou sua têmpora e Andromeda percebeu que ele devia ter a honra de falar mente a mente com o senhor. — Eu posso ouvir o senhor longe o suficiente para que eu possa estimar distâncias. Se não posso ouvi-lo ainda, então ele não chegará a tempo. — Suas palavras desagradáveis. — É possível que Lijuan o tenha visto e enviado um grupo de seus poderosos comandantes para atrasá-lo.

Um nó frio em seu intestino, Andromeda colocou a mão na bochecha de Naasir.

— Aconteça o que acontecer hoje, saiba disto: eu teria sido *tão* orgulhosa de ser sua companheira. Nada teria me dado mais alegria.

Suas garras cavaram em sua pele sem cortar quando a puxou para perto.

— Vamos lutar, companheira. — O brilho selvagem estava de volta. — Então eu encontrarei o seu estúpido livro Grimório e você poderá me fazer de seu animal de estimação predileto enquanto estou nu.

Ele fez suas bochechas corarem e dar um sorriso bobo ao mesmo tempo. Dando-lhe um aperto final, ele desapareceu entre as árvores, enquanto ela segurava a posição onde estava. Tudo estava quieto agora, nenhum relâmpago, sem trovões, sem espirais de areia. Não era, no entanto, um silêncio, não, esse silêncio carregava muita tensão agourenta e não pacífica.

Como uma onda prestes a cair.

E então aconteceu; esquadrões de Lijuan emergiram sobre a área, Lijuan em sua forma física na frente. Ela imediatamente dirigiu sua incoerente bela chuva

negra sobre a aldeia, cada fragmento um pedaço de ônix vivo que brilhava com azul, preto, e mais profundos reflexos verdes.

Nenhum dos defensores se moveu.

Não havia mais seres vivos na aldeia – até mesmo os animais eram espíritos distantes. Deixe o Arcanjo da China desperdiçar sua energia.

Muito em breve, no entanto, o inimigo virou a cabeça em direção às cavernas, como se Lijuan tivesse percebido que era a possibilidade mais provável. Os defensores precisavam agir, manter os esquadrões longe do local de sono de Alexandre. Seria melhor se tivessem sido capazes de conseguir mais do que o casual atirador no telhado das cavernas, mas como Andromeda e Naasir descobriram, havia pouco abrigo lá, apenas alguns lugares para se esconder.

A primeira saraivada de tiros da besta derrubou, pelo menos, dez do povo de Lijuan. Quando os anjos caíram, eles não subiram novamente, os irmãos da asa escondidos nas árvores e no solo eram eficientes com as facas e sem nenhum escrúpulo contra a tomada de força letal. Aprendendo com esse primeiro voleio surpresa, o esquadrão voou mais alto, fora do alcance das bestas.

Tarek disparou os mísseis da terra no ar.

Funcionou para dispersar os anjos comuns, matando pelo menos dez mais, mas Lijuan era um Arcanjo. Ela mandou uma chuva de fragmentos pretos irregulares nas árvores. Andromeda ouviu pelo menos dois corpos baterem no chão perto dela, irmãos da asa que foram impactados diretamente por uma lâmina negra. Mesmo enquanto ela corria para os sons, as árvores começaram a escurecer e desmoronar ao seu redor, como se a morte de Lijuan agora fosse tão forte que secou a terra também.

Percebendo que todos os seus planos seriam em vão se Lijuan destruísse todas as árvores, Andromeda levantou-se no ar apenas o suficiente para alinhar-se a Deusa da Morte. Lijuan, em sua arrogância, não esperava um ataque tão contundente, e o tiro atravessou sua asa, a enviando em uma espiral descontrolada. Ela se recuperou com velocidade. Gritando, ela levantou a mão, e os fragmentos negros começaram a chover novamente... e o céu explodiu com brilhantes raios de prata que começaram a martelar fortemente na terra.

Com as asas amassadas e ossos quebrados, anjos começaram a bater nas árvores e no solo a uma velocidade terminal. Andromeda teve a chance de correr em direção aos irmãos caídos. Ambos eram somente... Cinzas.

Acima, Lijuan se afastou das árvores e colocou um escudo negro que a mantinha fora do raio, seu novo caminho de voo era uma rota direta para as cavernas. Ela estava decidida a destruí-lo, Andromeda percebeu. Mesmo se atacasse somente de cima, seu potente veneno preto poderia infiltrar-se e matar Alexander... bem como todos os combatentes provavelmente escondidos no interior.

— Levante, Alexander! — Andromeda gritou enquanto corria para fora em campo aberto, de onde podia ver as cavernas; ela não tinha certeza se alguém escutava, mas não podia simplesmente assistir em horrorizado silêncio enquanto Lijuan assassinava um Antigo. — Ela vai envenenar sua casa!

O relâmpago parou.

Um segundo depois, a pedra acima das cavernas rachou em uma fúria irregular que soava como o grito da terra, e, em seguida, um anjo subia para fora delas. As asas eram pura prata metálica, o seu abundante cabelo dourado e sua pele um dourado pálido. Sua beleza era impecável. Como a de uma estátua esculpida em mármore. Mas esta estátua nasceu da raiva, as mãos cheias de fogo prata.

Fogo que se levantou em direção a Lijuan como um raio designado.

Lijuan riu quando o fogo de Alexandre não penetrou seu escudo, então atacou com sua chuva negra mortal. Alexander voou rápido o suficiente para evitar um golpe direto, mas estava lento. Se Andromeda podia ver isso, Lijuan também poderia.

O Arcanjo da Morte bateu suas asas para cima em um movimento decisivo, e Andromeda sabia que ela estava decidida a chover sua morte em Alexander a partir de cima. De maneira nenhuma ele poderia se mover rápido o suficiente para evitá-la.



Naasir quebrou o pescoço do anjo que batera em uma das armadilhas quando um raio fritou parte de sua asa, em seguida, mudou-se para verificar uma sentinela que caíra sob a chuva de Lijuan. Ele se foi, apenas uma mancha de cinzas para marcar sua existência. Sibilando um suspiro, Naasir correu para se certificar de que Andromeda estivesse bem.

Ela não estava no chão.

Ele olhou para cima, seu coração estava dolorido de bater tão rápido, e encontrou sua forte e corajosa companheira no ar. Ela voava a caminho de Lijuan, e por algum milagre, ainda não foi detectada pela metade do esquadrão que sobrevivera aos relâmpagos.

— Mantenha os anjos ocupados! — Ele gritou para os irmãos da asa que podiam ouvi-lo e eles renovaram seus esforços com as bestas.

Os franco-atiradores no telhado da caverna tentavam chegar a Lijuan com seus tiros, mas ela ficou fora do ataque. Os mísseis de longo alcance deixariam de ser de alguma utilidade assim que Alexander fosse atingido; dada a sua força diminuída, uma onda de choque aéreo poderia derrubá-lo. Assim como Andromeda.

Naasir mostrou os dentes e silenciosamente prometeu que puniria sua companheira por isso, mas no chão, ele pegou um lançador de míssil portátil dos provimentos que escondeu em toda a área, e colocou em seu ombro. A onda de choque desta arma deveria ser muito mais difícil de conter. Quando Andromeda atirou com a besta nas costas de Lijuan, em um esforço para dar a Alexander um pouco mais de tempo para reunir suas forças, Naasir disparou o míssil.

Lijuan conseguiu evitá-lo, mas a manobra a deixou fora de equilíbrio tempo o suficiente para que Andromeda fosse capaz de cair como uma pedra e flechá-la na direção das árvores. O sangue de Naasir pulsava em um rugido quando Lijuan girou e tentou vir para cima de Andromeda, mas Alexander a atingiu com seus raios de prata novamente, e desta vez o escudo dela estava baixo.

Gritando alto e estridente, ela virou para jogar essa chuva negra como joias resistentes em Alexander. O Antigo não podia evitá-las neste momento. Elas o acertaram, e onde elas bateram, a pele dele ficou preta, assim como seu cabelo e suas asas.

Alexander começou a cair no chão, como se aquelas grandes asas poderosas já não funcionassem direito.

O cabelo branco gelo virou um preto brilhante e crepitante com o poder, Lijuan jogou a cabeça para trás rindo, Naasir podia ver do solo. Quando levantou a mão regenerada para desferir o golpe mortal, Naasir carregou um segundo míssil, e estava prestes a atirar quando sentiu a queda da chuva, a mordida fresca do mar em sua mente.

Concentre-se no esquadrão, Naasir. Eu cuidarei de Lijuan.



A2

Raphael não se preocupou com sutileza.

Caindo através da pesada camada de nuvens em um mergulho controlado, ele acertou Lijuan forte e rapidamente com o fogo que veio de dentro dele, mas era beijado pelo coração mortal de sua caçadora, que era a antítese da chuva mortal de Lijuan. Ela não esperava por ele, não o viu, e por isso seu corpo estava totalmente sem blindagem.

Suas mãos bateram em suas costas, logo acima de seu coração, e o fogo se arrastou por ela, cavando através de suas asas e roupas para tocar a pele, enquanto lutava para chegar a seus órgãos internos. Embora ela tenha gritado, ele poderia dizer que ela lutava para sair.

Ele a atacou novamente.

Desta vez, ela se virou e começou a voar para longe. Ele tinha uma escolha naquele momento, ir atrás dela e tentar fazer um dano fatal, ou parar e salvar Alexander. Foi uma das decisões mais difíceis de sua vida. Se ele matasse Lijuan, ele poderia estar salvando dezenas de milhões de vidas. Mas se permitisse que Alexander morresse, ele perderia um aliado poderoso que poderia ajudar na luta contra Lijuan caso ela viesse a sobreviver.

Não havia nenhuma garantia de que o fogo seria forte o suficiente para matá-la – ela sobreviveu a última tentativa de Elena de acabar com ela, e antes que

ela corresse hoje, ele viu a forma como a chuva negra causou um incêndio violento, viu como ela colocara escudos contra os estragos. O que quer que ela tenha se tornado, Lijuan já não era como o resto do Cadre, e Rafael teve o instinto que nenhum Arcanjo jamais seria capaz de executá-la.

Descendo em direção a Alexander, Naasir e dos outros defensores, despediu-se do esquadrão que virara para seguir Lijuan, e pousou ao lado do corpo caído de Alexander. O Antigo, sua roupa não era tão diferente da de seus combatentes, havia batido forte na pedra bruta que cobria as cavernas, a alguma distância dos atiradores que Raphael viu.

Deixem este lugar, mandou aos atiradores. Vão ajudar seus irmãos.

A asa esquerda de Alexandre estava amassada debaixo dele, a perna direita quebrada tão gravemente que se ele fosse mortal, não seria possível colocá-la de volta no lugar. O sangue escorria de sua boca, mas seus olhos estavam abertos e eles eram pura obsidiana.

Lembrando-se de sua própria cegueira sob o ataque de Lijuan, Raphael pegou a mão do Antigo.

— Alexander, é Raphael. Ele estendeu a mão com a sua mente, a interferência que o impediu de entrar em contato com Naasir – provavelmente causada por sua presença em vigília – deixou de ser um problema. Ela foi cortada quando Alexander caiu.

Estou transferindo algo para seu corpo para combater o veneno de Lijuan. Não lute contra isso. Com esse aviso, esperava que o guerreiro teimoso ouvisse, e lançou uma pequena bola de fogo de ouro branco rodando com um luminoso azul diretamente sobre a asa de Alexander.

O corpo do Antigo ficou rígido quando o fogo entrou em seu sistema, tendões e músculos esticados e sua mão esmagando a de Raphael, mas Alexander não fez um som. Ele era um general, sofreria dor em silêncio. Enquanto Raphael observava, o preto lentamente recuou de parte de sua asa.

Respirando pesadamente, Alexander olhou cegamente na direção de Raphael. *Sua cura é tão ruim quanto a doença.*

Raphael não ouvira aquela voz profunda com seu toque de arrogância antiga em quatrocentos anos. E embora Alexander tivesse ameaçado ir à guerra contra ele no momento, ele sentiu uma acolhida inesperada dentro dele por este

homem que sempre respeitou. *Preciso ter cuidado. O fogo pode matar se eu usar muito.* Se o uso mais que o necessário para combater o veneno ele torna-se uma arma em si.

Alexander sofreu uma dor excruciante durante toda a operação. Ele a carregou com a graça de um guerreiro, e quando seus olhos apagados finalmente se acenderam, ele olhou para Raphael e disse:

— Bem, jovem Rafe. Foi bom que não o matei, não é?

Raphael sentiu uma curva nos lábios com o nome que ninguém jamais o chamou, mas Alexander se recusou a ver o Arcanjo que ele se tornara.

— Tente lembrar, Xander.

O sorriso familiar de Alexander, o qual ele permitia apenas a íntimos, foi fugaz.

— Ela tirou o meu filho neste mundo. — Raiva ferveu em cada palavra. — Não vou parar até caçá-la e cortar o coração venenoso dela.

Isso, Raphael pensou, era o que muitas pessoas se esqueceram sobre Alexander: ele era sábio, forte e um grande pacificador, mas começou a vida como um guerreiro, e era o coração sedento de sangue de um guerreiro que batia em seu peito.

— Eu estarei ao seu lado. — Raphael desceu o corpo de Alexander para ver se poderia acelerar a cura do Antigo. Havia muitos danos no despertar precoce de um antigo, e isso poderia deixar Alexander quebrado por dias.

— O que aconteceu com Lijuan? — Confusão sob a fúria de sangue. — Ela foi muitas vezes arrogante depois de sua ascensão, mas mostrou sinais de grandeza.

— Isso foi verdade cerca de cem anos antes. — Raphael havia encontrado Lijuan perturbada às vezes, estranha mais de uma vez, mas os antigos de sua raça eram muitas vezes um tanto afastados do mundo. Ele pediu conselhos a ela sobre inúmeras questões ao longo dos séculos, e recebeu respostas genuínas.

Após passar uma eternidade se perguntando se a loucura de seus pais um dia o reclamaria, Raphael viu a transformação de Lijuan e não podia deixar de considerar se a idade por si só era o assassino de almas. Seria possível que Lijuan não tivesse escolha em seu mal, será que a própria eternidade a traiu?

Nós não somos seus pais e você com certeza não é nada como a maldade dela. Ela matou seu amante mortal, lembra? Você fez de sua amante a sua consorte. Ela tinha uma escolha. A voz de Elena era tão nítida e tão irritante como se estivesse ao lado dele. Ele sabia que era exatamente o que ela diria sobre como ele deveria articular seus pensamentos.

O incipiente frio dentro dele queimado por seu fogo, ele falou com Alexander.

— Não sei o que precipitou a mudança, mas Lijuan tornou-se um flagelo sobre o mundo. Ela acredita ser uma deusa e o resto de nós são obstáculos ao seu desejo de onipotência.

Alexander virou a cabeça em direção à aldeia destruída ao longe.

— Meu povo virá. Eu não os quero aqui.

Raphael compreendeu; foi por isso que disse aos atiradores para ir. Sua mente tocou a de Naasir, e disse: *Naasir, diga as pessoas com você para preparar um local adequado para receber Alexander. Ele virá em seu próprio tempo. Eles não devem se aproximar dele.* Nenhum Arcanjo gostaria de cumprimentar o seu povo parecendo fraco e quebrado.

Vou fazê-los obedecer, Naasir disse com honestidade brutal que era parte de sua natureza.

— Está feito, — disse Raphael a Alexander.

— Você não é mais o rapaz que deixei para trás.

Raphael tinha mais de mil anos de idade quando Alexander escolheu Dormir. Não era jovem. Embora, aos olhos de um Antigo que viveu incontáveis eras, talvez isso fosse correto o suficiente.

— Eu sou do Cadre, Alexander, e segurei minha própria batalha contra Lijuan. Você faria bem em não se esquecer disso. — Raphael respeitava Alexander, mas também sabia que o outro homem tinha instintos – a fraqueza de um guerreiro era desprezada, a força admirada.

— A criatura feral veio me avisar, — Alexander disse enquanto seus ossos começaram a se unir como o resultado de uma combinação de sua própria capacidade de cura arcangélica e os poderes de Rafael, — ele era a coisa selvagem que você resgatou de Osiris e adotou em sua corte.

— Naasir tornou-se um guerreiro diferente de qualquer outro. Feroz e leal, e com uma fome insaciável de vida.

— Ele tem pouco respeito por qualquer um.

Raphael levantou uma sobrancelha.

— Ele é um dos meus.

Alexander riu, o enferrujado som.

— Sim, você nunca teve respeito suficiente para os mais velhos também. Com o riso desaparecendo, ele olhou para o horizonte. — Meu filho está desaparecido deste mundo, Raphael. O bebê que eu segurei em meus braços, o garoto que eu ensinei a manejar uma espada, o homem com quem eu lutei na batalha, ele se foi para sempre. — A dor em sua voz, crua e sem fim.

Raphael não disse nada, dando ao outro Arcanjo um momento para lamentar o filho que ele nunca mais veria. Rohan cometeu erros, mais especificamente quando tentou segurar todo o território de Alexander após seu pai escolher dormir, mas no final, ele provou a si mesmo.

— Seu filho era um homem respeitado por toda parte, — disse ele muito tempo depois, quando a perna de Alexander estava quase curada e as nuvens acima começaram a se dissipar. — Ele manteve esta parte do território para os Arcanjos que vieram depois de você... e gerou um filho.

Os olhos de Alexander se fixaram em Raphael, felicidade em chamas colocando para fora a dor.

— Eu tenho um neto?

— Sim. Ele não estava na fortaleza – Rohan o enviou a Titus para que ele pudesse aprender com os guerreiros de Titus. Ele é um rapaz de duzentos anos. Seu nome é Xander, depois de seu avô.

Feroz alegria na expressão de Alexander.

— Rohan tomou uma companheira?

— Sim. Ele e a mãe de Xander eram um par, mas é provável que ela tenha partido. Ela vivia no palácio com Rohan, teria lutado ao lado dele até o fim. — Como Elena faria com Raphael. — Ela o amava e, juntos, eles amavam o filho deles.

— O menino terá uma casa comigo, — disse Alexander, sua voz uma rugosidade apaixonada de dor, alegria e raiva. — E um dia, ele terá sua vingança.

As

Andromeda e Naasir ajudaram a Irmandade da Asa a pegar rapidamente e deixar de lado as partes quebradas de suas casas. Parte da aldeia desapareceu, transformada em pó. Não restou nada inteiro.

— Teremos de cumprimentar o senhor sob o céu aberto, — disse Tarek, e embora sua expressão e tom fosse controlado, o mesmo não pode ser dito de todos os seus homens e mulheres. Sua angústia por não poder mostrar a devida honra a seu Arcanjo era clara.

Andromeda pensou em tudo o que ouviu falar de Alexander.

— As histórias dizem que o seu senhor preferiu beber hidromel com seus guerreiros em torno de um fogo em vez de dormir confortavelmente em uma tenda suntuosa.

Os irmãos da asa relaxaram visivelmente.

— Sim. — Tarek assentiu. — Ele é um de nós.

Com a decisão tomada, eles limparam o espaço comum perto do lago, em seguida, um dos patrulheiros foi enviado para buscar seus vulneráveis. Para surpresa de Andromeda, ele não foi em direção às cavernas, mas na direção das árvores danificadas. *Segredos, mais segredos.*

Deliberadamente virando as costas para as árvores, para que não visse isso, e assim ser capaz de traí-lo na corte de Charisemnon – *uma dor aguda em seu intestino* – ela continuou a ajudar a pegar e empilhar pedaços quebrados de madeira, vidro e material de cobertura. Quando começou a encontrar itens pessoais, fez uma pilha organizada deles dentro de uma antiga casa que não tinha teto, mas tinha três paredes que sobreviveram a um metro de altura.

Ela funcionaria muito bem como depósito por agora.

Os não-combatentes voltaram para a aldeia meia hora depois, transbordando de emoção. Sua consternação ao ver o estado deteriorado da aldeia foi rapidamente superada pela alegria meio aterrorizada por serem anfitriões de seu próprio Arcanjo, mas só por um segundo. A maioria das pessoas nunca chegava a se aproximar em terra de um Arcanjo em toda sua vida.

Nervosos ou não, os cozinheiros foram capazes de acender uma fogueira e criar um guisado com alimentos obtidos das casas destruídas, bem como pão. Quando uma geladeira foi desenterrada dos escombros, todos bateram palmas na descoberta de frutas em boas condições lá dentro. Alguém descobriu que as latas de frutas secas foram amassadas, mas estavam inteiras, e logo um prato apenas lascado e recém-lavado estava cheio de figos secos e outros doces. Um adolescente colocou sobre a grande mesa de madeira junto com os materiais disponíveis que três dos irmãos da asa colocaram ali.

Quando Naasir sacou uma garrafa de hidromel que foi enterrada sob as vigas caídas de uma casa, uma ovação barulhenta subiu. Sorrindo, ele passou para Andromeda e foi à caça de mais suprimentos, seus sentidos se converteram no favorito dos cozinheiros. Cada vez que necessitavam algo, eles lhe diziam, e na maioria das vezes, ele os encontrava no meio dos escombros.

O povoado estava tão limpo como poderia estar quando o sol se pôs no céu rosa escuro e rico laranja do entardecer. No chão, os habitantes do povoado estavam prontos para Alexander, criaram abrigos para os jovens e os doentes, e se limparam tanto quanto foi possível. Cientes de que Alexander foi ferido, todos estavam sob tensão.

À medida que o sol se punha, o pôr do sol foi ficando cada vez mais deslumbrante antes de começar a escurecer, até que as nuvens brilhavam como rubis, e o povoado foi ficando mais e mais silencioso.

— Papa! Anjos!

Seguindo o dedo do menino pequeno, Andromeda olhou para o céu salpicado de cor por cima das cavernas para ver asas de um prateado brilhante lado ao lado de asas de um assombroso branco dourado que parecia em chamas.

Poder esmagador e magnífica beleza, a visão fez seu coração parar.

— Eles não são como nós, — ela sussurrou para Naasir, sentindo essa compreensão em seus ossos. — Eles não são *nada* como nós. — Tão diferentes dela como se ela fosse um mortal.

A envolvendo com os braços em seus ombros, Naasir a acariciou com o nariz.

— Eles amam com a mesma ferocidade, Andi. E lutam igual e descontroladamente.

Suas palavras deixaram clara a diferença em seus anos de crescimento. Para ele, Raphael não era um Arcanjo distante que era um membro letal da Cadre. Naasir via Raphael como seu pai e um guerreiro em primeiro lugar, todos os outros viam o segundo. Ela teria gostado de ter visto Raphael através de seus olhos ao longo dos anos, chegando a conhecer ao ser deslumbrantemente poderoso que aterrizou ao longe, com uma forte batida de asas.

O poder que emanava dos dois Arcanjos fazia seus olhos doerem.

Enquanto o povo de Alexander, jovens e velhos, ajoelhava-se na frente dele em uma fidelidade silenciosa e dedicada, Raphael andou para se juntar a Naasir e Andromeda. Depois de dar a volta para ficar ao lado dela, Naasir apertou o antebraço do Arcanjo em saudação quando Raphael o estendeu, sua própria mão fechando em torno do antebraço de Naasir.

— Você fez bem, Naasir, — disse o Arcanjo, sua voz tão pura como o ardente azul de seus olhos. — Alexander é da opinião de que você não tem respeito por ninguém.

Naasir sorriu.

— Especialmente não para Antigos teimosos que se recusam a ouvir a razão.

Um lento sorriso antes de Raphael virar para Andromeda e estender seu antebraço. Sua boca secou, seu coração batendo desenfreado.

— Tenho uma guerreira como consorte, historiadora, — disse Raphael diante sua resposta congelada. — Reconheço uma quando vejo, inclusive se ela decide empunhar a caneta com mais frequência do que a espada.

Impressionada e temerosa, ela agarrou seu antebraço, o poder que vivia em seu corpo uma onda quase dolorosa em seus ossos. E, no entanto, sua consorte era mortal antes da sua transformação, ainda era um anjo recém-nascido. Andromeda queria desesperadamente conhecer Elena Deveraux naquele momento, conhecer a mulher que tinha a força para segurar sua própria posição frente a um Arcanjo.

— Devido a coragem e vontade de vocês, — Raphael disse após quebrar o contato, — Alexander vive hoje. Não o esquecerei.

Andromeda finalmente encontrou sua voz, e embora ela saísse rouca, pelo menos saiu.

— Estou contente que o mundo não perdeu um Antigo.

Raphael assentiu com a cabeça e virou para ver Alexander cumprimentar suas sentinelas fiéis, um a um, e pedir a todo o seu povo que se levantasse.

— Minha mãe ficará feliz de ter um compatriota com quem falar.

Esse foi o momento que Andromeda se deu conta de uma verdade surpreendente.

— Agora existem onze Arcanjos vivendo no mundo, dois deles Antigos.

O Cadre, em raras ocasiões, tivera menos de dez, mas nunca mais que isso. *Nunca*.

— Parece que a Cascade mudou o equilíbrio natural do mundo mais profundamente do qualquer um compreende. — Raphael olhou para o céu pintado, mas ela sabia que ele viu a batalha que quebrou a sua paz não muito tempo atrás. — Dez era suficiente para manter o equilíbrio ao longo do tempo. Aparentemente, já não se sustenta. Mas mais Antigos podem levantar antes que isso termine.

Porque a Cascade só estava começando.

AA

Raphael escoltou Naasir e Andromeda em segurança para fora do território de Favashi antes de ir falar com o Arcanjo da Pérsia pessoalmente. A meia-noite caíra até então, e a encontrou de pé na escuridão estrelada nas ruínas do palácio de Rohan. Seus olhos castanhos eram frágeis, seus ossos marcados contra o creme dourado de sua pele.

Arrebatadoras asas de tom marfim envelhecido tocaram os cacos quebrados em volta dela.

— É verdade, então, — disse ela, olhando enquanto ele caminhava para ela através das ruínas vazias, como se Favashi tivesse dito a eles para deixá-la sozinha. — Alexander acordou e você lutou contra Lijuan para protegê-lo.

— Sim. — Ele podia entender sua descrença, havia tanta impossibilidade nesses eventos.

Um: Um Antigo dormia no coração de seu território.

Dois: Esse Antigo agora respirava na superfície.

Três: Lijuan tentara matar um Arcanjo adormecido.

— Rohan sempre foi leal ao pai dele, — disse Favashi, sua voz elegante e culta, mas o núcleo de aço exposto pela primeira vez. — Eu sabia que se Alexander se levantasse, o perderia, mas até então, ele era leal a mim. — Ventos da meia noite despentearam o exuberante marrom escuro de seu cabelo, criando um

emaranhado que ela não se preocupou afastar. — Eu sempre soube que podia confiar nele para cuidar dos meus interesses.

— Ele também protegeu as pessoas nesta área.

Quando Favashi olhou para ele, ele ficou surpreso ao ver as lágrimas em seus olhos. O Arcanjo da Pérsia poderia parecer suavemente feminina, mas era tão implacável quanto qualquer outro membro do Cadre, o arquétipo da mão de ferro em uma luva de veludo.

— Ele foi meu amante uma vez, antes da minha ascensão. — Um sussurro rouco repentino em sua voz. — Forte e leal. Eu devia tê-lo tomado como meu, mas eu queria alguém com mais poder.

Alguém como Dmitri, Raphael pensou, consciente que Favashi ofereceu ao seu segundo a posição do consorte.

— Sinto muito por isso, Favashi. — Se ele não tivesse visto suas lágrimas, não teria acreditado que seu coração estava envolvido. Mas aquelas lágrimas eram reais, como era o giro de seu rosto quando tentou lutar contra elas.

O outro Arcanjo respirou de forma instável.

— Ele costumava me fazer rir, — ela sussurrou. — Mesmo depois que fomos por caminhos separados e ele encontrou uma companheira, ele continuou meu amigo e me fazia rir. Nunca me dei conta o quanto eu precisava disso, até este instante. — Ela olhou em volta, com os olhos perdidos. — Eu deveria tê-lo feito meu, — ela repetiu. — Agora já não existe, e ninguém mais me fará rir como ele fez.

Um silêncio constrangedor.

Então, com os punhos fechados, Favashi respirou fundo, e quando virou para encarar Raphael novamente, a mulher perdida, com o coração partido tinha ido embora. Em seu lugar estava uma Arcanjo furiosa, com vingança em sua mente.

— Se Lijuan acredita que eu perdoarei este crime, ela é uma tola.

Rafael se perguntou se Lijuan percebera que sua arrogância poderia ter custado um Arcanjo que poderia ter permanecido neutro em qualquer batalha futura.

— A arrogância de Lijuan é perigosa, mas o pior são seus poderes crescentes.

Raphael não esqueceu o fato de que o Arcanjo da China estava incorpóreo enquanto fugia. Junto com sua violenta chuva negra, sua capacidade de rejuvenescer a partir da força vital dos outros, bem como a sua capacidade de criar renascidos infecciosos, lhe transformava no ser mais perigoso do planeta.

— Ela não é a única cujos poderes estão crescendo, — disse Favashi e, de repente, os ventos eram um tornado em torno deles.

Esses ventos se acalmaram com a mesma rapidez, mas a exibição confirmou os rumores das habilidades de Favashi nascidas na Cascade.

Considerando os usos ofensivos de tal poder, Raphael disse.

— Alexander e você não podem existir no mesmo território por muito tempo.

Havia uma razão para que os territórios arcangélicos estivessem separados por distâncias consideráveis. Dois Arcanjos poderiam ficar muito próximo apenas por um tempo limitado. O período exato dependia dos Arcanjos envolvidos. Mais cedo ou mais tarde, os seus poderes começavam a empurrar uns contra os outros, criando uma tensão que poderia ser capaz de explodir facilmente em derramamento de sangue. Inclusive os pais de Raphael nem sempre foram capazes de estarem juntos, embora o profundo amor deles tivesse melhorado significativamente o efeito.

Como se a natureza soubesse que seus corações não podiam estar separados.

— O Cadre decidirá, — disse Favashi, espalhando suas asas. — Por agora, eu irei lhe dar as boas vindas ao mundo.

Raphael subiu ao céu noturno com ela e lhe mostrou o povoado. E advertiu Alexander de sua iminente chegada. O Antigo ria com suas sentinelas quando aterrissaram, nada em sua postura ou expressão denunciava a sua vulnerabilidade. Ele havia despertado em uma velocidade muito alta, precisaria de pelo menos seis meses para se recuperar. Até então, ele estava em risco de um ataque mortal, mas *unicamente* se alguém se desse conta da magnitude de sua fraqueza.

Raphael se preocupou porque Lijuan lançou outro ataque, exceto que recuou muito rapidamente desta batalha. De acordo com o que Andromeda viu na cidadela de Lijuan, o Arcanjo da China só se curara parcialmente quando decidiu

embarcar nesta missão. Uma segunda lesão por fogo selvagem deveria tirá-la de ação por tempo suficiente para Alexander recuperar sua força total.

— Podemos matá-la? — Favashi perguntou sem rodeios, uma vez que ela e Alexander completaram a saudação formal. — Enquanto ela está fraca?

Alexander franziu a testa.

Raphael, sabendo das crenças dos Antigos sobre honra e as regras de batalha, esperava que ele negasse essa opção. Mas esqueceu da raiva que agora havia no sangue de Alexander.

— Qualquer Arcanjo que ataca um Adormecido e assassina seu filho, não é digno de respeito. — Cada palavra era um pedaço de gelo. — Não vejo nenhuma razão para não atacá-la enquanto está ferida.

— Nós consideramos depois que ela atacou a minha cidade, — disse Raphael, — mas Lijuan não é estúpida. Nem meu chefe dos espiões, nem os espiões de meus aliados, foram capazes de identificar o local aonde ela aterrou. — Apesar das aparências, não foi em sua cidadela.

As asas de Favashi brilhavam.

— Talvez ela tenha desenvolvido a capacidade de enterrar-se da mesma forma que Alexander e Caliane.

Alexander se agitou, sua mandíbula endurecendo numa linha violenta.

— Caliane? Ela acordou?

— Sim. — Raphael encontrou o olhar do outro homem. — Ela estará encantada em vê-lo, acredito que posso tomar a liberdade de estender um convite para que a visite em seu território. — Caliane esperava que ele oferecesse o convite, pois, embora ele fosse do Cadre, ele também era seu filho.

O relacionamento deles nunca seria simples ou unidimensional.

Alexander inclinou a cabeça em graciosa aceitação da oferta antes de voltar sua atenção para Favashi.

— Esta terra uma vez foi minha e, todavia, ainda canta o meu sangue. No entanto, você a manteve segura desde a sua ascensão — A implicação era clara: Alexander queria recuperar seu território.

Favashi não recuou.

— Como sempre, a decisão do Cadre será a lei.

— Concorde.

— No entanto, — Favashi acrescentou, — até que o Cadre se reúna, a parte do meu território que caiu abaixo da égide de Rohan é sua. — Engrossou a voz. — Ele sempre disse que eu cuidava dele como você teria desejado.

Os olhos de Alexander afiaram.

— Chora pelo meu filho.

— Sim. — Com as linhas brancas emoldurando sua boca, Favashi espalhou suas asas. — Vou para minha fortaleza, — ela disse a Alexander. — O Palácio de Rohan, sua antiga casa, está muito danificado, mas posso enviar uma equipe para ajudar a repará-lo se você desejar usá-lo.

— Não. — A voz de Alexander foi sutilmente mais suave. — Agradeço-lhe, mas o meu povo e eu faremos o que for necessário.

Favashi foi sem mais palavras, mas sua mente alcançou a de Raphael quando voou para as estrelas.

Eu te agradeço por não permitir que um ato tão mal ocorresse em meu território, Raphael. Já estive nos bastidores tempo suficiente, deste dia em diante, considere-me sua aliada.

Raphael reconheceu suas palavras, mas não a levou como uma verdade inquestionável. Favashi jogava um jogo oculto; não podia confiar que isso não era um grande passe duplo; o fato de lamentar por Rohan não significa que ela não queria Alexander morto.

Como o Antigo demonstrara, ele não ficaria de lado quando se tratava de questões de território – e nesta terra, a lealdade a Alexander era profunda. Favashi ganhou o respeito no pouco tempo que governou, mas mesmo entre os mortais, a lenda do Arcanjo com asas prateada era mencionada com espanto e admiração.

Alexander teve esta terra por milhares de anos antes de seu Sono.

Favashi sempre deve ter sabido que se Alexander se levantasse, ela perderia tudo ou uma porcentagem enorme de seu atual território, e encararia ter que começar tudo de novo. A decisão do Cadre era uma mera formalidade.

— Raphael.

— Sim?

— Meus esquadrões voltarão para mim, — disse Alexander com uma confiança que traía sua própria arrogância. — Eles atenderão os seus contratos e

voltaram para casa de todos os cantos desta terra, mas, por enquanto, não tenho ninguém que possa voar para o território de Titus.

Raphael ouviu o pedido não feito.

— Tenho que voltar para o meu próprio território. — Ele também tinha pessoas que proteger, e uma consorte que se preocuparia até que o visse a salvo. — No entanto, voarei através do território de Titus e lhe pedirei para enviar Xander a casa com uma escolta. Pode confiar em Titus. Ele é como sempre foi.

— Contundente e honesto. — Alexander assentiu. — Diga a ele que falarei com ele pessoalmente, uma vez que tenha as coisas em ordem aqui. — Ele olhou para as cavernas em que esteve Adormecido. — Um filho não deveria ter que chorar por seu pai quando seu pai está no auge de sua vida, e um pai nunca deveria ter que chorar por seu filho, mas Xander e eu faremos isso. Vamos dar a Rohan vida na morte e na vingança.



A5

Depois de tudo o que aconteceu, a viagem de volta para o Refúgio parecia passar à velocidade da luz. Andromeda e Naasir voaram no jato, tanto quanto era possível voar dessa forma, seu tempo juntos muito além de precioso para ela. Após o desembarque, Naasir pegou um pequeno pacote com roupas para o clima frio que Galen deixara para ele no aeroporto, e disse a ela para ir pelos caminhos do céu enquanto ele montava a moto que o mecânico recuperara para ele.

— Suas asas precisam de descanso para curar corretamente, — ele disse franzindo a testa. — A distância que você teria que voar para seguir o meu caminho por terra só colocará mais pressão sobre elas.

Ela não queria se separar dele, mas sabia que ele tinha razão. Assim que ela voou alto no céu, o tic tac do relógio em seu interior bateu cada vez mais forte a cada palpitação. Agora ela entendeu que Naasir nunca a rejeitaria – ele não foi construído dessa forma. Ele a reivindicara e ficaria com ela a todo custo, não importa o quê. Mas ele não podia lutar contra uma eternidade de tradições, tradições que mantinham todos eles seguros. Se ela desertasse para outro território e o Arcanjo em questão não a devolvesse a Charisemnon, romperia um tabu visceral.

Nem mesmo os inimigos roubavam crianças entre si. Simplesmente *não era* aceitável.

O vento limpou suas lágrimas, ela voou até que suas asas doeram, o céu ao seu redor era um veludo estrelado. Chegou as montanhas do refúgio em algum momento nas horas entre a madrugada e o amanhecer. Voando baixo, tentou encontrar a casa secreta de Naasir na floresta abaixo, mas era muito bem escondida, um lugar que só ele poderia mostrar a ela.

Ela aterrissou em silêncio uma vez que chegou ao próprio Refúgio, fez seu caminho para sua habitação, não na fortaleza de Raphael, mas no ninho que tinha na borda do penhasco. Tudo no seu corpo doía, mas a pior dor estava em seu coração. Ela já sentia falta de Naasir. Mesmo com a sua velocidade feroz, ele levaria pelo menos um dia para chegar por terra.

Preparando um banho, ela sentou com os braços cruzados fortemente em torno de seus joelhos, tentando desesperadamente pensar em uma maneira de sair da armadilha em que estava presa. Nada. A liberdade só poderia vir pela mão de Charisemnon.

Sua boca torceu: Charisemnon espera que seu sangue cumprisse com seu “dever”.

Saindo com essa verdade sombria, se secou, e então se forçou a dormir. Não queria desperdiçar nem um minuto dos que ela poderia ter com Naasir, queria ser forte e estar descansada quando ele chegasse.

Seu repouso forçado lhe fez dormir até o meio-dia.

Tantas horas ainda para passar.

Sem vontade de falar com mais ninguém, ela ficou em sua suíte e fez a dolorosa tarefa de catalogar todos os projetos pendentes. Facilitaria para Jessamy quando Andromeda fosse embora, para não voltar durante quinhentos anos.

O tempo passou no ritmo de tartaruga, quando ela queria que corresse.

A noite finalmente caiu, sussurrou depois da meia-noite em silêncio quando o mundo inteiro parecia adormecido.

Com um nó na garganta ao pensar em ver Naasir novamente, ela se trocou para um par de calças pretas simples e uma bonita túnica cor de rosa bordada com uma fina linha azul em torno do decote em V. Deixou o cabelo solto, simplesmente afastou para os lados do rosto usando dois pentes de joias que Jessamy lhe dera.

Naasir gostava do seu cabelo solto.

Caminhando para as falésias, olhou para os passos familiares, um brilho prateado sob a luz das estrelas. Só depois de observar durante duas horas ela percebeu que Naasir poderia ir diretamente para a casa dele, em vez de vir aqui.

Seu estômago caiu.

Eles tiveram tão pouco tempo, e se ele não viesse essa noite, não haveria mais noites. Amanhã ela teria que sair para a África.

— Naasir, — ela sussurrou contra o vento. — Estou esperando por você. Por favor, venha.

Como se tivesse ouvido, ele apareceu ao longe, andando com facilidade sobre as rochas da montanha. O nariz de Andromeda estava congestionado, os olhos marejados. Ao vê-la, ele levantou o braço e desapareceu de vista. Não importava. Sabia aonde ia. Decolou e voou para o local onde uma delicada ponte de pedra conectava os dois lados do desfiladeiro.

Ele já estava lá, saltou perigosamente alto para pegar seu tornozelo e puxá-la para baixo enquanto ela voava sobre ele. — Naasir! — Rindo, ela envolveu os braços em volta do seu pescoço.

Encharcado de suor e com o calor saindo de sua pele, ele era belo e selvagem, e ela queria ele assim, o queria muito.

— Tem certeza que não quer aceitar minha oferta? — Ela sussurrou em esperança agonizante.

Ele esfregou o nariz sobre o dela.

— Eu vou. Você me deve muitos favores na cama para a minha frustração e paciência. — Esse último foi dito com um grunhido impaciente. — Mas vou recolher da maneira certa.

— E se não encontrar a tempo?

— Sou bom em encontrar coisas. — Fingindo mordê-la, ele disse: — Quero me banhar.

Ela o levou para seu ninho, o puxou para dentro e fechou a porta. Sua casa era de um erudito, cheia de livros e arte, e ele era uma bela criatura, não muito dócil, que não parecia lhe pertencer. Logo Nassir tirou a jaqueta, o suéter e a camiseta, os jogou em uma cadeira enquanto arrancava as botas e meias, e, de repente, era como se ele sempre tivesse vivido aqui.

Ele encontrou o caminho para o banheiro sem a sua ajuda, já que ela estava muito muda ao ver sua elegante e musculosa beleza para lhe dar instruções. Deixando a porta aberta, ele disse.

— Você preparou a água.

Ela podia ouvir quando saiu de sua calça jeans.

— Sim. — Sua garganta estava tão seca que teve que tossir para limpá-la. — Foi há duas horas, mas aqueci quase ao ponto ebulição, assim você só deve precisar de um toque mais de água quente para aquecê-la.

Um som de respingo quando entrou.

— Está quente o suficiente. A pedra a manteve dessa maneira.

Tão capaz de resistir a ele como uma criança poderia a um doce, ela caminhou até a porta e olhou para dentro. Ele estava molhando a cabeça e quando virou, ele atirou-lhe um sorriso pecaminoso.

— Venha lavar as minhas costas, Andi.

Andromeda nem sequer tentou negar a ele, negar a ambos. Ela não só passou o sabão em suas costas, como lavou o cabelo, massageando o couro cabeludo até que ele ronronou, com os olhos preguiçosamente fechado. As listras eram visíveis sob a pele novamente, pelo fino e delicado sob a ponta dos dedos enquanto ela explorava a nuca e ombros dele.

— O que você está pensando? — Ele levantou as pestanas, as narinas dilatadas. — Seu cheiro mudou.

Com as bochechas quentes, Andromeda ia mentir, mas se conteve. Se estas seriam suas últimas horas de liberdade com ele, ela diria a ele toda a verdade que poderia. E tentaria seduzi-lo. A honra que se dane.

— Eu me perguntava qual seria a sensação de esfregar meu corpo nu contra o seu.

Os olhos de Nassir brilharam. Fechando uma mão grande e molhada sobre sua coxa, de onde ela estava sentada na borda da banheira de pedra, ele a puxou para mais perto, inclinou para frente até que estava perigosamente perto da carne inchada pulsando entre suas coxas... e mordeu-a com força na parte interna da coxa. Ela gritou enquanto o calor líquido pulsava entre suas pernas.

— Você não gostou da minha ideia?

Rosnando para ela, ele mostrou os dentes. — Nós não podemos ter esses pensamentos. Você fez um voto. Seja boa.

Ela ficou de boca aberta.

— Não posso acreditar que *você está me* dizendo para ser boa.

— Não roubarei a sua honra, — disse ele obstinadamente. — Eu encontrarei o seu *estúpido* Grimório para que possamos entrar no cio sem culpa.

Cada vez que ele dizia a palavra – cio – todo seu corpo zumbia. Era uma palavra carnal, tão crua e sem vergonha.

— Quero saber o que você fará comigo, — ela sussurrou, inclinando até que seus lábios estavam a um centímetro dos dele. — Diga-me.

Um grunhido estrondoso foi seu único aviso antes que a jogasse na água.

Quando ela saiu, cusbindo e empurrando o cabelo dos seus olhos, ele olhou para ela.

— Comporte-se ou vou ligar a água fria.

No final de seu limite, ela mostrou os próprios dentes para ele.

— Experimente e veja o que acontece.

Ele riu e se lançou para ela, a arrastando contra seu peito. Outro esfregar de seu nariz contra o dela. Quando ela ameaçou mordê-lo, ele sorriu ainda mais.

— Sempre soube que minha companheira seria tão selvagem quanto eu.

Ninguém nunca a chamou de selvagem; ela decidiu que gostava.

Quando ele a aconchegou contra seu corpo nu, a roupa molhada agarrando a seu corpo, ela ficou ali. Porque ser abraçada por Nassir, ser acariciada carinhosamente enquanto ele falava sobre sua aventura, era tão maravilhoso que fez seu dolorido coração pulsar de alegria, seus olhos arderam, até que precisou fechá-los com força, mas suas lágrimas caíram e a entregaram.



Naasir deixou sua companheira três horas depois de amanhecer.

— Eu vou encontrar seu estúpido Grimório, — ele murmurou com uma carranca.

— Naasir, é uma lenda. — Sua inteligente e selvagem companheira, mesmo fingindo não ser, o fulminou com o olhar e com as mãos nos quadris. — Eu disse que me retrato desse voto idiota!

— Você não pode. — Algo dentro de sua Andi estava quebrado e não a ajudaria a se machucar mais. — Vejo você em uma semana na propriedade de seus pais para o jantar, e você me dirá o que esconde de mim. — Soltou um grunhido. — Sem mais segredos.

Com os olhos arregalados de par em par, ela assentiu com a cabeça. Então correu para ele, envolvendo os braços em volta dele em um abraço feroz.

— Não se machuque procurando o Grimório. E não se atrase. Estarei esperando por você ao meio-dia, no sétimo dia a partir de hoje. — Ela encostou o rosto ao dele. — Farei um piquenique e irei para a antiga lagoa dos elefantes na propriedade – você pode encontrá-lo seguindo o voo das garças. Elas gostam do lugar.

Inalando profundamente seu delicioso perfume, ele a levantou a fazendo gritar.

— Estarei lá, — ele prometeu quando a colocou no chão novamente. — Certifique-se de não cozinhar a carne.

Seus dedos brincaram com o cabelo dele, onde uma segunda pena foi amarrada.

— Eu prometo.

— Você deve saber uma coisa, — ele disse quando se separaram.

— Sim?

— Quando nós estivermos acasalados, eu não irei tão longe assim novamente. Nós estaremos juntos. — Naasir não entendia por que alguém teria uma companheira e não estaria com ela. — Se eu tiver que ir para Nova York ou a outro lugar, você vem comigo. Se você não puder por causa de seu trabalho, vou pedir ao Raphael para que me permita ficar aqui, ele não dirá não. Ele também gosta de estar com sua companheira.

Suas palavras quebraram Andromeda. Embora ele ocupasse uma posição muito mais elevada na hierarquia imortal, não assumia que seus desejos viriam em primeiro lugar.

— Eu iria a qualquer lugar com você, — ela sussurrou, a emoção era um nó na garganta. — Vá encontrar o estúpido Grimório para que possamos fazer coisas nuas juntos.

Um sorriso selvagem e então ele estava correndo para fora do Refúgio. Ela o observou até que já não podia ver nem mesmo um rastro de prata, e então se virou para pegar sua pequena bolsa para o voo para a África, a terra que cantava para ela como o território de Alexander fez para ele, e ainda assim seria sua prisão.



Ab

Naasir odiava o frio. *Odiava*. Mas teria que ir para ele para encontrar o Grimório. Todo mundo pensou que era uma lenda, mas durante o voo do território de Alexander para casa, finalmente se deu conta por que parecia familiar: o viu.

Foi a muito, muito, *muito tempo* atrás, quando ainda era dois. Foi o filhote de tigre que viu o livro vermelho com gravuras douradas na frente. Não era algo que o filhote teria registrado exceto, que o experimento quimera aconteceu naquela noite, o menino e o tigre fundidos a força em um. As memórias do tigre se tornaram as memórias do menino e as do menino se tornaram as do tigre, mas como eram duas espécies diferentes que nunca deveria ter sido um, nada fazia sentido por um longo tempo.

Foi um período terrivelmente confuso, e a quimera que ele se tornou esqueceu o livro que o tigre viu. Mas quando Jason descreveu o Grimório, as memórias apareceram enquanto todas as partes trabalharam em conjunto para conquistar sua companheira. Então ele sabia onde o livro estivera uma vez e onde ainda deveria estar. Infelizmente, esse lugar estava agora enterrado abaixo de toneladas de gelo e neve.

Correndo sobre o material branco e frio, seu corpo protegido por roupas grossas e os pés por botas isolantes, Naasir rosnou para a neve que atingiu seu rosto e não ficou menos surpreendido quando um anjo de asas negras pousou não muito longe dele. Ele estava no fim do mundo, mas fez todo o sentido para ele que Jason fosse capaz de encontrá-lo. Isso era o que Jason fazia... conhecer segredos.

— O que faz na Antártida? — Perguntou Jason, dobrando suas asas. — Como chegou aqui?

Naasir deu de ombros.

— Pulei de um avião. — Longe, *muito longe* de seu destino real no continente, razão pela qual ele teve que correr tanto tempo e passar duas noites no gelo. E porque era importante manter esse segredo, ele pedira a Illium para fazer com que os olhos no céu se desviassem para longe até que ele estivesse fora desse lugar.

Ninguém mais, além da sua família e sua companheira, poderiam saber deste lugar.

— Você deveria ter usado roupas brancas e tingir suas asas, — ele apontou para o membro da sua família em pé diante dele. — Você se destaca neste lugar sem sombras.

— Não há ninguém para me ver, exceto você, e você odeia a neve. — Jason não se moveu. — Então, o que você faz aqui?

— Vou pegar o estúpido Grimório. — Ele rosnou quando um floco de neve tocou seu nariz. Limpando, ele olhou para Jason e lhe chamou a atenção sua repentina quietude – o gesto mais próximo de surpresa com Jason.

— Você sabe onde ele está? — Perguntou o espião.

— Sei onde esteve uma vez. — E desde que Osiris tinha o hábito de se apegar a suas posses, e toda a fortaleza foi enterrada como estava, ele ainda deveria estar ali. — Você quer vir comigo? — Jason era furtivo de maneiras que Naasir apreciava, ele podia ser capaz de pensar em um método mais rápido para chegar debaixo de toda aquela neve e gelo. — Será que a sua companheira vai ficar com raiva?

— Mahiya foi quem me mandou vir encontrá-lo quando Illium nos disse onde tinha desaparecido. Minha princesa gosta de você. — O outro homem abriu as asas em prontidão para a decolagem. — Por que não pedir ajuda a um de nós? Nós teríamos vindo com você.

— Illium queria vir, mas os curadores não o deixaram, e eu sabia que você ia me encontrar. — Jason tinha tanta curiosidade dentro dele como Naasir, só que ele escondia melhor.

Um leve sorriso.

— Você entende as pessoas melhor do que ninguém percebe. — Ele decolou em uma rajada de vento frio que jogou flocos de neve no rosto de Naasir. Cerrando os dentes, Naasir rosnou para ele. Ele quase pensou que Jason riu. Isso o intrigou, porque Jason nunca ria.

A menos que... fizesse isso com a sua princesa.

Tomando nota de visitar Jason e Mahiya para que pudesse pegar Jason rindo, começou a correr novamente, a mochila nas costas não fazia nada para diminuir sua velocidade. Levava sangue congelado nessa mochila. Não estava congelado no início, mas este lugar era um refrigerador gigante. Odiava sangue congelado. Infelizmente, antes da chegada de Jason, ele não viu qualquer um ao redor de quem poderia ter se alimentado... e não acreditava que Andromeda gostava quando ele tomava sangue dos outros.

Porque ele era território dela.

Sorriu. Ele *gostava de* ser território dela. Se ela queria que ele se alimentasse somente dela, ele se alimentaria somente dela. Até então, beberia

sangue engarrafado ou comeria os repugnantes cubos de gelo frios em sua mochila. E sonharia em alimentar-se dela enquanto seu pênis afundava dentro dela, e já teria gozado uma vez, assim estaria pegajosa com ele e tinha o cheiro dele profundamente em sua pele.

Com o coração batendo tanto por sua velocidade como por sua excitação, ele continuou através do branco.

— Você está perdido? — Jason gritou várias horas mais tarde, Naasir foi obrigado a não ir a toda velocidade porque não podia se dar ao luxo de parar para permitir que seu corpo se recuperasse.

— Não! — Respondeu. Era como se ele tivesse um radar dentro dele, que o levava para o lugar onde foi criado. — Outra hora!

Jason levantou-se acima das nuvens novamente, sem dúvida para escapar da neve que irritava Naasir. Melhor Andromeda agradecer a ele por isso, ele foi à *neve* por ela.

Correndo, sua mente cheia de lembranças das maneiras que ela brincava com ele, ele fez uma parada quase exatamente uma hora mais tarde. Jason pousou ao lado dele.

— Não há nada aqui. Parece como qualquer outra parte da paisagem.

— Uma vez, houve uma casa aqui, — Naasir disse ao outro homem. — Uma fortaleza. O anjo que vivia nela gostava do frio porque impedia que seus experimentos fossem muito longe se escapassem. Dentro de sua fortaleza, porém, fazia calor, porque as crianças e pequenos animais morrem quando está muito frio.

Os olhos escuros de Jason encararam os seus, e neles, Naasir viu uma súbita compreensão.

— Raphael a enterrou, não?

— Não. Alexander fez. — Embora no limite, Raphael ainda não havia se convertido em um Arcanjo; ele foi capaz de incapacitar Osiris, mas não poderia enterrar este lugar de horror. — Raphael me disse que Alexander afundou na neve, mas deixou tudo. — Naasir começou a andar ao redor. — Aqui. — Arrastou o pé sobre o lugar. — Há uma porta aqui. Se eu puder entrar, poderia conseguir o que necessito.

— Afaste-se.

Naasir franziu a testa, mas fez o que ele pediu.

— Eu ia cavar. — Suas garras eram muito fortes, mas também havia trazido afiadas ferramentas de escavação. — Você pode me ajudar. É muito abaixo. — Até agora, ninguém jamais descobriu acidentalmente o reduto enterrado nesta paisagem inóspita para a vida.

— Ou, — Jason disse: — Eu poderia fazer isso. — Um raio negro saiu dos dedos de uma mão.

Naasir viu o raio de Jason antes, criava sombras que podiam abranger qualquer coisa dentro de suas profundezas, sufocando e matando, se Jason desejasse. Hoje, ele viu que o raio de Jason também podia agir como o que parecia.

O calor do raio crepitava através da neve e do gelo como se não fossem nada. Jason levou tempo só porque estava sendo cuidadoso para não danificar acidentalmente o que estava debaixo, mas perfurou um túnel a uma profundidade incrível, em aproximadamente dez minutos.

— Espere, — disse Naasir, e tirou sua mochila. — Vou descer, ver se é suficientemente longe. — Enquanto falava, pegou um pequeno pacote da mochila e guardou em um bolso de sua jaqueta neve.

— Se for, — Jason disse, com os olhos no buraco, — volte para cima o suficiente para me sinalizar, para que eu saiba que você não foi enterrado na neve lá embaixo.

Prometendo fazer isso, Naasir não saltou para dentro do buraco, mas desceu, usando suas garras para obter uma boa aderência. Se Jason tivesse perfurado longe demais, ele sentiria a porta enquanto descia. No entanto, ela ainda estava a alguns centímetros abaixo, mas decidiu cavar com as mãos, pressionando a neve extra para os lados do túnel de Jason.

Então subiu para que pudesse gritar para Jason.

— Tire o machado na minha mochila! Preciso cortar o gelo na frente da porta.

Encontrando o machado, Jason lhe disse para se afastar contra a parede antes do anjo de asas negras deixar cair a ferramenta dentro do túnel de neve.

Naasir pegou e começou a cortar a neve e o gelo que bloqueava a porta do outro lado. Levou tempo, o suor escorrendo pelas costas sob as camadas de roupas quentes. Mesmo assim, a porta não abria, estava congelada. Ele usou o machado novamente para cortar o gelo, mas foi cuidadoso para não destruir o selo.

Quando saísse, a fecharia novamente.

Qual era a razão pela qual Alexander mergulhara esse lugar ao invés de destruí-lo, era porque era um cemitério. Os irmãos de Naasir, que ele nunca conheceu em sua vida, não se importariam que ele entrasse para pegar algo. Ele era um deles. Mas ninguém mais era bem-vindo aqui, e não permitiria que ninguém o profanasse.

Uma pena preta flutuava para baixo.

Percebendo que Jason poderia estar cada vez mais preocupado, voltou a subir para acenar para o espião. Então, desceu mais uma vez e, depois de cavar mais cuidadosamente, girou a maçaneta da porta e empurrou tão forte quanto podia. Um gemido rangente soou. Ele bateu o ombro contra a porta. Uma vez, duas vezes... e caiu no lugar gélido onde nasceu e onde tantos morreram.

— É apenas Naasir, — disse ele aos que dormiam aqui, nos caixões de pedra que Osiris criou, um por um em torno de uma pequena casa, até que se converteram nas paredes e no chão de uma grande fortaleza. Cada bloco quadrado continha uma criança retorcida que era dois, ou corpos quebrados que seguiam sendo um.

— Eu vim por um livro, — disse ele, capaz de sentir todos ao redor, curiosos e emocionados por ele ter vindo. — É vermelho com um fecho dourado na parte da frente, e que tem um desenho estampado com a forma de um grifo. Isso é, metade pássaro, metade leão. — Sua respiração gelava no ar enquanto ele falava, suas garras cortaram suas botas para segurar o gelo que cobria todas as superfícies.

Gotas pingavam do teto. Estalagmites cresceram do chão.

Era um lugar frio e desolado, mas Naasir não sentiu nenhuma sensação de perigo ou desconforto. Apenas seus irmãos viviam aqui agora. Alexander incinerara Osiris e levava suas cinzas para longe daqui antes que o Antigo enterrasse esse lugar.

— Eu trouxe uma coisa. — Enfiando a mão no bolso, tirou um brinquedo que tocava música e o manteve em sua mão enquanto descia as escadas geladas para o nível mais baixo.

Ali, no laboratório, ele colocou seu presente na grande mesa, onde, de acordo com as notas que Raphael tinha tomado e mantido em custódia até que Naasir estivesse pronto para lê-las, Osiris cortara inúmeros corpos deformados e

retorcidos, muitos enquanto ainda estavam vivos. — Eu tenho uma companheira, — disse aos outros, pensando não nas coisas más que aconteceram aqui, sim em como ele foi reclamado. — O livro é para ela. Ela é uma historiadora.

Uma estalactite caiu do teto nas profundezas obscuras do laboratório. Aproveitando a deixa, ele foi para o local e descobriu que tudo estava envolto em gelo. Voltando para o andar de cima, pegou seu machado e voltou. Ele foi cuidadoso quando cortou.

O livro estava no chão em um bloco de gelo.

Cortou até que pudesse pegá-lo, mas ainda tinha uma camada protetora de gelo e o segurou em suas mãos enluvadas.

— Obrigado, — ele disse aos seus amigos. — Um dia, eu trarei minha companheira aqui. Ela tem asas, mas é valente e viria aqui embaixo. — Ele não acreditava que Andromeda acharia estranho que ele soubesse que seus amigos ainda estavam aqui, brincando feliz entre si – ela o entendia, sabia que a mente dela era a mesma que a dele.

Outra estalactite caiu em uma sinfonia que retine.

Sorrindo, ele virou e saiu. Enquanto subia as escadas, ouviu o início da música atrás dele e soube que seu brinquedo era bem-vindo. Enfiando o livro gelado em sua jaqueta, fechou a porta e se assegurou que o selo ficou apertado. Em seguida, passou um tempo empilhando neve ao redor dela.

Escalando para a superfície, ele disse.

— Nós temos que preencher o buraco novamente. Ninguém pode saber o que está aqui. — Seus irmãos ganharam sua paz.

— A neve que cai fará isso, mas podemos ajudar.

Juntos, começaram a encher manualmente o buraco usando as pás extensíveis que Naasir tinha em sua mochila. Enquanto isso, o livro congelado começou a derreter contra o calor do corpo de Naasir. Percebendo que poderia ficar danificado, ele colocou-o em cima da parte superior da mochila para que permanecesse frio.

A noite caiu e eles ainda manejavam as pás.

Mesmo após o buraco não ser mais visível, eles ficaram esperando para se certificar de que não deixaram para trás qualquer vestígio de sua visita. Até o amanhecer sussurrar suavemente sobre a paisagem, não havia nenhum sinal de

que alguém tivesse estado ali, exceto pelas pegadas que Naasir deixava quando se afastava do lugar. Mas foram rapidamente preenchidas pela neve fresca que caía em uma suave chuva do céu.

Seus amigos estavam a salvo novamente.

E ele tinha o Grimório.



Andromeda não sabia como sobreviveu nos últimos cinco dias. Seus pais estavam exatamente como os deixou, seus excessos mudavam apenas nos detalhes. Lailah e Cato, no entanto, se entregavam a viciosa tortura sexual com companheiros de jogos “dispostos”, que simplesmente poderiam estar muito assustados para protestar, e de vez em quando infringiam violência, apenas porque era uma forma “divertida” de quebrar o tédio que coloria suas ações.

Ainda hoje, um anjo novo, coitado, gritava no quarto de sua mãe, e seu pai sentado na grande sala de estar vestindo somente calça de seda vermelha enquanto dois vampiros nus dançavam para ele. Ele a convidou para sentar com ele, assistir ao show, Cato estava tão cansado que esqueceu o que era ser um pai.

Andromeda era apenas uma criança na primeira vez que viu seu pai fazendo sexo com uma mulher, não sua mãe. Essa vez, ele estrangulava a mulher chicoteada que sangrava. Chocada, ela chorou. Naquele dia, seu pai parou e a levou para fora do quarto. Mas não se preocupou nas outras vezes, e ela aprendeu a não entrar sem aviso prévio em qualquer cômodo da fortaleza.

Quanto a Lailah, a mãe de Andromeda encontrara com ela na sua chegada, e lhe dissera que havia colocado um trio especial no quarto dela. Imediatamente teve náuseas, Andromeda esperava que ela estivesse errada. Ela não estava. Ela encontrou três homens nus esperando em sua cama.

Um anjo. Um vampiro. Um mortal.

Um trio. Uma pequena piadinha de sua mãe.

Ordenou aos três que se fossem com a ponta de uma lâmina.

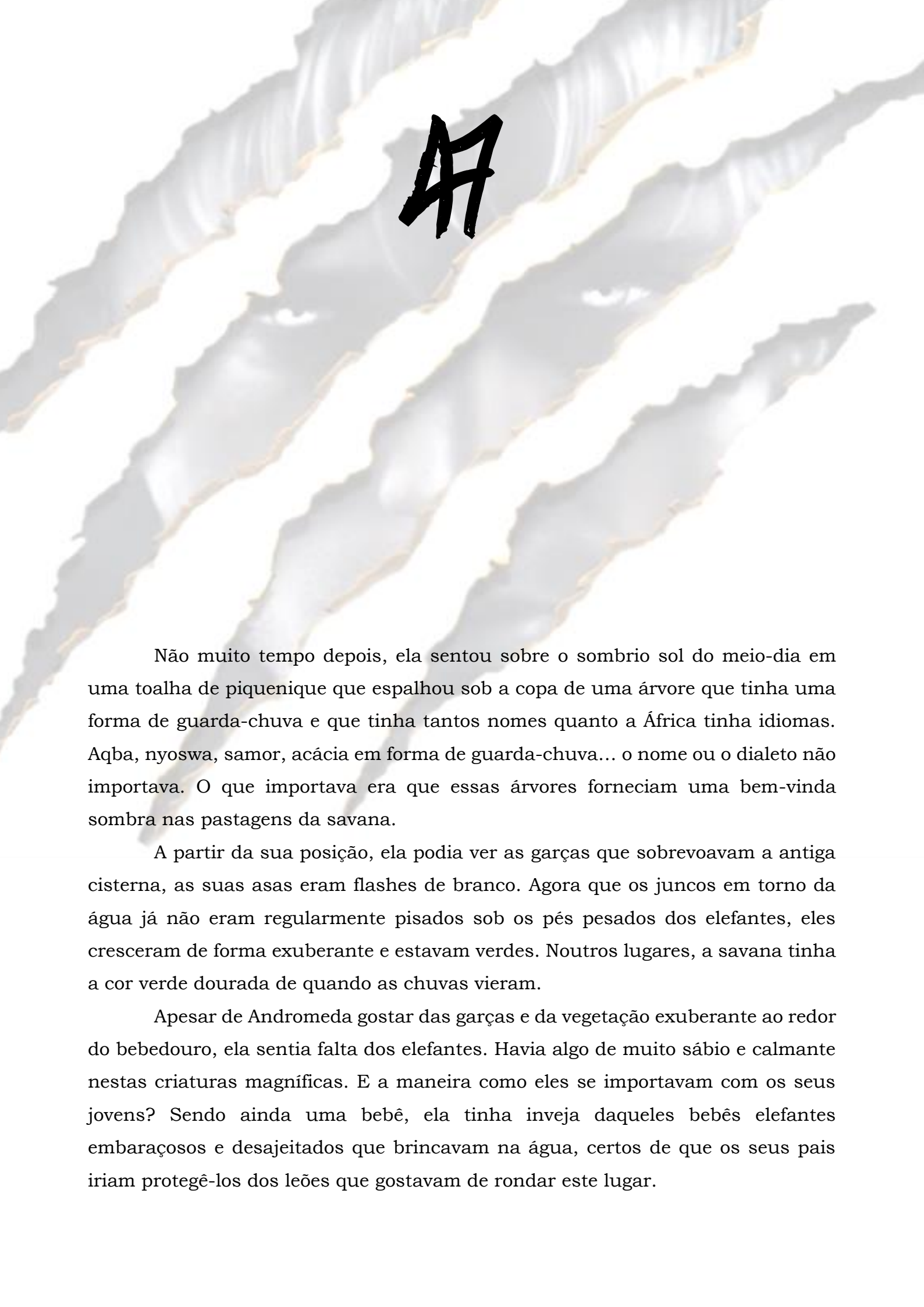
Este dia era o sexto desde a sua chegada e o sétimo desde que deixou o refúgio, cerrou os punhos, sua espinha rígida com o pensamento de mais quinhentos anos de uma existência submersa em um medo paralisante, a violência brutal, e o vazio indulgente. Ao contrário de seus pais, seu avô não aceitava o desafio. E como Andromeda não infligiria tortura em suas ordens, ele voltaria a violência contra ela, brutalizaria até que não passasse de uma boneca vazia.

— Deixe para lá, Andi. — Ela forçou os punhos a abrir, empurrou de lado sua frustração e raiva, e sorriu, determinada a não permitir que o futuro sombrio lhe roubasse este dia.

— Hoje, você é Andi, e hoje, você será feliz.

Pegando o cesto de comida que preparou e uma toalha de piquenique já no braço, ela saiu para o pátio de trás e subiu para o céu.

Seus pulmões se expandido, ar limpo correndo em seu corpo.



A

Não muito tempo depois, ela sentou sobre o sombrio sol do meio-dia em uma toalha de piquenique que espalhou sob a copa de uma árvore que tinha uma forma de guarda-chuva e que tinha tantos nomes quanto a África tinha idiomas. Aqba, nyoswa, samor, acácia em forma de guarda-chuva... o nome ou o dialeto não importava. O que importava era que essas árvores forneciam uma bem-vinda sombra nas pastagens da savana.

A partir da sua posição, ela podia ver as garças que sobrevoavam a antiga cisterna, as suas asas eram flashes de branco. Agora que os juncos em torno da água já não eram regularmente pisados sob os pés pesados dos elefantes, eles cresceram de forma exuberante e estavam verdes. Noutros lugares, a savana tinha a cor verde dourada de quando as chuvas vieram.

Apesar de Andromeda gostar das garças e da vegetação exuberante ao redor do bebedouro, ela sentia falta dos elefantes. Havia algo de muito sábio e calmante nestas criaturas magníficas. E a maneira como eles se importavam com os seus jovens? Sendo ainda uma bebê, ela tinha inveja daqueles bebês elefantes embaraçosos e desajeitados que brincavam na água, certos de que os seus pais iriam protegê-los dos leões que gostavam de rondar este lugar.

Mas os elefantes se moveram por razões próprias, e apesar de Andromeda saber onde era o seu novo lugar favorito, ela não ia lá. Não queria chamar a atenção inadvertidamente para os hóspedes de seus pais. Ela fizera isso uma vez, mostrara acidentalmente para um grupo de convidados o lugar onde costumavam estar rinocerontes negros.

Os três monstros massacraram duas das criaturas majestosas na frente dela, enquanto ela gritava, suplicava e tentava detê-los. Eles fizeram isso por diversão.

Pelo divertimento.

Esse horrível dia marcou a única vez que ela esteve orgulhosa de seus pais. Quando eles descobriram o abate, ficaram chocados e pálidos, e Lailah e Cato deram punições quase letais nesse local. Os pais de Andromeda podiam torturar e mutilar mortais e imortais sem remorso, mas não permitiam o abuso ou assassinato injustificado de animais.

Andromeda perguntara uma vez, por que proteger um e não o outro? A resposta de sua mãe foi simples: *Animais não têm escolha se querem ou não jogar o jogo.*

Todos os seus companheiros têm essa escolha? Andromeda ousara perguntar.

O suficiente para ser inocente como um animal é inocente.

Como resultado das suas escolhas, o território de Lailah e Cato fervilhava com a vida selvagem, era considerado um dos lugares mais ricos e diversificados no continente no que se tratava de fauna.

No entanto, apesar do fato das consequências do abate dos rinocerontes serem bem conhecidos de todos os que vinham aqui, Andromeda não corria riscos quando se tratava dos animais. As garças poderiam voar para longe se alguém viesse aqui. Em qualquer caso, elas não eram geralmente um alvo.

Onde estava Naasir?

Pela décima vez, ela levantou e caminhou até à ligeira subida atrás da árvore. Teve uma visão ininterrupta da savana em todas as direções, mas não viu nenhum passo felino familiar, não viu nenhum brilho de prata.

Recusando-se a desistir, ela voltou para a toalha de piquenique e verificou a comida que preparara à mão e com todo o amor em seu coração. Ela embalou a

carne no gelo para protegê-la do calor e, em seguida, a colocou em um recipiente isolante, mas a carne não duraria mais de duas horas, dada a temperatura morna. Adorava esse calor contra sua pele, amava os aromas empoeirados no ar, adorava ouvir o rugido distante de um leão, havia sentido falta de tudo desesperadamente quando estava no Refúgio.

Uma hora mais tarde e as garças voaram para longe, a deixando apenas com as ervas para lhe fazer companhia. Até o vento suave desapareceu, o mundo inteiro estava parado. Quando caminhou novamente até à subida, tudo estava vazio.

— Naasir! — Ela gritou para a paisagem zombeteira. — Se não chegar aqui em breve, eu vou comer toda a carne!

— Mentirosa.

Com o coração batendo no seu peito, ela girou tão rápido em seu calcanhar que quase se desequilibrou. E lá estava ele, a sua respiração arfante e a sua pele quente, o cabelo despenteado da corrida. Ela pulou em seus braços, aqueles braços abertos para ela. A agarrando debaixo das asas, como se tivessem feito isso um milhão de vezes antes e ele soubesse exatamente como segurá-la. A levantou do chão e a girou.

Rindo e chorando, ela fechou os braços ao redor dele.

— Você está atrasado, — ela acusou, quando ele parou de girar — Eu estou à espera há muito tempo.

A trazendo para perto de si, ele esfregou a sua bochecha contra a dela.

— Estou com fome.

Ela fingiu socar o seu ombro, mas quando a colocou no chão, a puxou para a toalha de piquenique... e ali, no meio da toalha, estava um livro que não devia existir. Os lábios se abriram em um suspiro e ela caiu de joelhos. Ela estendeu a mão para o livro, mas a parou antes dos seus dedos roçarem o couro vermelho gravado a ouro.

O dourado era uma imagem de uma criatura alada feroz, com respiração impetuosa.

— Você pode tocá-lo, — disse Naasir, esticando-se ao lado dela na manta. — Perguntei a Jessamy o que fazer para descongelá-lo com segurança.

— *Descongelá-lo?*

Naasir não respondeu. Ele abriu o recipiente isolante e encontrou a carne temperada. Sorrindo, ele colocou um cubo em sua boca... e o seu peito retumbou com prazer, os olhos fecharam-se com agrado.

— Quem fez isso?

Ela mordeu o lábio inferior.

— Você gosta disso?

— Sim. Espero que você tenha comprado muito. — Ele comeu mais alguns cubos.

Esquecendo o Grimório por um segundo, ela sorriu.

— Eu fiz isto. Usei especiarias especiais que você só consegue obter de uma loja em Marrakech – eu as encomendei e elas vieram de avião para chegarem a tempo de usar nesta carne.

Seus olhos brilharam, mas suas próximas palavras eram um rosnado.

— Abra o livro para você ter a certeza que é o seu estúpido Grimório.

Rindo do jeito que ele sempre se referia à Estrela Grimório, ela o pegou com o máximo cuidado. O couro estava em condição quase perfeita, apenas um pouco dobrado no meio.

— Como isto pode ser tão antigo e estar tão perfeito?

— Ele esteve escondido — disse Naasir. — Talvez Osiris o tenha encontrado no gelo quando construiu a casa que se tornou sua fortaleza. — Um encolher de ombros. — Posteriormente, voltou ao gelo.

— Você me contará sobre a sua transformação? — Sob um acolhedor sol Africano, onde nenhuma escuridão poderia ficar.

Ele rosnou e, esticando-se mais, agarrou o Grimório. Desfez a fechadura com uma bruta rapidez que a fez dar um grito e empurrou o livro para ela.

— É isto?

Percebendo que ele não diria nada até que ela confirmasse se este era, de fato, o Grimório, ela agarrou o livro e, sentando-se de pernas cruzadas sobre a toalha de piquenique, o abriu com cuidado. O texto fluíu como água ao longo da página, interrompido apenas por dois quadrados de ilustrações delicadamente detalhados.

Ouro, prata, verde e vermelho, as cores eram brilhantes, como se as linhas tivessem sido traçadas ontem. A tinta preta da escrita era tão escura. Virando a

página, ela encontrou um desenho de página inteira de um grifo. As asas da criatura mítica eram gloriosamente arqueadas, o seu corpo era o de um leão e os seus olhos de um obsidiana hipnótico. Correndo os dedos cuidadosamente sobre a imagem, ela sentiu a garganta engrossar.

— Isso é uma joia, — ela sussurrou para Naasir. — Um dos Sete Tesouros Angélicos perdidos. — Ela esfregou as lágrimas rolando pelo seu rosto, antes que a água salgada pudesse cair e danificar a página.

Sentando-se atrás dela para que pudesse olhar por cima do ombro, Naasir envolveu fortemente um braço em volta da cintura dela.

— Você pode ler a escrita?

— Sim. É uma língua angelical antiga. — Embora os anjos fossem imortais, as suas línguas mudaram ao longo das eras. — Se eu o ler em voz alta, você entenderia grandes partes dela. É apenas a escrita que mudou de forma tão significativa.

O cabelo de Naasir roçou o seu rosto quando ele se inclinou para virar a página, o seu corpo quente e forte em torno dela.

— Então, é o livro do seu voto?

— Sim.

— *Bom.* — Puxando o Grimório de suas mãos, ele o deixou cair no outro lado da toalha de piquenique. Quando ela se virou para perguntar por que ele fez isso, ele bateu a boca na dela, sua mão acariciando o seu cabelo.

O choque do contato foi ofuscante. Então, veio o quente e duro flash de prazer violento. *Doía*, ela precisava dele há tanto tempo. Gemendo, ela torceu-se em seus braços para que pudesse envolver os braços em volta do pescoço dele. Ele tinha outras ideias.

Um segundo depois, ela estava de costas sobre a toalha, Naasir sobre ela.

Passando as mãos dele pelas delas, ele as colocou em ambos os lados da cabeça dela. O cabelo dele caiu em torno de seu rosto quando abaixou a cabeça em direção a ela, com os olhos prata brilhante. Céus, mas ele era bonito, ela pensou, e então a boca dele devorava a dela, e seu coração batia como um martelo brutal dentro de seu peito.

Ela o devorou enquanto ele a devorava, a sua língua lambendo contra a dele, os seus dentes cerrando-se nos lábios dele. Ele mordeu. É claro que ele

mordeu. E isso estava bem, porque este era Naasir, e ele era dela, neste momento, neste instante, no dia de hoje.

Ele baixou o seu peso sobre ela, empurrando as suas pernas, as abrindo, e moendo o seu pênis ereto contra as dobras inchadas entre suas coxas. Os músculos internos dela davam espasmos quando um grito irregular saiu arrancado da sua garganta, ela enrolou as pernas em volta da cintura dele e balançou-se contra ele. Rosnando em sua boca, ele soltou uma de suas mãos e a colocou entre eles.

Garra roçou a sua pele.

Ela estremeceu quando sentiu as suas calças rasgarem-se. Ele não parou por aí, ele arrancou e rasgou até que houvesse apenas alguns pedaços pendurados por suas botas. A sua calcinha desapareceu rapidamente e, em seguida, os dedos dele – que já não eram mais garras – a acariciavam com uma escorregadia e molhada intimidade que a fez querer implorar, tomar e dar tudo de uma vez. Tremendo, os seios doloridos e os seus mamilos dolorosamente sensíveis, ela empurrou a camiseta dele, e quando ele não cooperou, deu um beliscão duro em sua mandíbula.

Isso conseguiu um grunhido e um olhar prateado através de cílios tão bonitos.

— Tire isso, — ela ordenou.

Em vez disso, ele enfiou um dedo dentro dela.

A sua espinha arqueou enquanto a sua boca se abria em um grito silencioso, o fôlego perdido, o seu corpo apertando com força com a pequena e possessiva invasão.

Os lábios de Naasir roçaram a sua garganta.

Ela estremeceu com o raspar dos dentes grandes e afiados, mas ele não a mordeu, cada músculo do corpo dele estava tão tenso, como se tivesse sido esticado. A mente dela ficou confusa, mas soube instintivamente o que estava errado. Empurrando a mão livre em seu cabelo para o manter junto, ela engoliu ar suficiente para falar.

— Sim. Você pode se alimentar de mim. *Leve-me*.

A tensão se dissipou em calor derretido, ele raspou novamente, as suas presas sobre a sua carne necessitada e, retirando o dedo de seu corpo, o som

líquido e carnal da sua excitação, moveu a mão para o fecho da calça jeans... e um segundo depois, o comprimento rígido dele exigia calor contra ela. Empurrou a sua coxa até o joelho pressionar o seu peito, e então começou a entrar dentro dela.

Ela esperava que ele começasse a empurrar com força, estava preparada para o inevitável desconforto, mas ele a acariciou e a beijou enquanto entrava lentamente.

— Você é muito apertada, companheira.

Com o coração derretido, e nas mãos dele, ela agarrou-se a ele com um desespero necessitado, faminto. A sua outra mão permaneceu unida à dele enquanto o seu corpo se esticava para acomodar a sua largura e comprimento. A beijando, Naasir balançou para frente outro centímetro. Ela arranhou suas costas. Rosnando dentro do beijo, ele balançou novamente.

E novamente, e novamente.

Até que entrou totalmente dentro dela, a dor dele dentro dela uma dor erótica, e o sentimento de pertencer era tão profundo que lágrimas se agruparam em seus olhos.

— *Naasir*.

Mantendo uma mão sob a parte traseira de seu joelho, ele acariciou o seu caminho até à sua garganta.

O estômago dela vibrou.

A respiração dela ficou ofegante.

E então, ele afundou as presas quando começou a mover o seu pênis em câmara lenta, estocadas profundas, cada movimento áspero despertando a carne sensível dela.

O prazer foi um enorme e rude choque sobre os seus sentidos. Naasir cavalgou através da primeira onda, acendeu outra sugando o seu sangue e esfregando o polegar contra o nó pulsante entre as suas coxas. A segunda onda a matou, a deixando mole e doce, os seus músculos tremendo.

Tudo o que podia fazer era manter a perna em torno do corpo dele.

Aumentando a velocidade das suas estocadas quando o corpo dela parou de ter espasmos em torno de seu pênis, Naasir levantou a cabeça do pescoço e tomou a sua boca novamente enquanto a empurrava contra a toalha de

piquenique. Sentia-se tomada, marcada e amada com uma ferocidade honesta e selvagem que apelava à sua própria natureza primitiva.

Rendendo-se ao instinto, ela mordeu o pescoço dele quando ele abaixou, de novo, a boca na garganta dela. Ouviu-se um rugido profundo e inumano, a mão dele agarrando-a com uma força brutal... e as presas dele afundando-se enquanto empurrava o seu pênis nela, sua casa.



Naasir caiu em cima da sua companheira, o seu pau ainda enfiado confortavelmente dentro dela, preguiçosamente acariciando uma das coxas de seda. Ele podia ouvir o coração trovejando embaixo dele, sentir o corpo dela o apertando em espasmos inesperados, os quais arrancavam o prazer do seu corpo inerte. Uma surpresa chocada dilatara os olhos dela em duas luas escuras.

Sorrindo presunçosamente, a beijou, e em seguida, acariciou o seu pescoço até lambe as pequenas feridas que fez com suas presas para fechá-las.

— Você é deliciosa. — Ele se alimentaria dela muitas vezes quando eles estivessem no cio.

Desfrutando da agilidade que possuíam, e sentindo-se feliz por ela ter sido marcada por ele, ele empurrou-se delicadamente dentro e fora dela. O seu pênis começava a endurecer.

— Você está machucada?

— É bom. — Ela correu os dedos pelos lábios dele, os olhos pesados. — Você me preenche. — Um sorriso apareceu quando ele mordiscou as pontas dos dedos dela, seguido por um tremor quando ele mexeu os seus quadris em uma provocação sensual. — Não pare.

Encantado, ele deslizou a mão pelo corpo dela para empurrá-la sob a túnica e a parte superior da blusa apertada que ela usava para reprimir os seus seios. Os músculos internos dela repuxaram-se possessivamente em seu pênis quando ele fechou a mão sobre a esfera macia e quente e apertou. Ele gostava disso, então apertou novamente.

Andromeda arqueou o pescoço em resposta. Deixando cair a cabeça para lamber e beijar o pescoço dela, ele começou a mover-se. Desta vez, foi mais lento, mas tão profundo. Ele poderia continuar com isto por uma hora, o faria se ela o deixasse. Preguiçosamente lambendo o seu pescoço enquanto esfregava o seu polegar sobre o mamilo dela, ele fingiu mordê-la quando ela colocou as duas mãos em seu cabelo e puxou.

Ela puxou ainda mais.

— Eu quero um beijo.

Beijar a sua companheira era fácil e gostoso. Esticado em cima dela, ele divertidamente seduziu a sua boca até que ela empurrou a sua camiseta, de novo. — Ajude-me a tirar isto.

Saciado o suficiente para ser mais paciente, ele cooperou, e logo o ar quente beijou a pele nua de suas costas. Ele rasgaria também a túnica dela, mas ela agarrou o seu pulso.

— Já não tenho calças. — Deslizando a mão pela cintura dela, ela puxou a túnica sobre a cabeça e, em seguida, tirou a blusa, liberando os seus seios, os montes redondos coroados por mamilos castanhos escuros.

— Lindos, — ele ronronou.

Movendo-se para ficar de joelhos entre as suas coxas abertas, com o seu pau ainda enterrado dentro dela, ele espalmou ambos os seios com as mãos possessivas, vendo os olhos dela se fecharem com um tremor. Os dentes dela afundaram no lábio inferior quando a espetou com as suas garras, o gemido que saiu da garganta dela fazendo as suas bolas se apertarem.

A paciência evaporou-se.

Mais uma vez, ele cobriu o corpo dela com o seu. Mais tarde, ele iria acariciar, morder e chupar os seus seios bonitos. Agora, ele queria esfregar-se contra ela, dentro dela, queria encharcá-la em seu cheiro até que ninguém mais ousasse fazer uma reclamação sobre ela.

Andi era dele.

Suas mãos acariciaram as costelas e as costas, o corpo dela começou a mover-se em harmonia com as suas estocadas preguiçosas.

— Isto é... — outro gemido quando ele se esfregou contra ela.

Deslizando a mão debaixo dela, ele apertou os dedos na bunda dela, inclinando-a para uma penetração ainda mais profunda.

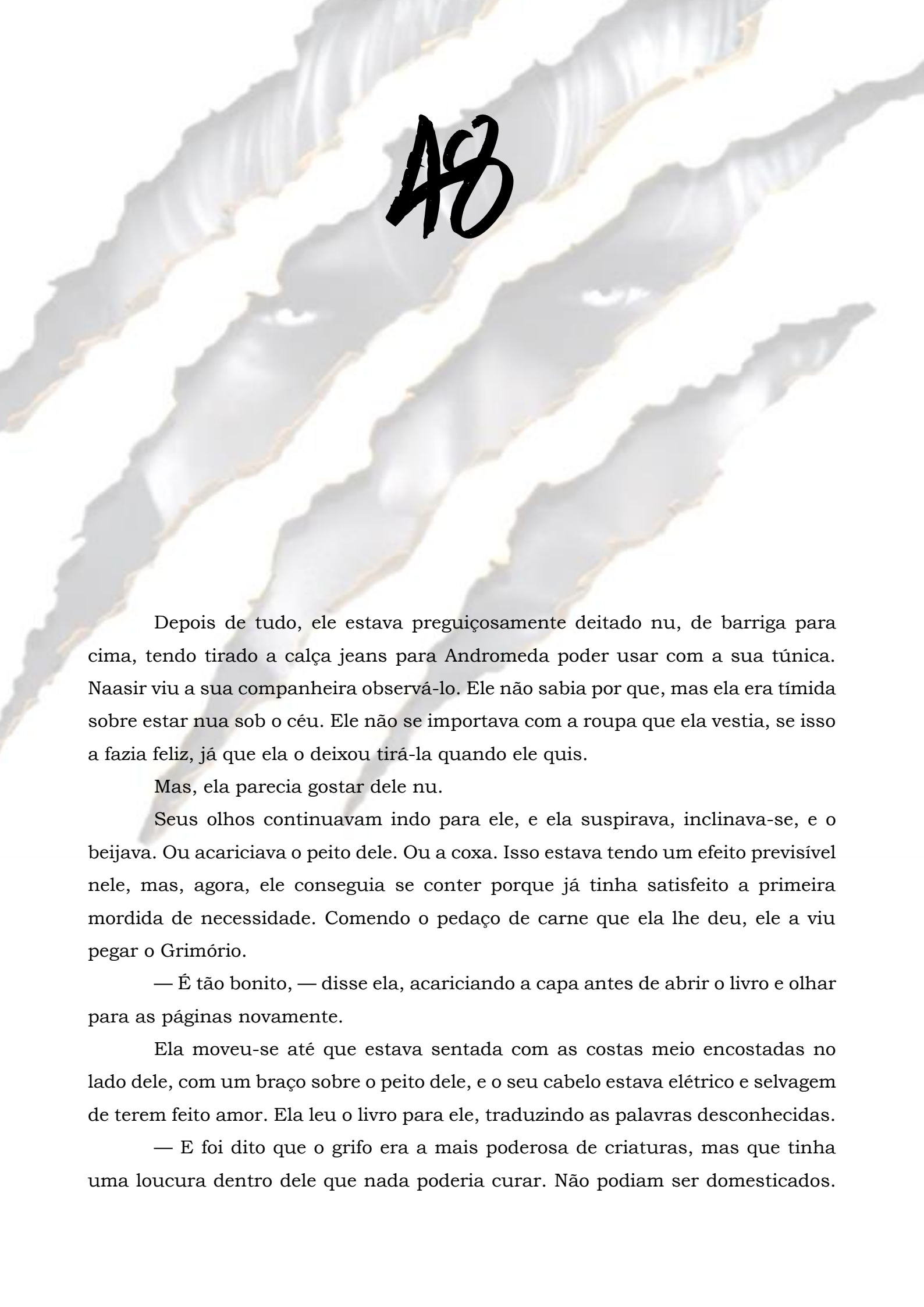
— Naasir... — as unhas dela cravaram-se nos seus ombros, as suas asas inquietas sobre a toalha de piquenique.

Incapaz de resistir, ele inclinou a cabeça para seu pescoço e mordeu novamente.

Ela gozou intensamente e fora de controle em torno dele. Rosnando porque estava satisfeito por a sua companheira o achar tão irresistível, ele apertou a mão que tinha em sua bunda e chupou o seu sangue, ao mesmo tempo em que continuava a balançar dentro e fora dela. O sabor dela em sua língua o drogava, as unhas em sua pele era um prazer perverso, o perfume de saciedade dela foi a gota d'água que o deixou completamente louco.

A sua coluna arqueou quando empurrou com tanta força dentro dela que as suas bolas bateram contra o corpo dela.

Ele a ouviu gritar, mas não sentia dor, pelo que estava tudo bem.



AB

Depois de tudo, ele estava preguiçosamente deitado nu, de barriga para cima, tendo tirado a calça jeans para Andromeda poder usar com a sua túnica. Naasir viu a sua companheira observá-lo. Ele não sabia por que, mas ela era tímida sobre estar nua sob o céu. Ele não se importava com a roupa que ela vestia, se isso a fazia feliz, já que ela o deixou tirá-la quando ele quis.

Mas, ela parecia gostar dele nu.

Seus olhos continuavam indo para ele, e ela suspirava, inclinava-se, e o beijava. Ou acariciava o peito dele. Ou a coxa. Isso estava tendo um efeito previsível nele, mas, agora, ele conseguia se conter porque já tinha satisfeito a primeira mordida de necessidade. Comendo o pedaço de carne que ela lhe deu, ele a viu pegar o Grimório.

— É tão bonito, — disse ela, acariciando a capa antes de abrir o livro e olhar para as páginas novamente.

Ela moveu-se até que estava sentada com as costas meio encostadas no lado dele, com um braço sobre o peito dele, e o seu cabelo estava elétrico e selvagem de terem feito amor. Ela leu o livro para ele, traduzindo as palavras desconhecidas.

— E foi dito que o grifo era a mais poderosa de criaturas, mas que tinha uma loucura dentro dele que nada poderia curar. Não podiam ser domesticados.

Sangue encharcava o terreno onde andou e, embora fosse um lutador incomparável, não poderia ser controlado, e era uma criatura selvagem que não conhecia a mão do homem.

Ela virou a página.

— Aqueles que viram um grifo foram marcados para sempre por sua aparência real, por seu coração violento e enlouquecido que não era visível na superfície. Sua pele dourada brilhava a luz do sol, e as asas o levavam tão alto quanto um Arcanjo. Mesmo sendo perigoso, era muito magnífico para se matar.

Virando-se, ela mostrou-lhe uma ilustração de um voo do grifo no céu ao lado de um anjo.

— Você pode imaginar?

A ira da memória borbilhava nele.

— Lendas como esta conduziam Osiris. Ele queria torná-las realidade. — As suas garras saíram. — O irmão de Alexander era um fundidor e decidiu fundir os seres vivos.

Deixando de lado o Grimório, Andromeda virou para encará-lo totalmente.

— Sinto muito, — disse ela, com a voz trêmula. — Eu sinto muito. Todo esse tempo, eu falei sobre o Grimório e nunca considerei como ele pode te machucar.

Naasir não queria que as suas palavras a magoassem.

— Os seus pensamentos e admiração por criaturas misteriosas não me machucam, — disse ele, a puxando para seus braços e enfiando a cabeça contra seu pescoço. — É divertido para você. Um jogo.

— Sério?

— Sim. — O coração de Andromeda não era maldoso e ela não tinha vontade de prender ou possuir quaisquer destas criaturas. — Eu gosto de ouvir as coisas que você tem a dizer.

Então, porque era hora, disse-lhe do mal que ocorreu no gelo.

— Antes eu não sabia sobre o Cascade, mas agora que eu sei, acho que Osiris ganhou suas habilidades na última. Ele era um Antigo como o seu irmão, teria estado vivo, então.

A cabeça de Andromeda se movia contra o seu peito enquanto ela balançava a cabeça.

— De acordo com a pesquisa de Jessamy, enquanto a Cascade afeta mais significativamente Arcanjos, também pode ter um impacto em uma pequena percentagem de outros anjos. — Ela acariciou o peito dele, correndo as unhas sobre a pele e o pelo fino que a cobria.

O acariciar tornou suportável entrar na morte e no escuro.

— Osiris tinha a capacidade de colocar duas coisas em conjunto e torná-las uma só. Uma habilidade que ninguém prestou muita atenção, pois ela parecia tão frívola. — No começo, ele fundiu objetos inanimados para a sua diversão e a de outros – uma cadeira com uma vassoura ou uma espada com uma pedra. Então, decidiu ver se poderia fundir duas coisas vivas juntas. — Tudo isto estava nos diários que Raphael guardou para Naasir.

— Ele começou com plantas e funcionou. Ele é responsável por muitas das flores mais extraordinárias do mundo – flores que não são de uma só cor, mas com muitas, ou que são tão incomuns como um híbrido, ninguém conseguiu descobrir como elas apareceram.

A respiração de Andromeda roçou o seu pescoço, a sua carícia fazendo os seus olhos se fechar.

— Depois de Raphael me encontrar e me levar para o Refúgio, eu costumava arrancar a parte superior de todas as flores que Osiris criara na minha frente, mas depois de algum tempo, decidi que elas o derrotaram e deveria ser-lhes permitido existir. Como eu, as flores viviam onde ele não fez.

— Em algum ponto, — Andromeda disse, sua mão fechada no seu peito enquanto a sua voz vibrava com raiva, — ele decidiu mudar das plantas para as pessoas, para as crianças. Como alguém pode justificar tal mal?

— De acordo com os seus diários, isso começou por acaso, encontrou um jovem moleque e o trouxe ao seu antigo laboratório no território de Alexander. Pretendia que o menino se tornasse um produto de limpeza. Mas, o seu cão de caça correu no quarto, e ficou impressionado com a ideia de fundi-los. Ele o chamou de um “momento de glória do gênio”.

Naasir puxou a perna de Andromeda para descansar em cima do seu corpo. Ela virou um pouco mais e varreu a sua asa sobre ele. O calor intenso, o cheiro dela, o trouxe para o presente feliz onde tinha a sua companheira nos braços e

Osiris estava morto há muito tempo, para nunca mais cometer as suas atrocidades novamente.

— Ele tentou fundir o menino e o cão, então. Os dois morreram em uma confusão distorcida de membros e órgãos. — O coração de Naasir enfureceu-se por saber que isso foi apenas o início do reinado assassino de Osiris. — O fracasso só alimentou seus desejos feios. Ele comprou as crianças de famílias pobres ou simplesmente as sequestrou, pagou caçadores e vagabundos para trazer para ele os animais jovens.

Levantando a mão de Andromeda à boca, beijou a sua palma, e forçou-se a lembrar da paz que sentiu sob o gelo. Nenhuma tristeza, nenhuma dor, nenhum horror.

— O menino que faz parte de mim cresceu sozinho, até ao filhote de tigre. Osiris roubou ou comprou o menino quando ele era um bebê – nunca descobri essa parte.

Ele passou a mão pelo cabelo de Andromeda, o juntou em sua mão, e então o soltou em uma explosão de cor e vida. *Lindo*.

— Em seus diários, ele nos chamou de sua esperança. — Um uso feio para essa palavra. — E, embora eu desejasse que ele nunca tivesse tido essa satisfação, ele conseguiu com o filhote de tigre e o menino. Osiris nunca percebeu como isso aconteceu e tudo o que eu posso dizer é que o filhote de tigre e o menino eram melhores amigos que ajudaram um ao outro a sobreviver. — O instante da mudança estava distorcido em sua memória, mas sabia que houve dor, tanta dor agonizante.

Andromeda levantou, a sua expressão despojada de todos os vestígios de civilização, e disse:

— Estou feliz que ele está morto.

Ele apertou-lhe a cintura com o braço que tinha ao redor dela.

— Tentei matá-lo imediatamente após a minha transformação, mas estava muito fraco. — Ele se sentia como se fosse uma boneca quebrada, seus membros inúteis e sua mente embotada.

— Levei meses e meses para começar a pensar claramente outra vez, embora os meus padrões de pensamento não fossem “humanos”. Nem era “animal”. — Em vez disso, uma fusão dos dois. — Eu tive que aprender a andar de novo, a

falar novamente. Osiris queria saber por que eu tinha duas pernas em vez de quatro, porque a forma do menino tomou precedência sobre a do filhote de tigre, então fez mais experiências.

Os olhos de Andromeda brilharam.

— Estou feliz que ele está morto, — ela repetiu, — mas, eu quero trazê-lo de volta à vida para que eu possa cortar o negro coração dele e dá-lo para ele para comer.

Naasir mostrou os dentes para ela.

— Eu sabia que você era minha companheira. — Ele a puxou com um aperto em torno de sua nuca, separou os seus lábios com os seus, e lambeu a sua língua contra a dela até a sua asa tremular sobre ele e a coxa dela se esfregar contra a sua.

Deslizando a mão sob a túnica para colocar a palma sobre o peito dela, ele rolou de costas. As suas narinas tremeram com o seu perfume. Movendo a mão para baixo em seu abdômen trêmulo, ele a colocou sob o cós aberto do jeans e roçou dois dedos através do seu calor molhado. Quando levantou a cabeça, os lábios dela estavam mais inchados do que antes e sua respiração era irregular.

— Mais alguma pergunta? — As pestanas protegendo os olhos dele enquanto observava a ascensão e queda do peito dela, ele circulou o seu polegar em torno da saliência escorregadia no ápice das suas coxas.

Segurando os seus bíceps com uma mão, ela tentou olhar para ele, mas o prazer continuava ondulando sobre ela.

— Fera.

Ele sorriu.

— Sua fera. — Beliscando em seu lábio inferior, ele usou os seus dentes para puxar a carne macia enquanto movia os dedos com uma destreza lúdica que a fez dar um gemido assustado e ter um orgasmo em pequenas ondas doces que ele queria lambe com a sua língua.

A boca dele ficou molhada.

Colocando os lábios em sua orelha, ele disse:

— Hoje à noite, você será a minha sobremesa após o jantar. Eu vou te lambe como se fosse mel, afundar as minhas presas na carne delicada e succulenta que tens entre as coxas.

O corpo dela estremeceu, as suas coxas apertaram a mão dele. Ela não se assustava quando as suas garras saíam, embora estivesse segurando carne tão macia e frágil. Nenhuma surpresa. A sua companheira era tão selvagem como ele e ela sabia que ele nunca a machucaria.

Dedos trêmulos tocaram o cabelo dele, mas os dentes dela em sua mandíbula eram afiados.

— Não se eu colocar a minha boca em você primeiro.

Ele rosnou e rasgou a calça jeans e, dez minutos mais tarde, Andromeda estava suada e nua em seu peito encharcado de suor enquanto o seu coração batia forte.

Quando Andromeda finalmente se levantou em seu peito para encará-lo, ela parecia deliciosamente usada, marcada por sua mordida e por seu beijo. E o carinho em seus olhos... Ele se deleitou com ela.

— Quanto tempo até termos de entrar? — Perguntou.

— Horas ainda. — Ela empurrou o cabelo para trás, úmido do suor, com as pálpebras semicerradas. — Não vá dormir ainda. Tenho uma pergunta.

Preguiçoso, ele não se preocupou em abrir os olhos.

— Hmm?

— O fato de que você é uma quimera não explica o seu vampirismo.

Naasir bocejou.

— Osiris estava receoso que eu não era uma verdadeira quimera imortal, que eu morreria antes de descobrir as suas respostas. Ele também queria manter-me como uma criança, por que seria mais fácil de controlar. — Especialmente depois do último ataque de Naasir, que deixara o rosto dele com marcas de destruição, feitas com garras.

— Não que ele estivesse a salvo de mim, mesmo que eu ficasse como uma criança. No dia em que Raphael me encontrou – após ouvir sobre o que Osiris estava fazendo de um mensageiro que viu mais do que deveria – eu saltei sobre Osiris do teto, agarrei-lhe os olhos e o fiz escorregar na escada. Seu crânio bateu forte o suficiente contra a pedra para deixá-lo inconsciente. — Nesse momento, Naasir arrancou a garganta dele e abriu a sua cavidade torácica. — Mas isso foi a racionalização de Osiris ao me fazer.

Horror e raiva colocaram a sua companheira rígida em cima dele.

— Fazer uma criança é estritamente proibido. As crianças ficam loucas se forem feitas. Eles morrem.

— Estive perto de morrer, mas talvez por ser uma quimera, eu sobrevivi não mais louco do que quando começou o processo.

— Você nunca foi louco.

— Eu era selvagem.

— Isso não é loucura. — Beijos em sua mandíbula.

Ele virou, descaradamente pedindo mais. Andromeda deu-lhe o que ele queria, seus lábios tão suaves quanto o seu amor era feroz.

Abrindo os olhos para que pudesse ver o amor feroz nos olhos dela, ele pegou-lhe na mão para beliscar e beijar as pontas dos seus dedos.

— Aqueles que sabem que comi o coração de Osiris dizem que, se calhar, eu sou tão forte, tão imortal, porque comi o coração de um Antigo quando ainda não estava amadurecido.

— Isso te incomoda?

— Não. — Naasir mostrou os dentes. — Gosto da ideia de ter consumido o meu inimigo e de ter feito o seu poder meu.

— Eu também, — disse a sua inteligente e selvagem companheira, os seus olhos brilhando.

— Você cresceu apesar de ter sido feito.

— Sim. — Ninguém esperava isso, aqueles que sabiam dele se prepararam para lidar com a angústia e dor de uma criança que nunca cresceu, mas cuja compreensão pode ficar progressivamente mais amadurecida. — Meus padrões de crescimento imitaram os das crianças angelicais.

Ninguém sabia o porquê, mas a teoria predominante era de que como ele era uma quimera, ele era já naturalmente imortal e, como tal, o seu corpo lutou contra as toxinas da de ter sido feito. No entanto, porque ele era pequeno e fraco, ele não venceu totalmente a luta e, assim, ganhou certas características vampíricas. — Tal como uma criança angelical, eu não tenho idade mensurável desde que me tornei um adulto. Podemos ficar juntos por toda a eternidade.

O rosto de Andromeda empalideceu, toda a felicidade desapareceu.

Rosnando, ele a colocou de costas e ficou em cima dela.

— Chega, companheira, — disse ele, em um tom que não era totalmente humano. — O que você está escondendo de mim?

Sua garganta se moveu, as palavras que ela falou eram ásperas.

— Amanhã, tenho de ir para a corte de Charisemnon.

Naasir franziu os lábios sobre os dentes.

— Você deve prestar uma homenagem ao seu Arcanjo? Eu vou com você para protegê-la.

— Não. — A respiração de Andromeda ficou irregular, como se estivesse encontrando dificuldade para extrair o ar em seus pulmões. — Eu sou obrigada a servir quinhentos anos em sua corte.

Naasir ficou imóvel em cima dela.

— Por que você está escravizada?

— Um voto de sangue familiar. Não pode ser negociado.

Naasir rosnou para a fatalidade em seu tom.

— Ninguém gosta do Charisemnon, — disse ele. — Apenas ignore a obrigação. — Ele mordeu o lábio inferior dela e, em seguida, mordeu novamente, porque ela estava escondendo coisas dele que a machucavam.

Com as unhas cravadas em seus ombros, ela estreitou os olhos. Ele passou a mão com as garras expostas em seu rosto em sinal de advertência. Ela não parecia ter medo dele.

— Gosto das suas unhas em mim, — disse ela com um sorriso. — Me arranhe mais fundo.

Um som distinto de *grrr* saiu da sua companheira.

— Não posso simplesmente não aparecer, — ela retrucou. — Você sabe como os Arcanjos são, eles podem lutar entre si, mas não vão apoiar a rebelião no seio das famílias uns dos outros.

— As coisas mudaram. — Naasir apoiou-se nos antebraços. — Raphael odeia Charisemnon por causa da queda. Ele vai aceitá-la sob sua proteção. — Porque ela era de Naasir e Raphael o apoiava.

Andromeda sacudiu a cabeça.

— Isso pode custar a ele a lealdade daqueles que, como Astaad, são mais tradicionais.

Naasir rosnou, mas não discutiu – ambos sabiam que ela estava certa. Astaad considerava Charisemnon um inimigo, mas se Raphael quebrasse uma proibição angélica tão profunda, poderia fraturar a sua aliança. E, qualquer luta interna ou discordância séria entre os aliados, daria a Lijuan uma fraqueza a explorar. Mas...

— Jason levou Mahiya longe de Neha.

— As nossas situações são muito diferentes abaixo da superfície. — Andromeda esperava, quando ouviu falar sobre a união, ter desenterrado tudo o que podia sobre a princesa. — O requisito de serviço é específico para a corte de meu avô.

— Eu odeio votos, — Naasir murmurou. — Agora que estamos acoplados, você não pode fazer mais votos.

— Que tal se eu me comprometer a te amar para sempre? — Uma pergunta suave.

— Isso é permitido. — Ele beliscou o seu nariz. — Eu também te amo, mesmo se você continuar a tomar os votos estúpidos que tenho de quebrar.

Ela mostrou os dentes para ele.

— Eu não escolhi este. — A raiva fez a sua voz ficar áspera. — Não quero ir, mas, se não fizer isso, Charisemnon me declarará uma pária com um preço pela minha cabeça. Mesmo que Raphael não se preocupe com o voto de sangue, alguém vai, ou eles só querem a recompensa. Eu serei caçada pelo resto da minha vida. — E Naasir seria caçado com ela. — Isso não é um tipo de vida aceitável.

— E o seu pai?

— Cato nunca iria contra o seu Arcanjo.

Os olhos prateados de Naasir miraram os dela.

— Você sabe que Cato não é seu pai de sangue. Por que você finge o contrário? Mesmo que Dahariel não tivesse lhe dado uma quantidade incomum de atenção, as suas asas ostentam marcas diferentes.

Andromeda desviou o olhar, mas Naasir agarrou a mandíbula dela, e a fez encará-lo novamente. Rendendo-se, ela admitiu a verdade.

— Eu estava tão feliz quando percebi, — ela confessou. — Achava que ele era valente, forte e inteligente, e ele é – mas ele também é capaz de crueldade bruta.

Ela tomou uma respiração irregular.

— Dez anos antes de eu partir para o refúgio, eu entrei em um quarto na casa dos meus pais e o vi torturar um rapaz mortal muito jovem. — Isso havia quebrado Andromeda, deixou seu coração em pedaços no chão, a esperança dentro dela se apagou. — Ele queria que eu soubesse, — ela sussurrou. — Ele podia ver as estrelas em meus olhos e queria apagá-las para me mostrar as suas verdadeiras cores. — Para ensinar a ela que, embora não estivesse focado em uma busca compulsiva de sensação como os seus pais, ele era impiedosamente determinado.

Andromeda pediu que ele soltasse o mortal. O homem que era o seu pai de sangue simplesmente levantou uma sobrancelha e sacudiu o chicote mais uma vez nas costas do menino, o fazendo gemer enquanto o sangue escorria de sua pele devastada.

Um coração mole pode ser uma fraqueza fatal no mundo imortal, uma isca para os predadores. Se quiser sobreviver, você faria bem em aprender com o meu exemplo.

Em vez disso, Andromeda vomitou.

— Dahariel é um bastardo, — Naasir concordou. — Mas, ele também é o segundo de Astaad, e pode solicitar refúgio para você. Ninguém vai interferir porque você é filha dele.

Andromeda sabia que ele estava certo; os Arcanjos e anjos velhos consideraria isso um assunto particular de família, desde que Dahariel – e, portanto, Astaad – tinham tanto direito a ela como Charisemnon.

— Eu perguntei a ele, — ela admitiu em voz baixa. — Cinquenta anos atrás. — Ela estava desesperada o suficiente para não se importar com a humilhação, sabendo que, embora Dahariel fosse cruel, a corte de Astaad não era nada como a de Charisemnon.

A expressão de Naasir endureceu.

— Ele disse não a sua própria filhote? Anjos amam os seus filhos.

— Acho que ele me ama em sua própria maneira distorcida. — Isso foi o que fez o seu abandono machucar ainda mais. — Ele me disse que havia me dado o que ele era capaz de dar, e que continuaria me treinando, mas em todos os outros assuntos, eu estava sozinha.

— Muita coisa mudou em cinquenta anos.

— No entanto, ele nunca fez a oferta, apesar de eu tê-lo visto muitas vezes em nossas sessões de combate. — Ela acariciou o cabelo de Naasir. — Eu não acho que o vínculo já formado seja profundo o suficiente para ele me reivindicar como sua própria descendente, ele não sabia que eu era filha dele até quase 50 anos depois do meu nascimento, quando as minhas asas se estabeleceram em seu padrão adulto final. Por essa altura... já era tarde demais para ele me ver como um bebê. — Para sentir os instintos protetores de um pai.

— Então você quer que eu espere quinhentos anos?

Sim.

— Não posso exigir isso, — ela disse em voz alta, mesmo enquanto a sua alma se rasgava em duas.

Ele rosnou para ela, tão alto e com tanta raiva, que ela se assustou.

— Você irá com os outros na corte de Charisemnon?

— Não! — Ela empurrou os seus ombros, mas ele se recusou a mover-se. — Por que você diria uma coisa tão horrível?

— Por que você diz que eu não deveria esperar por você? — Foi um rosnado. — Se você é minha, você é minha. E eu sou seu. Hoje, amanhã e sempre.

Andromeda começou a chorar. Muito forte, soluços intensos que continham toda a sua dor, todo o seu amor, todos os seus sonhos. Rolando sobre suas costas, Naasir a colocou sobre si, e fez sons calmantes em seu peito enquanto acariciava seus cabelos e suas costas.

— Me desculpe, eu rosnei para você, — disse ele, a acariciando. — Não iria machucá-la.

— Eu sei, — ela disse, no meio das lágrimas.

Fungando, ela afastou a última das lágrimas alguns minutos mais tarde, e ficou em cima dele.

— Não chorava por causa disso. Eu chorava porque você é maravilhoso e não posso suportar a ideia de deixá-lo.

— Deve haver uma maneira.

— É um voto de sangue.

— Eu sou uma quimera que foi feita de um menino pequeno e feroz e de um igualmente pequeno e feroz tigre. Eu consigo pensar em uma maneira de sair. —

Ele não deixaria a sua companheira acabar na corte do Arcanjo de Pragas e Doenças.



AG

Um dia depois, no entanto, ele teve que vê-la partir para essa mesma corte.

— Quinhentos anos, — disse ela com uma mão no peito, sobre o coração que batia para ela. — Será que você realmente vai esperar?

— Se tiver que esperar, eu vou, — disse ele, tomando a boca dela em um beijo voraz. — Mas eu não vou. Preste atenção em mim. Eu virei buscá-la. — Ele fechou ambas as mãos em seu cabelo. — Permaneça viva. — Ele conhecia as feias regras da corte de Charisemnon, conhecia os horrores que ela enfrentaria.

— Eu vou, — prometeu ela, mas em seus olhos, ele viu o conhecimento de que isso podia não ser o suficiente.

A morte tinha muitas formas. Nem todas eram do corpo.

50

Uma semana depois da despedida, Andromeda não podia deixar de olhar para fora, através das portas da varanda de seu quarto, e para a paisagem. Ela sabia que era impossível para a quimera selvagem dela encontrar uma resposta para um voto de sangue devido a um Arcanjo, mas esperava isso, no entanto. Ele se esgueiraria para vê-la o mais rápido que pudesse, isso ela sabia sem qualquer dúvida, embora tivessem tido comunicação zero desde que se separaram.

Andromeda não se atreveu a levar um telefone. Podia ser tirado dela, e uma vez tomado, Charisemnon saberia que Naasir era o seu coração, não um simples flerte sexual. Seu avô encontraria uma maneira de usar isso, de tornar o puro em feio.

Quinhentos anos.

Ela lutaria para sobreviver... mas podia não conseguir manter-se igual.

Hoje, o seu avô a chamou para uma tarefa especial. Ela viu o vampiro marcado com estacas no pátio, viu os instrumentos de tortura, e sabia que não pegaria esses instrumentos. Então, eles se voltariam contra ela.

Porque ela era uma princesa da corte, o seu corpo nu seria marcado com estacas em um calabouço, não em público. E a sua tortura não estaria em mãos inexperientes, mas nas mãos do Mestre Torturador do Charisemnon. O objetivo do

alto e magro anjo seria o de quebrá-la pedaço por pedaço. Até que se tornasse igual a Cato, ficasse como Lailah.

Filha e pai adotivo levantados lado a lado.

Cascas vazias repintadas à imagem de Charisemnon.

Pela primeira vez ela entendeu que talvez os seus pais estivessem juntos porque ninguém mais conseguia entender ao que eles sobreviveram. Um tipo quebrado de amor, mas amor, apesar de tudo.

Sentindo-se agitada no seu interior e a pele ficando quente, depois fria, ela vestiu seu uniforme: calça marrom escura e uma túnica marrom mais clara, com o padrão de uma árvore impresso em preto no lado esquerdo o mesmo tipo de árvore sob a qual ela amara Naasir. Com a memória de um segredo mantido dentro dela, ela puxou o cabelo para trás em uma trança apertada e amarrou a sua espada.

Não há mais tempo.

Naasir. Lute por Naasir. Não permita que eles o roubem de você.

Ela saiu, caminhando pelos corredores até ao átrio interior da corte de Charisemnon. O cheiro de álcool, bem como o de fortes substâncias narcóticas que tinham um efeito sobre a fisiologia imortal, pairava no ar, um número de cortesãos ainda caídos sobre as mesas onde estiveram na noite passada.

Asas arrastavam-se molemente no chão pegajoso, e um vampiro eviscerado dormia em uma espreguiçadeira com o braço possessivamente em torno de um esbelto menino mortal, que não poderia ter mais de dezesseis anos. Ao ouvir um grunhido, ela olhou para cima, e viu um dos generais angelicais de seu avô copulando com uma vampira que já tinha contusões das suas garras na carne dela, mas que parecia gostar de ser fodida em uma mesa de jantar.

Continuando sem parar através da corte, contornando corpos caídos e torcidos, e ignorando propostas arrastadas, ela caminhou para as grandes portas. Esculpidas com cuidado requintado e incrustadas com ouro e pedras preciosas, as portas eram tão marcantes como o coração de seu avô estava podre. Os guardas – com olhos perspicazes e alertas – abriram logo as portas para ela e ela seguiu para o santuário interno.

Engoliu a sua repulsa antes de entrar pela porta desprotegida, tendo de lutar para atravessar as cortinas de seda penduradas no quarto. Charisemnon

estava deitado na cama, seu anteriormente saudável e musculoso corpo agora murcho e marcado com cicatrizes. A doença que ele espalhara se virou contra ele como um cão vicioso. O fato de estar recuperando a saúde, apesar disso, não era nenhuma surpresa.

Afinal, ele era um Arcanjo.

As cicatrizes acabariam por desaparecer. A seda amarrotada de seu fino cabelo fino cor de mogno engrossaria, a massa muscular voltaria. Ele seria um homem bonito no exterior novamente, um Arcanjo de cabelos escuros com pele dourada e olhos da mesma tonalidade profunda, mas com lascas de castanho dentro deles, os lábios perfeitos e exuberantes, cheios com uma promessa sensual.

Mortais e imortais nem sempre mostram a sua feiura em sua pele.

Mantendo os olhos escrupulosamente distantes das meninas muito jovens que estavam deitadas nuas ao redor de Charisemnon, Andromeda olhou diretamente para o rosto de seu avô.

— Sire, — disse ela, a deferência perfurando sua garganta.

— Ah, minha querida Andromeda, — Charisemnon respondeu com uma voz que ficara arranhada depois da sua doença. — Meu mordomo me disse que você está se acomodando.

— Sim, sire.

Charisemnon não respondeu imediatamente, distraído por uma menina que havia despertado. Essas meninas, jovens concubinas de Charisemnon, tiveram uma lavagem cerebral tão grande que se esfaqueariam umas às outras na parte de trás da cabeça para ficar nas boas graças dele.

Quando se tornassem muito velhas para os gostos dele, as meninas se tornariam cortesãs e empregadas das senhoras que preparavam outras meninas para tomarem o lugar delas. Isso deixava Andromeda doente, mas não via nenhuma maneira de parar isso. Ela tentou falar com a safra mais recente de meninas, se ofereceu para encontrar uma maneira delas saírem, mas elas riram e disseram a ela que tinham sorte de estar na corte.

— Se eu servir ao senhor, — uma criança bonita dissera, — meu valor aumentará quando chegar a hora para o casamento. Meu marido terá a honra de casar comigo.

O triste era que ela estava certa: Charisemnon condicionou seu povo a aceitar as suas perversões como uma honra. Tudo o que Andromeda podia fazer era manter os olhos alertas para alguma menina que não parecesse ser tão disposta. Se e quando isso acontecesse, ela encontraria uma maneira de ajudá-la.

— Tenho uma tarefa para você, neta, — disse Charisemnon, com uma mão no peito recém-florescido da criança na cama com ele.

Náuseas torceram o seu intestino.

— Sire. — Tudo o que tinha a fazer era permanecer viva. Se estivesse viva, havia esperança. Naasir estava lutando por ela. Ela lutaria por ele. Até ao seu último suspiro, ela lutaria e seguraria a sua sanidade e sua alma.

— Hmm. — O sorriso de Charisemnon estava torcido. — Eu tinha a intenção de você provar a sua linhagem à corte esta manhã, pois nenhum de minha linha pode ser visto como fraco.

— Vocês testemunharam a minha habilidade com a espada.

Charisemnon acenou.

— Você é conhecida como uma historiadora. Uma princesa da corte precisa ser mais cruel.

Suor estourou na espinha de Andromeda.

— Sim, sire.

— Como eu disse, esse era o meu plano, mas terá que esperar pelo seu retorno.

Andromeda não sentiu qualquer alívio ao indulto, consciente de que o pior poderia estar esperando.

— Meu retorno?

— Parece que Alexander deseja falar com você.

Atordoada demais e instável para esconder isso, ela apenas olhou para o avô.

O sorriso de Charisemnon aprofundou-se, como se gostasse do seu choque.

— Ele sente que você merece uma recompensa por sua parte em salvá-lo.

Com o peito apertando e a pele fria, Andromeda disse com cuidado.

— As minhas ações não tiveram um efeito negativo no seu relacionamento com o Arcanjo Lijuan? — Ela esperava por esse machado especial cair desde o seu regresso.

Charisemnon empurrou as meninas. Treinadas e obedientes, saíram da cama e saíram sem nada para cobrir os seus corpos nus. Deixando a cama enquanto ela desviava os olhos, Charisemnon vestiu uma túnica cor de merlot amadurecido e virou-se para ela.

— Elas poderiam, e você será punida por não esclarecer as suas ações comigo, — disse ele, e de uma só vez, ele não era mais um homem com apetites doentios, mas um Arcanjo, o seu poder ofuscante. — No entanto, como Alexander claramente tem sentimentos ternos por você, não há nenhuma razão para não podermos tirar partido disso.

— Você deseja que eu cative Alexander? — Ela perguntou, sua expressão educada e respeitosa, embora sentisse como se estivesse tentando se equilibrar em uma corda bamba tão fina que cortaria as solas dos pés. — Não irá enfurecer Lijuan e ameaçar a sua aliança?

— Alexander é um Antigo. — Charisemnon serviu-se de uma bebida de uma garrafa opaca. — Se pudermos ganhar o favor dele, Lijuan torna-se menos importante.

Andromeda não enganaria a si mesma pensando que o seu avô estava lhe dando a sua confiança.

— Claro, sire.

Os lábios de Charisemnon se achataram após pousar o copo, os olhos eram lascas de gelo. — Lijuan nunca deveria ter tomado uma criança da minha linhagem, e ela deveria ter me informado dos seus planos para Alexander.

Ah. Andromeda sabia que ela não significava nada para Charisemnon como pessoa, mas como um símbolo de seu governo, sim. Lijuan cruzara uma linha aí. Mas, mesmo isso, suspeitava, não teria sido suficiente sem esta transgressão.

Apertando o cinto de seu manto, Charisemnon zombou.

— Eu teria sido capaz de garantir o sucesso da missão. Ela foi uma tola por me ignorar.

— Sim, sire. — Andromeda esperou para ver se havia algo mais, mas Charisemnon a dispensou após declarar que Alexander estaria na casa dos pais dela no dia seguinte e que ela deveria voar para lá hoje urgentemente.

Lutando para não vomitar de alívio pelo adiamento temporário da tortura, Andromeda saiu imediatamente, recusando a oferta de uma escolta do Mestre da

Guarda. Ela era uma historiadora guerreira e companheira de uma quimera selvagem; ela conseguia deslocar-se de um lado do território para o outro sem guardas.

Decolando, ela ficou abaixo das nuvens brancas de algodão-doce, baixo o suficiente para que pudesse ver as terras sobre as quais voava. Demorou cerca de 30 minutos para sair da cidade, o centro no qual estava o vasto reduto de Charisemnon e para o deserto deste território inspirador. Uma manada de antílopes correu embaixo dela durante, pelo menos, uns três quilômetros, como se fizessem uma corrida com a sua sombra, e ela viu elefantes caminhando com pompa régia, hipopótamos nadando nos rios, grupos de babuínos batendo e lutando abaixo das árvores espaçadas.

Seu coração inchou.

Parecia tão injusto que toda essa generosidade estava nas mãos causadoras de doenças de Charisemnon. Se a vida fosse justa, ele teria uma terra tão estéril quanto a sua alma, e a chuva negra de Lijuan não se manifestaria como a beleza de diamantes negros brilhando com gotas de água.

Acompanhando uma corrente ascendente, ela forçou a sua mente sair desse caminho escuro e a encheu com pensamentos do amor de Naasir por sua terra natal. Ele lhe disse que a veria tão frequentemente quanto pudesse, para correr com os animais. Ela adorava isso, adorava que alguém tão corajoso, honrado e puro encontrasse prazer nesta terra. Ele devia ser o único responsável por este território – embora provavelmente não fosse querer o trabalho.

Ela parou por um tempo na costa de um lago pequeno que ondulava com a luz solar, odiando ter de passar mais tempo na casa dos pais do que o necessário. Era melhor do que a corte de Charisemnon, mas melhor era uma questão de degraus. Sua simpatia pela infância de Lailah e Cato não se estendia para a torpeza deles.

A noite já caíra no momento em que finalmente chegou, e embora tentasse dormir, ela passou a noite no telhado, olhando para as estrelas.

— Naasir, — ela sussurrou, sua fé no amor dele o fundamento da sua nova existência. — Eu sinto a sua falta, meu coração.

Ele não apareceu na savana desta vez, não a derrubou na terra.

Houve apenas a noite e o silêncio.



Na manhã seguinte, ela voou para pousar em uma colina, e viu os céus se converterem de uma insinuação de cinza para o romper do amanhecer e, em seguida, para um empoeirado e suave azul, nunca visto em nenhum outro lugar na terra. Se pudesse, ela se encontraria com Alexander aqui fora. Mas, quando o Arcanjo apareceu no céu noventa minutos depois, as suas asas brilharam à luz do sol de uma forma que trouxe Naasir vividamente à sua mente e sufocou a sua garganta com desejo; ele mergulhou as suas asas para mostrar que a viu, mas continuou para ir para seus pais.

Andromeda forçou-se a fazer o mesmo.

Ao contrário da simples túnica verde-mar de Andromeda e calças pretas, Lailah e Cato colocaram roupas formais. Andromeda fez as apresentações, esperando estar seguindo os protocolos corretos. Ela nunca tivera razões para saber como introduzir um Antigo a outros anjos poderosos, mas, uma vez que ninguém a censurou, ela deve ter conseguido.

— Por favor, — disse a mãe dela, levando Alexander para a área de recepção formal, elegante e decorada com obras de arte de valor inestimável.

Andromeda levou alguns minutos para perceber que tanto Lailah como Cato estavam intimidados por Alexander.

— Sua filha colocou a vida dela em risco para salvar a minha, — Alexander dizia, seu corpo vestido com as roupas de um guerreiro, as cores cinza de carvão vegetal e austero preto. — Não sou um homem que se esquece dessas coisas.

— Ela sempre foi forte, sempre teve uma vontade mais formidável do que muitos adultos.

Espantada e assustada com o orgulho que ouviu na voz de sua mãe, Andromeda olhou para ela, mas Lailah voltou a sua atenção para Alexander. Seu rosto estava bem vincado de perfil, a suave pele de mel escuro impecável, e o seu cabelo encaracolado bem esticado em um rabo de cavalo.

Ao lado de Lailah, Cato parecia um fantasma pálido, a sua pele nunca teve o calor do sol e seus olhos eram de um azul desbotado, que eram assustadoramente

belos, no entanto. Cabelo loiro fino caía sobre os seus ombros, a sua cara era uma que muitos pintores desenharam. Eles sempre o desenhavam como um inocente.

— Sim, — Alexander disse no pequeno e tranquilo silêncio que caiu. — A sua filha é forte para um anjo da idade dela, e tem coragem suficiente para disparar uma besta em um Arcanjo para salvar outro. — Um leve sorriso. — É por essa razão que eu gostaria dela na minha nova corte.

Andromeda congelou.

Naasir.

Ele fez isso. De alguma forma, o seu furtivo e inteligente companheiro fizera isso.

Do outro lado de Alexander, os rostos de seus pais ficaram chocados. Sua mãe foi a primeira a se recuperar, seus olhos castanhos dourados enormes.

— Deseja a nossa filha para ser uma de suas cortesãs?

— Não tenho cortesãos como tal. — O tom de Alexander era legal. — No entanto, eu tenho guerreiros e eruditos em meu círculo. E devo reconstruir a minha corte depois de tantos deles serem assassinados lutando ao lado de meu filho.

Um frio encheu a sala de repente, o poder de Alexander era uma pressão agonizante contra os tímpanos de Andromeda, as suas asas começaram a brilhar com um brilho que ninguém queria testemunhar. Não porque não era glorioso – *oh, isso era* – mas porque Arcanjos geralmente brilhavam antes de dispensarem morte, cruel e final.

— Sinto-me honrada, — Andromeda disse, quando pareceu que os seus pais ficaram mudos. — Uma posição na corte de um Antigo geralmente nunca é oferecida a um anjo tão jovem.

Os lábios de Alexander curvaram-se e, naquele instante, ela podia ver o “belo guerreiro” descrito em histórias de seu reinado. Mas, não podia vê-lo como um homem, porque nos seus olhos ela viu tantos anos que ameaçava esmagar tudo. Não sabia que mulher seria capaz de lidar com o poder absoluto dele. Caliane? Mas Caliane ainda estava famosamente apaixonada pelo companheiro que foi forçada a executar.

Ninguém mais no planeta era igual a Alexander em poder e idade.

— Ah, mas você não é comum, não é, historiadora? — Os olhos de Alexander encararam os dela. — Poucas pessoas ousariam dizer a um Antigo Adormecido: Escute, seu maldito!

Enquanto os seus pais se engasgaram com chocada descrença, Andromeda se encontrou sorrindo.

— Em minha defesa, eu tentava salvar sua vida, e você estava sendo terrivelmente arrogante e mal-humorado.

Jogando a cabeça para trás, Alexander riu, o som enchendo a sala de uma maneira que a fez entender por que ele tinha uma amizade com Titus. O Arcanjo da África Austral também ria com tal aberto prazer e imaculado divertimento.

— Sim, — Alexander disse depois, — você não é comum, Andromeda. — Com o sorriso ainda nos lábios, ele se voltou para seus pais. — Fui informado que a sua filha está vinculada por um voto de sangue, que ela não pode aceitar a minha oferta.

— Oh, — disse o pai, em tom reverente. — Se nos der um momento, vamos falar com o Arcanjo Charisemnon. Ele é o único que pode libertá-la.

Nem Andromeda nem Alexander disseram uma palavra enquanto os seus pais estavam fora da sala. Para Andromeda, havia muito em jogo, e um Antigo provavelmente tinha outras preocupações em sua mente. Como reconstruir seu palácio e recuperar o seu território. Ele não tinha tempo para vir até aqui para oferecer a Andromeda um lugar na sua corte, não importa qual o papel que ela desempenhou em salvar sua vida, para não mencionar que era um risco de segurança, dado o seu estado debilitado.

Como Naasir fez isso?

Sufocando a sua curiosidade e tentando não permitir que a esperança queimasse muito brilhante, ela esperou. Quando a sua mãe voltou para a sala, Lailah disse: — Andromeda, o seu avô gostaria de falar com você no estúdio.

Andromeda se desculpou, e foi rapidamente para a sala com a tela grande que atualmente hospedava o rosto devastado de Charisemnon – sombreado de uma maneira para parecer que ele não tinha cicatrizes. Seu pai saiu no instante em que ela entrou.

— Sire, — disse ela, em uma profunda reverência. — Você já ouviu a notícia?

— Sim, — os olhos de Charisemnon brilhavam, ambicioso e satisfeito. — Você deve aceitar. Ter um do meu sangue na corte de Alexander é um golpe inimaginável.

— Sou obrigada a ficar pelo meu voto de sangue.

Charisemnon acenou com a mão.

— Eu a liberto da promessa.

Seu sangue trovejou, a sua cabeça girou. Sentindo o seu estômago formigar e conseguindo ficar de pé apesar dos seus joelhos ameaçarem dobrarem-se, ela encontrou o olhar de seu avô.

— Acredito que o Antigo vai querer ouvi-lo dizer isso mesmo. Ele é da velha guarda e apto a ser tradicional sobre esses assuntos. — Ela esperava que Alexander fosse apoiá-la porque precisava dele como testemunha. Ninguém jamais questionaria a palavra dele. — Devo buscá-lo?

— Sim. Gostaria de falar com ele.

Caminhando de volta para a sala de recepção com as pernas bambas, ela fez o pedido. Os olhos de Alexander mostraram uma diversão inesperada quando se levantou e caminhou com ela.

— Agradeço a sua indulgência, — disse o Antigo para seu avô quando Charisemnon formalmente a liberou do voto de sangue. — É uma perda enviar tal neta à corte de outro.

— Ela será sempre da família, — disse Charisemnon, mais uma vez um pulsante Arcanjo com o poder. — Espero que isso resulte em fortes laços entre as nossas duas cortes.

Alexander inclinou a cabeça um pouco, e Charisemnon aparentemente não notou que o Antigo realmente não concordara.

— Você precisa fazer as malas? — Alexander perguntou assim que a conversa terminou, seu tom curto e profissional.

— Não. Posso ir agora. — Ela tinha a sua espada; tudo o resto, ela e Naasir descobririam mais tarde.

— Bom. Devo voltar para o meu território. — O Antigo voltou para se despedir dos pais dela ainda um pouco perplexos, deu-lhe um minuto para pegar um pequeno saco de alimentos secos de alta energia para a viagem, então ordenou que ela o seguisse para fora.

Andromeda deu um rápido adeus a Lailah e Cato, se assustou quando sua mãe a abraçou e sussurrou:

— Voe livre, minha filha. Seja o que eu nunca pude ser e deixe a gaiola para sempre.

Andromeda ficou a olhando, as palavras assombrosas ecoando dentro da sua mente, mas na frente dela, Lailah foi mais uma vez a mãe cruel e linda que ela sempre conheceu, e Alexander estava no ar.

Ela decolou.

Não havia nenhuma maneira de que Andromeda poderia manter o ritmo de Alexander, embora estivesse com toda sua força. Era uma impossibilidade física para qualquer anjo jovem. No entanto, o Antigo ficou com ela até a fronteira. No instante em que eles chegaram ao mar, ele disse a ela para encontrar o caminho para o território dele em seu próprio ritmo, em seguida, voou alto e rápido, para voltar para casa com o povo que lhe necessitava.

Andromeda não se demorou, batendo suas próprias asas tão forte quanto podia para chegar ao porto seguro. Ao contrário de Alexander, ela não poderia fazer a viagem de uma só vez. Ela precisava descansar, e quando o fez, escolheu lugares isolados. Levou mais de trinta e seis horas para chegar ao território de Alexandre; o sol começava a se pôr no oeste, seus raios dourados iluminando o céu. Não tendo certeza para onde ir, ela caminhou para a aldeia da Irmandade.

Manteve-se nas ruínas.

Deu-se conta que a Irmandade da Asa deveria ter mudado para o palácio. A ponto de virar nessa direção, ela viu que a casa em que ela e Naasir ficaram estava na posição vertical e em bom estado.

Andromeda estava muito aliviada para questionar por que aquele edifício foi reparado. Precisava de um lugar seguro para descansar e para encontrar orientação, e esta pequena casa com suas recordações de Naasir serviria. Era um

pálido substituto para o homem que amava, mas era melhor do que qualquer coisa que tivera antes da oferta de Alexander. Amanhã de manhã, localizaria o mordomo da corte dele e descobriria suas funções.

E, certamente, Alexander não se importaria se Naasir a visitasse.

Esperança como uma chama em seu coração quando empurrou a porta da casa, foi ao banheiro e descobriu que o encanamento funcionou. Agradecida, se despiu e lavou a poeira e areia de sua viagem. Quando desligou a água e saiu depois de torcer o cabelo para secar, seus olhos instintivamente se dirigiram para a parte de trás da porta do banheiro. O manto negro de seda pendurado lá parecia novo... e tinha o Grimório em um bolso.

Andromeda dera a Naasir para que levasse para Jessamy.

Empurrando os braços nas mangas, ela o amarrou de qualquer jeito e entrou correndo na sala. O sorriso iluminou seu rosto enquanto corria para saltar na cama sobre o homem que estava deitado tranquilamente sobre ela.

— Como você entrou?

Olhos prateados brilharam para ela com fingido insulto.

— Você acabou de me fazer essa pergunta? — Pegou o Grimório e colocou em uma pequena mesa. — Grimório estúpido.

Rindo, ela encheu o rosto dele com beijos. Naasir abriu o roupão e colocou as mãos dentro para apoiá-las contra sua pele molhada enquanto a abraçava e virou o rosto para que ela pudesse cobri-lo de beijos inteiramente.

— Senti sua falta, — disse ela entre cada beijo. — Senti sua falta. Senti sua falta.

Seu peito retumbou sob ela, sua pele contra as listras de tigre.

— Você deveria sentir minha falta. Eu sou seu companheiro.

Ele parecia tão convencido que ela o beijou novamente.

— Por que você não veio? Eu esperei e esperei! — Batendo a mão no peito dele, ela sentou-se sobre os joelhos. — Procurei por você todas as noites.

Franzindo o cenho para ela, ele disse:

— Eu precisava pensar em uma maneira de tirar você das garras de Charisemnon. — Ele mostrou os dentes. — Então eu tive que procurar Alexander e apontar que ele nos devia um favor muito grande.

Ela ficou boquiaberta.

— Você realmente disse isso a ele? — Saiu num sussurro agudo.

— Por que não? — Com as mãos atrás da cabeça, ele deu de ombros. — Alexander sempre foi conhecido por sua honra, e ele gosta de você.

Ainda surpresa de que ele descaradamente foi até um Antigo e exigiu um pagamento, ela estremeceu.

— Ele poderia ter matado você com raiva. — E ela poderia ter o perdido para sempre.

— Não. Ele gosta de mim também. — Sorrindo, ele a puxou para baixo e mudou de posição, de modo que ela estava presa debaixo dele. — Ele tentou me roubar de Raphael, mas não posso ser roubado.

Acariciando seu rosto e sentindo bem o revestimento quase invisível que às vezes aparecia com as listras, Andromeda sentiu seus olhos arderem.

— Eu estava com tanto medo. — Uma confissão entrecortada.

Sua expressão se fechou.

— Alguém te machucou?

— Não. — Sua quimera selvagem não precisava saber o quão perto chegara, a única coisa que não lhe contaria, porque isso causaria dor sem motivo. — Eu sabia que você viria.

Seus olhos lhe disseram que viu seus segredos de qualquer maneira.

— Eu sabia que você seria forte, que permaneceria viva, não importa o que acontecesse.

Com os olhos ardendo e úmidos, ela o abraçou e foi abraçada por um longo tempo.

Quando Naasir se moveu, foi para tirar algo do bolso.

— Isto é para você.

Surpreendida pela forma como ele abaixou a cabeça, como se fosse tímido, ela olhou para baixo. Levou as mãos para a boca.

— Para mim?

— Os companheiros usam âmbar. — Afastando a mão de sua boca, Naasir deslizou em seu dedo o anel de ouro que trazia a pátina⁷ de antiguidade.

Esse coração era um âmbar mais escuro.

⁷ Revestimento envelhecido, artificial ou não pela oxidação do composto orgânico ou metal, conferindo uma tonalidade esverdeada.

— *Oh*, — ela sussurrou, olhando para ele, suspirando e sorrindo. — Você me deu âmbar. — Ela tocou o anel com os dedos da outra mão enquanto fazia ruídos incoerentes de alegria. — É tão bonito.

— Ele tem uma história, — Naasir disse a ela, abertamente presunçoso com sua alegria. — Pensei que você gostaria mais disso do que um anel novo.

— Sim. Muito. — Ela sufocou seu rosto com beijos novamente. — Eu desenhei um anel para você, — ela admitiu timidamente depois. — No entanto, ainda não o pude fazer. — Risco muito grande de que seu avô se inteiraria que estava unida profundamente com alguém. — Terá o meu nome escrito no interior, — acrescentou ela, desafiando-o a discutir.

Os olhos de Naasir brilharam.

— Porque eu sou seu território. — Uma mão com garras lhe acariciou a bochecha. — Companheira possessiva.

— Sim. Muito. — Ela estalou os dentes contra ele.

Rindo, ele revidou em resposta e eles brigaram na cama como dois grandes felinos. Ela estava sem fôlego no momento em que acabou debaixo dele novamente. Soprando seu cabelo do seu rosto, ela disse:

— Conte-me tudo sobre como exatamente você conseguiu que Alexander estivesse de acordo. — Descarado e corajoso, seu companheiro a surpreendeu.

Naasir suspirou.

— Podemos ficar no cio primeiro? — Apertando sua considerável ereção contra ela, ele fechou a mão sobre seu peito nu. — Eu quero você.

Andromeda estremeceu. Espalhando suas coxas, ela colocou os braços em volta do seu pescoço. Ele aprofundou seu beijo enquanto seus dedos acariciavam e roçavam entre as coxas. Quando enfiou os dedos dentro dela, ela arqueou as costas, levantou-se para a sua reivindicação, mas ele não havia acabado. Traçando um caminho de beijo pelo corpo dela, lambeu e a chupou com uma brincadeira felina que a teve se contorcendo na cama, o roupão que ainda usava torcendo ao redor dela.

Atraindo a parte inferior do corpo dela para mais perto da boca dele com uma mão forte sob suas coxas, Naasir lambeu entre as coxas e a levou diretamente a um orgasmo doloroso, então ele continuou. Dentes esfregando a fez gemer e ficar

ainda mais molhada, mas ele estava apenas brincando. Ele brincou com ela como se fosse seu mais delicioso brinquedo favorito.

— *Naasir*.

Um grunhido rugiu contra ela, uma sucção molhada em seu clitóris. Seu estômago tencionou, sua coluna arqueou em uma curva e ela gozou mais uma vez. Derretida, ela gemeu quando ele raspou os dentes levemente em sua parte interna da coxa, em seguida, voltou para lambar, saborear e chupar. A respiração de Andromeda estava tão entrecortada que quase doía, e o prazer era o sangue em suas veias.

Quando ele raspou suas presas sobre a parte interna de sua coxa uma segunda vez, ela tremeu.

E ele mordeu.

Gemendo, ela apertou a mão em seu cabelo e se rendeu ao beijo de sangue de seu companheiro.



Naasir bebeu até ficar saciado; não havia nenhuma batalha para lutar esta noite e ele trouxe um pacote de comida para sua companheira. Depois, a alimentaria, acariciaria e falaria com ela. Agora ele bebeu dela e ela era intoxicante. Seu perfume quente, almiscarado, e saciada em torno dele, o seu sangue quente em sua língua e a perna livre em suas costas quando a puxou com força.

Tremendo, Andromeda sussurrou seu nome novamente e fez seu pênis pulsar. Ele acariciou a coxa dela enquanto se alimentava, desfrutando da sua sensação sedosa. Ela era tão suave e ainda assim havia força nela. Ele queria treinar com ela, queria cruzar as lâminas com ela, queria deitar nu na cama com ela e provocá-la.

Lambendo as pequenas feridas para fechá-las após finalmente estar cheio, se levantou sobre ela. Ela tinha as pálpebras pesadas, os lábios inchados e os seios corados. Erguendo a mão, ele a puxou em sua direção quando levantou a coxa dela

e empurrou seu pênis em seu canal apertado e liso. Ele a beijou enquanto se mexiam juntos e ela o abraçou por toda parte.

Não era como ele imaginara este ato, quando pensara em estar com sua companheira. Ele sempre pensou que seria duro e áspero. Isto era quente, suave, e ele gostava. Acariciando novamente a coxa dela enquanto se movia, continuou a beijá-la. Suas línguas brincando entre si, e quando ela fingiu morder a dele, ele rosnou e ela riu.

Beliscou seu nariz e apertou sua coxa.

Seu sorriso se aprofundou e ela o abraçou com mais força ainda, fechando as pernas em torno dele.

— Eu te amo.

— Eu sei.

Rindo novamente, com os olhos brilhantes cheios de luz do sol, ela reclamou outro beijo. E continuaram jogando o seu pequeno jogo sexy que o fazia profundamente feliz. Quando ela o apertou em um surpreendente orgasmo, ele a montou, se inclinando para chupar e lambe seus seios até que ela gemeu e puxou sua cabeça.

Ele adorava beijá-la, e colaborou com sua exigência silenciosa. E quando chegou ao orgasmo, ele a deixou toda pegajosa, até que todo o corpo dela tinha o cheiro dele. Esfregando a bochecha contra a dela no final, ele deitou sobre ela durante um longo tempo, certificando-se de manter seu peso em um braço para não esmagá-la. Quando finalmente se virou de costas, ela fez um som de queixa sonolento.

Ele a abraçou contra seu peito, as asas dela se espalhando sobre a cama e sobre o peito. Bocejando, ele acariciou a asa dela e disse.

— Negocieei a sua volta para o Refúgio.

— Hmm. — Ela colocou a mão sobre o coração dele, seu toque possessivo — como deve ser uma companheira. — Alexander estabelecerá uma fortaleza lá?

— Sim. Tecnicamente, você estará ligada a isso, mas você é livre para fazer o seu trabalho nos Arquivos com Jessamy.

Elevando-se sobre o cotovelo, com o cabelo uma bagunça, ela piscou várias vezes, como se para limpar a cabeça.

— Não posso acreditar que você pediu isso a Alexander e ele deu a você. — Uma repentina e profunda preocupação franziu sua testa. — Você perdeu algo na negociação?

Naasir usou seu polegar para esfregar a testa dela.

— Nós salvamos a vida dele. — Agora que o Antigo estava no mundo, compreendera o quão ruim as coisas estavam com Lijuan e a Cascade. — Ele é grato e não está trancado no Sono enquanto seu povo precisa dele. O que eu pedi foi pouco.

Ele brincou com o cabelo de Andromeda.

— Alexander ofereceu a liberdade da corte dele completamente, mas isso poderia causar problemas com os outros Arcanjos. Então você continuará a ser uma parte oficial da corte dele, mas não precisa assumir quaisquer funções dentro, a menos que você queira.

— Meu avô não gostará que eu não esteja o alimentando com informações.

— Você se importa?

— Não. Ele repudiou o voto de sangue na frente de Alexander – não importa o que ele quer. — Seu sorriso era alegre. — Só importa o que nós queremos. Você me levará ao seu ninho secreto?

— Amanhã vamos para casa.

— Casa. — As lágrimas rolaram pelo rosto de Andromeda. — *Casa*. — Pela primeira vez em sua vida, sua casa seria um lugar seguro, onde seria amada e querida, e onde poderia ser ela mesma sem quaisquer segredos ou medos. — Casa, — sussurrou novamente.

Virando para apoiar-se sobre ela, Naasir beijou suas lágrimas, em seguida, começou a brincar de beijar suas “manchas” uma por uma.

— Casa, — ele rugiu quando ela começou a rir e contar com ele. — Para mim, minha companheira e os nossos filhotes.

— Sim, — ela sussurrou, sua mente enchendo com pequenas crianças selvagens que a deixariam louca e que ela amaria tão ferozmente como amava seu maravilhoso e bonito pai quimera.

— *Sim*.

Epilogo

Raphael terminou sua conversa com Alexander e desligou a tela de comunicação. O Antigo fizera um grande favor a um dos Sete de Raphael, e apesar de Alexander dizer que não havia dívida, Raphael o chamara para agradecê-lo independentemente.

— Por que fazer a chamada? — Perguntou Elena. — Não teria sido melhor simplesmente deixar as coisas seguirem seu curso? — Acrescentou enquanto caminhavam para fora nas falésias atrás de sua casa. À frente e abaixo deles, o Hudson fluía lento e sem brilho, sob o céu carregado de nuvens, Manhattan sombreada o suficiente pelo clima pesado e alguns arranha-céus ligaram as luzes, mas era apenas o início da tarde.

— Você deve se lembrar de que, embora Alexander pareça um pouco mais velho que eu, ele é centenas de milhares de anos mais velho.

— Ele é como sua mãe... ele espera um certo comportamento cortês?

— Você está se transformando em uma consorte cada vez mais elegante e bem informada. — Seu tom poderia ter sido uma provocação, mas as palavras eram verdadeiras; Elena foi forçada a absorver uma incrível profundidade de conhecimento em um pequeno período de tempo. — Logo você estará organizando festas angelicais com regularidade.

— Ei, cuidado com os insultos. — Ela apontou uma faca para ele antes de guardá-la. — É uma coisa delicada, no entanto, não é? Quando você conversa com Alexander, não é como quando você fala com Elijah, ou mesmo Titus.

Raphael observou as figuras distintas dos combatentes da Legião voar dentro e fora de sua casa à distância.

— Venha. Vamos falar enquanto voamos. Você precisa estar na Sociedade em breve.

Espalhando suas asas, Elena decolou em uma varredura baixa sobre o rio Hudson antes de usar as correntes de ar para se elevar. Raphael não precisava fazer o mesmo, mas ele fez para que pudessem voar asa com asa em direção à cidade.

Titus me ajudou a treinar quando eu era um adolescente, ele disse depois que ambos estavam em posição, mas uma vez que ascendi, ele aceitou que eu era um Arcanjo e seu igual no Cadre.

Alexander, por outro lado, sempre teve problemas com o fato de que eu me tornei um Arcanjo com apenas mil anos de idade. Raphael se tornou o anjo mais jovem que alguma vez se tornara um Arcanjo. Como resultado, não posso permitir que ele me trate como um jovem. Ele podia rir com Titus e chamá-lo de “velho” enquanto o outro Arcanjo o chamava de “filhote”, mas esse tipo de jogo nunca aconteceria com Alexander.

Certo. A trança de Elena deslizou por cima do ombro enquanto varria a esquerda com o vento, a sua alegria em voar era evidente. Ele é como um pai que não pode aceitar que seu filho cresceu.

Uma boa analogia. Quase a Manhattan, disse ele, Olhe.

A resposta de Elena estava livre da preocupação que a invadiu nos dias imediatamente após a queda de Illium.

Bluebell e faísca estão competindo novamente.

Não muito longe da Torre, os dois anjos corriam em linha reta vertical para as nuvens. Enquanto Raphael observava, Aodhan tomou vantagem, Illium o alcançou, apenas para ser ultrapassado por ele mesmo... e logo tudo se foi para o inferno.

Illium bateu contra a estratosfera, enquanto o mundo de repente quebrou em uma chuva azul e dourada. Acertando Elena ao seu lado, estrias brilhavam e cobriam sua pele e cabelo.

Raphael, o que está acontecendo?

Ele está ascendendo. O coração de Raphael trovejou. *Aterrisse. Agora.* Com essa instrução curta, ele sabia que sua inteligente consorte não lutaria, não com as correntes de ar já turbulentas em torno deles; ele subiu ao céu atrás de Illium.

Não se interferia com a ascensão de um anjo, mas o menino era muito jovem, centenas de anos muito jovem. Nesse momento, Raphael não podia deixar de pensar em Illium como o menino que conheceu, aquele que o seguiu por todo o refúgio contando-lhe histórias de suas aventuras. O pequeno menino de asas azuis que, com seu amigo mais silencioso, Aodhan, fizera mais brincadeiras do que a maioria dos outros meninos juntos.

Com não muito mais de quinhentos anos, o corpo de Illium simplesmente não era fisicamente forte o suficiente para lidar com o poder que vivia nas veias de um Arcanjo a cada momento de cada dia. Mil tinha sido violento – Raphael mal sobreviveu a transição, foi capaz de sentir sua pele prestes a romper quando conseguiu aterrisar após sua ascensão. Levou até a última gota de sua vontade manter a compostura em vez de voar em pedaços.

Hoje, usando esse mesmo violento poder para cortar através das correntes de ar instáveis que obrigara a outros anjos pousar sobre as superfícies mais próximas, ele voou diretamente para Illium. O homem mais jovem brilhava dourado, tanto poder emanava dele que ameaçava incendiá-lo e destruí-lo. Seu corpo estava dobrado para trás, suas asas penduradas frouxamente, embora suas mãos estivessem em punhos e sua mandíbula cerrada.

Raphael não hesitou.

Batento através do resplendor dourado de poder, ele agarrou Illium com força pelos braços.

— Illium!

Os olhos do anjo de asas azuis encontraram os dele, puro terror nas profundezas douradas cheias de um fogo vermelho quente. Como se o seu sangue estivesse fervendo dentro dele.

— Sire. — O som era tenso. — Não posso...

Sua cabeça caiu para trás, luz saindo de seus olhos, sua boca, sua pele.

Negando-se a ver as rachaduras irregulares que apareciam na carne de Illium enquanto o poder em estado puro forçava seu caminho para fora de um corpo não construído para segurá-la, Raphael “captou” esse poder com o seu. Agia por instinto cego, não tinha nenhuma razão para acreditar que funcionaria. Embora houvesse rumores e suspeitas de que Lijuan tivesse adquirido a habilidade de extrair energia de outros Arcanjos, pelo o que Rafael viu na batalha em Nova York, o único que ela poderia ser capaz de fazer era se alimentar do Cadre da mesma forma que se alimentava de qualquer outro.

Nenhum Arcanjo poderia capturar o verdadeiro poder de outro Arcanjo.

Somente...

O poder de Illium subiu por seus braços e em sua corrente sanguínea. Ele dirigiu o excesso para o céu, onde se transformou em um raio. Quando o raio tentou entrar novamente em Illium, ele conteve com um escudo azul sobrepujado com uma trilha iridescente de fogo selvagem e continuou capturando a nova energia que saía de Illium.

O poder que ele havia dispersado empurrou contra seu escudo, mas era novo e frágil. Enviando sua própria energia contra ele, o quebrou em pedaços. De novo e de novo e de novo. A chuva continuou sendo azul brilhante e dourada em torno dele, mas a respiração de Illium começou a ficar um pouco mais fácil.

A luz dourada ainda batia sob a superfície de sua pele, mas já não saía através das fraturas que não sangravam, mas sim, brilhavam. Raphael não sabia o que aconteceria se capturasse todo o poder, se mataria Illium ou destruiria sua chance de ascensão. Ele parou.

— Você pode voar para baixo? — Eles estavam muito alto, e foram envolvidos em tanta luz ofuscante que ninguém poderia ter visto o que Raphael fizera, mas se Illium ia se juntar ao Cadre, ele *não poderia* parecer fraco, muito menos agora.

Com o rosto magro e os olhos brilhando com um vivo dourado, Illium agarrou o braço de Raphael com força enquanto estendia suas asas.

— Sim. — Outra palavra tensa. — Não muito longe.

— Siga-me. Para Aodhan. — A varanda da torre em que viu o outro anjo aterrissar era o ponto viável mais próximo.

Então se deixou cair pelo ar agora tranquilo, depois de ter julgado que Illium não tinha um fino controle muscular sobre suas asas. A nova energia dentro do corpo do anjo mais novo o dominava. Ele manteve contato mental com o outro anjo, certificando-se de aterrissar primeiro para que pudesse interromper a queda de Illium se ele caísse. Mas o anjo de asas azuis conseguiu pousar em pé... a duras penas.

Aodhan, com seu rosto tenso, foi para pegá-lo e parou.

Os olhos de Illium refletia uma centena de emoções diferentes enquanto olhava para Raphael.

— Sire. — Sua voz era tão cheia de poder que mal era compreensível. — Não estou pronto. — Sangue borbulhou em sua boca, sendo arrastado por uma forte chuva já não mais manchada de azul dourado.

Raphael percebeu que o poder estava esmagando os órgãos internos de Illium. Se o deixasse sozinho, ele morreria em questão de minutos. Agarrando o lado do pescoço do anjo mais jovem, Raphael olhou em seus olhos e tirou um toque mais do poder em si mesmo. Ele não queria roubar o que era direito de nascimento de Illium, mas *não* permitiria que um dos seus Sete morresse.

— Concentre-se apenas em controlá-lo, — disse quando Elena pousou na beira da varanda. — Segure o poder em um forte controle.

Illium apertou a mandíbula, olhou nos olhos de Raphael, mas o sangue seguia borbulhando.

Aodhan estava ali de repente, seu braço em volta da cintura de Illium por trás enquanto segurava seu amigo.

— Concentre-se, — ele ordenou. — *Concentre-se!*

Não muito longe de Raphael, Elena estava em seu telefone celular. — Senhora Caliane, — retrucou. — Não, eu não posso esperar! Chame-a!

Meros batimentos cardíacos mais tarde, Elena disse:

— Senhora, eu sinto muito ser tão rude, mas Illium ascendeu e está o matando.

Com essa saudação brusca, ela colocou o telefone próximo ao ouvido de Raphael.

— Mãe, — disse ele. — Eu posso drenar o poder dele, mas não sei o que fará a ele. — Pelo que Raphael sabia, nenhuma ascensão nunca foi interrompida

ou revertida, mas em comparação com sua mãe, ele viveu o momento de um vagalume no tempo.

— O rapaz está vinculado a você? — Caliane disse bruscamente. — Pelo sangue?

— Sim. — A ligação foi feita quando Illium tornou-se um dos Sete. Foi em parte por isso que todos os seus Sete podiam iniciar o contato mente a mente com ele, independentemente da idade, e se eram anjo ou vampiro.

— Absorva a energia, *tudo*. Agora, antes que seja tarde demais.

Sem discutir enquanto Illium engasgava com seu próprio sangue na frente dele, Raphael abriu seus sentidos e fez o que ele fizera instintivamente no céu. O poder bateu nele, dourado e cheio de uma alegria de viver que era puro Illium. No entanto, se fundiu com o de Raphael tão perfeitamente que era quase como se fosse destinado a ele.

Era forte... mas jovem. Ainda assim, a luz dourada entrelaçou com as células de Raphael de uma forma que dizia que ficava mais forte em um nível permanente. Como se outro suporte fosse adicionado à base de seu poder.

Não apenas um aumento na força. Evolução que levou segundos, em vez de eras.

Ofegando em busca de ar, Illium cambaleou, mas Aodhan o manteve na posição vertical enquanto Raphael continuava fazendo o impossível e absorvia o poder do outro Arcanjo. Unicamente Illium não era do Cadre. Quando dois membros da Cadre estavam juntos, se produzia um efeito de repulsão, como se não estivessem destinados a estar tão perto. Era leve o suficiente para ignorar por curtos períodos, mas sempre estava presente.

Raphael não sentiu nada parecido a isso com Illium.

— Sim, — ele ouviu Elena dizer atrás dele justo quando drenou a última gota da nova energia de Illium. — Acredito que funcionou. — Uma pausa. — Sim, eu farei. — Desligando, ela disse: — Vamos levá-lo para dentro.

Entre Raphael e Aodhan, eles conseguiram levar Illium para o escritório da sacada em que estavam, a qual resultou ser de Horror, e fechou a porta. Elena apertou o botão que escurecia as janelas e foi só então que Illium desabou na cadeira mais próxima, com suas asas abertas em ambos os lados.

— O que aconteceu? — Disse ele, seu corpo inteiro tremendo.

Quando Aodhan se agachou na frente dele e afastou os cabelos molhados, o anjo de asas azuis estremeceu e se inclinou para a carícia. Levou tempo para parar de tremer, e quando parou, foi para levantar a cabeça e encontrar o olhar de Rafael.

— Sire, eu não sou um Arcanjo.

— Não, — Raphael concordou. — Você pode ser um dia, mas o seu corpo e mente não pode lidar com o poder nesta idade. — E com esse poder agora vivendo em Raphael, Illium não mostrou sinais de uma ascensão.

Depois de encontrar uma garrafa de água fria, Elena deu para seu amado Bluebell e, sentou no braço de sua cadeira, gentilmente acariciando as costas dele, os dedos roçando as asas de Illium.

— Minha mãe disse mais alguma coisa? — Raphael perguntou a ela.

O cinza dos olhos de Elena estava escuro, o anel de prata vívido.

— Ela quer que você ligue para ela.

Sem esperar no caso de Illium começar a brilhar com o poder novamente, Raphael usou o telefone de sua consorte para fazer a chamada, colocando no viva voz para que todos pudessem ouvir o que Caliane tinha a dizer. Ele esperava ver o técnico que supervisionava o sistema de comunicações que Illium organizara para Amanat, mas foi o rosto de Caliane que encheu a tela minúscula.

— Filho, — disse ela, sua expressão polida. — Sua cidade ainda está de pé?

— Sim. — Sua pergunta preocupada lhe fez compreender a surpreendente verdade: se não estivesse ali para parar a ascensão prematura de Illium, a morte do jovem anjo teria provocado uma onda de choque catastrófico. — Você já viu isso antes, mãe?

— Sim, em uma Cascade na aurora da minha existência. Antes de me tornar um Arcanjo.

Raphael não podia imaginar esse tempo, sua mãe foi poder toda a sua vida.

— O que aconteceu?

— Um anjo que era o comandante de um Arcanjo ascendeu sem aviso prévio. Ele tinha apenas setecentos anos e seu corpo não conseguia segurar o poder. — Tristeza nela pela perda daquele anjo há tanto tempo. — Ele morreu em uma fúria estrondosa e levou mais de vinte mil pessoas com ele.

Soltando um suspiro estrondoso, Illium ficou de pé. Ele estava instável, mas conseguiu caminhar para o lado de Raphael para olhar Caliane.

— Senhora, — disse ele, dando uma profunda reverência. — Você salvou minha vida. Eu a agradeço.

Caliane inclinou a cabeça quando Raphael agarrou Illium antes que caísse para trás quando se endireitou da reverência.

— Sente-se, criança, — a mãe de Raphael ordenou. — Você está danificado. Illium não discutiu.

— Danificado? — O tom de Elena estava afiado. — É algo que temos que nos preocupar?

— Não. Ele deve se recuperar agora que o poder está fora dele. — Caliane recostou-se na cadeira, com cabelo puxado em uma trança e seu corpo revestido em couro de combate, parecia à Elena. — Embora o anjo na minha juventude tenha morrido, houve rumores de outro jovem anjo que ascendeu muito cedo, mas que sobreviveu porque tinha um vínculo de sangue e de confiança com o seu Arcanjo. Ele estava fraco após a transferência de poder, mas se recuperou completamente.

Ela olhou para Raphael.

— O Arcanjo, no entanto, ganhou força.

Raphael sentiu o sangue gelar.

— Não tenho a intenção de roubar o que é legitimamente de Illium. — Ele fez o que fez apenas para salvar a vida de Illium.

— Você pode tê-lo, sire. Eu insisto.

Ignorando as palavras arrastadas de Illium, Raphael segurou o olhar de sua mãe.

— Não posso parar a ascensão dele pela força, se é isso que ele está destinado a ser.

— As ascensões repentinas dos muito jovens ocorrem apenas durante o Cascade, — Caliane apontou. — Em todas as três ocasiões que eu conheço, o anjo em questão era o segundo do Arcanjo ou pertencia a seu círculo mais íntimo.

— Você acha que a transferência de energia é o objetivo. — Aproximando-se para olhar para a tela, Elena permaneceu com seu corpo e as asas tocando

Raphael em uma intimidade tranquila e poderosa. — Mas, e se Raphael não estivesse aqui?

— O Cascade nunca é previsível, Consorte, — disse Caliane, uma sensação de idade esmagadora em sua voz. — Não há nenhuma maneira de prever se tal incidente irá ocorrer novamente, ou se foi a única vez e o menino já não está em perigo. — Seus olhos miraram Raphael. — Tudo o que posso dizer é que se você não tomasse o poder, ele morreria e levaria dezenas de milhares com ele. Não há outro resultado possível.

— O fato de você ainda poder absorver o poder, — Elena disse lentamente, — isso tem que significar algo, certo?

Caliane levantou uma sobrancelha.

— Um ponto importante. Uma verdadeira ascensão não permite nenhuma interferência, nem mesmo pelo Antigo mais forte.

Falaram um pouco mais, mas Caliane não sabia muito mais. Desligando, Raphael virou para encontrar Illium lutando para ficar de pé novamente. Seu rosto estava despojado de todos os escudos, de repente insuportavelmente jovem.

— Não estou pronto, — disse novamente, sua voz abalada. — Não estou pronto para deixar seus Sete.

Agarrando-o pelo lado do pescoço como fizera antes, Raphael o puxou em seus braços.

— Eu não estou pronto para deixar você ir. — Seus olhos encontraram os de Elena sobre a cabeça de Illium enquanto o anjo de asas azuis o abraçava com força. *Minha mãe está certa. Agora não é o momento.* Illium se tornaria uma potência um dia, mas ele tinha que crescer em força, e não ser forçado a isso pela violência da Cascade.

Ao lado de Elena estava um pálido Aodhan. *Ele precisará de você agora mais do que nunca,* Aodhan, disse Raphael. *Mantenha-o no presente, não em um futuro que pode ou não acontecer.*

Os olhos fragmentados de azul e verde cristalino se arregalaram e se encontraram com os olhos negro azeviche de Raphael. *Sim, sire.*

Soltou Illium somente após o anjo mais novo parar de tremer; Raphael olhou para aqueles olhos que eram novamente o dourado brilhante de costume, sem a chama de cor vermelho escuro.

— Vá para a sua suíte. Descanse. Falaremos mais quando você acordar, mas saiba de uma coisa. Se isso acontecer novamente, eu estarei lá.

— A Senhora Caliane disse que é imprevisível.

— Se a transferência de energia é o objetivo, como parece ser, — Raphael apontou, — isso ocorrerá quando eu estiver por perto.

Estremecendo de alívio, Illium foi subitamente dominado por uma emoção que tensionou a pele sobre as maçãs do rosto.

— Minha mãe.

— Eu já disse a Dmitri para se assegurar que Colibri saiba que você está a salvo e que o que aconteceu hoje foi um simples experimento que tinha a ver com suas habilidades e as minhas, e que foi um pouco mal. — A mãe de Illium ainda estava no território de Raphael, mas foi visitar Jason e Mahiya. — Jason confirmará e a manterá longe de quaisquer gravações que possam ter sido registradas.

Os olhos do anjo de asas azuis brilhavam úmidos.

— Obrigado, sire. Ela...

— Eu cuidarei dela, Illium. — Raphael nunca seria indelicado com Colibri. — Agora vá.

Esperando até que o anjo mais jovem saísse da sala, e Aodhan agindo como seu apoio, Raphael virou para Elena.

— Enquanto Illium estiver seguro, Colibri aceitará uma explicação vaga, mas precisamos encontrar uma maneira de explicar isso para o mundo imortal como algo mais que uma ascensão. — Se qualquer um do Cadre acreditar que Illium é um Arcanjo fraco, ele se tornará um alvo.

— Tenho uma ideia. — Dmitri entrou correndo no escritório. — Eu tenho estado trabalhado nisso desde o instante em que vi você voar em direção Illium. — O segundo de Raphael passou a mão pelo cabelo, sua camiseta preta se estendendo sobre o peito. — A única coisa que alguém realmente viu foi Illium e você acelerar para o céu. As imagens captadas através de telescópios e satélites mostram apenas uma neblina de luz cegante. — Ele colocou várias imagens impressas sobre a mesa.

Cada uma mostrou um brilho doloroso o suficiente para causar resíduos piscando nas retinas. Não há forma de dizer quem estava dentro da luz.

— Permitirei que vaze que você e Illium testavam uma transferência de poder como a que Lijuan pode fazer com suas tropas. — O tom de Dmitri estava

claro, seus traços sombrios. — Eu também vou vazar que deu errado e Illium perdeu o poder em uma onda descontrolada de energia que causou a chuva e relâmpagos. Ninguém esquecerá a enorme fúria do incidente, experiência fracassada ou não, é evidente que você não é um alvo fácil. — Uma pequena pausa antes de seus lábios se curvarem em um sorriso triste. — A crença de que você tem realizado experiências perigosas com ele também responderá às perguntas persistentes sobre a queda dele mais cedo.

— Faça isso. — Raphael apreciara a mente tática de Dmitri muitas vezes ao longo dos séculos, mas nunca mais do que hoje. — Ninguém aceitará que um anjo de apenas quinhentos anos de idade poderia ascender. Tudo o que temos de fazer é fornecer uma explicação alternativa.

Elena pegou uma das fotos depois que Dmitri saiu.

— Raphael, é a minha imaginação ou você está mais forte?

Claro, sua consorte sentiria a mudança. Eles estavam muito intimamente entrelaçados para que fosse de outra maneira.

— O que eu tirei de Illium não saiu. Entrelaçou-se em meu corpo, um gerador auxiliar de algum tipo.

Deixando cair a fotografia, Elena o encarou, suas botas tocando. — Se a teoria de transferência de poder de Caliane estiver certa, então Illium tornou-se *mais* temporariamente porque você precisa de mais poder do que pode gerar por sua própria conta. — Ela estendeu uma mão protetora sobre o coração, roçando o polegar da sua outra sobre a têmpora direita, sobre a marca da Legião. — Algo ruim está por vir. Pior do que antes.

Colocando-a em seus braços e asas, Raphael não disse nada. Ambos sabiam que ela estava certa.

Onze Arcanjos.

Uma quase ascensão perigosa que poderia ter aniquilado uma cidade inteira.

Dois Antigos andando sobre a terra.

Um Arcanjo que podia dar uma forma distorcida de vida.

A Cascade ganhava força.

Pequim já desapareceu. Nova York e o território de Elijah mal sobreviveram. Ninguém poderia prever quanto do mundo ficaria de pé quando o Cascade terminasse.

— Juntos, *hbeebi*.

— Sempre, Arcanjo.

A stylized, handwritten signature in black ink. The word "Jim" is written in a cursive, flowing script. The 'J' is large and loops around the 'i', which is small and tight. The 'm' has two distinct humps. The overall style is elegant and personal.